

The background of the cover is a close-up photograph of a young woman with long, dark, wavy hair. Her eyes are closed, and she has a serene expression. She is holding two vibrant red tulips near her mouth. The lighting is soft and moody, with a purple and blue tint. The text is overlaid on the image in a clean, white serif font.

alyson Noël

evermore

a novel

the immortals book 1

The Immortals 1: Evermore Alison Noel

Ever, de 17 anos, sobreviveu a um acidente de carro que matou seus pais, sua irmã mais nova e seu cachorro. Agora ela vive com sua tia na Carolina do Sul, atormentada não só pela culpa de ter sobrevivido, mas também por uma nova habilidade de ouvir os pensamentos de todos ao seu redor. Ela tenta diminuir essas distrações ao colocar seu capuz e deixar seu iPod bem alto, até Damen, o bonitinho garoto novo da escola, a convencer de que precisa sair de sua zona de conforto. Damen, contudo, é assustadoramente esperto – e tem a estranha habilidade de produzir tulipas do nada e desaparecer em momentos críticos.

Para Jolynn "irritadinho" Benn – meu amigo por muitas vidas.
(Da próxima vez seremos estrelas de rock!)

Gráfico da cor de auras:

Vermelho: energia, força, raiva, sexualidade, paixão, medo, ego

Laranja: Auto-controle, ambição, coragem, consideração, falta de vontade, apatia

Verde: Pacífico, curador, compaixão, enganador, invejoso

Azul: Espiritual, leal, criativo, sensitivo, gentil, mal humorado

Violeta: Altamente espiritual, sabedoria, intuição

Índigo: Benevolente, altamente intuitivo, procura

Rosa: Amor, sinceridade, amizade

Cinza: Depressão, tristeza, exaustão, baixa energia, ceticismo.

Marron: Luto, auto-envolvimento, teimoso

Preto: Falta de energia, doença, morte iminente

Branco: Balanço perfeito

O único segredo que as pessoas mantêm é o da imortalidade.

- Emily Dickinson

“Adivinha quem é?”

As palmas quentes e pegajosas de Haven pressionadas com força contra minhas bochechas enquanto a ponta do anel de crânio dela deixava uma mancha na minha pele. E embora meus olhos estivessem cobertos e fechados, eu sei que o cabelo preto tingido dela está repartido no meio, o corset preto de vinil está sendo usado sobre uma gola olímpica* (se mantendo em conformidade com a política de vestimenta da nossa escola), sua saia de satã preta novinha já tem um buraco perto da bainha que ela fez com o salto das botas Doc Martens, e os olhos dela parecem dourados mas isso é só porque ela está usando lentes.

* http://www.taco.com.br/___sistema/fotos/7222_1.jpg

Eu também sei que o pai dela não está longe a “negócios” como ela disse, que o personal trainer da mãe dela é bem mais “personal*” do que “trainer,” e que o irmão menos quebrou o cd do Evanescence dela mas ele tem medo demais para contar a ela.

*Personal = Pessoal

Mas eu não sei nada disso por ficar espionando ou espiando ou sequer porque me contaram. Eu sei porque eu sou uma psíquica.

“Depressa! Adivinhe! O sino vai tocar!” ela disse, a voz rouca, áspera, como se ela fumasse um maço por dia, embora ela só tenha tentado fumar uma vez.

Eu enrolei, pensando na última pessoa com quem ela quer ser confundida. “É a Hillary Duff?”

“Ew. Adivinha de novo!” Ela pressionou mais, sem fazer ideia que eu não tenho que ver para saber.

“É o Sr. Marilyn Manson?”

Ela riu e soltou, lambendo o polegar e mirando para a tatuagem manchada que ela deixou na minha bochecha, mas eu ergui minha mão e fui mais rápida que ela. Não porque eu fico enjoada com a ideia da saliva dela (eu quero dizer, eu sei que ela é saudável), mas porque eu não quero que ela me toque de novo. Toque revela demais, é muito exaustivo, então eu tento evitar a qualquer custo.

Ela agarra o capuz do meu casaco e o tira da minha cabeça, então entortou os olhos para meus fones de ouvido e perguntou, “Você está ouvindo o que?”

Eu pus a mão dentro do meu bolso para iPod que eu tinha costurado na parte de dentro de todos os meus casacos, escondendo aquelas cordas brancas da vista dos professores, então eu o entreguei e observei os olhos dela se esbugalharem quando ela disse, “O que? Eu quero dizer, dá pra ficar mais alto? E quem é esse?”

Ela balança o iPod entre nós para que nós duas possamos ouvir Sid Vicious* gritando sobre anarquia no Reino Unido. E a verdade é, eu não sei se Sid é contra ou a favor disso. Eu só sei que ele é quase auto o bastante para entorpecer meus sentidos aguçados.

*Vocalista da banda Sex Pistols

“Sex Pistols,” eu disse, desligando e o colocando de volta no meu compartimento secreto.

“Estou surpresa que você tenha conseguido me ouvir.” Ela sorri ao mesmo tempo em que os sinos tocaram.

Mas eu só dou nos ombros. Eu não preciso escutar para ouvir. Embora não é como se eu fosse

mentonar isso. Eu só digo a ela que eu a vejo no almoço e vou pra aula, caminhando pelo campus e me encolho quando eu senso dois caras indo de fininho por trás dela, pisando na batinha da saia dela e fazendo ela quase cair. Mas quando ela vira e faz um sinal do mal (ok, não é o sinal do mal de verdade, é só algo que ela inventou) e os encara com os olhos amarelos, eles imediatamente se afastam e deixam ela em paz. E eu suspiro aliviada enquanto vou para aula, sabendo que não vai demorar para a energia do toque de Haven sumir. Eu vou em direção ao meu assento nos fundos, evitando a bolsa que Stacia Miller propositalmente colocou no meu caminho, enquanto ignoro a serenata diária de “Perrrrredoraaaa!”

que ela sussurra baixinho. Então eu deslizo para minha cadeira, pego meu livro, caderno, e caneta da minha bolsa, insiro meu fone de ouvido, coloco meu capuz de volta na minha cabeça, solto minha mochila na cadeira ao meu lado, e espero o Sr. Robins aparecer. Sr. Robins está sempre atrasado. Na maior parte porque ele gosta de tomar alguns goles da pequena garrafa térmica entre as aulas. Mas isso é só porque a mulher grita com ele o tempo todo, a filha acha que ele é um perdedor, e ele basicamente odeia a vida dele. Eu soube tudo no meu primeiro dia de aula, quando minha mão automaticamente tocou na dele enquanto eu dava a ele meus papeis de transferência. Então agora, sempre que eu preciso entregar algo a ele, eu só deixa na beira da mesa dele.

Eu fecho meus olhos e espero, meus dedos rastejando pela parte de dentro do meu casaco, trocando a música de um Sid Vicious gritando para algo mais suave, silencioso. Todo aquele barulho alto não é mais necessário agora que estou em aula. Eu acho que uma proporção menor de aluno/estudante mantém a energia psíquica um pouco contida.

Eu nem sempre fui uma aberração. Eu costumava ser uma adolescente normal. Do tipo que ia para bailes da escola, tinha paixões por celebridades, e era tão vaidosa sobre meu longo cabelo loiro que eu não sonharia em o prender em um rabo de cavalo e o esconder embaixo de um capuz de um casaco. Eu tinha uma mãe, um pai, uma irmãzinha chamada Riley, e um doce labrador amarelo chamado Buttercup. Eu vivia numa casa legal, em uma boa vizinhança, em Eugene, Oregon. Eu era popular, feliz, e mal podia esperar para o segundo ano começar já que tinha acabado de me tornar a líder das líderes de torcida. Minha vida estava completa, e o céu era o limite. E embora a última parte seja um clichê total, também é ironicamente verdade.

Embora tudo isso seja só um boato até onde me interessa. Porque desde o acidente, a única coisa que eu consigo lembrar claramente é de ter morrido.

Eu tive o que eles chamam de EQM, ou “experiência quase-morte.” Só que eles estão errados. Porque acredite em mim, não houve nada de “quase” nela. É como, se num momento minha irmãzinha Riley e eu estivéssemos sentadas no banco de trás da SUV do meu pai, a cabeça de Buttercup descansando no colo de Riley, enquanto o rabo dele descansava suavemente contra minha perna, e a próxima coisa que eu sei todos os air bags estavam explodidos, o carro estava destruído, e eu estava vendo tudo do lado de fora.

Eu olhei para os destroços – o vidro quebrado, as portas amassadas, o pára-choque da frente num pinho em um abraço letal – me perguntando sobre o que tinha dado errado enquanto eu esperava e rezava que todos tivessem se safado também. Então eu ouvi um latido familiar, e virei para ver todos andando por um caminho, com Buttercup balançando o rabo e liderando o caminho.

Eu fui atrás deles. A princípio tentando correr e os alcançar, mas então diminuindo a velocidade e escolhendo procrastinar. Querendo vagar por aquele campo de fragrâncias de árvores pulsantes e flores que tremiam, fechando meus olhos contra a névoa deslumbrante que refletia e brilhava e fazia tudo mais brilhante.

Eu me prometi que levaria apenas um momento. Assim tão cedo, eu voltaria e me os encontraria. Mas quando eu finalmente fui procurar, foi em tempo para ter um rápido deslumbre deles sorrindo e acenando e cruzando uma ponte, meros segundos antes de eles sumirem.

Eu entrei em pânico. Eu olhei em toda parte. Correndo de um lado para o outro, mas tudo parecia o mesmo – quente, branca, brilhante, esplendida, linda, idiota nevoa. E eu cai no chão, minha pele doeu devido ao frio, meu corpo todo se torceu, chorando, gritando, xingando, implorando, fazendo promessas, que eu sabia que nunca poderia manter.

E então eu ouvi alguém dizer, “Ever? Esse é o seu nome? Abra seus olhos e olhe para mim.”

Eu tropecei de volta para a superfície. De volta para onde tudo era dor, e miséria, e uma dor cortante na minha testa. E eu olhei para o cara inclinado em cima de mim, olhei nos olhos escuros dele, e sussurrei, “Eu sou Ever,” antes de desmaiar de novo.

DOIS

Segundos antes do Sr. Robins entrar de novo, eu baixo meu capuz, desligo meu iPod, e finjo que estou lendo um livro, sem me incomodar em olhar para cima quando ele diz, "Turma, essa é Damen Auguste. Ele acabou de se mudar para cá vindo do Novo México. Ok, Damen, você pode sentar naquele lugar lá atrás, ao lado de Ever. Você vai ter que dividir o livro dela até você ganhar uma cópia."

Damen é lindo. Eu sei isso sem olhar uma vez para cima. Eu só me foco no meu livro enquanto ele faz o caminho já que eu sei muito dos meus colegas. Então, até onde me interessa, um momento extra de ignorância realmente é uma benção.

Mas de acordo com os pensamentos interiores de Stacia Miller sentado a apenas duas mesas na minha frente – Damen August é totalmente gostoso.

A melhor amiga dela, Honor, concorda totalmente.

Assim como o namorado de Honor, Craig, mas essa é outra história.

"Hey." Damien desliza no assento ao lado do meu, minha mochila fazendo uma abafada batida enquanto ele a coloca no chão.

Eu acenei, me recusando a olhar a além da manga dele, preta, botas de motoqueiro. Do tipo que são mais QG do que Hells Angels*.

* <http://www.hells-angels.com.br/>

O tipo que parece muito deslocado entre as ondas de chinelos multi-coloridos atualmente acariciando o chão verde acarpetado.

Sr. Robins pede para que todos nós voltemos para nossos livros na pagina 133, e prontamente Damien se inclina e diz, "se importa em dividir?"

Eu hesito, temendo a proximidade, mas deslizo meu livro até ele ficar na ponta da minha mesa. E quando ele move a cadeira mais para perto, diminuído a pequena distancia entre nós, eu vou para a parte mais afastada da minha cadeira e me escondo debaixo do meu capuz.

Ele riu baixo, mas já que eu ainda preciso olhar para ele, eu não faço ideia o que significa. Só o que eu sei é que soa leve, e divertido, mas como se tivesse algo mais.

Eu afundo ainda mais, bochecha na palma, olhos no relógio. Determinada a ignorar todos os olhares e comentários críticos direcionados a mim. Coisas como: Pobre gostoso, lindo cara novo, tendo que sentar com aquela aberração. Isso emana de Stacia, Honor, Craig, e praticamente qualquer um na sala.

Bem, a não ser pelo Sr. Robins, que quer que a aula termine quase tanto quanto eu.

Até o almoço, todos estão falando sobre Damen.

Você viu aquele garoto novo Damen? Ele é tão gostoso – Tão sexy – Eu ouvi que ele é do México – Não eu acho que é Espanha – Tanto faz, é um lugar estrangeiro – Eu totalmente vou convidar ele para ir ao Baile de Inverno – Você nem conhece ele ainda – Não se preocupe eu vou –

"Ohmeudeus. Você viu aquele garoto novo, Damien?" Haven senta ao meu lado, vendo através das presas dela, ela é tão tímida quanto os lábios negros dela.

"Oh, por favor, você também não." Eu balanço minha cabeça e mordo minha maçã.

"Você não estaria dizendo isso se você tivesse tido o privilegio o bastante para ver ele," ela diz,

removendo seu bolo de baunilha da caixa rosa, lambendo a cobertura do topo em sua rotina usual de almoço, embora ela se vista como alguém que prefere beber sangue do que comer um pequeno bolo doce.

"Vocês estão falando sobre Damen?" Miles sussurrou, deslizando no banco e colocando os cotovelos na mesa, os olhos marrons passando entre nós, o rosto dele se curvando numa careta. "Lindo! Você viu as botas? Tão Vogue*." Eu acho que vou convidar ele a ser meu próximo namorado."

*Vogue é uma revista de moda mundialmente conhecida

Haven o encarou com olhos estreitos e amarelos. "Tarde demais, eu o reivindico."

"Eu sinto muito, não percebi que você é afim de não-góticos." Ele dá um sorriso afetado, virando os olhos enquanto desembulha seu sanduíche.

Haven ri. "Quando eles parecem daquele jeito ou sou. Eu juro que ele é tão gostoso, que você tem que ver ele." Ela balança a cabeça, irritada por eu não me juntar à diversão. "Ele é como – combustível!"

"Você não o viu?" Miles solta o sanduíche e olha para mim.

Eu olho não para a mesa, me perguntando se eu deveria mentir. Eles estão fazendo tanto barulho que eu estou pensando que essa é minha única saída. Só que eu não posso. Não para eles. Haven e Miles são meus melhores amigos. Meus únicos amigos. E eu sinto que já mantenho segredos o bastante. "Eu sentei ao lado dele na aula de inglês," eu finalmente disse. "Fomos forçados a dividir um livro. Mas eu não olhei direito."

"Forçada?" Haven move suas presas para o lado, pra poder ter uma vista clara da aberração que se atreveu a dizer tal coisa. "Oh, isso deve ter sido horrível para você, isso deve ter sido realmente uma droga." Ela vira os olhos e suspira. "Eu juro, você não faz ideia da sorte que tem. E você nem aprecia."

"Que livro." Miles pergunta, embora o título fosse, de alguma forma, revelado como algo insignificante.

"O Alto dos Vendavais." Eu dou nos ombros, colocando o resto da minha maçã no meu guardanapo e dobrando as pontas ao redor dela.

"E o seu capuz? Pra baixo ou pra cima?" Haven pergunta.

Eu penso, lembrando de como eu o coloquei pra cima enquanto ele vinha em minha direção.

"Um, pra cima," eu digo a ela. "Yeah, definitivamente para cima." Eu aceno.

"Bem obrigada por isso," ela murmura, cortando o bolo de baunilha ao meio. "A última coisa que eu preciso é uma competição com a deusa loira."

Eu me encolho e olho para a mesa. Eu fico envergonhada quando as pessoas dizem coisas assim. Aparentemente, eu costumava viver para esse tipo de coisa, mas não mais. "Bem, e quanto a Miles? Você não acha que ele é competição?" Eu pergunto, divergindo a atenção para longe de mim e de volta para alguém que pode realmente apreciar.

"Yeah." Miles passa a mão pelo cabelo castanho curto e vira nos agraciado com seu melhor lado. "Não me exclua."

"Perda de tempo," Haven diz, limpando migalhas brancas do colo. "Damien e Miles não jogam para o mesmo time. O que significa que a sua aparência de modelo oh-tão-devastadora, não conta."

"Como você sabe em que time ele joga?" Miles pergunta, virando a tampa da sua VitaminWater* e estreitando os olhos. "Como você pode ter tanta certeza?"

*Uma espécie de Gatorade

"Radar gay," ela diz, batendo na testa. "E confie em mim, esse cara não está registrado." Não apenas Damen estava na minha aula de inglês no primeiro período, mas também na minha aula de arte no sexto período (não que ele tenha sentado perto de mim, e não que eu tenha olhado, mas os pensamentos passando ao redor da sala, mesmo da nossa professora, Sra. Machado, me falaram tudo que eu precisava saber), mas agora ele também tinha, aparentemente, estacionado perto de mim também. E mesmo que eu tenha conseguido evitar olhar qualquer coisa a não ser as botas dele, eu sabia que meu período de graça tinha chegado ao fim.

"Ohmeudeus, lá está ele! Diretamente perto da gente!" Miles dá um grito agudo, em um fino sussurro que ele guarda para os momentos mais excitantes da vida. "E dá uma olhada naquela máquina – um brilhante BMW preto, com janelas extra-escurecidas. Legal, muito legal. Ok, então o negócio é o seguinte, eu vou abrir a minha porta e acidentalmente bater na dele, então eu vou ter uma desculpa para falar com ele." Ele vira, esperando meu consentimento. "Não arranhe meu carro. Ou o carro dele. Ou qualquer outro carro," eu digo, balançando a cabeça e pegando minhas chaves.

"Tudo bem." Ele disse com a expressão azeda. "Destrua meus sonhos, tanto faz. Mas faça um favor a você mesma e olhe para ele! Então me olhe nos olhos e me diga que ele não faz você querer surta e desmaiar."

Eu virei meus olhos e me aperto entre meu carro e o Fusca VW* tão mal estacionado que está num ângulo tão estranho que parece estar querendo montar no meu Miata**. E quando eu estou prestes a destrancar porta, Miles arranca meu capuz, rouba meus óculos de sol, e corre para o lado do passageiro onde ele me encoraja, via não-tão-sutil viradas com a cabeça e polegar para cima, para olhar para Damen que está parado atrás dele.

* http://csjava.occ.cccd.edu/~tmurphy/ucigsa/web_images/vw%20bug%201937.jpg

** <http://www.miata.net/news/images/MiataCoupe2.jpg>

Então eu faço isso. Eu quero dizer, não é como se eu pudesse evitar ele para sempre. Então eu respiro fundo e olho.

E o que eu vejo me deixa incapaz de falar, piscar, ou me mover.

E embora Miles tenha começado a acenar para mim, me encararam, e basicamente me dando todos os sinais que ele consegue pensar para abortar a missão e voltar para o quartel-general – eu não posso. Eu quero dizer, eu gostaria, porque eu sei que estou agindo como uma aberração quando todos já estão convencidos de que é isso que eu sou, mas é completamente impossível. E não é só porque Damen é inegavelmente lindo, com o cabelo escuro brilhante que bate nos ombros dele e um rosto esculpido, mas quando ele olhou para mim, quando ele ergueu os óculos escuros e encontrou meus olhos, eu vejo que os olhos em forma de amêndoas dele são profundos, escuros, e estranhamente familiares, emoldurados por cílios tão cheios que eles quase parecem falsos. E os lábios dele! Os lábios dele são perfeitos e convidativos com um perfeito arco de Cupido. E o corpo que segura tudo isso é longo, magro, forte, e coberto todo em preto.

"Um, Ever? O-lá? Você pode acordar agora. Por favor." Miles vira para Damen, rindo nervosamente, "Desculpe pela minha amiga aqui, ela normalmente usa o capuz."

Não é como se eu não soubesse que preciso parar. Eu preciso parar agora. Mas os olhos de Damen estão fixos nos meus, e a cor deles cresce mais profundamente enquanto a boca dele

começa a se curvar.

Mas não é a beleza dele que me tem transfixa. Não tem nada a ver com isso. É principalmente o jeito que a área toda ao redor do corpo dele, começando da gloriosa cabeça dele e indo até os dedos quadrados fofos das botas de motoqueiro dele, consiste em nada a não ser um espaço em branco vazio.

Nenhuma cor. Nenhuma aura. Nenhum show de luzes pulsantes.

Todos tem uma aura. Cada ser vivo é cercado por cores emanando de seus corpos. Um arco Iris de energia que eles nem sem ciência de que está lá. É não é como se fosse perigoso, ou assustador, ou de qualquer forma ruim, é só parte do visível (bem, para mim pelo menos) campo magnético.

Antes do acidente eu nem sabia sobre as coisas assim. E eu definitivamente não era capaz de ver. Mas do momento que eu acordei no hospital, eu notei cor em toda parte.

“Você está se sentindo bem?” A enfermeira de cabelo vermelho perguntou, olhando para baixo ansiosamente.

“Sim, mas porque você está toda rosa?” eu disse, confusa pelo brilho pastel que a envolvia.

“Porque eu o que?” Ela lutou para esconder o alarme.

“Rosa. Você sabe, está ao redor de você, especialmente na sua cabeça.”

“Ok, querida, você só descanse e eu vou chamar o médico,” ela disse, saindo do quarto e correndo pelo corredor.

Não foi até eu ser submetida a uma bateria de testes nos olhos, tomografias, e avaliações físicas, que eu aprendi a manter a visão das cores para mim mesma. E até a hora em que eu comecei a ouvir pensamentos, recebendo histórias de vida por toque, e receber visitas regulares da minha irmã morta, Riley, eu sabia que não deveria dizer nada.

Eu acho que me acostumei tanto em viver assim, que eu esqueci que havia outro jeito. Mas ver o contorno de Damen com nada mais do que a cara pintura do carro caro dele é um vago lembrete de dias mais felizes e normais.

“Ever, certo?” Damen diz, o rosto dele se aquecendo num sorriso, revelando só outra das perfeições dele – dentes brancos deslumbrantes.

Eu fiquei parada ali, desejando que meus olhos deixassem os dele, enquanto Miles fazia um show de limpar a garganta. E lembrando o quanto ele odeia ser ignorado, eu gesticulo em direção a ele e digo, “Oh, desculpe. Miles, Damen, Damen, Miles.” E todo o tempo meus olhos nunca nem uma vez cederam.

Damen olha para Miles, acenando brevemente antes de se focar de volta em mim. Embora eu saiba que isso parece loucura, pelo breve segundo que os olhos dele se afastaram, eu me sentia estranhamente fria e fraca.

Mas no momento que os olhos dele voltaram, foi tudo calor e bom de novo. “Posso te pedir um favor?” ele sorri. “Você pode me emprestar sua cópia do O Alto dos Vendavais? Eu preciso alcançar a turma e não tenho tempo para visitar uma livraria hoje à noite.”

Eu busquei em minha mochila, peguei minha copia cheia de orelhas de burro, e a segurei com a ponta dos meus dedos, parte de mim querendo passar a ponta das dele, fazer contanto com esse lindo estranho, enquanto a outra parte, mas forte, sábia e física se contrai – temendo o horrível flash de revelações que vem com cada toque.

Mas não é até ele jogar o livro dentro do carro, baixar os óculos de sol e dizer, “Obrigado, te vejo amanhã,” que eu percebo que fora um pequeno formigamento na ponta dos meus dedos,

nada aconteceu. E antes de poder responder, ele está se afastando e dirigindo para longe. "Com licença," Miles diz, balançando a cabeça enquanto ele vem para o meu lado. "Mas quando eu disse você vai surtar quando vir ele, não era uma sugestão, não era para ser levado literalmente. Sério, Ever, o que aconteceu? Porque esse foi uma tensão mega constrangedora, um verdadeiro, Olá, meu nome é Ever, e eu vou ser sua próxima perseguidora, tipo de momento. E acredite em mim, você é extremamente sortuda por nossa boa amiga Haven não estar aqui para ver isso, porque eu odeio lembrar a você, mas ela o reivindicou... "

Miles continuou assim, reclamando sem parar, todo o caminho para casa. Mas eu só o deixei falar enquanto eu navegava pelo trânsito, meus dedos distraidamente tracejando a cicatriz vermelha na minha testa, a que estava escondida abaixo da minha franja.

Eu quero dizer, como eu posso explicar que desde o acidente as únicas pessoas cujos pensamentos eu não posso ouvir, cujas vidas eu não posso saber, e cujas auras eu não posso ver, já estão mortas.

TRÊS

Eu entrei na casa, peguei uma garrafa de água da geladeira, então subi para o meu quarto, já que eu não tenho que olhar para nenhum aposento para saber que Sabine está no trabalho. Sabine está sempre no trabalho, o que significa que eu tenho essa casa enorme para mim, basicamente o tempo todo, embora eu normalmente fique só no meu quarto.

Eu me sinto mal por Sabine. Eu me sinto mal pela vida que ela trabalhou tanto foi para sempre mudado no dia em que ela ficou presa comigo. Mas já que minha mãe era filha única e todos os meus avós antes deu fazer dois anos, não era como se ela tivesse muita escolha. Eu quero dizer, ou era viver com ela – a única irmã e gêmea, do meu pai – ou ir para um lar adotivo até eu fazer 18 anos. E embora ela não saiba nada sobre criar uma criança, eu nem havia saído do hospital antes dela vender o apartamento dela, comprar essa casa grande, e contratar um dos melhores decoradores de Orange County para mobiliar o meu quarto.

Eu quero dizer, eu tenho todas as coisas normais como uma cama, cômoda, e uma mesa. Mas eu também tenho uma TV tela plana, um massivo closet, um enorme banheiro com uma Jacuzzi* e um chuveiro separado, um balcão com uma incrível vista para o oceano, e meu próprio quarto/esconderijo de jogos, com outra TV tela plana, um balcão, micro-ondas, mini bar, som, sofás, mesas, puffs, e tudo mais.

*http://www.saunas-etc-health.com/images/products/royal/Jacuzzi_Whirlpool_Bathtub-R-W-0826md.jpg

É engraçado como antes eu daria tudo para um quarto como esse.

Mas agora eu daria tudo para que as coisas fossem como antes.

Eu acho que já que Sabine passa a maior parte do tempo ao redor de outros advogados e todos aqueles executivos VIPs que a firma dela representa, ela acho que todas essas coisas eram necessárias ou algo assim. E eu nunca tive certeza se ela não tem filhos porque ela trabalha o tempo todo e não tem tempo para um, ou se ela não encontrou o cara certo ainda, ou se ela nunca quis um pra início de conversa, ou talvez a combinação dos três.

Provavelmente pode parecer que eu deveria saber tudo isso, sendo psíquica e tudo mais. Mas eu não posso necessariamente ver a motivação de uma pessoa, na maior parte o que eu vejo são eventos. Como toda uma corrente de imagens refletindo a vida de alguém, como slides ou algo assim, só que em um formato mais como o de um trailer. Embora as vezes eu só veja símbolos que eu tenho que codificar para saber o que significa. Meio como cartas de tarô, ou quando eu tive que ler A revolução dos bichos no inglês ano passado.

Embora seja longe de aprova de falhas, e as vezes eu entenda tudo errado. Mas seja quando for que isso acontece eu posso traçar de volta para mim, e o fato que algumas imagens tem mais de um significado. Como a vez que eu confundi um grande coração com uma rachadura por um coração partido – até que a mulher caiu no chão com parada cardíaca. As vezes pode ser um pouco confuso entender. Mas as imagens em si nunca mentem.

De qualquer forma, eu não acho que você tem que ser clarividente para saber que quando as pessoas sonham em ter filhos elas normalmente pensam em termos de um pequeno enrolado, pequeno laço de alegria, e não uma adolescente de 1,60 m, olhos azuis, cabelo loiro com poderes psíquicos e uma tonelada de bagagem emocional. Então, por causa disso, eu tento

ficar quieta, respeitosa, e longe do caminho de Sabine.

E eu definitivamente não digo que eu falo com minha irmã morta quase todo dia.

Da primeira vez que Riley apareceu, ela estava parada perto do pé da minha cama de hospital, no meio da noite, segurando uma flor com uma mão e acenando com a outra. Eu ainda não tenho certeza o que foi que me acordou, já que não foi como se ela tivesse falado ou fez qualquer tipo de som. Eu acho que senti a presença dela ou algo assim, como uma mudança no quarto, ou mudança no ar.

A princípio eu assumi que estava alucinando – só outro efeito colateral dos medicamentos para dor em que eu estava. Mas depois de piscar um monte e esfregar meus olhos, ela ainda estava ali, e eu acho que nunca me ocorreu gritar ou pedir ajuda.

Eu observei enquanto ela vinha para o lado da cama, apontou para o gesso cobrindo meu braço e perna, e riu. Eu quero dizer, foi uma risada silenciosa, mas ainda sim, não era como se eu achasse engraçado. Mas assim que ele notou minha expressão enraivecida, ela rearranjou seu rosto e gesticulou como se estivesse perguntando se doía.

Eu dei nos ombros, ainda um pouco infeliz com a risada dela, e mais do que um pouco assustada com a presença dela. E embora eu não estivesse inteiramente convencida que era realmente ela, isso não me impediu de perguntar, “Onde estão mamãe e papai e Buttercup?” Ela virou a cabeça para o lado, como se eles estivesse parados ao lado dela, mas tudo que eu podia ver era um espaço vazio.

“Eu não entendo.”

Mas ela só sorriu, colocou as palmas juntas, e inclinou a cabeça para o lado, indicando que eu deveria voltar a dormir.

Então eu fechei meus olhos, embora eu nunca tenha recebido uma ordem dela antes. Então tão rapidamente quanto eu os abri e disse, “Hey, quem disse que você podia usar meu casaco?”

E bem assim, ela desapareceu.

Eu admito, eu passei o resto daquela noite com raiva de mim mesma por fazer uma pergunta tão idiota, superficial, e egoísta. Eu tive a oportunidade de receber respostas para as maiores perguntas da vida, para possivelmente ganhar o tipo de revelação que as pessoas especulam a séculos. Mas ao invés disso, eu desperdicei o momento repreendendo minha irmã por ter pego minhas roupas. Eu acho que velhos hábitos realmente não mudam.

Da segunda vez que ela apareceu, eu fiquei tão agradecida por ver ela, que eu não fiz menção nenhuma ao fato dela estar usando não só meu casaco favorito, mas também minha melhor jeans (que eram tão longas que a bainha ia até os tornozelos dela), e o bracelete da sorte que eu ganhei no meu aniversário de 13 anos que eu sempre soube que ela invejou.

Ao invés disso eu só sorri e acenei e agi como se não tivesse notada, enquanto eu me inclinava em direção dela e falava. “Então onde estão a mãe e o pai?” eu perguntei, pensando que eles iriam aparecer se eu só olhassem com mais força.

Mas Riley só sorriu e bateu os braços nos lados dela.

“Você quer dizer que eles são anjos?” Meus olhos se abriram em surpresa.

Ela virou os olhos e balançou a cabeça, se abaixando enquanto gargalhava silenciosamente.

“Ok, tudo bem, que seja,” eu joguei meu corpo para trás contra os travesseiros, pensando que ela realmente estava se fazendo, mesmo que ela estivesse morta. “Então, me diga, como é lá?” eu perguntei, determinada a não brigar. “E você, bem, gosta, de viver no céu?”

Ela fechou os olhos e ergueu as palmas como se estivesse balançando um objeto, e então de lugar nenhum, uma pintura apareceu.

Eu me inclinei para frente, olhando para a pintura que era certamente o paraíso, colocado em uma moldura dourada, com várias árvores, e uma silueta de uma sombra em uma terra distante podia ser vista a distância.

“E porque você não está lá agora?” eu perguntei.

E quando ela deu nos ombros, a pintura desapareceu. E ela também.

Eu fiquei no hospital mais de um mês, sofrendo com ossos quebrados, uma concussão, hemorragia interna, cortes e machucados, e um corte bem profundo na testa. Então enquanto eu estava toda enfaixada e medicada, Sabine foi sobrecarregada com a tarefa de limpar a casa, fazer os arranjos para o funeral, e guardar minhas coisas para a grande mudança.

Ela me pediu para fazer uma lista dos itens que eu iria querer trazer. Todas as coisas que eu poderia querer arrastar da minha perfeita vida em Eugene, Oregon, para uma vida nova assustadora em Laguna Beach, Califórnia. Mas fora algumas das minhas roupas, eu não queria nada. Eu só não podia agüentar uma única lembrança de tudo que eu perdi, já que não é como se uma caixa idiota cheia de porcarias trariam minha família de volta.

O tempo todo em que eu estava presa naquele quarto estéril, eu recebi visitar regulares de uma psicóloga, uns internos com um cardigan e uma pasta, que sempre começavam as sessões com a mesma pergunta idiota sobre como eu estava lidando com a minha “profunda perda” (palavras dele, não minha). Depois ele tentava me convencer a ir para a sala 618, para sessão de terapia.

Mas de forma alguma eu ia tomar parte nisso. De jeito algum eu podia sentar num círculo com um bando de pessoas angustiadas, esperando por minha vez para dividir a história do pior dia da minha vida. Eu quero dizer, como isso poderia ajudar? Como poderia me fazer sentir melhor confirmar o que eu já sabia – que não só eu era solenemente responsável pelo que tinha acontecido a minha família, mas também que eu fui idiota o bastante, egoísta o bastante, e preguiçosa o bastante para perder tempo, vadiar, e procrastinar para fora da eternidade?

Sabine e eu não conversamos muito no voo de Eugene para o Aeroporto John Wayne, e eu fingi que era por causa do meu luto e dos meus ferimentos, mas na verdade eu precisa de distância. Eu sabia todas as emoções conflitadas dela, como por um lado ela queria tão desesperadamente fazer a coisa certa, enquanto no outro lado ela não conseguia parar de pensar: Porque eu?

Eu acho que eu nunca me perguntei: Porque eu?

Na maior parte eu penso: Porque eles e não eu?

Mas eu também não queria arriscar magoar ela. Depois de todos os problemas que ela tinha passado, me acolhendo e tentando prover uma boa casa, eu não podia arriscar deixar ela saber como todo o trabalho dela e as boas intenções eram um completo desperdício em mim. Como ela poderia só me largar numa velha lixeira e não teria feito a mínima diferença.

A entrada para a nova casa era um borrão no sol, mar, e areia, e quando Sabine abriu a porta e me levou para o andar de cima para o meu quarto, eu dei um rápido olhar apressado então murmurei algo que soava vagamente como obrigado.

“Eu sinto muito por ter que deixar você assim,” ela disse, obviamente ansiosa para voltar para o seu escritório onde tudo era organizando, consistente, e não tinha qualquer semelhança com

o mundo fragmentando de uma adolescente traumatizada.

E no momento que a porta se fechou atrás dela, eu me joguei na cama, enterrei meu rosto em minhas mãos, e comecei a chorar.

Até alguém dizer, "Oh, por favor, da pra olhar pra si mesma? Você já viu esse lugar? A TV de tela plana, a lareira, a banheira que faz bolhas? Eu quero dizer, O-lá?"

"Eu achei que você não podia falar?" Eu rolei e olhei minha irmã, que, por sinal, estava vestida com uma roupa de corrida rosa da Juicy, * Nikes dourados, e uma brilhante peruca de boneca da china. **

* Marca famosa de roupas

** <http://www.easleys.com/ProductImages/wigs/ChinaDollAshley.jpg>

"É claro que eu posso falar, não seja ridícula." Ela virou os olhos.

"Mas das primeiras vezes – "eu encarei.

"Eu só estava me divertindo um pouco. Então atire em mim." Ela começou a andar pelo meu quarto, passando as mãos pela minha mesa, no novo laptop e novo iPod que Sabine deve ter colocado ali. "Eu não acredito que você uma estrutura dessas. Isso é tão injusto!" Ela colocou as mãos nos quadris e ficou com raiva feia. "E você nem está aproveitando! Eu quero dizer, você já viu a sacada? Você se incomodou em ver a vista?"

"Eu não me importo com a vista," eu disse, dobrando meus olhos sob meu peito e encarando.

"E eu não acredito que você me enganou daquele jeito, fingindo que não podia falar."

Mas ela só riu. "Você vai superar."

Eu observei enquanto ela caminhava pelo meu quarto, empurrou as cortinas para o lado, e lutou para destrancar as portas francesas. "E onde você está conseguindo todas essas roupas?" eu perguntei, a olhando de cima a abaixo, revertendo de volta para nossa rotina normal de briga e discussão. "Porque primeiro você aparece com minhas coisas, e agora você está usando Juicy, e eu sei por fato que mamãe nunca comprou para você esse casaco."

Ela riu. "Por favor, como se eu ainda precisasse da permissão da mamãe quando eu só posso ir para aquele enorme closet celestial e pegar o que eu quiser. De graça," ela disse, dando um sorriso.

"Sério?" eu perguntei, meus olhos se alargando, pensando que soava um negocio muito bom. Mas ela só balançou a cabeça e dispensou. "Anda, você tem que ver o quão legal é essa nova vista."

Então eu o fiz. Eu levantei da cama, limpei meus olhos com a minha manga, e fui até a sacada. Passando por minha irmã menor enquanto eu pisava no chão de pedra, meus olhos se alargando enquanto eu absorvia o cenário diante de mim.

"Isso é pra ser engraçado?" eu perguntei, olhando para a vista que era uma replica exata da pintura do paraíso que ela tinha me mostrado no hospital.

Mas quando eu virei para olhar para ela, ela já tinha desaparecido.

QUATRO

Foi Riley que me ajudou a recuperar minhas memórias. Me guiando através de histórias da infância e me lembrando da vida que costumávamos viver e dos amigos que costumávamos ter, até que tudo começou a voltar. Ela também me ajudou a apreciar minha nova vida no Sul da Califórnia. Porque ver ela ficar tão animada com meu novo quarto legal, meu brilhante conversível vermelho, as incríveis praias, e minha nova escola, me fez perceber que embora não fosse a vida que eu preferia, ainda tinha valor.

E embora a gente ainda brigue e discuta e fique provocando uma com a outra tanto quanto antes, a verdade é, que eu vivo pelas visitas dela. Ser capaz de ver ela de novo me dá uma pessoa a menos para sentir falta. E o tempo que passamos juntas é a melhor parte de cada dia. O único problema é, que ela sabe disso. Então toda vez que eu toco em assuntos que ela declarou restritos, coisas como: Quando eu vou poder ver mamãe, papai, e Buttercup? E, Aonde você vai quando não está? Ela me pune se afastando.

Mas embora a recusa dela de me contar realmente me incomode, eu sei que não devo insistir. Não é como se eu tivesse dito a ela que consigo ver auras/ler mentes, ou como isso me mudou, incluindo o jeito que eu me visto.

"Você nunca vai arranjar um namorado vestida desse jeito," ela disse, rindo na minha enquanto me apresso em minha rotina matinal, tentando me aprontar para a escola e sair pela porta – mais ou menos ao mesmo tempo.

"Yeah, bem, nem todos nós podem só fechar os olhos e poof, ter um incrível guarda-roupa," eu digo, enfiando meu pé no meu tênis desgastado.

"Por favor, como se Sabine não fosse entregar o cartão de crédito dela e dizer a você para usar. E qual é a do capuz? Você está numa gang?"

"Eu não tenho tempo para isso," eu digo, pegando meus livros, iPod, e mochila, então me dirigindo para a porta. "Você vem?" eu viro para olhar para ela, minha paciência se acabando enquanto ela franze os lábios e leva tempo para decidir.

"Ok," ela finalmente diz. "Mas só se você por a capota para baixo. Eu adoro a sensação do vento no meu cabelo."

"Tudo bem." Eu vou para as escadas. "Só se certifique de sair quando eu chegar no Miles. Me apavora ver você sentada no colo dele sem permissão."

Até a hora que Miles e eu chegamos na escola, Haven já está esperando no portão, os olhos dela se arremessando freneticamente, escaneando o campus enquanto ela diz, "Ok, o sino vai tocar em menos de cinco minutos e ainda nenhum sinal do Damen. Vocês acham que ele desistiu?" Ela olha para nós, os olhos amarelos bem abertos em alarme.

"Porque ele desistiria? Ele acabou de começar," eu digo, indo em direção ao meu armário enquanto ela caminha ao meu lado, a sola de borracha das botas dela estalando no pavimento.

"Uh, porque a gente não vale a pena? Porque ele é realmente bom demais pra ser verdade?"

"Mas ele tem que voltar. Ever emprestou a ele a cópia dela do O Alto dos Vendavais, o que significa que ele tem que devolver," Miles diz, antes de poder impedir ele.

Eu balanço minha cabeça, e viro a combinação do meu armário*, sentindo o peso dos olhos de

Haven quando ela diz, “quando isso aconteceu?” Ela põe as mãos nos quadris e me encara.

*O armário tem aquelas fechaduras com segredo.

“Porque você sabe que eu o reivindiquei, certo? E porque eu não fui informada? Porque ninguém me contou sobre isso? Da ultima vez que eu ouvi você nem tinha visto ele.”

“Oh, ela o viu muito bem. Eu quase tive que discar para o 192, ela surtou.” Miles ri.

Eu balanço minha cabeça, fecho meu armário, e vou andando pelo corredor.

“Então deixa eu ver se entendi direito; você é mais um problema do que uma ameaça?” Haven me encara com olhos estreitos, cheios de delineador, o ciúme dela transformando a aula dela em um tedioso verde.

Eu respiro fundo e olho para eles, pensando em como se eles não fossem meus amigos, eu diria a eles o quão ridículo tudo isso é. Eu quero dizer, desde quando você pode reivindicar outra pessoa? Além do mais, não é como se eu fosse toda disponível para encontros com minha situação atual de ouvir vozes, ver auras, e usando camiseta esportiva larga. Mas eu não digo nada disso. Ao invés disso eu só digo, “Sim eu sou um problema. Eu sou um horrível problema esperando para acontecer. Mas não sou uma ameaça. Principalmente porque eu não estou interessada. E eu sei que isso provavelmente é difícil de acreditar, com ele sendo tão lindo e sexy e gostoso e combustível ou seja como for que você chame ele, mas a verdade é que, eu não gosto de Damen Auguste, e eu não sei de que outra forma dizer!”

“Um, eu não acho que você precise dizer mais nada,” Haven murmura, o rosto dela congelado enquanto ela olha diretamente para frente.

Eu sigo o olhar dela, até onde Damen está parado, com seu cabelo preto brilhante, olhos suaves, incrível corpo, e sorriso sábio, sentindo meu coração pular duas batidas enquanto ele mantém a porta aberta e diz, “Hey Ever, primeiro você.”

Eu corro em direção a minha mesa, evitando por pouco a mochila que Stacia coloca no meu caminho, enquanto meu rosto queima de vergonha, sabendo que Damen estava logo atrás de mim, e que ele ouviu cada palavra horrível que eu disse.

Eu jogo minha mochila no chão, deslizo para o meu assento, ergo meu capuz, e ligo meu iPod, esperando diminuir o barulho e desviar o que acabou de acontecer, me assegurando que um cara como esse – um cara tão confiante, tão lindo, tão completamente incrível – é legal demais para se incomodar com palavras descuidadas de uma garota como eu.

Mas quando eu começo a relaxar, eu sinto um choque devastador – uma carga elétrica infundindo minha pele, batendo nas minhas veias, e fazendo meu corpo todo formigar.

E é tudo porque Damen colocou sua mão sobre a minha.

É difícil me surpreender. Desde que eu me tornei psíquica, Riley é a única que consegue fazer isso, e acredite em mim, ela nunca cansa de encontrar jeitos novos. Mas quando eu olho da minha mão para o rosto de Damen, ele só sorri e diz, “eu queria devolver isso.” E então ele me da minha copia do O Alto dos Vendavais.

E embora eu saiba que isso parece estranho e mais do que um pouco maluco, no momento que ele falou, a sala toda ficou silenciosa. Sério, como se num momento estivesse cheio de sons de pensamentos aleatórios e vozes, e no próximo: ____.

Ainda sim saber o quão ridículo é, eu balanço minha cabeça e digo, “Tem certeza que não quer ficar com ele? Porque eu não preciso, eu já sei o final.” E embora ele tenha tirado a mão dele da minha, é um momento antes de todo formigamento morrer.

“Eu sei como termina também,” ele diz, olhando para mim em um jeito tão intenso, tão

insistente, tão íntimo, que eu rapidamente desvio o olhar.

E quando estou prestes a recolocar meus fones de ouvido, para que eu possa bloquear o som dos comentários cruéis de Stacia e Honor, Damen coloca sua mão de volta na minha e diz, “O que você está ouvindo?”

E a sala toda fica silenciosa de novo. Sério, por aqueles breves segundos, não existe onda de pensamentos, nenhum sussurro apressado, nada a não ser o som da voz doce e lírica dele. Eu quero dizer, quando aconteceu antes, eu achei que tinha sido algo comigo. Mas dessa vez eu sei que é real. Porque embora as pessoas ainda estejam falando e pensando e fazendo todo tipo de coisa normal, tudo está completamente bloqueado com o som das palavras dele.

Eu dou uma olhada, notando como meu corpo ficou todo quente e elétrico, me perguntando o que poderia estar causando isso. Eu quero dizer, não é como se eu não tivesse tido minha mão tocada antes, embora eu ainda não tenha experimentado nada remotamente parecido com isso.

“Eu perguntei o que você está ouvindo.” Ele sorri. Um sorriso tão privado e íntimo, que eu sinto meu rosto corar.

“Oh, um, é só uma mistura gótica que minha amiga Haven fez. É principalmente velho, coisa dos anos 80, você sabe como o Cure, Siouxsie e os Bsnshees, Bauhaus.”

“Você gosta de coisas góticas?” ele pergunta, as sobrancelhas erguidas, olhos céticos, olhando para meu longo rabo de cavalo loiro, camiseta azul escura, e pele sem maquiagem e limpa.

“Não, na verdade não. Haven gosta.” Eu rio – um som nervoso e quebrado – que batem nas quatro paredes de volta para mim.

“E você? Você gosta?” Os olhos dele ainda em mim, o rosto claramente divertido.

E quando estou prestes a responder, o Sr. Robins entra, as bochechas deles vermelhas e coradas, mas não pela caminhada como todos pensam. E então Damen se senta para trás em seu assento, e eu respiro fundo e baixo meu capuz, me afundando de volta no som familiar de angústia, preocupação com provas, e problemas com imagem corporal, dos adolescentes, os sonhos acabados do Sr. Robin, e Stacia, Honor, e Craig todos se perguntando o que um cara gostoso poderia ver em mim.

CINCO

Até a hora que eu chego na mesa do almoço Haven e Miles já estão prontos. Eu vejo Damen sentado ao lado deles, e eu estou tentada a fugir.

"Você é livre para se juntar a nós, mas só se você prometer não encarar o garoto novo." Miles ri. "Encarar é muito rude. Ninguém te disse isso?"

Eu viro meus olhos e deslizo para o banco ao lado dele, determinada a determinada o quão blasé eu sou sobre a presença de Damen. "Eu fui criada por lobos, o que posso dizer?" Eu dou nos ombros, me ocupando com o zíper da minha mochila de almoço.

"Eu fui criado por uma drag Queen é um novelista de romance," Miles diz, se esticando para roubar um pedaço do bolo pré-halloween de Hevan.

"Desculpe, esse não foi você. Querido, foi o Chandler de Friends." Haven ri. "Eu, por outro lado, fui criado por um bando de vampiros. Eu era uma linda princesa vampira, amada, adorada, e admirada por todos. Eu vivia em um luxuoso castelo gótico, e eu não faço ideia de como acabei nessa odiosa mesa de fibra de vidro com vocês perdedores." Ela acena para Damen. "E você?"

Ele toma um gole de sua bebida, um líquido vermelho iridescente em uma garrafa de vidro, então ele olha para nós três e diz, "Itália, França, Inglaterra, Espanha, Bulgária, Nova Iorque, Nova Orleans, Oregon, Índia, Novo México, Egito, e alguns outros lugares." Ele sorri.

"Você consegue dizer 'pirralho militar'?" Haven ri, pegando uma bala de milho e jogando para Miles.

*Uma alusão ao família de militares, que devido a sua função no exercito são transferidos e se mudam bastante.

"Ever viveu em Oregon," Miles diz, colocando a bala no centro da língua antes de a engolir com um gole de VitaminWater.

"Portaland." Damen acena.

Miles ri. "Não é uma pergunta, mas beleza. O que eu quero dizer é que nossa amiga Ever aqui, bem, ela viveu em Oregon," ele diz, fazendo Haven dar um olhar afiado, que, mesmo depois do meu comentário de mais cedo, ainda me vê como o maior obstáculo no caminho dela para o amor verdadeiro, e não aprecia nenhuma atenção sendo dirigida para mim.

Damen sorri, os olhos deles nos meus. "Onde?"

"Eugene," eu murmuro, me focando no meu sanduíche ao invés dele, porque como na sala de aula, toda vez que ele fala é o único som que eu ouço.

E toda vez que nossos olhos se encontram eu fico quente.

E quando o pé dele só bateu contra o meu, meu corpo inteiro formigou.

E isso está realmente começando a me assustar.

"Como você acabou aqui?" Ele se inclina para frente, estimulando Haven a ficar ainda mais perto dele.

Eu encaro a mesa, pressionando meus lábios juntos eu meu habito nervoso habitual. Eu não quero falar sobre minha antiga vida. Eu não vejo o ponto em reviver os detalhes. Ou ter que explicar como embora seja completamente minha culpa minha família inteira ter morrido, eu de alguma forma consegui viver. Então no fim eu acabo só tirando a casca do meu sanduíche, e

digo, “é uma longa história.”

Eu posso sentir o olhar de Damen – quente, pesado, e convidativo – e me deixa tão nervosa que minhas palmas começam a suar e minha garrafa de água desliza do meu aperto. Caindo tão rápido, que eu não posso impedir, tudo que eu posso fazer é esperar que ela caía.

Mas antes de sequer bater na mesa, Damen já a pegou e devolveu para mim. E eu fico sentada ali, encarando a garrafa e evitando o olhar dele, me pergunto se eu sou a única que notou como ele se moveu tão rápido que chegou a ser um borrão.

Então Miles pergunta sobre Nova Iorque, e Haven fica tão perto dele que ela praticamente está sentada no colo da Damen, e eu respiro fundo, termino meu almoço, e me convenço de que eu imaginei.

Quando o sino finalmente toca, todos pegamos nossas coisas e vamos para nossas aulas, e no segundo que Damen está fora de alcance para ouvir eu viro para meus amigos e digo, “Como ele acabou na nossa mesa?” Então eu me encolhe percebendo que minha voz soa estridente e acusatória.

“Ele queria sentar na sombra, então oferecemos a ele um lugar.” Miles da nos ombros, depositando sua garrafa na lata de lixo reciclável e nos guiando em direção ao prédio. “Nada sinistro, nem uma trama maligna para envergonhar você.”

“Bem, eu poderia ter me saindo bem, sem aquele comentário sobre encarar,” eu digo, sabendo que eu estou soando ridícula e muito sensível. Não estou disposta a revelar o que realmente estou pensando, sem querer chatear meus amigos com uma pergunta muito válida, e nada gentil: Porque um cara como Damen está andando com a gente?

Sério. De todos os garotos dessa escola, todos as facções que ele poderia se juntar, porque diabos ele escolher sentar com a gente – os três maiores deslocados?

“Relaxe, ele achou engraçado.” Miles da nos ombros. “Além do mais, ele vai na sua casa hoje a noite. Eu disse a ele parar passar lá perto das oito.”

“Você o que?” Eu olho para ele, de repente lembrando de como no almoço todo Haven estava pensando sobre o que ia usar, enquanto Miles se perguntava se ele tinha uma lata de spray, e agora tudo faz sentido.

“Bem, aparentemente Damen odeia futebol tanto quanto nós, o que ficamos sabendo durante o pequeno Q e A de Haven, que aconteceu logo antes de você chegar. Haven sorri e faz uma reverência, os joelhos cobertos dela se curvando para os dois lados.

“E já que ele é novo, e não conhece mais ninguém, achamos melhor pegar ele antes que ele faça outros amigos.”

“Mas-” eu paro, sem saber como continuar. Tudo que eu sei é que eu não quero que ele Damen vá para minha casa, nem hoje a noite, nem nunca.

“Eu apareço perto das oito,” Haven diz. “Minha reunião termina pelas sete, o que me dá tempo o bastante para ir para casa e me trocar. E, por sinal, eu reivindico o lugar ao lado da Damen na Jacuzzi!”

“Você não pode fazer isso!” Miles diz, balançando a cabeça, ultrajado. “Eu não vou permitir!” Mas ela apenas acena sobre o ombro enquanto vai para a aula, e eu viro para Miles e pergunto, “Qual reunião é hoje?”

Ele abre a porta da sala e sorri. “Sexta para os comilões.”

Haven é o que você chama de vicia em grupos anônimos. No pouco tempo que eu a conheço, ela foi a reuniões com 12 passos para alcoólicos, narcóticos, dependente de relações,

devedores, jogadores, viciados em internet, viciados em nicotina, pessoas com medo de vida social, pessoas viciadas em andar em grupos, e amantes de vulgaridades. Embora até onde eu saiba, hoje é a primeira vez que ela vai nos viciados em comida. Mas de novo, super magra, corpo pequeno de uma bailarina de caixa de música, Haven definitivamente não é uma comilona. Ela também não é uma alcoólatra, não está endividada, não é uma jogadora, ou nenhuma dessas coisas. Ela só é eternamente ignorada por seus pais egoístas, o que faz ela procurar amor e aprovação de praticamente qualquer lugar que ela conseguir. Como com esse negocio de ser gótica. Não é que ela realmente goste disso, o que é bem obvio pelo jeito que ela que ela sempre pula ao invés de se esquivar, e como os pôsteres dela da Joy Division* estão pendurados nas paredes rosas da fase-não-tão-distante de bailarina dela (que veio logo depois da fase de catálogos de J. Crew**).

* Joy Division foi uma banda pós-punk formada no ano de 1976, em Manchester, Inglaterra.

** Uma loja.

Haven acabou de aprender que o jeito mais rápido de se destacar entre um bando de loiras usando Juicy é se vestir como uma princesa da escuridão.

Só que não está funcionando tão bem quanto ela esperava. Da primeira vez que a mãe dela a viu vestida desse jeito, ela só suspirou, pegou suas chaves, e foi para aula de Pilates. E o pai dela não fica em casa tempo o bastante para realmente olhar bem. O irmão menor dela, Austin, ficou apavorado, mas ele se ajustou rapidamente. E já que a maioria do pessoal da escola cresceu acostumado com comportamentos horríveis trazidos pela presença das câmeras da MTV ano passo, eles normalmente a ignoram.

Mas acontece que eu sei o que está por trás dos crânios, dos espinhos, e maquiagem de roqueira morte, é apenas uma garota qu quer ser vista, ouvida, amada, e que prestem atenção nela – algo que as encarnações mais recentes dela falharam em conseguir. Então ficar numa sala cheia de pessoas, criando uma história triste sobre a atormentadora luta com vários vícios faz ela se sentir importante, então, quem sou eu para julgar?

Na minha antiga vida eu não andava com pessoas como Miles e Haven. Eu não estava conectada com os garotos problemáticos, ou os estranhos, ou os garotos que eram zombados. Eu era parte da galera popular, onde a maior parte de nós é bonito, atlético, talentoso, inteligente, saudável, bem querido, ou todas as opções acima. Eu ia para os bailes da escola, tinha uma melhor amiga chamada Rachel (que também era líder de torcida como eu), e eu tinha um namorado, Brandon, que é o sexto garoto que eu já beijei (o primeiro foi Lucas, mas isso foi só por causa de um desafio na sexta série, e confie em mim, os outros nem valem a pena ser mencionados). E embora eu nunca tenha sido maldosa com ninguém que não fosse parte do nosso grupo, não é como se eu realmente tenha notado eles. Aqueles garotos não tinham nada a ver comigo. Então eu agia como se eles fossem invisíveis.

Mas agora, eu também não era vista. Eu soube no dia que Rachel e Brandon me visitaram no hospital. Eles foram tão gentis e me deram tanto suporte externamente, enquanto dentro deles, seus pensamentos me diziam outra história. Eles estavam apavorados com as pequenas bolsas de plástico colocando líquido em minhas veias, meus cortes e machucados, e os gessos cobrindo meus membros. Eles se sentiam mal pelo que tinha acontecido, por tudo que eu perdi, mas enquanto eles tentavam não olhar minha gigante cicatriz vermelha na minha testa, o que eles realmente queriam fazer era fugir.

E eu observei enquanto a aura deles se ligava, se misturando no mesmo marrom, sabendo que

eles estavam se afastando de mim, e se aproximando.

Então no meu primeiro dia na Bay View, ao invés de perder meu tempo com os rituais normais do grupo de Stacia e Honor, eu fui direto para Miles e Haven, os dois excluídos que aceitaram minha amizade sem fazer perguntas. E embora nós provavelmente parecêssemos bem estranhos do lado de fora, a verdade é que, eu não sei o que faria sem eles. Ter a amizade dele é uma das poucas coisas boas na minha vida. Ter a amizade deles me faz sentir quase normal de novo.

E é por isso que eu preciso ficar longe de Damen. Porque a habilidade dele de carregar minha pele seu toque, e silenciar o mundo com sua voz é uma perigosa tentação que eu não posso permitir.

Eu não vou arriscar ferir minha amizade com Haven.

E eu não posso arriscar me aproximar demais.

SEIS

Embora Damen e eu freqüentemos a duas aulas juntos, a única em que sentamos perto um do outro foi na de inglês. Então não foi até eu já ter guardado todo meu material e estar indo para a aula de arte do sexto período que ele se aproximou.

Ele corre ao meu lado, segurando a porta enquanto eu passo, olhos grudados no chão, me perguntando como eu posso desconvidar ele.

"Seus amigos me pediram para passar na sua casa hoje a noite," ele diz, o passo largo dele combinando com o meu. "Mas eu não vou conseguir ir."

"Oh!" Eu digo, pega completamente com a guarda baixa, me arrependendo do jeito que a minha voz acabou de me trair soando tão feliz. "Eu quero dizer, tem certeza?" Eu tento soar mais suave, mais acomodada, como se eu realmente quisesse que ele me visitasse, embora seja tarde demais.

Ele olha para mim, olhos brilhando e divertidos. "Yeah, tenho certeza. Te vejo segunda," ele diz, andando mais rápido e indo em direção a seu carro, o que está estacionado na zona vermelha, o motor dele inexplicavelmente ligado.

Quando eu alcanço meu Miata, Miles está esperando com os braços cruzados, olhos estreitos, a irritação dele claramente mostrada em sua marca de assinatura.

"É melhor você me contar o que acabou de acontecer lá atrás, porque não pareceu bom," ele diz, deslizando para dentro enquanto eu abro a porta.

"Ele cancelou. Disse que não ia conseguir ir." Eu dou nos ombros, olhando por cima do ombro e mudando a marcha.

"Mas o que você disse que o fez cancelar?" Ele me encara.

"Nada."

A careta se aprofunda.

"Sério, eu não sou responsável por estragar sua noite." Eu saio do estacionamento e entro na rua, mas quando eu senti Miles ainda me encarando eu digo, "O que?"

"Nada." Ele ergue as sobrancelhas e encara a janela, e embora eu saiba o que ele está pensando, eu me foco em dirigir. Então é claro ele vira para mim e diz, "Ok, prometa que você não vai ficar brava."

Eu fecho os olhos e suspiro. Aqui vamos nós.

"É só que – eu não entendo você. É como se, nada sobre você faça sentido."

Eu respiro fundo e me recuso a reagir. Principalmente porque está prestes a ficar pior.

"Para início de conversa, você é complementa linda – pelo menos eu acho que você pode ser, porque é realmente difícil saber quando você está sempre escondida embaixo desses horríveis capuzes. Eu quero dizer, desculpe por ser quem diz isso, Ever, mas toda o conjunto é complementemente trágico, como camuflagem para os sem esperança, e eu não acho que deveríamos fingir ao contrário. E também, eu odeio ser aquele a te dizer isso, mas fazer questão de evitar o completamente gostoso garoto novo, que obviamente está afim de você, é só estranho."

Ele para tempo o bastante para me dar um olhar encorajador, enquanto eu me seguro para o que vem a seguir.

“A não ser – é claro – que você seja gay.”

Eu viro a direita e expiro, grata por minha habilidade psíquica provavelmente pela primeira vez na vida, já que definitivamente me ajudou a diminuir o golpe.

“Porque está tudo bem se você for,” ele continua. “Eu quero dizer, obviamente, já que eu sou gay, não é como se eu fosse te discriminar, né?” Ele ri, meio nervoso, uma risada meio estamos-em-território-virgem-agora.

Mas eu só balanço minha cabeça e aperto o freio. “Só porque não estou interessada em Damen não significa que eu seja gay,” eu digo, percebendo que eu sou muito mais defensiva do que eu pretendia. “Tem muito mais em atração do que só aparência, sabe.”

Como um toque quente que me faz formigar, olhos profundos e suaves, e o sedutor som de uma voz que pode silenciar o mundo –

“É por causa de Haven?” ele pergunta, sem acreditar na minha história.

“Não.” Eu agarro o volante e olho para o farol, esperando que ele mude de vermelho para verde para que eu possa levar Miles para casa e terminar com isso.

Mas eu sei que eu respondi rápido demais quando ele continua, “Há! Eu sabia! É por causa de Haven – porque ela o reivindicou. Eu não acredito que você está mesmo honrado isso! Eu quero dizer, você se quer percebeu que está desistindo da chance de perder sua virgindade com o cara mais gostoso da escola, talvez do planeta, tudo porque Haven o reivindicou?”

“Isso é ridículo,” eu murmuro, balançando minha cabeça enquanto viro na rua dele, paro na entrada da casa e estaciono.

“O que? Você não é virgem?” Ele sorri, obviamente se divertindo com tudo isso. “Você tem me escondido coisas?”

Eu viro meus olhos e ri apesar de tudo.

Ele olha para mim por um momento, então pega seus livros e vai para casa, virando de costas tempo o bastante para dizer, “eu espero que Haven aprecie a boa amiga que você é.”

Acabou que, sexta a noite foi cancelada. Bem, não a noite, só nossos planos. Parcialmente porque o irmão mais novo de Haven, Austin, ficou doente e ela era a única por perto para cuidar dele, e em parte porque o pai amante de esportes de Miles o arrastou para ver um jogo de futebol e o forçou a usar as cores do time e agir como se ele se importasse. E assim que Sabine soube que eu ficaria em casa sozinha, ela saiu do trabalho mais cedo e se ofereceu para me levar para jantar.

Sabendo que ela não aprova que eu fique usando sempre casaco e camiseta, e querendo agradar ela depois de tudo que ela fez, eu coloco um vestido azul bonito que ela recentemente comprou para mim, coloco o salto que ela comprou pra combinar, coloco um batom (uma relíquia da minha antiga vida, quando eu me importava com coisas assim), transfiro as coisas essenciais da minha mochila para uma pena bolsa metálica que combina com o vestido, e troco meu rabo de cavalo usual por cabelo solto.

E quando estou prestes a sair pela porta, Riley aparece atrás de mim e diz, “já era hora de você se vestir como uma garota.”

E eu quase morro do coração.

“Ohmeudeus, você quase me matou de susto!” eu sussurro, fechando a porta para que Sabine não possa ouvir.

“Eu sei.” Ela ri. “Então aonde você está indo?”

“Um restaurante chamado Stonehill Tavern. É no hotel St. Regis,” eu digo, meu coração ainda

batendo rápido devido ao susto.

Ela ergue as sobrancelhas e diz, "fashion."

"Como você saberia?" eu olho para ela, me perguntando aonde ela tem estado. Eu quero dizer, não é como se ela me conte aonde ela passa seu tempo livre.

"Eu sei várias coisas." Ela ri. "Muito mais que você." Ela pula na minha cama e arruma os travesseiros antes de deitar.

"Yeah, bem, não tem muita coisa que eu possa fazer sobre isso, huh?" eu digo, irritada por ver que ela está usando exatamente o mesmo vestido e sapatos que eu. Só que por ela ser quatro anos mais nova e bem mais baixa, parece que ela está brincando de se arrumar.

"Mas sério, você deveria se vestir assim mais vezes. Porque eu odeio dizer isso, mas seu visual de sempre não está funcionando para você. Eu quero dizer, você acha que Brandon teria ido atrás de você se você se vestisse assim?" Ela cruza os tornozelos e olha para mim, sua postura tão relaxada quanto de uma pessoa, viva ou morta, poderia estar. "Falando nisso, você sabia que ele está namorando Rachel agora? Yep, eles estão juntos a cinco meses. Isso é tipo, ainda mais tempo do que vocês, huh?"

Eu pressiono meus lábios e bato meu pé contra o chão, repetindo meu mantra usual: Não deixe ela te irritar. Não deixe ela -

"E ohmeudeus, você nunca vai acreditar nisso, mas eles quase foram até o fim! Sério, eles saíram do baile de homecoming mais cedo, eles tinham tudo planejado, mas então -bem..."

Ela pausa tempo o bastante para rir. "Eu sei que eu provavelmente não deveria repetir isso, mas vamos apenas dizer que Brandon fez algo para se arrepender e extremamente embaraçoso que quebrou todo o humor. Você provavelmente tinha que estar lá, mas eu vou te contar, foi hilário. Eu quero dizer, não me entenda errado, ele sente sua falta e tudo mais, até acidentalmente chamou ela pelo seu nome uma vez ou outra, mas como eles dizem, a vida continua, certo?"

Eu respiro fundo e estreito meus olhos, observando enquanto ela se arruma na minha cama como uma Cleópatra, criticando minha vida, meu visual, virtualmente tudo sobre mim, me dando updates sobre antigos amigos que eu nunca pedi, como algum tipo de autoridade adolescente.

Deve ser bom só aparecer onde você quiser, sem ter que estar preso aqui nas trincheiras fazendo todo trabalho sujo, como o resto de nós!

E de repente eu me sinto tão irritada com suas pequenas visitas surpresas que na realizada são só ataques surpresas, que desejo que ela só me deixe em paz e deixe eu viver o que resta da minha vida sem os comentários cansativos e infantis dela, que eu olho ela diretamente nos olhos e digo, "Então quando você vai para a escola de anjos? Ou eles te baniram de lá porque você é tão má?"

Ela me olha, seus olhos estreitos de raiva enquanto Sabine bate na minha porta e chama, "Pronta?"

Eu encaro Riley a desafiando com meus olhos a fazer algo idiota, algo que alerte Sabine para todas as coisas estranhas que acontecem por aqui.

Mas ela só sorri docemente e diz, "Mamãe e papai mandaram lembranças," segundos antes de desaparecer.

SETE

No caminho para o restaurante tudo que eu consegui pensar é em Riley, seu comentário espertinho, e quão completamente rude foi soltar isso e desaparecer. Eu quero dizer, eu tenho implorado a ela para me contar sobre nossos pais, pedindo por apenas um pouco de informação todo esse tempo. Mas ao invés de me contar o que eu preciso saber, ela fica toda inquieta, age toda cautelosa, e se recusa a explicar porque eles ainda não apareceram.

É de se imaginar que uma pessoa morta seria um pouco mais gentil, um pouco mais boa. Mas Riley não. Ela é tão pirralha, mimada, e horrível quanto era quando estava viva.

Sabine deixa o carro com o motorista e nós entramos. E no momento que eu vejo o grande salão de entrada, os arranjos de flores, e a incrível vista para o oceano, eu me arrependo de tudo que eu acabei de pensar. Riley tinha razão. Esse lugar era fashion. Muito fashion. Como o tipo de lugar que você traria alguém para um encontro – e não sua sobrinha triste.

O anfitrião nos levou até uma mesa adornada com velas e sal e pimenta que parecem pequenas pedras prateadas, e quando eu tomo meu lugar e olho ao redor do salão, eu mal consigo acreditar em quão glamoroso ele é. Especialmente comparado ao tipo de restaurante que estou acostumada.

Mas assim que eu penso isso, eu me impeço. Não tem porque examinar as fotos do antes e depois, e reviver o clip de como as coisas costumavam ser. Embora, as vezes, ficar perto de Sabine torne difícil não comparar. Ela ser a gêmea do meu pai é um constante lembrete.

Ela pede vinho tinto para ela e soda para mim, então olhamos o menu e decidimos o que vamos comer. E no momento que o garçom desaparece, Sabine coloca seu cabelo loiro atrás da orelha, sorri educadamente, e diz, “Então, como vai tudo? Escola? Seus amigos? Tudo bem?”

Eu amo minha tia, não me entenda errado, e sou agradecida por tudo que ela fez. Mas só porque ela dá conta de um júri com 12 pessoas, não significa que ela seja boa com papo furado. Ainda sim, eu apenas olho para ela e digo, “Yep, está tudo bem.” Ok, talvez eu fique com o papo furado também.

“Ela coloca sua mão no meu braço e diz algo mais, mas antes dela sequer falar as palavras, eu já levantei e sai da minha cadeira.

“Eu já volto,” eu murmuro, quase derrubando minha cadeira enquanto eu volto pelo caminho que eu vim, sem me incomodar em parar para pedir informações já que a garçonete que euabei de encostar olhou para mim e duvidou que fosse conseguir passar pelas portas, pelo longo corredor, a tempo.

Eu vou na direção que ela sem saber me mandou, passando por um corredor de espelhos – gigantes espelhos emoldurados, todos alinhados em uma fileira. E já que é sexta, o hotel está cheio de hóspedes para um casamento que, pelo que eu posso ver, nunca deveria acontecer. Um grupo de pessoas passa por mim, a aura deles brilhando com uma energia abastecida de álcool que é tão forte que está me afetando também, me deixando tonta, nauseada, e com a cabeça tão avoada que quando eu olho para os espelhos, eu vejo uma longa cadeia de Damens me olhando.

Eu tropeço para dentro do banheiro, agarro o balcão de mármore, e luto para recuperar o

fôlego. Me forçando a me focar no vaso de orquídeas, nos cremes perfumados, e na pilha de toalhas que estão numa grande bandeja de porcelana, eu começo a ficar mais calma, mais centrada, mais contida.

Eu acho que me acostumei tanto com toda essa energia aleatória que eu encontro onde quer que eu vá, que eu esqueci o quão cansativa ela pode ser, quando minhas defesas estão baixas, e meu iPod está em casa. Mas o choque eu recebi quando Sabine colocou sua mão na minha estava cheio com tanta solidão, tanta tristeza contida, que pareceu um soco no estômago. Especialmente quando eu percebi que a culpada sou eu.

Sabine é solitária em um jeito que eu tento ignorar. Porque embora a gente viva juntas não é como nos víssemos muito. Ela normalmente está no trabalho, eu normalmente estou na escola, e nas noites e nos finais de semana eu passo no meu quarto ou na rua com meus amigos.

Eu acho que as vezes esqueço que não sou a única com pessoas para sentir falta, que mesmo que ela tenha me acolhido e me tentando me ajudar, ela se sente tão sozinha e vazia quanto no dia em que tudo aconteceu.

Mas por mais que queira a tocar, por mais que queira aliviar a dor dela, eu simplesmente não posso. Estou muito danificada, muito estranha. Eu sou uma aberração que ouve pensamentos e conversa com os mortos. E eu não posso arriscar que descubram, não posso arriscar me aproximar demais, a ninguém, nem mesmo ela. O melhor que posso fazer é só passar pela escola, para que eu possa ir para faculdade, e ela possa voltar com sua vida. Talvez assim ela possa se juntar com aquele cara que trabalha no prédio dela. O que ela não conhece ainda. Aquele cujo rosto eu vi no momento que a mão dela tocou a minha.

Eu passo minhas mãos pelo meu cabelo, reaplico um pouco de gloss, e volto para a mesa, determinada a tentar um pouco mais fazer ela se sentir melhor, sem arriscar meus segredos. E enquanto eu deslizo de volta para o meu assento, eu bebo um gole da minha bebida, e sorrio quando digo, "Então me diga, algum caso interessante no trabalho? Algum cara bonito no prédio?"

Depois do jantar, eu espero do lado de fora enquanto Sabine fica na fila para pagar o motorista. E eu estou tão distraída com o drama de desenrolado na minha frente, entre a noive a sua chamada madrinha de "honra," que eu dou um pulo quando eu sinto uma mão na minha manga.

"Oh, hey," eu digo, meu corpo se enchendo de calor e formigando no segundo que nossos olhos se encontram.

"Você está incrível," Damen diz, o olhar dele viajando por todo o meu vestido até meus sapatos, antes de voltar para meus olhos. "Eu quase não te reconheci sem o capuz." Ele sorri. "Gostou do jantar?"

Eu acenei, me sentindo impressionada por ter conseguido fazer isso.

"Eu te vi no corredor. Eu teria dito olá, mas você parecia estar com pressa."

Eu olhei para ele, me perguntando o que ele estava fazendo aqui, sozinho, nesse hotel numa sexta a noite. Vestido com uma blazer preto, uma camisa branca, jeans de marca, e aquelas botas que pareciam muito astutas para um cara da idade dele, e ainda sim, de alguma forma, parecendo perfeitas.

"Visitantes de fora da cidade," ele diz, respondendo a pergunta que eu não tinha feito ainda. E justo quando estou me perguntando o que dizer em seguida, Sabine aparece. E enquanto

eles se cumprimentam, eu digo, "Um, Damen e eu vamos para escola juntos."

Damen é quem faz minhas palmas suarem, meu estomago se apertar, e ele é basicamente tudo que eu consigo pensar.

"Ele acabou de se mudar para cá vindo do Novo México," eu acrescento, esperando que isso seja o bastante até o carro chegar.

"Onde no Novo México?" Sabine pergunta. E quando ela sorri eu não consigo me impedir de me perguntar se ela foi preenchida com o mesmo sentimento maravilhoso que eu.

"Santa Fé." Ele sorri.

"Oh, eu fiquei sabendo que é lindo. Eu sempre quis ir lá."

"Sabina é advogada, ela trabalha muito," eu murmuro, me focando na direção que o carro ira chegar em 10, nove, oito, set –

"Estamos voltando pra casa, mas você é bem vindo a se juntar a nós," ela oferece.

Eu olhou para ela, entrando em pânico, me perguntando como eu falhei em ver que isso estava vindo. Então eu olho para Damen, rezando que ele recuse enquanto ele diz, "Obrigada, por eu preciso voltar."

Ele aponta seu polegar por cima dos ombros, e meus olhos seguem naquela direção, parando em uma linda ruiva, vestida em preto e salto alto.

Ela sorri para mim, mas não é gentil. Só lábios com batom rosa se curvando, enquanto os olhos dela estão muito longe, muito distantes para se ler. Embora tenha algo na expressão dela, a inclinação do queixo dela, que é tão visivelmente uma zombaria, embora a visão de nós parados juntos não possa ser divertida.

Eu viro para olhar para ele, surpresa por encontrar ele parado tão perto, os lábios dele úmidos e abertos, a centímetros de mim. Então ele passa seus dedos no lado do meu pescoço, e tira uma tulipa vermelha de trás do meu ouvido.

Então a próxima coisa que eu sei, é que estou parada sozinha enquanto ele volta para dentro com sua companheira.

E eu olho para a tulipa, tocando suas pétalas enceradas, me perguntando da onde ela podia ter vindo – especialmente já que estamos no inverno.

Embora não seja até mais tarde, quando estou sozinha em meu quarto, que eu percebo que a ruiva também não tem aura.

Eu devia estar em um sono realmente profundo porque no momento que eu ouço algo se movendo no meu quarto, minha cabeça parece tão grogue e turva que eu nem abro meus olhos.

"Riley?" eu murmuro. "É você?" Mas quando ela não responde, eu sei que ela está prestes a fazer suas brincadeiras de sempre. E já que estou cansada demais para brincar, eu agarro meu outro travesseiro e coloco por cima da minha cabeça.

Mas quando eu a ouço de novo, eu digo, "Olha Riley, estou muito cansada, ok? Desculpe por ter sido maldosa com você. E eu sinto muito se te magoei, mas eu não estou afim de fazer isso a essa –" Eu ergo o travesseiro e abro um olho para olhar para o relógio. "As 3:15 da manhã. Então porque você não volta para onde quer que você vai e faz isso num horário normal, ok? Você pode até aparecer naquele vestido que eu usei para a formatura da oitava série e eu não vou dizer uma palavra, palavra de escoteiro."

Só que, o negócio é, que agora que eu disse tudo isso, estou acordada. Então eu jogo o travesseiro para o lado e olho para a sombra da forma dela sentada na cadeira da minha mesa,

me perguntando o que poderia ser tão importante que não podia esperar até de manha.

“Eu disse que sinto muito, ok? O que mais você quer?”

“Você consegue me ver?” ela pergunta, se afastando da minha mesa.

“É claro que eu posso ver – ” Então eu paro no meio da frase quando eu percebo que essa voz não é dela.

OITO

Eu vejo pessoas mortas. Todo o tempo. Na rua, na praia, nos shoppings, em restaurantes, andando pelos corredores da escola, na fila dos correios, esperando no consultório do médico, embora nunca no dentista. Mas diferente dos fantasmas que você vê na TV e nos filmes, eles não me incomodam, eles não querem minha ajuda, eles não param para conversar. O máximo que eles fazem é sorrir e acenar quando percebem que foram vistos. Como a maior parte das pessoas, eles gostam de ser vistos.

Mas a voz no meu quarto definitivamente não era de um fantasma. Também não era de Riley. A voz no meu quarto pertencia a Damen.

E foi assim que eu soube que estava sonhando.

"Hey." Ele sorri, deslizando em seu assento, segundos depois do sino tocar, mas já que a essa é a aula do Sr. Robins isso é o mesmo que chegar cedo.

Eu aceno, esperando parecer casual, neutra, nem um pouco interessada. Esperando esconder o fato que eu estou tão perdida que agora sonho com ele.

"Sua tia parece legal." Ele olha para mim, batendo a ponta da caneta na mesa, fazendo o som continuo de click click click que começa a me irritar.

"Yeah, ela é ótima," eu murmuro, mentalmente xingando o Sr. Robins por demorar no banheiro, esperando que ele só de a descarga e venha fazer seu trabalho de uma vez.

"Eu também não moro com minha família," Damen diz, a voz dele aquietando a sala, aquietando meus pensamentos, enquanto ele desliza a caneta na ponta dos dedos, fazendo ela dar voltar sem deixar ela cair.

Eu pressiono meus lábios juntos e tato meu iPod no meu compartimento secreto, me perguntando o quão rude pareceria se eu o ligasse bloqueando ele também.

"Sou emancipado," ele acrescenta.

"Sério?" eu pergunto, embora eu estivesse firmemente comprometida a manter nossa conversa no mínimo. Eu só, nunca conheci ninguém que fosse emancipado, e eu sempre pensei que soava tão triste e solitário. Embora pela aparência do carro, roupas e suas glamorosas sexta a noite no hotel St. Regis, ele não parece estar se saindo tão mal.

"Sério." Ele acena. E no momento que ele para de falar eu ouço o aumento dos sussurros de Stacia e Honor, me chamando de aberração, e algumas outras coisas piores que isso. Então eu observo enquanto ele joga sua caneta no ar, sorrindo enquanto ela forma vários 8 preguiçosos antes de pousar de volta no dedo dele. "Então onde está sua família?"

É tão estranho como todo o barulho para e recomeça, recomeça e para, como um game musical. Um eu que eu sempre sou deixada parada. Um em que eu sou sempre aquilo.

"O que?" eu digo, distraída pela visão da caneta mágica de Damen agora parada entre nós, enquanto Honor goza das minhas roupas, e o namorado dela finge concordar embora ele secretamente se pergunta porque ela nunca se veste como eu. O que me faz querer levantar meu capuz, tirar meu iPod, e o jogar tudo fora.

Tudo. Incluindo Damen.

Especialmente Damen.

"Onde sua família vive?" ele pergunta.

Eu fecho meus olhos quando ele fala – silencio, doce silencio, por breves segundos. Então eu os abro de novo e olho diretamente nos olhos dele. “Eles estão mortos,” eu digo, enquanto o Sr. Robins entra.

“Sinto muito.”

Damen olha para mim através da mesa do almoço enquanto eu olho a area, ansiosa para que Haven e Miles apareçam. Eu acabei de abrir meu almoço, encontrando uma tulipa vermelha entre meu sanduíche e as batatinhas – uma tulipa! Igual a da sexta a noite. E embora eu não faça ideia de como ele fez isso, tenho certeza Damen é responsável. Mas não são os estranhos truques de mágica que me incomodam, é mais o jeito que ele olha pra mim, o jeito que ele fala comigo, o jeito que ele faz eu me sentir –

“Sobre sua família. Eu não percebi...”

Eu olho para baixo, para o meu suco, girando a tampa pra frente e pra trás, para trás e para frente, desejando que ele deixasse isso pra lá. “Eu não gosto de falar sobre isso.” Eu dou nos ombros.

“Eu sei como é perder a pessoa que você ama,” ele sussurrou, se esticando através da mesa e colocando sua mão sobre a minha, me infundindo com um sentimento tão bom, tão quente, tão calmo, e tão seguro – que eu fecho meus olhos e permito. Me permito aproveitar a paz disso. Grata por ouvir o que ele diz e não o que ele pensa. Como uma garota normal – com um garoto muito melhor do que normal.

“Um, com licença.”

Eu abri meus olhos para encontrar Haven inclinada contra a ponta da mesa, os olhos amarelos dela estreitos e fixos nas nossas mãos. “Desculpe interromper.”

Eu me afasto, enfiando minha mão no bolso como se fosse algo vergonhoso, algo que ninguém devesse ter que ver. Querendo explicar como o que ela viu era nada, como sem significância foi, embora eu saiba que não foi. “Onde está Miles?” eu finalmente digo, sem saber o que mais dizer.

Então eu viro os olhos e sento ao lado de Damen, os pensamentos hostis transformando a aura dela de um amarelo brilhante para um vermelho bem escuro.

“Miles está mandando mensagens para sua paixão na internet, tesaodingdongjovem307,” ela diz, evitando meus olhos enquanto ela se ocupa com seu bolo. Então olhando para Damen, ela acrescenta, “então, como foi o final de semana de todos?”

Eu dou nos ombros, sabendo que ela não está realmente perguntando para mim, observando enquanto ela bate na cobertura com a ponta da língua, fazendo seu teste usual de lambida, embora eu ainda esteja para ver ela rejeitar algum. E quando eu olho para Damen, fico chocada por ver ele dar nos ombros também, porque pelo que eu vi, ele teve um final de semana muito melhor do que o meu.

“Bem, como você provavelmente pode adivinhar, minha sexta a noite foi uma droga. Demais. Eu passei a maior parte do tempo limpando o vomito de Austin, já que a empregada estava em Vegas e meus pais não se incomodaram de vir de onde diabos eles estão. Mas sexta foi bem melhor. Eu quero dizer, foi incrível! Como, seriamente, foi provavelmente a melhor noite da minha vida. E eu totalmente teria convidado vocês se não fosse tão em cima da hora.” Ela acena, se negando a olhar para mim de novo.

“Onde você foi?” eu perguntei. Tentando soar casual embora eu tenha acabado de ver um lugar escuro e assustador.

"Um club totalmente incrível que uma garota do meu grupo me levou."

"Que grupo?" Eu bebi um gole de água.

"Sábado é para os dependentes de relacionamentos," Ela sorri. "De qualquer forma, essa garota, Evangeline? Ela é um caso duro. Ela é o que eles chamam de doadora."

"O que, quem chama de doar?" Miles pergunta, colocando seu Sidekick* na mesa e sentando ao meu lado.

* Uma "espécie" de iPhone

"Os viciados em relacionamentos," eu digo, atualizando ele.

Haven vira os olhos. "Não, não eles, os vampiros. Um doador é uma pessoa que permite que outro vampiro se alimente dele. Você sabe, como sugar o sangue dele e tudo mais, enquanto eu sou o que eles chamam de filhotinho, eu só os sigo. Eu não deixo ninguém se alimentar. Bem, ainda não." Ela ri.

"Segue quem?" Miles pergunta, erguendo seu Sidekick e olhando suas mensagens.

"Vampiros! Jeez, tente acompanhar. De qualquer forma, o que eu estava dizendo é que essa viciada em relacionamentos e doadora, Evangeline, o que, por sinal, é o nome de vampira dela, não seu nome verdadeiro –

"Pessoas tem nomes de vampiro?" Miles pergunta, colocando seu telefone na mesa onde ele ainda possa olhar para ele.

"Totalmente." Ela acena, afundando seus dedos na cobertura, e então os lambendo.

"Isso é tipo nome de stripper? Você sabe, como o nome do seu primeiro animal de estimação, mais o nome de solteira da sua mãe? Porque isso me faz Princesa Slavin, muito obrigado." Ele sorri.

Haven suspira, lutando por paciência. "Uh, não. Não é nada disso. Veja bem, um nome de vampiro é sério. E diferente de muitas pessoas, eu não tenho que mudar o meu, porque Haven é como um nome vampiro orgânico, 100% natural, sem aditivos ou conservantes." Ela ri. "Eu já te disse que sou uma princesa das trevas! De qualquer forma, fomos para esse club muito legal em algum lugar em L.A chamado Nocturnal, ou algo assim."

"Nocturne," Damen diz, segurando sua bebida enquanto seus olhos se focam nos dela.

Haven solta seu bolo e bate palmas. "Yay! Finalmente, alguém legal na mesa," ela diz.

"E você encontrou algum imortal?" ele pergunta, ainda olhando para ela.

"Vários! O lugar estava cheio. Havia até uma área VIP, que eu totalmente entrei e fiquei no bar de sangue."

"Eles te deram um cartão?" Miles pergunta, seus dedos passando pelo Sidekick enquanto ele conversava com duas pessoas ao mesmo tempo.

"Ria o quanto você quiser, mas estou te dizendo que foi muito legal. Mesmo depois que Evangeline meio que me abandonou por um cara que ela conheceu, eu acabei conhecendo outra garota, que era ainda mais legal, e que também, por sinal, acabou de se mudar pra cá. Então provavelmente vamos começar a sair juntas e tudo mais."

"Você está terminando com AA gente?" Miles olha para ela com um alarme de zombaria.

Haven vira os olhos. "Tanto faz. Só o que eu sei é que foi melhor que o sábado a noite de vocês – bem, talvez não o seu Damen, já que você parece estar a par dessas coisas, mas definitivamente melhor do que o desses dois," ela diz, apontando para Miles e eu.

"Então como foi o jogo," eu acotovele Miles, tentando chamar sua atenção de volta para nós e para longe do namorado eletrônico.

“Tudo que eu sei é que tinha espírito de time demais, alguém ganhou, alguém perdeu, e eu passei a maior parte no banheiro mandando mensagens para esse cara que aparentemente é um enorme mentiroso!” ele balança sua cabeça e nos mostra a tela. “Olha, bem aqui!” Ele bate com seu dedo. “Estive pedindo por uma foto todo final de semana porque de jeito nenhum vou me encontrar com um cara sem ter um visual. E é isso que ele manda! Fingido idiota do telefone!”

Eu olho para a tela, sem ter certeza do porque ele está com raiva. “Como você sabe que não é ele?” Eu pergunto, olhando para Miles.

E então Damen diz, “porque sou eu.”

NOVE

Aparentemente Damen foi modelo por um período curto de tempo, quando ele vivia em Nova Iorque, que é motivo do porque a imagem dele está ali, flutuando pelo ciberespaço, só esperando para alguém fazer o download e dizer que é sua foto.

E embora nós temos superado e dado uma boa risada, com a estranha coincidência, ainda tem uma coisa que eu não consigo superar: Se Damen acabou de se mudar do Novo México e não de Nova Iorque, bem, ele não deveria parecer um pouco mais jovem naquela foto? Porque eu não consigo pensar em ninguém que pareça exatamente igual aos 17 como quando parecia aos 14, ou quinta, e mesmo assim, aquela foto no Sidekick de Miles mostrou Damen parecendo exatamente o mesmo que agora.

E isso não faz sentido.

Quando eu chego na aula de artes, eu entro na fila para pegar os materiais, pego todas as minhas coisas, e foi para o meu cavalete, me recusando a reagir quando notei que Damen se posicionou ao meu lado. Eu só respirei fundo e fui fazer meu negocio de escolher um pincel, olhando ocasionalmente para o cavalete dele e dentando não ficar de boca aberta com a obra de arte que ele estava fazendo – uma rendição perfeita do quadro A mulher com cabelo amarelo* de Picasso.

*<http://www.matisse-picasso.com/graphics/yellowhairfull.jpg>

Nossa tarefa é emular os grandes mestres, escolhendo uma daquelas pinturas ícones e tentar recriá-la. E de alguma forma eu tive a ideia de que aquelas simples espirais de Van Gogh seriam fáceis, uma coisa certa pra reproduzir, um 10 fácil. Mas pelo jeito caótico das minhas pinceladas agitadas, eu achei errado. E agora eu já fiz demais, eu não posso salvar o quadro. E não faço ideia do que fazer.

Desde que me tornei psíquica, não preciso mais estudar. Eu nem preciso ler. Tudo que preciso fazer é colocar minhas mãos no livro, e a história aparece na minha cabeça. E quanto as provas? Bem, vamos dizer que não existe mais “surpresa” na prova. Eu só passa meus dedos sobre as questões e as respostas instantaneamente são reveladas.

Mas arte é totalmente diferente.

Porque talento não pode ser fingido.

O que o motivo da minha pintura ser o exato oposto de Damen.

“A noite estrelada*?” Damen pergunta, acenando para minha pingada, patética, e borrada, enquanto eu me encolhia de vergonha, me perguntando como ele fez um palpite tão preciso com uma confusão tão mal feita.

*<http://escravodarosa.files.wordpress.com/2009/03/van-gogh-vincent-starry-night.jpg>

Então só para me torturar mais, eu dou outra olhada para suas pinceladas sem esforço, e a acrescentei para a incrível quantidade de coisas em que ele é bom.

Sério, como em inglês, ele pode responder todas as perguntas do Sr. Robins, o que é meio estranho porque ele só teve uma noite para ler as 300 e poucas paginas de O Alto dos Vendavais. Sem falar em como ele normalmente continua, relacionando com fatos históricos, falando sobre aquela época como se ele estivesse lá. Ele também é ambidestro, o que pode não soar como grande coisa, até você combinar ele escrever com uma mão e pintar com a

outra, com nenhum dos projetos sofrendo. E nem me deixe começar sobre as tulipas espontâneas e a caneta mágica.

“Como o próprio Pablo. Maravilhoso!” A Sr. Machado diz, afofando sua longa trança enquanto ela encara a pintura, a aura dela vibrando em um cobalto azul, enquanto a mente dela forma contrastes e cambalhotas, pulando em alegria, passando por sua mente enquanto pensa em seus alunos talentosos, e percebe que nunca teve um com uma habilidade inerente tão natural – até agora.

“E Ever?” Do lado de fora ela ainda está sorrindo, mas por dentro ela está pensando: O que diabos isso pode ser?

“Oh, um, é pra ser Van Gogh. Você sabe, Noite estrelada?” Eu me encolho de vergonha, minhas piores suspeitas confirmadas pelo pensamento dela.

“Bem – é um honrado começo.” Ela acena, lutando para manter seu rosto neutro, relaxado. “O estilo de Van Gogh é muito mais difícil do que parece. Só não esqueço dos dourados, e dos amarelos! É uma noite, muito, muito estrelada afinal de contas!”

Eu olho ela se afastar, a aura dela expandindo e brilhando, sabendo que ela não gostou do meu quadro, mas apreciando o esforço dela em esconder. Então sem sequer pensar eu afundei meu pincel no amarelo, antes de limpar o azul, e quando eu pressiono contra a tela deixa uma mancha verde.

“Como você consegue?” Eu pergunto, balançando minha cabeça em frustração, olhando para a incrível pintura de Damen e a minha incrivelmente horrível, contrastando, e sentindo minha confiança cair.

Ele sorri, os olhos dele encontrando os meus. “Quem você acha que ensinou Picasso?” ele diz. Eu derrubo meu pincel no chão, esparramando tinta verde nos meus tênis, minhas meias, e meu rosto, segurando o fôlego enquanto ele se abaixa para pegar, antes de colocar o pincel na minha mão.

“Todos tem que começar de algum lugar,” ele diz, os olhos dele escuros e suaves, os dedos dele procurando a cicatriz no meu rosto.

“Até Picasso teve um professor.” Ele sorri, retirando sua mão, e o calor que veio com ela, voltando para seu quarto, enquanto eu me lembrava de respirar.

DEZ

Na manhã seguinte enquanto eu estava me aprontando pra aula, eu cometo o erro de pedir a ajuda de Riley para escolher um canguru.

“O que você acha?” eu seguro o azul, antes de o colocar ao lado de verde.

“Pegue o rosa de novo,” ela diz, mexendo no meu armário, cabeça levemente virada para o lado enquanto ela considera as opções.

“Não tem um rosa.” Eu digo, desejando que ela pudesse ser um pouco séria para variar, e parasse de fazer tudo, um grande jogo.

“Anda, me ajude, o tempo está passando.”

Ela esfrega o queixo e entorta os olhos. “Você diria que isso é um azul celeste ou azul centaurea*?”

*É uma flor

“Chega.” Eu jogo o azul e começo a passar o verde sobre a cabeça.

“Vá com o azul.”

Eu paro, olhos visíveis, nariz, boca e queixo embaixo da lã.

“Sério. Destaca seus olhos.” Eu estreito os olhos para ela por um momento, então jogo e verde e faço o que ela diz. Procurando gloss e parando um pouco para o aplicar enquanto ela diz,

“Ok, o que está acontecendo? Eu quero dizer, a crise com o canguru, as palmas saúdas, a maquiagem, o que está acontecendo?”

“Eu não estou usando maquiagem,” eu digo, recuando quando minha voz quase grita.

“Sem querer te culpar numa técnica, Ever, mas gloss conta. Definitivamente se qualifica como maquiagem. E você, querida irmã, estava prestes a aplicar ele.”

Eu o coloco de volta na gaveta e pego meu ChapStick* usual, passando ele ao redor dos meus lábios em uma linha encerada.

*Protetor labial.

“Um, olá? Ainda estou esperando uma resposta!”

Eu pressiono meus lábios, indo para a porta e descendo as escadas.

“Tudo bem, jogue assim. Mas não pense que você pode me impedir de adivinhar.” Ela diz, andando atrás de mim.

“Tanto faz,” eu murmuro, indo para a garagem.

“Bem, sabemos que não é Miles, já que você não é realmente o tipo dele, e sabemos que não é Haven já que ela não é o seu tipo, o que me deixa com – “ Ela desliza para dentro do carro fechado e chaveado e senta no banco da frente enquanto eu tento não recuar. “Bem, eu acho que esse é basicamente seu círculo de amigos, então me conte, eu desisto.”

Eu abro a porta da garagem e subo no meu carro do jeito antigo, então dou marcha ré fazendo barulho, para sobrepor a voz dela.

“Eu sei que você está aprontando algo,” ela diz, sobre o barulho do motor. “Porque me desculpe por dizer isso, mas você está agindo como você agiu logo antes de você ficar com Brandon. Lembra o quão nervosa e paranóica você estava? Se perguntando se ele ia gostar de você, e blá-blá-blá. Então anda, me diz. Quem é o cara sem sorte? Quem é sua próxima vítima?”

E no segundo que ela diz isso, uma imagem de Damen passa diante de mim, parecendo lindo, e tão sexy, tão suave, tão palpável, que estou tentada a me estender e exigir ele para mim. Mas ao invés disso eu só limpo minha garganta, mudo a marcha, e digo, "Ninguém. Eu não gosto de ninguém. Mas confie em mim, essa é a última vez que vou pedir ajuda para você."

Quando eu chego na aula de inglês, estou tão vertiginosa, nervosa, com as mãos suadas, e ansiosa quanto Riley me acusou de estar. Mas quando eu vejo Damen falando com Stacia, eu acrescento paranóica a uma lista já bem grande.

"Um, com licença," eu digo, bloqueada pelas gloriosas pernas longas de Damen, que estão no lugar usual das armadilhas dela.

Mas ele só me ignora e continua empoleirado na mesa dela, e eu observo enquanto ele bota a mão atrás da orelha dela e tira uma rosa.

Botão de rosa branco.

Uma fresca, pura, brilhante, com orvalho, botão de rosa branco.

E quando ele entrega para ela, ela grita tão alto que você acharia que ele tinha dado a ela um diamante.

"Oh-meu-desu! De jeito nenhum! Como você fez isso?" ela diz, acenando para que todos possam ver.

Eu pressiono meus lábios e olho para o chão, me ocupando com meu iPod e aumentando o volume até que eu não consiga mais ouvir ela.

"Eu preciso passar," eu murmuro, meus olhos encontrando os de Damen pegando um breve flash de calor antes dos olhos dele se tornarem gelados e ele sair do meu caminho.

Eu vou até minha mesa, meus pés se movendo como deveriam, um na frente do outro, como um zumbi, um robô, uma densa dormência passando pelos movimentos pré-programados, incapaz de pensar sozinha. Então eu sento na minha cadeira e continuo a rotina, pegar papel, livros, e a caneta, fingindo que não noto o quão relutante Damen está, e como ele arrasta seus pés quando Sr. Robins faz ele voltar para o seu lugar.

"O que diabos?" Haven diz, movendo sua franja para o lado e olhando diretamente para frente, o banimento de profanações dela são a única coisa que ela foi capaz de manter das suas promessas de ano novo, mas só porque ela acha que 'diabos' é engraçado.

"Eu sabia que não ia durar." Miles balança sua cabeça e olha para Damen, observando ele balança a Lista-A com seu charme natural, caneta mágica, e botões de rosa que aparecem misteriosamente. "Eu sabia que era bom demais para ser verdade. Na verdade, eu disse isso no primeiro dia. Lembra quando eu disse isso?"

"Não," Haven murmura, ainda olhando para Damen." Eu não lembro."

"Bem, eu disse." Miles balança sua VitaminWater, e acena. "Eu disse. Você só não me ouviu."

Eu olhei para o meu sanduíche e dou nos ombros, sem querer entrar no debate de "quem disse o que e quando," e definitivamente não querendo olhar em nenhum lugar perto de Damen, Stacia, ou mais ninguém na mesa. Eu ainda estou pensando na aula de inglês, quando Damen vem em minha direção, bem no meio da chamada, para poder me passar um bilhete. Mas só para que eu pudesse passar ele para Stacia.

"Passe você mesmo," eu disse, me recusando a tocar nele. Me perguntando como um único pedaço de papel, dobrando em formato de triângulo, podia causar tanta dor.

"Anda," ele diz, o empurrando em minha direção para que ele parasse a centímetros dos meus dedos. "Eu prometo que você não será pega."

“Não é sobre ser pega.” Eu olhei para ele.

“Então é sobre o que?” ele pergunta, olhos escuros nos meus.

É sobre não querer tocar! Não querer saber o que diz! Porque no momento que meus dedos o tocar, eu vou ver as palavras na minha cabeça – todo o sexy, adorável, flerte colocado na mensagem. E embora seja pior ouvir nos pensamentos dela, pelo menos eu posso fingir que está comprometido, diluído pelo cérebro pequeno dela. Mas se eu tocar nesse pedaço de papel, então vou saber que as palavras são verdadeiras – e eu não posso suportar ver elas – “Passe você mesmo,” eu finalmente digo, tocando no papel com a ponta do lápis e o empurrando para a ponta da mesa. Odiando o jeito que meu coração bate contra o meu peito enquanto ele ri e se abaixa para pegar.

“Um, o-lá, terra para Ever!”

Eu balanço minha cabeça e me encolho para Miles.

“Eu perguntei, o que aconteceu? Eu quero dizer, sem querer apontar o dedo nem nada disso, mas você foi a última a ver ele hoje...”

Eu olhei para Miles, desejando saber. Lembrando de ontem na aula de arte, do jeito que os olhos de Damen procuravam os meus, do jeito que o toque dele esquenta minha pele, tão certa de que dividimos algo pessoal – até mesmo mágico. Mas então eu lembrei da garota antes de Stacia, a linda ruiva no St. Regis, a que eu convenientemente esqueci. E eu me sinto como uma tola, por ser tão inocente, por pensar que ele podia simplesmente gostar de mim. Porque a verdade é que, é assim que é o Damen. Ele é um jogador. E ele faz isso o tempo todo. Eu olho pelas mesas de almoço, em tempo de ver Damen tirar um buque de rosas brancas inteiro do ouvido, manga, bolsa de Stacia. Então eu pressiono meus lábios e viro meu olhar, me poupando do abraço gratuito que segue logo depois disso.

“Eu não fiz nada,” eu finalmente digo, tão confusa com o comportamento estranho de Damen quanto Miles e Haven, só que bem menos disposta a admitir.

Eu posso ouvir os pensamentos de Miles, pesando as palavras, tentando decidir se ele deve acreditar em mim. Então ele suspira e diz, “Você se sente tão deprimida, rejeitada, e com coração partido quanto eu?”

Eu olho para ele, querendo contar a verdade, desejando poder contar a ele tudo, todo a sórdida confusão de sentimentos. Como apenas ontem eu tinha certeza que algo significativo tinha passado entre nós, apenas para acordar hoje e encarar isso. Mas ao invés disso eu só balanço minha cabeça, junto minhas coisas, e vou para aula, muito antes do sino tocar. Durante toda a aula de Frances no quinto período, eu penso em maneiras de sair da aula de arte. Sério. Mesmo enquanto eu participo dos procedimentos de sempre, lábios se movendo, palavras estrangeiras se formando, minha mente está completamente obcecada com fingir uma dor de estômago, náusea, febre, tontura, uma virose, tanto faz. Qualquer desculpa serve. E não é só por causa de Damen. Porque a verdade é, eu não sei porque eu me inscrevi nessa aula, em primeiro lugar. Eu não tenho habilidade artística, meus projetos são uma confusão, e não é como se eu fosse ser uma artista mesmo. E yeah, eu acho que se você acrescentar Damen nessa mistura já cheia, você vai acabar não apenas com um GPA* comprometido, mas 57 minutos de constrangimento.

* GPA, Grade Point Average, que significa a sua média geral total.

Mas no final das contas, eu vou. Na maior parte porque é a coisa certa a se fazer. E estou tão focada em juntar meus suprimentos e vestir meu avental, que a princípio eu nem noto que ele

não está lá. E enquanto os minutos passam e ainda nem sinal dele, eu pego minha pintura e vou para o meu cavalete.

Só para encontrar aquele bilhete idiota pendurado na ponta.

Eu o encaro, me focando tão intensamente que tudo ao meu redor fica escuro e fora de foco. Toda a aula é reduzida a um único ponto. Meu mundo inteiro consiste em uma papel de forma triangular encostado na ponta de madeira, o nome Stacia escrito na frente. E embora eu não faça ideia de como chegou lá, embora eu dê uma rápida olhada na sala para reafirmar que Damen não está lá, eu não quero aquilo nem perto de mim. Eu me recuso a participar do jogo dele.

Eu pego um pincel e o empurro com o máximo de força que posso, observando enquanto ele voa no ar antes de cair no chão, sabendo que estou agindo como uma criança, ridícula, especialmente quando a Sr. Machado chega e o lança em sua mão.

“Parece que você derrubou algo!” ela diz, o sorriso dela brilhante e cheio de expectativa, sem fazer ideia que eu o coloquei no chão de propósito.

“Não é meu,” eu murmuro, voltando para minha pintura, pensando que ela pode entregar ela mesma para Stacia, ou melhor ainda, jogar fora.

“Então tem outra Ever que eu não conheço?” Ela sorri.

O que?

Eu pego a nota que ela balança na minha frente, Ever claramente escrito na frente, escrito com a letra inconfundível de Damen. Sem fazer ideia de como isso aconteceu, sem explicação lógica. Porque eu sei o que eu vi.

Meus dedos tremem enquanto eu começo a desdobrar o papel, abrindo as três pontas e alisando os amassados, e ofego quando um pequeno desenho é desvelado – um pequeno desejo de uma linda tulipa vermelha.

ONZE

Só faltam alguns dias para o Halloween e eu ainda continuo trabalhando nos toques finais do meu disface. Havem vai ir disfarçada de vampira (que grade supresa), Milles vai de pirata, mas isso foi depois de que eu o convencesse de não ir como Madonna em sua fase de seios em forma de cone, e eu não dizer do que eu irei disfarçada. Mas é somente porque, o que uma vez foi minha grande idéia, se transformou em um projeto super ambicioso e estou perdendo a fé muito rápido.

Devo admitir que me surpreendi muito de que Sabine quisesse organizar uma festa. Em parte porque ela nunca antes tinha se mostrado interessada em coisas assim, mas principalmente porque eu sempre supus que entre ela e eu provavelmente a lista de convidados não passaria de cinco. Mas aparentemente Sabine é mais popular do que eu pensava, já que em questão de segundo ela tinha enchido duas colunas e meia de convidados, enquanto que minha lista era pateticamente muito menor, consistindo unicamente de meus únicos amigos e seus possíveis acompanhantes.

Assim que, enquanto Sabine se encarregou de contratar um provedor que se encarregue da comida e bebida, eu deixei Miles encarregado do áudio/visual (o que significa que ele deixará seu Ipod e irá alugar dois filmes de terror) e pedi à Haven que se encarregasse dos pastelitos*. O que deixou eu e Riley como os únicos membros da comitiva de decoração e como Sabine me deixou um catálogo e seu cartão de crédito com as instruções de “não poupar gastos”, temos passado as duas últimas tardes transformando a casa de sua usual aparência italiana ao castelo do guardião dos mortos e foi tão divertido, me recordando das vezes que costumávamos decorar nossa velha casa para a Páscoa, Dia de Ação de Graças e Natal. Sem mencionar que no manter ocupadas ajudou a para com as brigas.

* <http://i184.photobucket.com/albums/x79/pixvirtual/us026/y67Afh0JEnrz.jpg>

“Você deveria se disfarçar de sereia” Riley disse “ou como um desses garotos de Laguna Beach*”

* *Seriado americano: Oito adolescentes que vivem em Laguna Beach quase no fim do ensino médio e iniciar o próximo capítulo de suas vidas.*

“Oh Deus, não me dia que você ainda continua vendo isso” eu digo, balanceando precariamente no último degrau para poder pendurar outra teia de aranha falsa.

“Não me culpe, Tivo* tem mente própria” – ele se encolhe de ombros.

* *TiVo é uma marca popular de gravador de vídeo digital (DVR - Digital Video Recorder), que pode também ser chamado de gravador de vídeo pessoal (PVR - Personal Video Recorder). Trata-se de um aparelho de vídeo que permite aos usuários capturar a programação televisiva para armazenamento em disco rígido (HD), para visualização posterior.*

“Você tem Tivo?” – me viro, desesperada por obter qualquer informação porque ela sempre é medíocre quanto a detalhes sobre a vida do além.

Mas ela sorri. “Eu juro, você é tão crédula. As coisas que você pensa!” Ela sacode a cabeça e revira os olhos, alcançando uma caixa de papelão e pegando uma corda de luzes em força de fadas. “Você quer trocar?” ela me oferece desenredando a corda.

“Quero dizer, é ridícula a maneira em que você insiste em subir nessa escada de mão quando

eu posso levitar e fazê-lo."

Eu sacudo a cabeça e franzo o cenho. Mesmo que possa ser mais fácil, eu gosto de fingir que minha visa é de alguma maneira normal. "E do que você vai disfarçada?"

"Esqueça isso" eu digo amarrando a rede em uma esquina ante de descer da escada de mão para da uma olhar a ela. "Se você pode ter segredos, então eu também posso."

"Não é justo." Ela cruza os braços e faz biquinho da maneira que sempre funcionava com papai, mas nunca com mamãe.

"Calma, você vai ver na festa" Eu digo a ela, pegando um desses esqueletos que brilham no escuro e desenredando os membros.

"Você que dizer que eu estou convidada?" ela pergunta, sua voz estridente e seus olhos enormes pela emoção.

"Como se eu pudesse te deter." Digo a ela rindo enquanto encosto o Sr. Esqueleto próximo à entrada para que ele possa receber a todos nossos convidados.

"Seu namorado também vem?"

Eu ponho meus olhos em branco e suspiro. "Você sabe que eu não tenho namorado" digo-lhe aborrecida com o jogo sem nem sequer te começado.

"Por favor. Eu não sou idiota" Ela franze o cenho. "Eu ainda não me esqueci do grande debate com o suéter. Além do mais, eu mal posso esperar para conhecê-lo, ou eu suponho que deveria dizer vê-lo, tendo em conta que você nunca vai me apresentar. O que é muito mal educado se você pensar nisso. Quero dizer, que ele não possa me ver, não significa que –"

"Deus! Ele não está convidado Ok?" eu grito, sem dar-me conta até tarde demais que eu caí em sua armadilha.

"Há!" Ela me olha, com os olhos enormes, suas sobrancelhas arqueadas e seus lábios curvando-se com regozijo. "Eu sabia!" Ela ri, soltando as luzes de fada e saltando da emoção, dando voltas, me empurrando e me apontando "Eu sabia! Eu sabia! Eu sabia! Eu sabia!" ela canta, empurrando seu punho ao ar "Há! Eu sabia! – e da voltas.

Eu fecho meus olhos e suspiro, repreendendo a mim mesma por cair em sua estúpida armadilha. "Você não sabe de nada." A olho e sacudo minha cabeça. "Ele nunca foi meu namorado, Ok? Ele – ele era simplesmente um garoto novo, que no princípio eu pensei que era lindo, mas logo, quando me dei conta do mulherengo que ele é, bem, digamos que eu já passei dele. De fato, já nem acho que seja tão lindo. Sério, durou como dez segundos, mas só porque eu não o conhecia muito bem. E também não fui a única que caiu em seu jogo, porque Miles e Haven estavam praticamente lutando por ele. Então porque melhor você não para de estar dando socos no ar e movendo os quadris e começar a trabalhar, certo?"

No momento que paro, sei que soei demais na defensiva para que ela acredite em mim. Mas agora que eu disse, não posso retirar o dito, então simplesmente tento ignorá-la enquanto ela dá voltas ao redor do cômodo cantando "Yep! Yeah, eu sabia!"

Para a noite de Halloween a casa parece incrível. Riley e eu pregamos teias de aranha em todas as janelas e cantos, e colocamos no meio delas umas viúvas negras* enormes.

Penduramos no teto morcegos de plástico, espalhamos por todos os lados sangue e pedaços (falsos) de corpo humano e pusemos uma bola de cristal próximo de um corvo elétrico cujo os olhos se movem e dizem "Você irá se arrepender! Quak! Vai se lamentar!" Vestimos os zumbis com trapos ensangüentados e os colocamos em onde menos você esperaria. Colocamos na entrada caldeirões de bruxas fervendo (na verdade só é água e gelo seco) e haviam por todas

as partes esqueletos, múmias, gatos pretos, ratos (todos falsos, mas igualmente espantosos), gárgulas, caixões, velas pretas e caveiras. Até decoramos o pátio traseiro com lâmpadas de abóboras, globos decorativos para a piscina e luzes tilintantes com formas de fadas. E quase me esqueço, também colocamos um Grim Reaper** de tamanho natural na grama da frente.

*espécie de aranha

** <http://www.priorycampus.co.uk/dreamweaver/danieltaylor/pics/the%20grim%20reaper.jpg>

“Como estou?” Riley pergunta, olhando seu sutiã púrpura em forma de concha e seu cabelo loiro enquanto faz ranges sua calda de sereia verde, metálica e brilhosa.

“Como seu personagem favorito da Disney” eu digo, enchendo minha cara de pó até se ver muito pálida, tentando encontrar uma forma de me desfazer dela para poder colocar meu disfarce e talvez surpreendê-la pela primeira vez.

“Vou considerar isso como um elogio” Ela sorri.

“Sim” Escovo meu cabelo para trás e o prendo para colocar a enorme e altíssima peruca loira que irei usar.

“E de quem você vai se disfarçar?” ela me olha. “Digo, você poderia me dizer de uma vez? O suspense está me matando!” Ela se agarra o estômago, enquanto ri, se mexendo para trás e para frente, até quase cair da cama. Ela adora fazer brincadeiras fingindo que está morrendo. Ela acha que é engraçado, mas para mim elas me estremecem.

Ignorando a brincadeira, me viro para ela e digo. “Me faz um favor? Vá lá embaixo, olhe o disfarce de Sabine e me deixe saber se ela tenta colocar aquele nariz enorme de plástico com a verruga peluda na ponta. Eu disse a ela que era um grande disfarce de bruxa, mas ela precisa se desfazer do nariz. Os caras não gostam dessas coisas.”

“Ela tem um cara?” Riley pergunta claramente surpreendida.

“Não se ela colocar aquele nariz” Eu digo vendo como ela sai da cama e atravessa o cômodo, a cauda de sereia cansando atrás dela. “Mas não faça nenhum barulho e não faça nada para assustá-la, Ok?” Acrescento me estremecendo, enquanto ela atravessa a porta do meu armário, sem se importar em abri-la. Quero dizer, só porque eu tenha visto isso milhões de vezes, não significa que eu esteja acostumada a isso.

Me dirijo ao armário e abro a sacola que tenho escondida na parte de trás, tirando o lindo vestido preto com o decote baixo em forma de V, as mangas $\frac{3}{4}$ e o corpo super apertado com a barra solta, igual ao que Kirsten Dust usa no baile de máscaras no filme Maria Antonieta. Depois de lutar contra o zíper nas costas, coloco minha peruca loira platinada (porque, ainda que eu seja loira, jamais poderia pentear meu cabelo tão alto), passo um pouco de batom vermelho, aplico sombra preta em meus olhos e coloco uns longos brincos de imitação de diamante. Quando meu disfarce está completo, paro em frente ao meu espelho girando e sorrindo, enquanto meu brilhante vestido preto se mexe e eu estou super emocionada do quão bom foi o resultado.

No segundo que Riley reaparece, ela sacode a cabeça e diz “Tudo limpo – finalmente. Quero dizer, primeiro ela colocou o nariz, depois o tirou, em seguida voltou a colocá-lo e se virou para se ver de perfil e logo voltou a tirá-lo. Eu te juro que me custou muito esforço em me conter e não arrancá-lo da cara dela e atirá-lo pela janela.”

Eu me paralisei, segurando a respiração, esperando que ela não houvesse feito nada parecido, porque nunca se sabe com Riley.

Ela apareceu na cadeira de minha escrivania e começa a usar a ponta de sua verde e

brilhosa cauda para se empurrar e dar voltas. “Relaxa” ela me disse “A última coisa que vi foi que ela o deixou no banheiro, próximo do lavatório. Depois um garoto chamou pedindo direções e ela continuou e continuou contando o grande trabalho que você fez com as decorações e como era quase impossível acreditar que você tinha feito tudo sozinha e bla bla bla.” Ela sacode a cabeça e franze o cenho. “Você deve amar isso, não é? Levar todo o crédito por nosso trabalho. Ela para de dar voltas e me dá um longo e avaliador olhar.

“Então, Maria Antonieta.” Ela disse finalmente, seus olhos viajando pelo meu disfarce. “Eu nunca teria adivinhado. Quero dizer, você não gosta tanto dos bolos”.

Eu reviro meus olhos. “Para a sua informação, ela nunca disse isso dos bolos. Foi somente um rumor maldoso sensacionalista, de modo que você não vai acreditar.” Eu lhe disse, sem poder parar de me olhar no espelho para verificar minha maquiagem e arrumar minha peruca, desejando que tudo se mantenha em seu lugar. Mas quando vejo o reflexo de Riley, algo na maneira em que ela aparenta faz eu me deter e me mover para ela. “Hey, você está bem?” Ela fecha os olhos e morde o lábio. Em seguida sacode a cabeça e diz. “Jesus, olhe para nós! Você está vestida como uma trágica rainha adolescente e eu faria o qualquer coisa para ser uma adolescente.” Eu tento tocá-la, mas minhas mãos caem desajeitas em meus lados. Acho que estou tão acostumada e tê-la comigo que às vezes eu esqueço que ela na verdade não está aqui, que ela não é parte deste mundo e que ela nunca crescerá, nunca terá a oportunidade de ter 13 anos. Em seguida me recorde de que tudo é culpa minha e me sinto mil vezes pior. “Riley, eu...”

Mas ela só sacode a cabeça e acena em torno de sua causa. “Não se preocupe” Ela sorri, flutuando sobre a cadeira. “É hora de receber os convidados!”

Havem veio com Evangeline, sua amiga co-dependente doadora, quem, grande surpresa, está vestida também como vampira, e Miles trouxe Eric, um garoto que ele conhece de sua aula de atuação que parece ser bastante lindo por trás dessa máscara de Zorro e a capa.

“Não posso acreditar que você não convidou Damien” Haven disse, sacudindo a cabeça e passando direto o olá. Ela tem estado aborrecida comigo a semana toda, desde ela soube que ele não havia entrado na lista de convidados.

Eu reviro meus olhos e respiro profundamente, cansada de defender o óbvio, de ter que colocar em claro que foi ele quem nos abandonou, se tornando integrante não só da mesa de Stacia, mas também de sua escrivaninha. Obtendo idiotices de todos os tipos de lugares, e como o seu projeto de arte, a Mulher de Cabelo Amarelo, está suspeitosamente começando a se parecer com ela.

Quero dizer, me desculpe por não querer pensar demais no fato de que, exceto as tulipas vermelhas, a nota misteriosa e o íntimo olhar que compartilhamos uma vez, ele não tem falado comigo quase duas semanas.

“Ele não ia vir de qualquer forma” eu digo finalmente, esperando que ela não note Omo minha voz soa tão ferida pela traição. “Eu tenho certeza que ele está em algum lugar com Stacia, ou a ruiva, ou –” sacudo minha cabeça, me recusando a continuar.

“Espere, ruiva? Há uma ruiva também?” Ela me olha com os olhos semicerrados.

Eu dou de ombro porque a verdade é que ele pode estar com qualquer uma. Tudo o que eu sei é que ele não está aqui comigo.

“Você deveria vê-lo.” Ela se vira para Evangeline. “Ele é incrível. Lindíssimo com uma estrela de cinema, sexy como uma estrela de rock, ele até mesmo faz ilusões.” Ela suspira.

Evangeline levanta suas sobrancelhas. "Soa como se ele fosse uma ilusão. Ninguém é assim tão perfeito."

"Damien é. É uma pena que possa vê-lo você mesma." Haven outra vez me olha com o cenho franzido, seus dedos brincando com a gargantilha de veludo preto que ela usa em seu pescoço. "Mas se você chegar a vê-lo, não esqueça de que ele é meu. Eu disse isso muito antes de te conhecer."

Eu olho para Evangeline, reparando em sua escura e tenebrosa aura, meia arrastão, o minúsculo short preto e uma camiseta de malha, sabendo que ela não tem nenhuma intenção de manter uma promessa assim.

"Você sabe eu poderia te emprestar algumas presas e sangue falso para o seu pescoço e você poderia ser uma vampira também" Haven me oferece me olhando, sua mente indo para frente e para trás, querendo ser minha amiga, convencida de que eu sou sua inimiga.

Mas eu nego com a cabeça e as levo para o outro lado do salão, desejando que ela cisme com outra coisa e se esqueça rápido de Damien.

Sabine está falando com seus amigos, Haven e Evangeline estão colocando álcool em suas bebidas, Miles e Eric estão dançando, enquanto Riley brinca com a cauda do chicote de Eric, movendo a ponta para cima e para baixo, para frente e para trás, em seguida olhando ao redor para ver se alguém nota. E quando estou a ponto de dar o sinal, o que significa que mais vale que ela pare de fazer isso se quer continuar aqui, a campainha toca e ambas corremos apostando para ver quem chega primeiro a porta.

Eu chego primeira e quando abro a porta esqueço-me de saborear minha vitória, porque Damien está ali com flores em uma mão e um chapéu com bordas douradas na outra. Seu cabelo está preso em um rabo-de-cavalo baixo, sua habitual roupa preta lustrosa substituída por uma camisa branca de babados, um casaco com botões dourados e o que pode ser descrito como calça de montaria*, meio apertada e sapatos pretos pontiagudos. E enquanto penso em que Miles estará completamente invejoso desse disfarce, me dou conta de que ele está disfarçado e meu coração pula dois batimentos.

*

<http://www.fgstud.co.uk/USERIMAGE/carl%20in%20men%27s%20Miami%20white%20breeches.JPG>.

"Conde Fersen" eu resmungo, quase não podendo pronunciar as palavras. "Maria." Ele sorri, oferecendo uma galante reverência.

"Mas era um segredo... você não estava convidado" Eu sussurro, olhando para além de seus ombros, procurando Stacia, a ruiva, ou qualquer uma, sabendo que é impossível que ele esteja aqui somente por mim.

Mas ele só sorri e me dá as flores. "Então deve ser uma afortunada coincidência."

Eu engulo com dificuldade e giro sobre meus calcanhares, conduzindo-o pela entrada, passando pelo hall e pela sala de jantar, minhas bochechas corando enquanto meu coração bate tão forte e tão rápido que poderia romper meu peito. Me perguntando como isso poderia eventualmente ter acontecido, procurando por uma explicação lógica para Damien ter aparecido em minha festa vestido como minha perfeita outra metade.

"Oh meu deus, Damien está aqui" Haven grita, seus braços acenando freneticamente, seu rosto todo iluminado, pelo menos o que uma cara cheia de pó, com presas e sangue falso poderia se iluminar. Mas no momento que vê seu disfarce, percebendo que ele está vestido

como Conde Axel Fersen, o não tão secreto amante de Maria Antonieta, seu rosto todo escurece e seus olhos me olham acusadoramente.

"Então, quando você dois planejaram isso?" Ela pergunta, se aproximando de nós, tentando soar casual, neutra, mas mais para o benefício de Damen do que para o meu.

"Nós não o fizemos" eu digo, esperando que ela acredite em mim mesmo sabendo que ela não o fará. Quero dizer, é uma coincidência muito estranha, eu mesma estou começando a duvidar, me perguntando se de alguma forma eu o deixei saber, mesmo sabendo que eu não fiz.

"Foi por pura casualidade" Damen disse, colocando o seu braço ao redor da minha cintura e embora ele só o deixe ali por um breve momento, é o suficiente para causar um formigamento por todo o meu corpo.

"Você tem que ser Damien." Evangeline disse, rebolando para o lado dele, seus dedos brincando com os babados de sua camisa. "Pensava que Haven estava exagerando, embora aparentemente não!" Ela ri. "E de quem você está disfarçado?"

"Conde Fersen" Haven diz com a voz dura e quebradiça, me olhando com os olhos estreitos.

"Quem quer que seja." Evangeline dá de ombros, robando o chapéu dele, colocando-o e sorrindo sedutoramente sob a aba do chapéu antes de pegar sua mão e levá-lo para outro lugar.

No momento que eles foram, Haven me olha e diz: "Eu não posso acreditar!" seu rosto está irritado, mas isso não é nada comparado com os horríveis pensamentos turbulentos em sua cabeça. "Você sabe o quanto eu gosto dele. Eu confiei em você!"

"Haven, eu juro, não foi planejado. É só uma estranha coincidência. Eu nem sequer sei o que ele está fazendo aqui e você sabe que eu não o convidei" Ihe digo querendo convencê-la, mesmo que eu sei que é inútil, porque ela já se convenceu do contrario. "E eu não sei se você notou, mas sua boa amiga Evangeline está praticamente montando na perna dele lá."

Haven olha através do cômodo, e em seguida vira as costas para mim, dando de ombros quando me diz: "Ela fez isso com todo mundo, ela dificilmente representa uma ameaça, ao contrário de você."

Eu suspiro profundamente, lutando para manter a paciência e tentando não rir enquanto Riley para ao lado dela, imitando cada palavra e movimento, zombando de uma maneira definitivamente engraçada ainda que não muito amável. "Escute" digo finalmente. "Eu não gosto dele! Quero dizer, como eu posso te convencer disso? Só me diga e eu farei!"

Ela sacode a cabeça e parece distante, seus ombros se afundando, seus pensamentos se tornando escuros, redirecionando toda essa ira para ela "Não." Ela suspira, piscando rapidamente para evitar as lágrimas. "Não diga nem mais uma palavra. Se você gosta dele, então é assim como são as coisas e não há nada que eu possa fazer. Quero dizer, não é sua culpa que você seja tão inteligente e bonita e os caras sempre vão preferir você que a mim. Especialmente uma vez que te vejam sem seu capuz." Ela tenta rir, mas não consegue.

"Você está fazendo todo um drama por nada" Eu digo desejando convencê-la e desejando convencer a mim mesma. "A única coisa que Damen e eu temos em comum é nosso gosto em filmes e disfarces. Isso é tudo, eu juro" E quando eu sorrio, espero que se veja mais real do que se sente.

Ela olha através da sala para Evangeline, quem pegou o chicote do Zorro e está fazendo uma demonstração de como utilizá-lo corretamente e em seguida me olha e diz. "Só me faça um

favor.” Eu assinto com a cabeça, disposta a fazer o que quer que seja para terminar com tudo isso. “Pare de mentir. Você é uma droga mentindo”

Eu a olho enquanto se afasta, sem seguida olho para Riley, que está pulando para cima e para baixo e gritando. “Oh meu deus, esta tem que ser a sua melhor festa de sempre! Drama! Intriga! Ciúmes! E uma quase-briga! Estou tão feliz de não ter perdido isto!”

Estou a ponto de dizer a ela que cale a boca quando me lembro que sou a única que pode escutá-la e se veria um pouco estranho que eu faça isso. E quando a campainha soa novamente, apesar da cauda de peixe atrás dela, desta vez é Riley quem ganha.

“Oh meu” diz a mulher parada no alpendre olhando entre Riley e eu.

“Posso ajudá-la?” Eu pergunto, notando que ela não está disfarçada, ao menos que a roupa casual californiana conte como disfarce.

Ela me olha, seus olhos marrons encontrando os meus quando ela diz. “Desculpe, estou atrasada, o tráfego foi uma prova, bem já sabe – ela cumprimenta Riley assentindo com a cabeça, como se realmente pudesse vê-la.

“Você é amiga de Sabine?” Eu pergunto, pensando que talvez seja um tique nervoso que faz com que seus olhos continuem olhando aonde Riley está parada, porque ainda que ela tenha uma agradável aura cor púrpura, por alguma razão eu não posso ler seus pensamentos.

“Sou Ava. Sabine me contratou.”

“Você é uma das encarregadas da comida?” Eu pergunto, me perguntando porque ela está usando um top preto expondo um ombro, jeans Skinny* e sapatilhas de sola baixa, no lugar de uma camisa branca e calças pretas como o resto da equipe.

* http://elizabethlaney.files.wordpress.com/2008/05/skinny_jeans_1.jpg

Mas ela só ri e cumprimenta Riley com a mão, que está escondida atrás da minha saia, como costumava fazer com mamãe quando se sentia envergonhada. “Eu sou a psíquica.” Ela diz, afastando seu longo e castanho cabelo de seu rosto e se ajoelando junto a Riley. “E vejo que tem uma amiguinha aqui com você”.

DOZE

Aparentemente Ava, a Psíquica se supunha que era uma surpresa divertida para todos. Mas acreditem, ninguém estava mais surpreendido do que eu. Quer dizer, como eu deixei essa passar? Estava tão envolvida em meu próprio mundo, que me esqueci de prestar atenção em Sabine?

Tampouco poderia dispensá-la, por mais vontade que eu tivesse de fazer, mas antes que eu pudesse ao menos raciocinar com a revelação que tive de saber que ela podia ver Riley, Sabine já estava na porta convidando-a para entrar.

– “Que bom que conseguiu vir e vejo que já conheceu minha sobrinha” – disse ela, levando-a para a sala de estar, onde havia uma mesa preparada para ela.

Eu me mantenho parada, perguntando-me se Ava a Psíquica tentará mencionar minha irmã morta. Mas logo Sabine me pede para trazer uma bebida para Ava e quando volto, ela está fazendo uma leitura.

– “Deveria aproveitar antes que a fila fique maior” – Sabine me diz, seu ombro pressionado contra o de Frankenstein, que, com ou sem máscara, não é o rapaz bonito que trabalha no seu prédio e nem é o bem sucedido banqueiro investidor que finge ser. Na verdade ainda vive com a sua mãe.

Mas não quero dizer nada disso a ela, e acabar com seu bom humor, sendo assim eu só balanço a cabeça e digo: – “Talvez mais tarde” –.

É bom ver Sabine bem por algum tempo, é bom saber que tem um grupo de amigos e pelo que eu posso ver, um interesse renovado em sair com rapazes. Embora seja divertido ver a Riley dançando com essas pessoas sem ter a menor idéia e escutar conversas que certamente não deveria escutar, preciso de um descanso de todos os pensamentos aleatórios, auras vibrantes, vendaval de energias, e mais do que tudo, Damen.

Tenho tratado de manter-me distante, agir normalmente, e ignorá-lo quando eu o vejo na escola, mas vê-lo esta noite, vestido com o que é claramente a outra metade de um disfarce de pares... Bem não sei o que pensar. Então, da última vez que vi, ele estava com a Ruiva, Stacia, e qualquer uma menos eu.

Encantando-as com o seu charme, boa aparência, carisma e inexplicáveis truques de mágica. Enterro meu nariz entre as flores que ele me trouxe, vinte e quatro tulipas, todas vermelhas, mesmo as tulipas não sendo famosas pelo seu aroma, de alguma maneira são intoxicantes, doce e intoxicante. Eu inalo profundamente me perdendo na fragrância do ramalhete e admitindo secretamente que ele gosta de mim. Não posso evitar. Simplesmente é assim. E não há nada que faça menos certo, não importa quanto me esforce em fingir o contrário.

Antes de Damen chegar, eu estava resignada a um destino solitário. Não que eu estivesse com a idéia de nunca mais ter outro namorado, ou nunca mais me aproximar de outra pessoa, mais como eu poderia sair com alguém quando o toque pode ser tão dominante? Como posso estar em um relacionamento em que sempre sei o que meu companheiro está pensando? Nunca teria a oportunidade de obcecar-me, distinguir e adivinhar o significado oculto de tudo o que ele me dissesse.

Embora provavelmente pareça legal ler mentes, energias e auras, mas acredite, não é. Eu daria tudo para ter de volta minha antiga vida, para ser normal e sem idéia, como qualquer outra

garota. Porque às vezes, até seus melhores amigos, podem pensar coisas muito desagradáveis e não ter nenhum botão para desligar requer muita capacidade de perdoar.

Mas isso é o que é ótimo com o Damen. Ele é como um botão de desligar. Ele é o único que não consigo ler, o único que pode silenciar o som dos outros e mesmo que me faça sentir quente e maravilhosa e tão próxima do normal que algum dia fui, não posso evitar de pensar que não há nada de normal nele.

Sento-me em uma das cadeiras e ajeito minha saia no meu colo, vendo os balões aquáticos mudando de cor e deslizando pela piscina, e estou tão perdida em meus pensamentos e na incrível vista diante de mim, que a princípio não noto quando Damen aparece.

– “Oi” – ele sorri.

E quando o vejo, todo o meu corpo se aquece.

– “É uma boa festa. Estou feliz de ter vindo sem ser convidado.” – Ele se senta ao meu lado enquanto eu aguardo, consciente de que ele brincando, mas muito nervosa para responder. – “Está uma boa Maria,” – ele diz, seus dedos tocando a longa pluma negra que coloquei em minha peruca de última hora.

Eu pressiono meus lábios, sentindo-me ansiosa, nervosa e tentada a fugir. Então eu respiro profundamente e relaxo um pouco. Permitindo-me viver um pouco, nem que seja por uma noite. – “E você é um bom Conde Fersen,” – digo finalmente.

– “Por favor me chame de Axel” – ele ri.

– “Te cobraram um extra pelo furo de traça?” – lhe pergunto, apontando para a parte gasta perto de seu ombro, determinada a não mencionar que sua roupa cheirava a mofo.

Ele me olha, seus olhos fixos nos meus quando me diz, – “Isso não é um furo de traça. Isso é o resultado de um fogo de artilharia, uma quase-perda, como dizem.” –.

– “Bom, se me lembro bem, nesta cena em particular você estava perseguindo uma garota e cabelo preto.” – eu o encaro, recordando os tempos em que era fácil flertar, tentando despertar a garota que eu era.

– “Reescreveram na última hora.” – Ele sorri. – “Não recebeu o novo script?” –

Eu o chuto e com meu pé e sorrio, pensando em como é bom finalmente deixar acontecer, agir como uma garota normal, me apaixonando como qualquer outra garota.

– “E nessa versão só existe eu e você, Maria, e mantém a sua linda cabeça.” – ele levanta seu dedo, e com a ponta do indicador desliza por toda a largura do meu pescoço, deixando um delicioso rastro quente pousando em baixo da minha orelha.

– “Por que não esta na fila da leitura?” – Ele sussurra, seus dedos passeando pela minha mandíbula, minha bochecha, traçando a curva de minha orelha, enquanto seus lábios estão tão próximos que nossa respiração se misturam.

Eu encolho os ombros e pressiono meus lábios, desejando que ele se cale e me beije de uma vez.

– “É uma cética?” –

– “Não. Eu só... eu não sei.” – respondo tão frustrada que quero gritar.

“Por que insiste em conversar? Será que não percebe que esta pode ser minha última experiência como uma garota normal? Que eu posso nunca mais ter uma oportunidade como essa?”

– “Por que você não esta na fila?” – lhe pergunto, e assim tratando de esconder minha frustração.

– “É uma perda de tempo.” – Ele ri. – “Não é possível ler mentes ou prever o futuro. Não é verdade?” –

Eu desvio o olhar e olho para a piscina, não só mudando para cor-de-rosa, mas formando um coração.

– “Está contrariada?” – Ele pergunta, seus dedos em meu queixo, virando meu rosto para encará-lo.

E isso é outra coisa. Às vezes ele usa a linguagem de um surfista californiano, igual a todo mundo aqui, e outras vezes parece ter saído das páginas do livro O Alto dos Vendavais. – “Não. Não estou contrariada,” – eu lhe digo sorrindo.

– “O que é tão engraçado” – Ele pergunta, deslizando seus dedos sob minha franja procurando minha cicatriz em minha testa me fazendo recuar. – “Como você conseguiu isso?” – sua mão de volta para o lado dele, olhando para mim com tanto carinho e sinceridade que eu estou a ponto de lhe contar a verdade.

Mas eu não faço isso, porque esta noite do ano eu tenho que ser outra pessoa. Onde eu posso fingir que não sou responsável pelo fim de todos que eu queria. Esta noite eu posso flertar e jogar, e tomar decisões imprudentes que eu provavelmente irei me arrepender por toda a vida. Porque esta noite não sou Ever, sou Maria e ele é o Conde Fersen, ele vai se calar e irá me beijar de uma vez.

– “Não quero falar disso” – lhe digo, quando eu vejo que os balões na piscina agora são vermelhos e estão formando uma tulipa.

– “Do que quer falar” – ele sussurra, me olhando com aqueles olhos duas lagoas infinitas me atraindo para dentro.

– “Não quero falar” – sussurro, prendendo a respiração enquanto os lábios dele pressionam os meus.

TREZE

Se eu pensava que a voz dele era incrível com o jeito que ela me envolvia em silêncio, se eu achava que o toque dele era incrível na forma em que acordava minha pele, bem, o jeito que ele beijava era de outomundo. E embora eu não seja expert, tendo apenas beijado alguns algumas antes, eu ainda estou disposta a apostar que um beijo assim, um beijo tão completo e transcendente, é uma coisa única na vida.

E quando ele se afasta e olha para meus olhos, eu fecho os meus de novo, agarro sua lapela, e o trago de volta para mim.

Até que Haven diz, "Jeez, estive procurando por você. Eu deveria saber que você estaria escondida aqui."

Eu me afasto, horrorizada por ter sido paga no ato, não muito tempo depois de jurar que eu nem gosto dele.

"Nós só estávamos –"

Ela ergue sua mão e me para. "Por favor. Me poupe dos detalhes. Eu só queria que você soubesse que Evangeline e eu estamos indo embora."

"Já?" eu pergunto, me perguntando quanto tempo eu estive ali.

"Yeah, minha amiga Drina passou aqui, ela vai nos levar para outra festa. Vocês são bem vindos para vir junto também – embora pareçam estar ocupados." Ela faz uma careta.

"Drina?" Damen diz, levantando tão rápido que todo corpo dele é um borrão.

"Você a conhece?" Haven pergunta, mas Damen já saiu, se movendo tão rápido que lutamos para o seguir.

Eu corro atrás de Haven, ansiosa por alcançar, desesperada para explicar, mas quando chegamos na porta francesa e eu agarro ela pelo ombro eu sou preenchida por tanta escuridão, uma raiva tão sobrepujante e desespero, que as palavras se congelam na minha língua.

Então ela se afasta e olha por cima do ombro, dizendo, "eu disse a você que você mente mal," antes de continuar a andar.

Eu dou um profundo suspiro e sigo atrás, passando pela cozinha, o esconderijo, passando pela porta, meus olhos fixos na nuca de Dman, notando o quão rápido e seguro ele se move, como se ele soubesse exatamente onde encontrá-la. E quando eu finalmente entro na saleta, eu congelo quando os vejo juntos – ele em seu esplendor do século 18 – e ela vestida como Maria Antonieta, tão rica, tão amável, tão delicada, que ela me coloca no chinelo.

"E você deve ser..." Ela ergue seu queixo enquanto seus olhos param nos meus, duas brilhantes faíscas de um profundo verde esmeralda.

"Ever," eu murmuro, absorvendo a peruca loira pálido, a pele cremosa e sem falhas, e sua linda voz, observando os perfeitos lábios rosa que mostram dentes tão brancos que eles nem parecem reais.

Eu viro para Damen, esperando que ele possa explicar, dar alguma explicação lógica para como a ruiva do St. Regis acabou na minha saleta. Mas ele está muito ocupado olhando para ela, para notar minha existência.

"O que você está fazendo aqui?" ele pergunta, a voz dele quase um sussurro.

"Haven me convidou." Ela sorri.

E enquanto eu olho dela para ele, meu corpo se enche com um frio temor. "Como vocês se conhecem?" eu pergunto, notando como todo comportamento de Damen mudou, de repente se tornando frio, gelado, e distante – uma nuvem negra onde o sol costumava estar.

"Eu a conheci no Noturno," Drina diz, olhando diretamente para mim.

"Estamos indo lá agora. Eu espero que você não se importe que eu a roube imediatamente?" Eu estreito os meus olhos, ignorando o aperto no meu coração, a dor no estômago, enquanto eu luto para conseguir alguma leitura. Mas os pensamentos dela estão inacessíveis, selados completamente, e a aura dela é inexistente.

"Oh, como sou boba, você estava se referindo a Damen e eu, não estava?" Ela ri, os olhos dela viajando devagar por minha fantasia, até voltarem a encontrar os meus. E quando eu não respondo ela acena e diz, "Nos conhecemos no Novo México."

Só que, quando ela diz, "Novo México," Damen diz, "New Orleans." Fazendo Drina rir de um jeito que nunca alcançou os olhos dela.

"Vamos apenas dizer que nos conhecemos a um bom tempo." Ela acena, estendendo sua mão até minha manga, os dedos dela passando pela ponta, antes de deslizarem até meu pulso.

"Lindo vestido," ela diz, me segurando com força. "Você mesma fez?"

Eu me solto, menos pelo choque de ter sido gozada e mais pelos dedos frios dela, o arranhão das unhas afiadas dela congelando minha pele e enviando gelo pelas minhas veias.

"Ela não é legal?" Haven diz, olhando para Drina com um temor que ela normalmente reserva para vampiros, roqueiros góticos, e Damen. Enquanto Evangeline fica parada ao lado dela, virando os olhos e olhando o relógio.

"Nós realmente precisamos ir se vamos chegar no Noturno até a meia noite," Evangeline diz.

"Você é bem vinda a se juntar a nós." Drina sorri. "Limusine totalmente estocada."

E quando eu olho para Haven, eu posso ouvir ela pensando: diga não, diga não, por favor diga não!

Drina olha entre Damen e eu, "O motorista está esperando," ela canta.

Eu viro para ele, meu coração desmoronando quando vejo o quão conflitado ele está. Então eu limpo minha garganta e me forço a dizer, "Você pode ir se quiser. Mas eu preciso ir. Eu não posso sair da minha própria festa." Então eu rio, tentando soar leve e calma, quando a verdade é que, eu mal consigo respirar.

Drina olha para nós, sobranceiras arqueadas, rosto ansioso, traindo só um breve brilho de choque quando Damen balança a cabeça e pega minha mão ao invés da dela.

"Tão maravilhoso encontrar você Ever," Drina diz, pausando antes de subir na Limo. "Embora tenha certeza que vamos nos ver de novo."

Eu observo enquanto eles vão da entrada da garagem até a rua, então eu viro para Damen e digo, "Então, quem eu devo esperar em seguida, Stacia, Honor, e Craig?"

E no segundo que eu falo, eu me arrependo por ter dito, por revelar o quão patética, ciumenta e pequena eu sou. Não é como se eu não soubesse mais. Então eu não deveria me sentir tão surpresa.

Damen é um jogador. Puro e simples.

Hoje a noite só aconteceu de ser minha vez.

"Ever," ele diz, passando seu polegar pela minha bochecha.

Quando eu começo a me afastar, indisposta a ouvir a desculpa dele, ele olha para mim e

sussurra, "Eu provavelmente deveria ir também."

Eu busco nos olhos dele, minha mente aceitando a verdade que meu coração se recusa, sabendo que há mais no que ele diz, palavras que ele falhou em incluir – eu deveria ir – para poder alcançar ela.

"Ok, bem obrigado por vir." Eu finalmente digo, soando menos como uma possível namorada e mais como uma garçonete depois de um turno particularmente longo.

Mas ele só sorri, remove as penas da minha peruca, e a guia pelo meu pescoço, batendo sua ponta no meu nariz enquanto ele diz, "souvenir?"

E eu mal tive a chance de responder antes dele ir para seu carro e se ir embora.

Eu afundo nas escadas, minha cabeça nas minhas mãos, a peruca se apertando, desejando poder desaparecer, voltar no tempo, e recomeçar. Sabendo que eu nunca deveria ter permitido que ele me beijasse, nunca deveria ter convidado ele a –

"Aí está você!" Sabine diz, pegando meu braço e me levantando. "Estive te procurando. Ava concordou em ficar só para te fazer uma leitura."

"Mas eu não quero uma leitura," eu digo a ela, sem querer ofender, mas sem querer passar por isso também. Eu só quero ir para o meu quarto, me livrar da peruca, e cair num longo sono sem sonhos.

Mas Sabine esteve bebendo o poncho da festa, o que significa que ela está muito alegre para ouvir. Então ela agarra minha mão e me leva até a onde Ava está esperando.

"Olá, Ever." Ava sorri enquanto afundo no assento, agarro a mesa, e espero pela energia inebriante de Sabine sumir.

"Leve todo tempo que precisar." Ela sorri.

Eu olho para as cartas de tarô colocadas diante de mim. "Um, nada pessoal, mas eu não quero uma leitura," eu digo, encontrando os olhos dela antes de desviar meu olhar.

"Então não vou fazer uma leitura." Ela dá nos ombros, juntando as cartas e começando a fazer uma confusão. "O que você diz de só irmos levando para fazer sua tia feliz? Ela se preocupa com você. Se pergunta se está fazendo a coisa certa – dando liberdade o bastante, dando muita liberdade." Ela olha para mim. "O que você acha?"

Eu dou nos ombros e viro os olhos. Isso dificilmente se qualifica como uma revelação.

"Ela vai se casar, sabe."

Eu olho para cima, encaro, meus olhos encontrando os dela.

"Mas não hoje." Ela ri. "Nem amanhã. Então não se preocupe."

"Porque eu me preocuparia?" Eu mudo minha posição no assento, observando enquanto ela corta o deque no antes de espalhar as cartas numa lua crescente. "Eu quero que Sabine seja feliz, e se for isso que é necessário – "

"Verdade. Mas você já experimentou tantas experiências esse ano passado, não foi? Mudanças as quais ainda está tentando se ajustar. Não é fácil, é?" Ela olha para mim.

Mas eu não respondo. E porque eu deveria? Ela ainda está pra dizer qualquer coisa remotamente revelador ou importante. A vida está cheia de mudanças, grande coisa. Eu quero dizer, não é esse o ponto? Crescer, e mudar, e seguir em frente? Além do mais, não é como se Sabine seja um enigma. Não é como se ela fosse muito complexa, ou difícil de se entender.

"Então como está lidando com seu dom?" Ava pergunta, virando algumas cartas, enquanto deixa outras de cabeça para baixo.

"Meu o que?" Eu olho para ela, me perguntando onde ela pode estar indo com isso.

“Seu dom psíquico.” Ela sorri, acenando como se fosse um fato.

“Eu não sei do que você está falando.” Eu pressiono meus lábios juntos e olho ao redor da sala, vendo Miles e Eric dançar com Sabina como sua parceira, e perto deles, Riley.

“É difícil no início.” Ela acena. “Acredite em mim, eu sei. Eu fui a primeira a saber sobre a morte da minha avó. Ela veio direto para o meu quarto, parou na beirada da minha cama, e acenou dando adeus. Eu só tinha quatro anos, então você pode imaginar como meus pais reagiram quando eu corri para a cozinha para dizer a eles.” Ela balança a cabeça e ri. “Mas você entende, porque você também os vê, certo?”

Eu encaro as cartas, minhas mãos apertadas juntas, sem dizer uma palavra.

“Pode ser tão sobrepujante, tão isolador. Mas não precisa ser. Você não tem que se esconder sob um capuz, matando seus tímpanos com música que você nem gosta. Tem formas de lidar com isso, e eu ficaria feliz em te mostrar porque, Ever, você não tem que viver assim.”

Eu agarro a ponta da mesa e me levanto, minhas pernas tremendo, inseguras, meu estomago instável. Essa senhora é louca se ela acha que o que eu tenho é um dom. Porque eu sei melhor que isso. Eu sei que é só mais um punimento por tudo que eu fiz, tudo que eu causei. É meu próprio fardo, e eu só tenho que lidar com ele. “Eu não faço ideia do que você está falando,” eu finalmente digo.

Mas ela só acena, e desliza seu cartão em minha direção. “Quando estiver pronta, você pode falar comigo aqui.”

Eu pego o cartão, mas só porque Sabine está observando do outro lado da sala e eu não quero parecer rude. Então eu o dobro na palma da minha mão, o aperto na minha mão, fazendo uma bola, enquanto pergunto, “Terminamos?” ansiosa para me afastar.

“Só mais uma coisa.” Ela desliza o deque em estojo de couro marrom. “Estou preocupada com sua irmã. Eu acho que é hora dela seguir em frente, não acha?”

Eu olho para ela, sentada ali tão convencida e se sábia, julgando minha vida quando ela nem me conhece. “Para sua informação Riley seguiu em frente! Ela está morta!” eu sussurro, derrubando seu cartão amassado na mesa, sem me importar com quem irá ver.

Mas ela apenas sorri e diz, “eu acho que você sabe o que eu quis dizer.”

QUATORZE

Essa noite, algum tempo depois que a festa terminou e todos os convidados já tinham saído, estava deitada em minha cama pensando em Ava, pensando no que ela me disse sobre Riley e de como eu era a culpada. Eu sempre pensei que Riley não tinha assuntos pendentes, que não havia nada prendendo ela aqui, e que me visitava porque ela assim queria, porque eu nunca lhe pedi que viesse. Era simplesmente algo que ela decidiu sozinha, e acredito que o tempo que não está comigo, ela passa em algum lugar no céu. E mesmo que eu saiba que Ava só está querendo ajudar, oferecendo para ser algo como uma irmã vidente mais velha, só que ela não entende é que eu não quero nenhuma ajuda. Embora eu queira ser normal de novo, e voltar a ser do jeito como era antes, sei também que este é o meu castigo. Esse horrível dom é o que eu mereço por todo o dano que causei, pelas vidas que destruí e agora tenho que viver com isso e tentar não magoar mais ninguém.

Quando eu finalmente adormeço, sonho com Damen e em todo o sonho, o sinto tão poderoso, tão intenso, tão urgente, que penso que é real. Mas pela manhã tudo o que lembro são partes fragmentadas, imagens deslocadas sem começo ou fim. A única coisa que lembro claramente é de nós dois correndo em direção a algo que não posso ver.

– “Qual é o seu problema? Por que está tão mal-humorada?” – Riley pergunta, sentada na borda da minha cama, vestindo uma fantasia de Zorro idêntica ao que o Eric usou na festa – “Halloween terminou” – lhe digo, olhando o chicote de couro preto que ela usa para golpear o chão.

– “Não me diga” – ela faz uma careta e continua a bater no carpete. – “Eu gosto da fantasia, algum problema? Estou pensando em me fantasia todos os dias.” –

Eu me inclino até o espelho, coloco meus pequenos brincos de diamantes e prendo o meu cabelo em uma trança.

– “Não acredito que vai continuar vestindo isso,” – ela diz, seu nariz enrugando em aversão – “Pensei que tinha encontrado um namorado” – ela deixa cair o chicote e agarra o meu iPod, seus dedos deslizando pelos botões inspecionando minha lista de músicas.

Eu viro, me perguntando o que exatamente ela viu.

– “Olá, na festa, na piscina. Ou foi somente uma ficada?” –

Eu a encaro, meu rosto tornando-se vermelho carmesim – “O que você sabe sobre ficar? Só tem 12 anos! E por que raios estava me espionando?” –

Ela revira os olhos – “Por favor, como se eu fosse perder meu tempo espionando você quando eu posso ver coisa melhor. Para sua informação, casualmente fui lá fora ao exato momento em que você metia a língua pela garganta desse tal Damen, e acredite, desejaria não ter visto.” –

Sacudo a cabeça e reviro minha gaveta, transferindo minha raiva contra meus suéteres. –

“Sim, Bem, eu odeio te dar a notícia, mas ele dificilmente será meu namorado, não tenho falado com ele desde,” – eu digo a ela, odiando a maneira como meu estômago fica embrulhado quando digo isso. Então pego meu suéter cinza e coloco descuidadamente sobre minha cabeça, arruinando completamente a trança que tinha acabado de fazer.

– “Eu posso espioná-lo se você quiser, ou assombrá-lo.” – ela sorri.

Eu a olho e suspiro, parte de mim querendo que ela faça isso, e a outra parte sabendo que eu devo seguir em frente, deixá-lo ir e esquecer que isso aconteceu. – “Só fique fora disso. Está

bem?" – digo finalmente. – "Eu só gostaria de passar por uma experiência normal de colegial, se não se importa." –

– "Você que sabe" – ela dá de ombros, lançando meu iPod. – "Mas quero que saiba, que Brandon esta disponível novamente.

Pego uma pilha de livros e coloco na minha mochila, espantada de como essa notícia não me faz sentir nem um pouco melhor.

– "Sim. Rachel terminou com ele no Halloween quando o pegou aos beijos com uma coelhinha da playboy. Era a Heather Watson vestida como uma." –

– "É sério?" – a encaro boquiaberta. – "Heather Watson? Você esta brincando." – Tento imaginar mais não consigo.

– "Palavra de escoteiro. Você devia vê-la, perdeu vinte quilos, se livrou do aparelho, alisou o cabelo, e agora parece uma pessoa completamente diferente. Infelizmente ela agi como uma pessoa completamente diferente também. Ela agora é, você sabe, como uma PU com um T e um A." – ela sussurra, voltando a bater no chão com seu chicote, enquanto eu absorvo as novas notícias.

– "Sabe, você não deveria espionar as pessoas," – lhe digo, mais preocupada com que ela espione a mim, do que a meus velhos amigos. – "É muito grosseiro, sabia?" – ponho a mochila no ombro e me dirijo para a porta.

Riley ri. – "Não seja ridícula. É bom manter contato com seus antigos vizinhos." –

– "Você vem?" – lhe pergunto, girando impacientemente.

– "Sim, vamos ver quem chega primeiro!" – ela disse, passando pela direita e escorregando pelo corrimão. Sua capa preta de Zorro flutuava enquanto ela deslizava para baixo.

Quando chego à casa de Miles, ele já estava esperando do lado de fora, seus polegares pressionando os botões do celular. – "Só um segundo, está bem? Feito!" – Ele se senta no banco do passageiro e me encara. – "Agora me conte tudo do começo ao fim. Eu quero todos os detalhes sujos, sem deixar nada de fora!" –

– "Do que você está falando?" – eu dou a ré na entrada da garagem e sigo pela rua, disparando um olhar de advertência para Riley, que esta sentada no colo de Miles, soprando em seu rosto e rindo quando ele tenta ajustar o ar.

Miles me olha e sacode a cabeça – "Oi? Damen? Ouvi dizer o que vocês estavam fazendo a luz da Lua, se beijando na piscina, fazendo coisas em baixo da luz prateada da Lua." –

– "Aonde você quer chegar com tudo isso?" – eu pergunto, mesmo já sabendo, mas desejando que exista alguma maneira de pará-lo.

– "Escute, a notícia já se espalhou, por isso não trate de negar. Eu ia te ligar ontem, mas meu pai confiscou o telefone e me arrastou para um treino de rebatidas, para me ver rebater como uma garota" – ele ri – "Deveria ter visto, agi totalmente montado (afeminado) e ele ficou horrorizado. Isso é pra ele aprender. Enfim, vamos voltar ao que interessa. Vamos, a revelação começa agora. Conte-me tudo." – ele disse, virando-se para mim e esperando paciente. – "Foi tão incrível quanto sonhávamos que seria?" –

Eu dou de ombro, olhando brevemente para Riley e aviso com meus olhos para ela parar de chatear e desaparecer. – "Lamento te decepcionar," – finalmente digo, – "Mas não há nada para contar." –

– "Não foi isso o que eu escutei. Haven me disse," –

Pressiono meus lábios e sacudo a cabeça, só porque eu sabia o que a Haven disse, não significa

que eu queira escutá-lo em voz alta. Assim eu o corto secamente quando digo, – “Ok, nos beijamos. Mas foi só uma vez.” – Posso senti-lo me olhando, suas sobrancelhas levantadas, seus lábios com um sorriso suspeito. – “Talvez, duas vezes, não sei, não contei.” – Eu resmungo, mentindo como uma principiante com o rosto vermelho, as mãos suadas, evitando encará-lo, e desejando que ele não note. Porque a verdade é que em minha mente eu repito esse beijo tantas vezes, que já está tatuado no meu cérebro.

– “E?” – Ele disse, esperando por mais.

– “E nada.” – Lhe digo, aliviada quando eu olho e vejo que Riley já tinha ido embora.

– “Não te ligou? Não te mandou uma mensagem ou um email? Não foi te visitar?” – Miles sibila, visivelmente chateado, perguntando-se o que isso significa não só para mim, mas para o futuro do nosso grupo.

Eu balanço a cabeça, e olho direto para frente, irritada comigo mesma por não saber lidar melhor com as coisas, odiando a maneira como minha garganta se aperta e meus olhos começam a arder.

– “Mas o que ele disse? Digo, quando ele foi à festa? Quais foram suas últimas palavras” – Miles pergunta, determinado a encontrar algum raio de esperança nesta deprimente e amarga paisagem.

Eu busco na memória, relembrando nosso estranho e precipitado adeus à porta. Então encaro Miles, respiro profundamente, e digo, – Ele disse “souvenir”. –

E no momento que falo, sei que isso realmente é um mau sinal. Ninguém leva uma lembrança de um lugar que planeja visitar. Miles me olha, seus olhos expressando as palavras que seus lábios se recusam a pronunciar. – “Conte-me sobre...” – eu digo, sacudindo minha cabeça enquanto eu entro no estacionamento.

Mesmo estando totalmente comprometida em não pensar em Damen, não posso evitar me decepcionar quando chego à Classe de Inglês e vejo que ele não está ali. Isso, naturalmente, me faz pensar ainda mais, até que isso se torne uma obsessão.

Quer dizer, pra mim, nosso beijo parecia algo mais do que um simples beijo, mas isso não significa que ele se sintia da mesma maneira.

E, só porque pra mim foi tão forte, tão verdadeiro, e tão transcendental, não significa que para ele tenha sido assim. Porque não importa o quanto eu tente, não consigo esquecer a imagem dele e Drina juntos, um perfeito Conde Fersen com uma idílica Maria, enquanto eu me acomodo na margem com muito brilho e canção, como a pior imitadora do mundo.

Estou a ponto de ligar meu iPod quando Stacia e Damen entram juntos pela porta, alegres e sorridentes, seus ombros quase se tocando, dois botões de rosas brancas na mão dela. E quando ele a deixa em sua mesa e se dirige a mim, eu rapidamente me ocupo com alguns papéis e finjo que não o vejo.

– “Oi” – ele disse, sentando-se em sua cadeira. Agindo como se tudo fosse perfeitamente normal. Como se não houvesse passado menos de quarenta e oito horas desde que ele me pegou e depois largou. Eu pressiono minha bochecha contra minha mão e me forço a bocejar, esperando parecer entediada, cansada e sobrecarregada por atividades que ele nem pode imaginar, rabisco em um pedaço de papel do meu livro com os dedos tremendos que a caneta desliza pela minha mão. Me inclino para pega-la e quando eu volto a minha mesa encontro uma tulipa vermelha no topo.

– “O que aconteceu? Acabaram as rosas brancas?” – Eu pergunto, olhando livros e papéis

como se tivesse algo importante para fazer.

– “Jamais te daria uma rosa branca” – ele disse, seus olhos buscando os meus.

Mais eu me recuso a encará-lo, me recuso a envolver-me em seu jogo sádico. Eu só pego minha mochila e finjo esta procurando algo, maldizendo em voz baixa quando vejo que está cheia de tulipas.

– “Você é estritamente uma garota de tulipas; tulipas vermelhas” – ele sorri.

– “Como é excitante pra mim,” – murmuro, deixando cair minha mochila no chão e me ajeitando para a parte mais distante da minha cadeira, sem ter a menor idéia do que tudo isso significa.

Quando chego a nossa mesa do almoço, estou suando frio, me perguntando se Damen estaria lá, se Haven estaria lá, porque embora eu não tenha falado com ela desde a noite de sábado, apostaria qualquer coisa como ela ainda continua aborrecida comigo. Mas mesmo passando toda a aula de Química pensando em um discurso, no momento que a vejo esqueço todas as palavras.

– “Bem, olha quem está aqui.” – Haven diz, olhando-me.

Me sento junto a Miles no banco, que está muito ocupado enviando mensagens para notar minha presença, e não posso evitar de me perguntar se deveria arrumar novos amigos. Ainda duvido que alguém me queira.

– “Estava contando a Miles tudo o que aconteceu no Nocturne. Só que ele está determinado a ignorar-me.” – Ela franze o cenho.

– “Só porque fui forçado a escutá-la durante toda a aula de História, e ainda sim não havia terminado e me fez chegar tarde a aula de Espanhol” – ele sacode a cabeça e continua com seu celular.

Haven dá de ombros – “O que acontece é que está com ciúmes” – Então, olhando-me, ela tenta corrigir-se. – “Não é que a sua festa não foi boa, porque ela foi. É só que esta era mais o meu ambiente. Você entende, não é?” –

Eu limpo minha maçã com minha manga e dou de ombros, sem querer escutar mais sobre Nocturne, seu ambiente, ou Drina. Mas quando finalmente a encaro, fico assustada de ver como suas habituais lentes de contato amarelas foram substituídas por um distinto verde. Um verde tão familiar que me tira a respiração.

Um verde que só pode ser descrito como o verde dos olhos de Drina.

– “Deveria ter visto, havia uma fila enorme na entrada, mas nós deixaram entrar no segundo que viram Drina. Nem sequer tivemos que pagar! Não tivemos que pagar por nada. Toda a noite tinha sido paga. Então eu fiquei no quarto dela. Ela está instalada nesta incrível suíte no Hotel St. Regis até conseguir um lugar permanente para viver. Deveria ver: vista para o mar, jacuzzi, um mini-bar! Tudo! Ela me olha, seus grandes olhos esmeraldas, cheios de emoção, esperando por uma resposta entusiasmada que eu simplesmente não posso dar.” –

Pressiono meus lábios e olho para o resto de sua aparência, notando como o seu delineador é mais suave, mais parecido ao estilo de Drina, e seu batom vermelho-sangue foi substituído por um rosado mais leve, como o que Drina usa. Mesmo o seu cabelo, que sempre foi alisado desde que a conheço, agora está ondulado e o penteado é igual ao de Drina. E quanto ao seu vestido, é feito sobre medida, sedoso e clássico, como algo que Drina usaria.

– “E onde está Damen?” – Haven me olha como se eu deveria saber.

Eu dou uma mordida na maçã e me encolho de ombros.

– “O que aconteceu? Pensei que agora andavam agarrados” – ela pergunta sem querer abandonar o assunto.

Mas antes que eu pudesse responder, Miles larga seu celular e olha Haven de uma maneira que deixa uma tradução direta de: Cuidado com o que vai dizer.

Ela tira os olhos de Miles e volta a me encarar, logo sacode a cabeça e suspira. – “Que seja. Eu só quero que saiba que não me incomoda você está com Damen, por isso não se preocupe, está bem?” – ela encolhe seus ombros. – “Já está completamente superado. É sério. Promessa de dedo mindinho.” –

Eu sem muito ânimo enrosco meu dedo mindinho ao redor do dela e também me envolvo em toda a sua energia e fico completamente surpreendida de ver que ela esta sendo sincera. Quer dizer, a apenas este fim de semana ela me descreveu como inimiga pública número um, e agora ela não se importa, mas eu posso ver o por quê.

– “Haven” – eu começo, perguntando-me se de verdade deveria fazer isso, mas eu penso logo Que diabos, não tenho nada a perder.

Ela me olha sorrindo, esperando.

– “É... quando vocês foram ao Nocturne, por acaso viram o Damen?” – pressiono meus lábios e espero, sentindo o olhar afiado de Miles, enquanto Haven só me olha claramente confusa. – “É que, o que aconteceu é que ele foi pouco tempo depois que vocês saíram, então pensei que talvez...” –

Ela sacode a cabeça e encolhe os ombros – “Não, nunca o vi por lá.” –

Ela disse, removendo com a língua um pouco de glacê de seu lábio.

Mesmo sabendo o que verei, escolho esse momento para dar uma olhada em todo o sistema social do refeitório, hierarquização por ordem alfabética, começando com nossa pobre mesa Z e caminhando para a mesa A. perguntando-me se encontraria Damen e Stacia brincando em um leito de rosas brancas, ou envolvidos em qualquer atividade sórdida que preferiria não ver. Mas enquanto eu ainda estava à mesa fazendo as mesmas atividades de sempre, com as mesmas pessoas de sempre, ao menos por hoje a mesa estava livre de flores.

Acho que é porque Damen não está aqui.

QUINZE

Damen me liga pouco tempo depois de ter caído no sono, e embora eu tenha passado as últimas semanas me convencendo de que ele não gosta de mim, me pego sorrindo no segundo que escuto a sua voz.

– “É muito tarde?” –

Tento focar meus olhos para saber que horas são no meu despertador, confirmando que é muito tarde, mas, em vez disso dizendo – “Não, tudo bem.” –

– “Estava dormindo” –

– “Quase” – Ponho meu travesseiro na cabeceira da cama e me encosto.

– “Posso ir à sua casa?” –

Eu olho novamente o relógio, mas só para comprovar que sua pergunta é uma loucura. –

“Provavelmente não é uma boa idéia” – eu digo a ele, que fica calado por um longo tempo que penso que havia desligado.

– “Lamento não ter ficado com você durante o almoço,” – finalmente diz. – “E durante a aula de Artes. Eu saí logo depois da aula de Inglês.” –

– “Tudo bem” – resmungo, insegura de como reagir, uma vez que não somos um casal e ele não tem que me explicar nada.

– “Tem certeza de que é muito tarde?” – Ele pergunta, com uma voz profunda e persuasiva. –

“De verdade, e quero te ver. Não levará muito tempo.” –

Eu sorrio, contente com essa pequena inversão de papéis, de ter agora o poder e me permitindo uma vitória mental quando digo, – “Amanhã na aula inglês parece bom.” –

– “E que tal se eu te levar amanhã à escola?” – Ele pergunta, sua voz quase me fazendo esquecer Stacia, Drina, e sua saída apressada, esquecer tudo, limpar o passado. Mas eu ainda não chego a esse ponto de me render tão facilmente, assim, me obrigo a dizer, – “Miles e eu vamos juntos à escola. Assim é melhor nos vermos na aula de inglês” – E para evitar que ele me convença de outra forma, eu desligo o telefone e jogo-o para longe de mim.

Na manhã seguinte quando Riley aparece, ela para diante de mim e fala:

– “Continua irritada?”

Eu reviro meus olhos.

– “Vou tomar isso como um sim.” – Ela ri, sentando-se em cima da cômoda e chutando minhas gavetas com o seu calcanhar.

– “E do que está fantasiada hoje?” – eu lanço uma pilha de livros na minha mochila e olho seu corpete apertado, saia ampla e um longo cabelo castanho.

– “Elizabeth Swann.” – Ela sorri.

Eu entrecerco meus olhos, tentando lembrar o nome – “Piratas?” –

– “Aham –” ela envesga os olhos e mostra a língua. – “E como estão às coisas entre você e o Conde Fersen?” –

Eu ponho a mochila sobre meu ombro e me dirijo à porta, determinada a ignorar a pergunta quando digo: – “Você vem?” –

Ela sacode a cabeça. – “Hoje não. Tenho um compromisso.” –

Me encosto na moldura da porta com os olhos entrecerrados. – “O que quer dizer com isso de que têm um compromisso?” –

Mas ela balança a cabeça e desce da cômoda – “Não é assunto seu.” – ela ri, caminha em direção a parede e desaparece.

Como Miles estava atrasado, e eu também, então quando chegamos à escola o estacionamento já estava completamente cheio. Todas as vagas já estavam ocupadas, exceto por uma, a que todos querem porque fica próxima da saída.

E resulta que é justamente ao lado do carro de Damen.

– “Como fez isso?” – Miles pergunta, agarrando seus livros e saindo do meu minúsculo carro vermelho, olhando para Damen como se ele fosse o mágico mais sexy do mundo.

– “Fiz o quê?” – pergunta Damen, me encarando.

– “Guardar o lugar. Tem que chegar aqui muito antes do ano letivo começar para poder conseguir essa vaga”. –

Damen ri, seus olhos buscando os meus. Mas eu só o cumprimento com um movimento de cabeça como se fosse meu farmacêutico ou o carteiro, e não o garoto que estou obcecada desde o momento que o vi.

– “O sinal vai tocar” – digo, correndo para a entrada e me encaminhando direto para a classe, notando como ele se move tão rápido que chega à porta antes de mim sem nenhum esforço.

Eu me aperto entre Honor e Stacia, chutando de propósito a mochila de Stacia quando ela olha Damen e diz: – “Oi, onde está minha rosa branca?” –

Então lamentando por um segundo ele responde: – “Sinto, mas hoje não.” –

Mas eu só dou de ombros e deixo cair minha mochila no chão.

– “Por que a pressa? – ele se inclina até mim. – O Sr. Robins ainda está em casa.

Eu me viro. – “Como...?” – mas logo me detenho antes de terminar a frase. Então, como Damen pode saber o que eu sei, que o Sr. Robins continua em casa, com ressaca, sofrendo por sua esposa e filha que o deixou recentemente?

– “Vi a professora substituta enquanto te esperava,” – ele ri. – “Estava um pouco perdida, então a acompanhei até a sala dos professores, mas ela estava tão confusa que provavelmente termine no laboratório de química ao invés daqui.” –

No momento em que ele fala, sei que está certo porque acabo de vê-la entrando em outra sala pensando que era a nossa.

– “Diga-me, o que eu fiz pra te deixar tão irritada?” –

Eu olho para Stacia sussurrando no ouvido de Honor e vejo como balançam a cabeça e me olham.

– “Ignore-as, são idiotas.” – Damen sussurra inclinando-se até mim e colocando sua mão sobre a minha. – “Desculpe-me por não ter estado com você muito tempo. Tive uma visita que não pude evitar.” –

– “Se refere à Drina?” – e no momento em que digo isso, me envergonho do quanto detestável e invejosa eu sou. Desejando poder ser mais natural e calma, agir como se não tivesse sequer notado como tudo mudou quando ele apareceu. Mas a verdade é que isso é completamente impossível para mim, porque estou mais perto de ser paranóica, do que ingênua.

– “Ever...” – Ele começa.

Mas como eu já havia começado, é melhor terminar – “Tem visto ultimamente a Haven? Ela é uma pequena cópia da Drina. Se veste como ela, age como ela, inclusive tem a mesma cor dos olhos. É sério vá até a mesa do almoço e você verá.” – Eu o encaro com se ele fosse o responsável, como se fosse sua culpa. Mas no momento em que nossos olhos se cruzam, estou

novamente sob o seu feitiço, um pedaço de metal indefeso contra sua irresistível força magnética.

Ele respira profundamente e, em seguida, balança sua cabeça e diz: – “Ever, não é o que você pensa” –

Eu me afasto e pressiono meus lábios. “Você não tem nenhuma idéia do que eu penso”.

– “Me deixe corrigir as coisas com você. Me deixa sair contigo, ir a algum lugar especial, por favor –

Posso sentir em minha pele o calor do seu olhar, mas não vou me arriscar a olhá-lo. Quero que ele se preocupe, que tenha dúvidas. Quero prolongar isso o máximo que puder.

Assim que me mexo na cadeira, eu o encaro e digo brevemente, – “Vamos ver.” –

Quando eu saio do quinto período, da classe de história, Damen já está esperando na porta e, pensando que ele só quer uma companhia para o almoço, lhe digo, – “Deixe-me apenas guardar minha mochila no armário.” –

– “Não há necessidade” – Ele sorri, passando o braço dele pela minha cintura. – “A surpresa começa agora.” –

– “Surpresa” – e quando eu olho em seus olhos, o mundo inteiro se encolhe e só restamos ele e eu, rodeados por estática.

Ele sorri – “Como eu disse, vou te levar a um lugar especial. Tão especial que esquecerá minhas transgressões.” –

– “E o que acontece com as nossas aulas? Vamos pular o resto do dia?” – Eu cruzo meus braços sobre meu peito, embora seja só aparência.

Ele ri e se inclina para mim, seus lábios roçando o lado do meu pescoço formando a palavra “Sim”, e enquanto me afasto fico surpreendida de me escutar dizer – “Como?” – no lugar de “Não”.

– “Não se preocupe” – ele sorri, apertando minha mão e me levando até a saída. – “Estará a salvo comigo” –

DEZESSEIS

– “Disneylândia?” – eu desço do carro ficando em choque. De todos dos lugares que eu pensei que iríamos, este nunca esteve em minha lista.

– “Ouvi dizer que este é o lugar mais feliz da Terra.” – ele ri. – “Já tinha vindo?” – nego com a cabeça.

– “Bem, então serei seu guia.” – ele coloca o braço em volta de mim e me conduz para dentro. Descemos a rua. Tento imaginá-lo vindo aqui antes, ele tão elegante, tão sofisticado, tão sexy, tão tranquilo, é difícil imaginá-lo vindo a um lugar onde regem as regras do Mickey Mouse. – “É sempre melhor vir durante a semana, quando não tem muita gente.” – ele diz, cruzando a rua. – “Vamos vou te mostrar New Orleans, é a minha parte favorita.” –

– “Você vem sempre aqui?” – paro no meio da rua e olho fixamente para ele.

– “Te disse que acabo de me mudar pra cá?” – ele ri – “Acabei de mudar. Mas isso não significa que nunca estive aqui antes.” – ele disse, puxando-me para a Mansão Assombrada.

Depois da Mansão Assombrada, fomos para a atração dos Piratas do Caribe e quando terminamos com essa, ele olha pra mim e fala, – “E de qual você gostou mais?” –

– “Dos Piratas,” – digo, consentido com a cabeça. – “Eu acho.” –

Ele me olha.

– “Bom, os dois foram bem legais.” – dou de ombros. – “Mas os Piratas têm Johnny Depp, assim isso dá a eles muita vantagem, não acha?” –

– “Johnny Depp? É com isso que vou ter que competir?” – ele levanta uma sobrancelha.

Eu dou de ombros, olhando o jeans escuro de Damen, sua camisa preta de mangas e suas botas. Qualquer artista de Hollywood pareceria um duende comparado a ele, mas eu não vou admitir isso.

– “Quer ir outra vez?” – ele pergunta com seus olhos escuros piscando. Então, vamos lá outra vez e depois vamos a Mansão Assombrada e quando chegamos à última parte em que os fantasmas se sentam ao seu lado no carro, quase espero ver Riley espremida entre nós, rindo, acenando e fazendo palhaçadas. Mas no entanto, é apenas um daqueles fantasmas da Disney dos desenhos animados, e me lembrando que Riley está em um compromisso e suponho que deva estar muito ocupada.

Depois de ir outra vez às mesmas atrações, acabamos nos sentado em uma das primeiras mesas do restaurante Blue Bayou, que está dentro da seção dos Piratas do Caribe, e enquanto tomo meu chá gelado, olho pra ele e digo, – “Ok, acontece que eu sei que esse é um parque enorme e que tem mais de duas atrações. Atrações que não têm nada haver com piratas ou fantasmas.” –

– “Eu ouvi isso também.” – ele sorri, espetando com seu garfo o calamari (lula) e oferecendo a mim. – “Eles tinham uma que se chamava Missão a Marte. Era conhecida como a atração dos beijos porque era bem escuro lá dentro.” –

– “Ainda está aqui?” – pergunto, meu rosto todo corando quando me dou conta que tinha soado entusiasmada demais. – “Não que eu queira ir. É só curiosidade.” –

Ele me olha, sua cara obviamente divertida, logo balança a cabeça e diz, – “Não, já encerrou há muito tempo.” –

– “E você ia à atração dos beijos quando tinha quanto, dois anos?” – lhe pergunto, pegando

uma salsicha recheada de cogumelos e esperando que eu goste.

– “Eu não.” – ele sorri. – “Isso foi muito antes de mim.” –

Normalmente eu faria qualquer coisa para evitar um lugar como esse. Um lugar tão lotado com a energia das pessoas, de suas brilhantes auras, sua incomoda coleção de pensamentos. Mas com Damen é diferente, sem esforço, agradável; porque sempre que ele me toca, sempre que fala, é como se fôssemos os únicos ali.

Depois do almoço, passeamos por todo o parque, fomos a todas as atrações rápidas e evitamos a que tinham muita água, ou pelo menos as que terminavam com a roupa molhada, e quando começou a escurecer, ele me levou ao Castelo da Bela Adormecida e ficamos perto do poço e esperamos começar o espetáculo de fogos de artifícios.

– “Estou perdoado?” – ele pergunta, seus braços ao redor da minha cintura, seus dentes brincando com o meu pescoço, meu maxilar e minha orelha. A súbita explosão dos fogos, seu retumbante estalos, parecem fracos e distantes quando nossos corpos estão pressionados e seus lábios se movem contra os meus.

– “Olhe” – ele sussurra, afastando-se e apontando para o céu, havia uma propulsão circular de cor roxa, cascatas douradas, chafarizes prateados, crisântemos rosados, e para o grand finale, uma dúzia de tulipas vermelhas. Todas elas piscando e explodindo em uma sucessão tão rápida que fazem vibrar o concreto sob nossos pés.

“Espera, tulipas vermelhas?”

Eu olho para Damen, meus olhos cheios de perguntas, mas ele só sorri e acena com a cabeça em direção ao céu, e apesar de tudo está desaparecendo, a memória é forte e está impresso em minha mente. Então, ele aproxima com seus lábios perto da minha orelha e diz: – “O show acabou, a moça gorda cantou” –

– “Esta chamando de gorda a Sininho?” – eu rio enquanto ele pega a minha mão e me leva em direção a saída de volta para nossos carros.

Eu me acomodo em meu Miata, sorrindo enquanto ele se inclina em minha janela e diz, – “Não se preocupe, haverá mais dias como esse. Na próxima vez te levarei à California Adventure.” –

– “Pensei que tínhamos acabado de ter uma aventura californiana” – eu rio, surpreendida com a maneira em que ele sempre parece saber o que estou pensando antes que eu tenha a oportunidade de falar.

– “Tenho que segui-lo novamente?” – insiro a chave na ignição e dou a partida no motor.

Ele sacode a cabeça. – “Eu vou segui-la” – ele sorri. – “Tenho que ter certeza que você chegará segura em casa.” –

Eu saio do estacionamento, entro na estrada em direção a minha casa e quando olho no espelho retrovisor, não posso deixar de sorrir quando vejo Damen bem atrás de mim.

– “Eu tenho um namorado.” –

Um namorado lindo, sexy, inteligente e encantador.

Um namorado que me faz sentir normal outra vez.

Um namorado que me faz esquecer que não sou.

Estico minha mão para o banco do passageiro e tiro da minha bolsa meu novo agasalho, traçando com meus dedos o desenho do Mickey Mouse, recordando o momento em que Damen o escolheu pra mim.

– “Este não têm capuz,” – ele me disse, colocando em minha frente para ver como ficava.

– “O que você quer dizer com isso?” – olho para o espelho revirando meus olhos, me

perguntando se ele odeia minha forma de vestir tanto quanto Riley.

Mas ele só dá de ombros. – “Que posso dizer? Eu prefiro sem capuz.” –

Fico rindo ao recordar isso, lembrar como ele me beijou quando estávamos na fila pra pagar, a doce sensação de calor dos seus lábios sobre os meus, e quando meu telefone toca, eu olho no retrovisor e vejo Damen segurando o seu.

– “Oi” – lhe digo baixando a voz para que soasse rouca e profunda.

– “Guarda isso para outra pessoa.” – disse Haven – “Sinto por decepcioná-la, mas sou só eu.

– “Ah, E como você está?” – Eu pergunto, sinalizando que vou mudar de pista para que Damen possa me seguir.

Mas ele não está mais ali.

Eu olho para o espelho retrovisor e para os espelhos laterais, buscando freneticamente nas quatro linhas, mas ele não está.

– “Está me ouvindo?” – Haven pergunta irritada.

– “Desculpe, o quê?” – Diminuo a velocidade e olho por cima do meu ombro procurando pela BMW preta de Damen, enquanto um caminhão passa por mim e sinalizando para eu acelerar.

– “Disse que Evangeline está desaparecida!” –

– “O que você quer dizer com desaparecida?” – lhe pergunto, hesitando ao máximo, antes de tomar a 133, sem ser capaz de encontrar Damen, mesmo tendo certeza que ele não me ultrapassou.

– “Já liguei várias vezes para o celular e ela não me atendeu.” –

– “E?” – lhe digo, ansiosa pra terminar com essa conversa sobre monitoramento de chamadas, para assim poder voltar para o meu próprio caso de pessoa desaparecida.

– “E, ela não só não responde, com também não está em seu apartamento e ninguém a viu desde o Halloween.” –

– “O que você quer dizer com isso?” – volto a olhar para meu espelho retrovisor e para os espelhos laterais, e continuo sem ver Damen. – “Ela não saiu com vocês?” –

– “Não exatamente.” – Haven diz com a voz cheia de remorso.

E depois que dois carros buzina e me fazem gestos grosseiros com o dedo, eu desisto, prometendo a mim mesma que assim que terminar de falar com a Haven, chamarei Damen pelo celular e explicarei tudo.

– “Alô?” – ela disse, praticamente gritando. – “Então, Deus, se estiver muito ocupada, é só dizer. Posso ligar para o Miles, sabia?” –

Respiro profundamente, esforçando-me para manter a paciência. – “Haven, desculpa, Ok? Estou tentando dirigir e estou um pouco distraída. Além disso, você e eu sabemos muito bem que Miles está em sua Aula de Atuação e por isso você me ligou.” – Eu mudo para a última faixa do lado esquerdo, determinada a chegar em casa o mais rápido possível.

– “Como quiser,” – ela balbucia. – “De qualquer maneira, eu não tinha te dito isso, mas Drina e eu saímos sem ela.” –

– “Você o quê?” –

– “Você sabe, em Nocturne. Ela simplesmente desapareceu. Isto é, olhando por esse lado, mas, não pude encontrá-la. Por isso, pensei que tinha saído com alguém, e acredite, isso não seria nada de estranho vindo dela, e então saímos.” –

– “E a deixaram sozinha em LA, na noite de Halloween, quando todas as pessoas anormais andam soltas?” – e no momento que lhe digo, eu posso vê-las. Vejo as três em um Clube

escuro, Drina levando Haven para a sala VIP, afastando Evangeline de propósito e, embora não possa ver nada depois disso, definitivamente não vi nenhum cara com elas.

– “E o que você queria que fizéssemos? Então, não sei se você sabe isso, mas ela tem dezoito anos, o que significa que pode fazer o que quiser. Além do mais, Drina disse que ficaria de olho nela, mas logo perdeu o seu rastro. Acabei de encontrar com ela e se sente horrível.” –

– “Drina se sente horrível?” – reviro meus olhos, achando isso muito difícil de acreditar. Drina não parece ser do tipo de pessoa que têm sentimentos e menos ainda remorsos.

– “O que é que isso quer dizer? Você nem a conhece.” –

Pressiono meus lábios e acelero o carro, em parte porque sei que esta rua está livre de policiais e em parte porque quero deixar pra trás a Haven, Drina, Evangeline e o estranho desaparecimento de Damen. Quero fugir de tudo, principalmente quando sei que não posso.

– “Desculpa.” – digo finalmente, tirando o pé do acelerador e voltando a uma velocidade regular.

– “Tanto faz. Eu só... Eu me sinto horrível, não sei o que fazer.” –

– “Você ligou para os pais dela?” – lhe pergunto, embora eu pressinta a resposta.

– “A mãe dela é uma alcoólatra, vive em algum lugar de Arizona, e o pai abandonou as duas quando ela ainda nem havia nascido, e acredite, seu senhorio apenas quer se livrar de todas as coisas dela para voltar a alugar o apartamento. Inclusive preenchemos um relatório policial, mas eles não pareceram muito interessados.” –

– “Eu sei.” – lhe digo, ajustando as luzes para a escura rota do canyon.

– “O que você quer disser com isso de que você sabe?” –

– “Me refiro a que sei como você deve se sentir,” – me apresso a dizer para cobrir meu erro. Ela suspira. – “E onde você está? Por que não estava no almoço?” –

– “Estou em Laguna Canyon, no caminho pra casa. Eu estava na Disneylândia, Damen me levou.” – sorri ao lembrar, mas meu sorriso se desmancha muito rapidamente.

– “Santo Deus, isso é tão bizarro,” – disse Haven.

– “Nem me diga,” – Eu concordo, ainda não me acostumo com a idéia de vê-lo se divertindo no Reino Mágico, embora eu tenha visto com meus próprios olhos.

– “Não, me refiro a que Drina também foi. Ela disse que não ia há anos e queria ver o quanto havia mudado. Isso não é estranho? Vocês a viram?” –

– “Hum, não.” – Eu digo, tentando soar tranquila, enquanto que na realidade meu estômago está revirado, minhas mãos suadas e me sentindo aterrorizada.

– “Uau. Estranho. Mas você sabe, é um lugar enorme e tem muita gente.” – ela ri.

– “Sim, é sim,” – lhe digo. – “Olha, eu tenho que ir, te vejo amanhã.” –

E antes que ela pudesse responder, eu estaciono na beira da estrada, procuro em meu celular o número de Damen na lista de chamadas e golpeio violentamente o volante quando vejo que está marcado como privado.

Grande namorado. Nem sequer tenho o número do seu telefone, e nem ao menos sei aonde mora.

DEZESSETE

Ontem à noite, quando Damen finalmente ligou (pelo menos supostamente, já que no visor aparecia número privado), eu deixei cair na caixa postal. E esta manhã, quanto eu estava me preparando para ir à escola, eu apago sem nem mesmo escutar.

– “Não está curiosa?” – Riley pergunta, girando em torno da minha cadeira, com seu cabelo jogado para trás alisado e seu traje de Matrix negro brilhante.

– “Não” – Eu olho ferozmente para o casaco do Mickey Mouse que ainda está no saco, para em seguida pegar um que ele não tenha comprado pra mim.

– “Bem, você poderia ter me deixado escutar, assim eu poderia te dar o motivo.” –

– “Um duplo não.” – Eu torço meu cabelo em um bolo, e espeto um lápis para prendê-lo.

– “Bem, não arranque fora o seu cabelo. Quero dizer, Deus, que aconteceu com você?” – Ela ri, mas quando não respondo, me olha e diz, – “Eu não entendo você. Porque está tão zangada? Então você o perdeu na estrada, e ele se esqueceu de te dar o número. Grande coisa. Quero dizer, quando você começou a ser tão paranóica?”

Balanço negativamente a cabeça e me afasto, sabendo que ela tem razão. Estou irritada. E paranóica. E coisas piores que isso. Como todo dia, facilmente irritável, escutando pensamentos, vendo auras, percebendo espíritos. Mas o que ela não sabe é que existe uma parte da história que não estou disposta a revelar.

Como a que Drina nos segue até a Disneylândia.

E como Damen desaparece quando ela está por perto.

Viro-me para Riley, sacudindo a cabeça olhando seu brilhante disfarce. – “Quanto tempo vai ficar brincando de Halloween?” –

Ela cruza seus braços. – “Por quanto tempo eu quiser.” –

E quando vejo seu lábio inferior tremendo, sinto que as palavras foram um pouco bruscas.

– “Olha, sinto muito, – lhe disse, levantando a mochila e colocando nas costas, desejando que a minha vida se estabilize, que encontre algum tipo de equilíbrio.

– “Não, não sente.” – me fuzilando com o olhar. – “É obvio que não.” –

– “Riley, eu sinto muito, de verdade. E acredite, não quero brigar.

Ela balança a cabeça e olha para o teto, enquanto bate o pé no tapete do assoalho.

– “Você vem?” – vou até a porta, mas ela se recusa a responder. Assim respiro fundo e digo, – “Vamos Riley. Sabe que não posso chegar tarde. Por favor, esqueça isso.” –

Ela fecha os olhos e balança a cabeça e quando volta a me olhar, seus olhos tinham tornado-se vermelhos. – “Eu não tenho que estar aqui, você sabe!” –

Agarro a maçaneta da porta, desejando sair, mas sabendo que não posso, não depois do que ela disse. – “Do que você está falando?” –

– “Estou falando disso! De tudo isto! Você e eu. Minhas visitas. Não tenho que fazer isto.” –

Eu a olho, com o estomago revirado, desejado que se cale, não queria escutar mais nada. Já havia me acostumado com a sua presença sem considerar alternativa de que poderia estar em outro lugar.

– “Mas eu pensei que gostasse de estar aqui.” – disse, com a garganta seca e irritada, minha voz me traindo e mostrando todo pânico que eu sentia.

– “Eu gosto de estar aqui. Mas, bem, talvez não seja a coisa certa. Talvez eu devesse estar em outro lugar. Você nunca pensou nisso?” – Me olha com os olhos cheios de angústia e confusão, e embora eu saiba que oficialmente chegarei atrasada para a escola, eu não posso ir.

– “Riley... Eu... O que você quer dizer exatamente?” – Pergunto, desejando poder voltar o dia e começar de novo.

– “Bem, Ava disse...” –

– “Ava?” – meus olhos praticamente saltaram para fora da minha cabeça.

– “Sim, você sabe, a psíquica da festa de Halloween? A única que conseguia me ver?”

Neguei com a cabeça e abri a porta, olhando por cima do meu ombro para dizer, – “Sinto decepção-a, mas Ava não é mais que uma fraude. Uma mentirosa! Uma charlatona! Uma farsante! Não devia escutá-la. É louca!” –

Mas Riley só dá de ombros, e olha pra mim. – “Ela disse coisas muito interessantes.” –

E sua voz estava cheia de dor e preocupação, que eu diria qualquer coisa para fazer isso desaparecer. – “Escute.” – olhei para as escadas, embora sabendo perfeitamente que Sabine não estava aqui. – “Não quero voltar a ouvi-la falar sobre Ava. Quero dizer, se você quiser visitá-la, mesmo depois de tudo o que eu disse, então faça, não é como se eu pudesse detê-la. Só lembre-se que Ava não nos conhece. E ela está absolutamente errada em julgar o fato de querermos estar juntas. Não é assunto dela. É nosso.” – E quando a olho, vejo que seus olhos estão arregalados, seus lábios ainda tremendo e meu coração batendo forte no peito. – “Eu realmente preciso ir. Então, você vem ou não?” – Eu sussurro.

– “Não.” – me lança um olhar fulminante.

Então respiro fundo, balanço a cabeça e fecho a porta do quarto.

Desde que Miles foi suficientemente inteligente para sair e não me esperar, eu conduzo para a escola sozinha. E embora já tenha soado o sinal, Damen está ali, esperando do lado do seu carro, na segunda melhor vaga depois de mim.

– “Oi” –, ele disse, dirigindo-se para o meu lado e inclinando-se para um beijo.

Mas eu agarro minha mochila e me dirijo para a entrada.

– “Desculpe por ter me perdido ontem. Liguei para o seu celular, mas não tive resposta.” – Ele estava caminhando ao meu lado.

Seguro as barras de ferro frias e agito o máximo que posso. Mas quando não se movem fecho meus olhos e pressionando minha testa contra elas, sabendo que é muito tarde, é inútil.

– “Recebeu minha mensagem?” –

Passo pela entrada e pelo escritório principal, prevendo o momento terrível em que eu sou pega pela saída de ontem e por chegar atrasada hoje.

– “O que há de errado?” – ele pergunta, agarrando fortemente minha mão e me fazendo sentir como se um líquido quente corresse dentro de mim. – “Pensei que tivesse nos divertido, achei que tivesse gostado?” –

Me apoio contra a parede e suspiro. Sentindo-me como um elástico, fraco, completamente indefesa.

– “Ou você está apenas rindo de mim?” – Ele aperta minha mão, seus olhos me suplicando que eu não esteja furiosa. E quando eu começo a me dobrar, no exato momento em que eu quase mordo sua isca, deixo cair sua mão e me afasto. Estremeço-me quando as memórias de Haven, nossa conversa pelo telefone, e seu estranho desaparecimento na estrada caem sobre mim como um maremoto.

– “Sabia que Drina estava na Disneylândia também?” – digo, e no segundo que eu falo me dou conta de como isso soa infantil. No entanto, agora que saiu, posso me dar ao luxo de continuar. – “Há alguma coisa que eu deva saber? Algo que você precisa me dizer?” – pressiono meus lábios e espero pelo pior. Mas ele só olha pra mim, olhando dentro dos meus olhos quando diz:

– “Não estou interessado em Drina. Só estou interessado em você.” –

Eu olho para o chão, querendo acreditar, acreditar que seja assim tão fácil. Mas quando ele pega a minha mão, me dou conta de que é fácil, porque todas as dúvidas desaparecem imediatamente.

– “Agora é a parte que você me diz que se sente da mesma maneira.” – ele diz, encarando-me. Eu hesito, com o meu coração batendo tão alto que eu tenho certeza que ele pode ouvi-lo. Mas quando eu fico parada por muito tempo, e o momento passa, ele desliza o braço ao redor da minha cintura e me leva de volta a porta.

– “Tudo bem.” – sorri. – “Tudo ao seu tempo. Não há pressa, não há prazo.” – disse rindo. –

“Mas, por agora, vamos para a aula.” –

– “Mas temos que passar pelo escritório.” – me detenho no estacionamento e o encaro. – “A porta está trancada, lembra?” –

Ele balança a cabeça. – “Ever, a porta não está trancada.” –

– “Ah, desculpa, mas eu tentei abri-la. Está trancada.” – me permito lembrá-lo.

Ele sorri. – “Você vai confiar em mim?” –

Eu o encaro.

– “O que custa? Alguns passos? Alguns minutos a mais?” –

Olho de relance para o escritório e depois pra ele, então balanço minha cabeça e o sigo, de volta à porta que está de alguma maneira, inexplicavelmente aberta.

– “Mas eu vi! E você também viu!” – viro para ele, não compreendendo como isso poderia ter acontecido. – “Eu agitei, tão forte quanto eu pude, e não moveu nem uma polegada.” –

Mas ele só me beija na bochecha e disse rindo, – “Vá e não se preocupe, o Sr. Robins está incapacitado pela embriaguez, você ficará bem.” –

– “Você não vem?” – pergunto ansiosa, por causa do sentimento de pânico que cresce dentro de mim.

Mas ele disse, – “Estou emancipado, faço o que quero.” –

– “Sim, mas...” – parei, me dando conta que seu número de telefone não era a única coisa que faltava. Mal conheço esse cara. Não paro de me perguntar como pode me fazer sentir tão bem, tão normal, quando todo sobre ele é tão anormal. Embora não tenha sido até que ele se afastasse, percebi que ainda tinha de me explicar o que aconteceu na estrada a noite passada. Mas antes que pudesse perguntar, ele já estava ao meu lado, pegando minha mão e me disse – “Meu vizinho ligou, meu sprinkler (sistema de irrigação) estava quebrado e inundou o quintal. Tentei chamar sua atenção, mas estava ao telefone e não quis incomodar.

Olhei para nossas mãos entrelaçadas, morena e pálida, forte e fraca, um par tão desigual.

– “Agora vá, eu te encontro depois da escola, eu prometo.” – Sorri, tirando de trás da minha orelha uma tulipa vermelha.

Normalmente tento não pensar na minha antiga vida, nos meus antigos amigos, na minha antiga família, na antiga “eu” e, embora tenha me tornado muito boa nisso, reconhecendo os sinais – olhos ardendo, respirações curtas, a sensação de solidão e desespero – antes que me

sobrecarregue, às vezes me pegam de surpresa e tudo o que posso fazer quando isso acontece é esperar que passe. O que é bastante difícil quando estou no meio de uma aula de história. Assim, enquanto o Sr. Munoz está entretido com Napoleon, minha garganta se fechava, meu estômago revirava e meus olhos ardiam tão abruptamente, que me lanço porta a fora, alheia ao som do professor chamando-me, imune as risadas dos meus colegas de classe.

Viro à esquerda, secando as lágrimas, tentando conseguir ar, meu sentimento de estar vazia por dentro, uma concha oca que dobra em si mesmo. E quando percebo Stacia já é tarde de mais para evitá-la, e nos batemos com tanta velocidade e força que rasgo o vestido dela.

– “O que...” – Ela fica boquiaberta ao ver que abriu partes do seu vestido, antes de me olhar fixamente. – “Mas que merda, você o rasgou, sua aberração!” – ela coloca o punho no rasgo, valorizando o dano.

E mesmo que me sinta mal pelo ocorrido não há tempo para ajudar.

O sofrimento está me consumindo e não posso permitir que ela veja.

Começo a passar ao seu lado quando agarra o meu braço fazendo-me parar, o toque de sua pele me atinge com tanta energia escura que rouba minha respiração.

– “Para sua informação este vestido foi desenhado, o que significa que você vai substituí-lo,” – ela diz, seus dedos pressionando meu braço tão forte que parece que vou desmaiar. – “E acredite, isso não acaba aqui.” – ela balança a cabeça me dando um olhar fulminante. – “Você vai se arrepender tanto disso, que vai desejar nunca ter vindo para essa escola.” –

– “Como Kendra?” – eu digo, me acalmando um pouco, meu estômago estava melhorando.

Ela afrouxou seus dedos, mas não me soltou.

– “Você plantou aquelas drogas no armário dela. Você fez com que ela fosse expulsa, destruindo sua credibilidade para que acreditassem em você e não nela.” – lhe disse, reproduzindo a cena na minha cabeça.

Ela soltou meu braço e recuou, a cor sumindo de seu rosto quando disse – “Quem te disse isso? Você nem sequer estava aqui quando isso aconteceu.” –

Dou de ombros, sabendo que isso é verdade, mas essa não é a questão.

– “Ah, e tem mais,” – digo, avançando em direção a ela, minha própria tempestade passando, meu sofrimento opressivo curado miraculosamente pelo medo em seus olhos. – “Sei que copia as provas, rouba seus pais, lojas e teus amigos. É tudo jogo limpo na tua opinião. Sei que grava as chamadas telefônicas de Honor e que guarda em um arquivo junto com e-mails e mensagens de texto que ela te envia, pra quando ela decidir se virar contra você. Também sei que flerta com seu padrasto, que por outro lado é totalmente asqueroso, mas infelizmente já ficou com piores que isso. Sei tudo sobre o Sr. Barnes-Barnum? Tanto faz, você sabe a quem me refiro, o seu professor de história do nono curso? A quem estava tentando seduzir e quando ele não cedeu, tentou chantageá-lo, ameaçando contar ao diretor e a sua pobre esposa grávida...” – balanço minha cabeça em aversão, com seu comportamento sórdido, interesseiro, que nem parece real.

No entanto aqui está ela, diante de mim com os olhos totalmente abertos, lábios tremendo em choque ao ver revelado todos os seus segredos sujos. E ao invés de me sentir mal ou culpada por expô-la, usar meu dom dessa maneira, vendo essa pessoal desprezível, detestável, intimidadora egoísta, que tornou minha vida miserável desde o primeiro dia, vê-la reduzida a um fantoche foi mais gratificante do que eu havia imaginado.

Com a minha náusea e minha dor quase esquecida, eu disse a mim mesma para continuar.

– “Devo continuar?” – pergunto lhe, – “Porque acredite, eu posso. Tem muito mais, mas você já sabe a verdade, não é?” –

Caminho em direção a ela, ela tropeça para trás, tentando manter o máximo de distância possível entre nós.

– “O que você é? Algum tipo de bruxa?” – ela sussurra, seus olhos varrendo o corredor, procurando por ajuda, uma saída, qualquer coisa que a mantenha longe de mim.

Eu rio. Sem admitir ou negar, querendo que ela pense duas vezes antes de se meter outra vez comigo. Mas então ela pára rapidamente, encontrando sua base, me olha firmemente e fala, – “Pelo contrário, é a tua palavra contra a minha,” – ela ri abertamente – “E a quem você acha que vão acreditar? Em mim, a garota mais popular da classe Junior ou em você, que é a maior aberração que veio para esta escola?” –

Um ponto pra ela.

Ela coloca o dedo no buraco do vestido, movendo a cabeça e diz, – “Fique longe de mim aberração, porque se não ficar, eu juro por Deus que vai se arrepender.” – e quando passa ao meu lado bate no meu ombro tão forte que não tenho nenhuma dúvida do que isso significa. Quando eu chego à mesa do almoço tento não fazer cara de boba, mas o cabelo de Haven está roxo e não sei se devo mencionar.

– “Não tente parecer que não viu, está horrível,” – ela ri. – “Justo depois que falei com você ontem à noite eu tentei pintar de vermelho, como o de Drina, mas acabei com isto.” – agarra um pouco de cabelo e olha. – “Pareço uma berinjela em uma vara. Mas só por algumas horas, porque depois da escola Drina vai me levar a um famoso salão de beleza em LA, você sabe, esses que tem de marcar uma hora com um ano de antecedência, só que ela me agendou no último momento, eu juro, ela tem tantos conhecidos, é incrível.” –

– “Onde está Miles?” – pergunto, cortando-a sem querer ouvir mais uma palavra sobre a incrível Drina e suas fabulosas habilidades.

– “Memorizando suas falas. O teatro da comunidade está fazendo uma produção de Hairspray, e ele espera conseguir o papel principal.” –

– “A protagonista não é uma garota?” – abro minha comida, encontrando uma metade de sanduíche, um cacho de uvas, um saco de batatas fritas e mais tulipas.

Ela deu de ombros – “Ele tentou me convencer para testá-lo, mas isso não é comigo, mas onde está seu alto, misterioso e quente namorado?” – me pergunta, desdobrando seu guardanapo e usando como toalha de mesa para seu bolinho de morango salpicado.

Dou de ombros, recordando como, outra vez, não tenho o seu número e nem sei onde vive.

– “Apreciando as vantagens da emancipação, eu suponho.” – eu digo finalmente, tirando o plástico do sanduíche e dando uma mordida. – “Alguma notícia de Evangeline?” –

Ela balança a cabeça negativamente. – “Nenhuma, mas olha isto.” – ela levanta a manga, mostrando a parte de baixo do pulso.

Eu vejo o início de uma pequena tatuagem circular, um esboço tosco de uma serpente que come seu rabo, embora esteja longe de completá-la, por um breve momento eu posso vê-la deslizar e se mover, mas quando pisco, ela está parada novamente.

– “O que é isso? Eu sussurro, enquanto uma energia de medo me invade sem saber por quê.

– “Era pra ser uma surpresa. Eu iria mostrar quando estivesse terminado.” – ela sorri. – “nem sequer deveria ter dito,” – Ela volta a colocar a manga e olha a sua volta. – “Quer dizer, eu prometi que não diria nada. Acho que estou muito excitada e às vezes não sei manter um

segredo, especialmente os meus.

Eu a olho tentando me igualar a sua energia, tentando encontrar um motivo para explicar o estômago embrulhado, mas não encontro nada. – “Prometeu a quem? O que está acontecendo?” – lhe pergunto, me dando conta que sua aura estava cinza, de um carvão vegetal maçante, as bordas estavam soltas e desgastadas ao redor. Mas ela só sorri e faz o gesto de que seus lábios estão selados.

– “Esqueça isso. Você vai ter que esperar.” –

DEZOITO

Quando chego da escola em casa, Damen está me esperando nos degraus da entrada, sorrindo de uma forma que clareia as nuvens no céu e apaga todas as minhas dúvidas.

– “Como foi que você passou pelos guardas?” – lhe pergunto sabendo que ninguém me ligou para deixá-lo entrar.

– “Charme e um carro caro funcionam todas às vezes.” – ele ri, limpando a parte de trás de seu jeans me seguindo para dentro. – “E como foi o seu dia?” –

Dou de ombros, sabendo que estou quebrando a regra mais importante de todas: nunca deixar entrar em casa um estranho, mesmo que esse estranho supostamente seja meu namorado. – “Você sabe, a rotina habitual.” – digo finalmente. – “A professora substituta jurou nunca mais voltar, a Srta. Machado me pediu pra nunca mais voltar...” – eu olho pra ele, tentada a continuar contando-lhe coisas, mas é claro que ele não está me escutando, porque enquanto ele está confirmando com a cabeça, seus olhos estão distantes e preocupados.

Caminho para a cozinha, enfio a cabeça na geladeira e pergunto, – “E quanto a você? O que fez?” – pego uma garrafa de água e ofereço, mas ele balança a cabeça negativamente e toma um gole de sua bebida vermelha.

– “Dirigi, pratiquei surf e esperei o sinal bater para te olhar novamente.” – ele sorri.

– “Sabe que poderia ir à escola e não teria de esperar por nada.” – o digo.

– “Vou tentar me lembrar amanhã.” Ele ri.

Encosto-me ao fogão, girando a tampa da minha garrafa de novo e de novo, nervosamente por está sozinha com ele nesta enorme casa, com tantas perguntas sem respostas e sem nenhuma idéia de por onde começar.

– “Você quer ir lá pra fora e caminhar na área da piscina?” – finalmente digo, pensando que ar fresco e espaço aberto poderiam me acalmar.

Mas ele diz que não com a cabeça e pega a minha mão. – “Prefiro ir lá pra cima e conhecer seu quarto.” –

– “Como sabe que fica lá em cima?” – lhe pergunto, encarando-o com os olhos semicerrados.

Mas ele sorri. – “Não estão sempre lá em cima?” –

Eu hesito um pouco, decidindo se devo ou não permitir que isso aconteça, ou encontrar uma maneira de desencorajá-lo educadamente.

Mas quando ele segura a minha mão e diz, – “Vamos, prometo que não mordo,” – seu sorriso é tão irresistível, seu toque é tão quente e convidativo, que meu único desejo, enquanto eu o conduzo pela escada, é que Riley não esteja ali.

No momento em que chegamos no alto da escada, ela corre do quarto e diz, – “Ó Deus, eu sinto muito! Não quero brigar mais com... oops!” – Ela para bruscamente e nos olha boquiaberta com os olhos enormes, como Frisbees (objetos em forma de disco, geralmente feitos de plástico com diâmetro entre 20 a 25 centímetros).

Mas eu só continuo andando até meu quarto, como se não a tivesse visto, esperando que ela tenha a sensatez de desaparecer e só voltar mais tarde. Bem mais tarde.

– “Parece que deixou sua TV ligada,” – Damen disse, entrando no quarto, enquanto eu olho para Riley, que está andando ao lado dele, olhando de cima a baixo, e levantando seus

polegares, muito entusiasmada e mesmo que eu imploro com meus olhos para ela ir, ela cai esticada no sofá colocando os pés nos joelhos dele.

Dirijo-me ao banheiro apressada, zangada com ela por não pegar a indireta, por prolongar a visita e se recusar a sair. Sabendo que é só uma questão de tempo até que faça alguma loucura que eu não possa explicar. Então me livro do meu casaco e faço minha rotina habitual: escovar meus dentes com uma mão, passando o desodorante com a outra, e cuspidando na pia antes de colocar uma camisa branca. Então eu solto o cabelo, passo um pouco de bálsamo labial, perfume e apresso-me para a porta, só para descobrir que Riley ainda está lá, olhando atentamente para as orelhas de Damen.

– “Deixe-me te mostrar a varanda, a vista é incrível.” – Eu digo, ansiosa para separá-lo de Riley. Mas ele só balança a cabeça e diz, – “Mais tarde.” – dando um tapinha na almofada ao lado dele, convidando a sentar-me junto a ele, enquanto Riley saltava e aplaudia.

Eu vejo como ele está sentado ali, completamente inocente, inconsciente, confiando que tem o sofá só para ele, quando na verdade esse formigamento em seu ouvido, essa coceira no seu joelho, o frio em seu pescoço, é cortesia da minha irmãzinha morta.

– “Hum, eu deixei minha água no banheiro,” – eu digo olhando diretamente para Riley e virando para sair pensando que é melhor que me siga, se ela sabe o que é bom pra ela.

Mas Damen se levanta e diz: – “Permita-me” –

E presto atenção em como ele manobra entre o sofá e a mesa evitando claramente as pernas de Riley. Logo ela me olha boquiaberta e a próxima coisa que sei é que ela havia desaparecido.

– “Pronto,” – Damen disse, entregando-me a garrafa e movendo-se com muita liberdade, quando apenas um momento atrás, se movia com muito cuidado e quando ele percebe que estou pasma, ele sorri e diz, – “O quê?” –

Mas eu só balanço a cabeça e olho para a TV, convencendo-me que era só uma coincidência. Que é impossível que ele a tenha visto.

– “Então, por favor, você pode me explicar como faz isso?” – Estamos do lado de fora, acomodados na cadeira da sala de estar, acabamos de comer uma pizza inteira, e eu comi a maior parte, porque Damen come mais como uma supermodelo do que como um garoto. Mordisca, mordisca, afasta o prato, mordisca de novo... mas na maior parte apenas sorveu sua bebida.

– “Fazer o quê?” – ele pergunta, seus braços envolvendo-me e seu queixo apoiado no meu ombro.

– “Tudo! Sério. Nunca faz as tarefas da escola e mesmo assim sabe todas as respostas. Coloca um pincel na tinta molhada e voila, e o que sabe-se é que você criou um Picasso, que é melhor do que o próprio Picasso! Você é mal nos esportes? Penosamente descoordenado? Vamos, diga-me!” –

– “Então deve ser a música. Tem má audição?” –

– “Traga-me uma guitarra e te faço uma melodia. Também toco piano, violino e saxofone.” –

– “Então em quê? Vamos! Todo mundo é ruim em alguma coisa! Diga-me no que você é.” –

– “Por que você quer saber disso?” – ele pergunta, apertando-me mais. – “Por que você quer destruir a perfeita ilusão que têm de mim?” –

– “Porque odeio sentir-me tão pálida e insuficiente, em comparação com você. É sério, sou tão medíocre em tantas maneiras, e eu apenas quero saber que você também é ruim em algo.

Vamos, me faça sentir melhor.” –

– “Você não é medíocre.” – ele diz, seu nariz em meu cabelo, sua voz bem séria. Mas recuso-me a desistir, eu preciso de algo para seguir, alguma coisa que humanize ele, mesmo que seja só um pouco. – “Só uma coisa, por favor. Mesmo que tenha que mentir. É por uma boa causa: minha auto-estima.” –

– “eu tento me virar pra que ele possa me ver, mas ele me aperta tão forte e me mantém ali, enquanto beija a ponta da minha orelha e sussurra, – “Você quer realmente saber?” – Eu afirmo com a cabeça, meu coração batendo descontroladamente, minha pulsação ficando elétrica.

– “Sou ruim no amor.” –

Eu olho fixamente para a lareira, imaginando o que isso significa. E mesmo que sinceramente eu quero que ele responda, isso não significa que eu queira que ele me responda com tanta sinceridade. – “Eh, se importaria de ser mais específico?” – Eu pergunto, rindo nervosamente, sem ter certeza se realmente quero ouvir a resposta. Com medo de que tem algo a ver com Drina, um assunto que prefiro evitar.

Ele se aperta mais contra mim, suspirando profundamente. E continua assim por tanto tempo, que me faz duvidar se continuará falando. – “Eu sempre termino... decepcionado.” – Ele dá de ombros, recusando-se a explicar mais.

“Mas você só tem 17 anos.” – eu me livro de seus braços e o encaro.

Ele dá de ombros.

– “E quantas decepções você teve?” –

Mas em vez de responder, ele me puxa de volta, aproxima seus lábios em meu ouvido e sussurra, – “Vamos nadar.” –

Mais um sinal de como Damen é perfeito, ele sempre tem uma roupa de banho no carro.

– “Hey, aqui é a Califórnia, você nunca sabe quando vai precisar.” – ele diz, parando na borda da piscina e sorrindo. – também tenho uma roupa de mergulho no porta-malas. Deveria usá-lo?

– “Não posso responder isso,” – lhe digo, mergulhando até o fundo da piscina, enquanto o vapor cobre tudo ao redor. – “Tem que decidir por si mesmo.” –

Ele avança pela borda e finge que vai colocar seu dedão do pé na água.

– “Sem testes, é só pular.” – eu censuro.

– “Posso dá um salto?” –

– “Bala de canhão, cair de barriga, tanto faz.” – eu rio, prestando atenção em como ele executa o mergulho fazendo uma perfeita pirueta antes de cair na água e chegar ao meu lado.

– “Perfeito” – ele disse, seu cabelo acetinado para trás, sua pele molhada e brilhante, as pequenas gotas de água aderem-se a suas sobrancelhas, e justo quando penso que vai me beijar, ele mergulha na água e nada se afastando.

Então eu respiro profundamente, engulo meu orgulho, e o sigo.

– “Muito melhor,” – ele diz, abraçando-me.

– “Você tem medo da profundidade?” – eu sorrio, meus dedos do pé quase tocando o fundo.

– “Me referia a sua roupa. Deveria se vestir assim mais vezes.” –

Eu olho para o meu pálido corpo em meu biquíni branco e tento não me sentir muito insegura diante do seu bronzeado, perfeito e escultural corpo.

– “Definitivamente muito melhor do que o casaco com capuz e o jeans.” –

Eu pressiono meus lábios, sem saber o que dizer.

– “Mas eu suponho que tem que fazer o que tem que fazer, certo?” –

Eu estudo o seu rosto. Algo na forma como ele disse isso, me fez sentir como se ele tivesse se referindo a algo mais, como se ele soubesse a verdadeira razão pela qual eu me visto assim.

Ele sorri. – “Obviamente protege-se da ira de Stacia e Honor. Elas não gostam de competição.”

– ele coloca meu cabelo atrás da minha orelha e acaricia o lado do meu rosto.

– “Estamos competindo?” – lhe pergunto, lembrando o flerte, as rosas, a briga que tivemos hoje na escola, a ameaça, que não tenho a menor dúvida que não acabará bem. Observando-o enquanto ele me olha por um longo tempo, por tanto tempo que meu humor muda e me afasto.

– “Ever, nunca houver nenhuma competição,” – ele diz, seguindo-me.

Mas eu mergulho na água e nado até a borda, agarrando-me e saindo, sabendo que preciso agir rápido se vou dizer o que quero, porque no momento que ele se aproximar, as palavras evaporarão.

– “Como eu posso saber de alguma coisa, quando você está quente e frio?” Eu digo, minhas mãos tremendo, minha voz instável, desejando poder apenas parar e deixar recuperar a tarde agradável e romântica que nós tínhamos. Mas sabendo que devo dizer isso, não importando as consequências que traga. – “Quero dizer, um minuto está me olhando dessa maneira que você fez, e no minuto seguinte, que eu saiba, você está por aí com a Stacia.” – pressiono meu lábios e espero que ele responda, observando como ele sai da piscina movendo-se até mim, tão lindo, molhado e brilhante, que tenho que me esforçar para manter a respiração.

– “Ever, eu...” – Ele fecha os olhos e suspira. E quando os abre outra vez, dá mais um passo para mim e diz, – “Nunca tive a intenção de machucá-la. De verdade. Nunca.” – desliza seus braços em volta de mim e fazer-me olhar diretamente para ele. E quando eu faço, quando finalmente rendo-me, ele olha em meus olhos e diz, – “Nada do que fiz foi para feri-la e sinto muito a fiz sentir que estava jogando com seus sentimentos. Te disse que não sou muito bom com essas coisas.” – Sorri, enterrando seus dedos em meu cabelo molhado, e tirando uma tulipa vermelha.

Eu olho fixamente para ele, fitando seus ombros fortes, seu peito definido, seu abdômen como tábua de lavar, e as mãos. Nenhuma luva com coisas escondidas dentro, nenhum bolso para armazenar qualquer coisa. Apenas seu corpo glorioso semi-nu, seu molhado traje de banho, e essa estúpida tulipa vermelha na mão.

– “Como você faz isso?” – eu pergunto, prendendo a respiração, sabendo muito bem que não veio da minha orelha.

– “Faço o quê?” – ele ri, seus braços cercando minha cintura, puxando-me para mais perto.

– “As tulipas, as rosas, todo isso.” – Eu sussurro, tentando ignorar a sensação de suas mãos em minha pele, como seu toque me faz sentir morna, sonolenta e tonta.

– “É Mágica.” – ele sorri.

Afasto-me e alcanço uma toalha, envolvendo-a firmemente em mim. – “Por que nunca pode falar sério?” – lhe digo, perguntando-me como fui me meter nisso e se ainda há tempo para recuar.

– “Estou falando sério,” – murmura, puxando sua camisa e alcançando suas chaves, enquanto estou tremendo de frio em minha toalha úmida. Observando silenciosamente como ele se dirige até a porta, me olha sobre os ombros e me diz, – “Sabine chegou.” – antes de se perder na noite.

DEZENOVE

No dia seguinte, quando entro no estacionamento, Damen não está lá, e enquanto saio do meu carro, coloco minha mochila no ombro e me dirijo para a aula, digo a mim mesma, palavras de encorajamento e me preparo para o pior.

Mas quando chego à sala de aula, fico completamente imóvel olhando estupidamente a porta pintada de verde e incapaz de abri-la. Como minhas habilidades psíquicas se evaporam em todos os assuntos relacionados à Damen, a única coisa que posso ver realmente é o pesadelo que eu criei na minha mente. Esse onde Damen está empoleirado na borda da mesa de Stacia, rindo e flertando, tirando rosas por todas as partes, enquanto eu entro e caminho para a minha mesa, a cintilação doce e quente de seu olhar para mim por alguns segundos e, em seguida, dar-me as costas e concentra-se novamente em Stacia.

E eu simplesmente não posso entrar e presenciar isso. Eu realmente não posso suportar isso, porque embora Stacia seja cruel, grosseira, horrível e sádica, ela é assim de uma forma direta, sem segredos, sem mistérios. Sua crueldade está ali, claramente exposta.

Enquanto eu sou totalmente o oposto: paranóica, cheia de segredos, escondendo-me atrás óculos escuros e capuz e guardando uma carga tão pesada, que não há nada simples sobre mim.

Alcanço a maçaneta novamente, recriminando-me: "isto é ridículo. O que você vai fazer, sair da escola? Você tem que lidar com isso durante um ano e meio. Então se acostume e entre logo de uma vez!"

Mas minha mão começa a tremer, recusando-se a obedecer, e quando estou prestes a correr, um garoto vem por trás, limpa sua garganta e diz, – "Ei, você vai abrir isso?" – completando a pergunta em sua cabeça com um não dito sua "maldita anormal!"

Assim eu respiro profundamente, abro a porta, e me esquivo para dentro. Sentindo-me pior do que havia imaginado quando vejo que Damen não está ali.

No segundo que entro na área do almoço, faço uma varredura nas mesas buscando Damen, ma quando não o vejo, dirijo-me ao meu lugar habitual, chegando ao mesmo tempo em que Haven.

– "Dia seis e nenhuma notícia sobre Evangeline," – ela disse deixando cair sua caixa de bolinhos em cima da mesa antes de se sentar em frente a mim.

– "Você perguntou no grupo dos anônimos?" – Miles senta-se ao meu lado e tira a tampa de sua vitamina.

Haven revira os olhos. – "Eles são anônimos, Miles." –

Miles revisa os olhos. – "Me refiro ao seu mentor." –

– "Eles se chamam patrocinadores e sim, eu já perguntei e não foi de muita ajuda, não ouviu nada. Embora Drina pense que estou exagerando, disse que estou fazendo muito alvoroço por nada." –

– "Ela ainda está aqui?" – Miles a encara fixamente.

Meus olhos vagam entre eles, alertada pela alteração em sua voz e esperando por mais. Como quase tudo que tem haver com Damen e Drina está fisicamente fora dos limites, estou igualmente curiosa para escutar a resposta.

– "É sim Miles, ela agora vive aqui. Por quê? Isso é um problema?" – ela estreita seus olhos.

Miles dá de ombros e toma de sua bebida. – “Nenhum problema.” – Embora seus pensamentos digam o contrário e sua aura amarela torna-se escura e opaca enquanto se esforça em decidir o que dizer ou não dizer nada. – “É só...” – ele começa.

– “É só o quê? – ela o olha com os olhos semicerrados e lábios tensos.

– “Bem...” –

Eu o olho pensando: “Faça isso, Miles, diga a ela. Drina é arrogante, horrível, uma má influência, puro problema. Você não é o único que vê isso, eu também vejo, então vá em frente e diga, ela é a pior.”

Ele vacila, as palavras formando-se em sua língua, enquanto eu seguro a respiração, antecipando sua saída. Ele inspira alto, balança a cabeça e diz, – “Não, esqueça.” –

Eu olho para Haven, observando seu rosto enfurecido, sua aura alargando-se, as bordas faiscando e inflamando, prevendo uma grande explosão em três-dois-um

– “Me desculpe Miles, mas eu não acredito nisso. Se tem algo a dizer então que o diga.” – ela lança um olhar fulminante pra ele, seu bolinho completamente esquecido enquanto bati seus dedos de encontro à mesa e como ele não responde, ela continua. – “Como quiser Miles. Você também Ever. Só porque não disse nada, não te torna menos cúmplice.” –

Miles me olha cuidadosamente com seus olhos enormes e sobranceiras arqueadas, e eu sei que deveria dizer algo, fazer alguma coisa, fingir e perguntar de quê exatamente sou culpada. Mas a verdade é que eu já sei. Sou culpada porque não gosto da Drina. Porque não confio nela. Sou culpada porque sinto algo suspeito, até mesmo sinistro, e não faço o bastante para esconder essas suspeitas.

Ela balança a cabeça negativamente, revira seus olhos e está tão zangada que praticamente cospe suas palavras, – “Vocês nem sequer a conhecem e não tem direito de julgá-la! Para a sua informação, eu gosto de Drina e no curto período de tempo que a conheço, tem sido melhor amiga do que qualquer um de vocês dois!” –

– “Isso não é verdade!” – grita Miles com os olhos em chamas. – “Isso é uma grande besteira!” –

– “Desculpa Miles, mas é verdade. Vocês me toleram, andam comigo, mas vocês não me entendem com ela me entende. A Drina e eu gostamos da mesma coisa, compartilhamos os mesmos interesses. Ela não quer secretamente que eu mude como vocês querem. Ela me aceita como eu sou.” –

– “Ah, então foi por isso que mudou sua aparência? Porque ela te aceita como você é?” –

Eu observo como Haven fecha os olhos, respira lentamente e depois olha para Miles enquanto se levanta da cadeira, recolhe suas coisas e diz, – “Tanto faz Miles. Não me importa o que pensa nenhum de vocês” –

– “E agora, Senhoras e Senhores, preparem-se para a grande saída dramática!” – Miles franzi as sobranceiras – “O quê? Você está brincando? Todo o que fiz foi perguntar se ela ainda estava aqui! Isso foi tudo e você transformou tudo nesse calvário! Deus! Senta, pensa em algo feliz e relaxa, certo?” –

Ela diz que não com a cabeça e se apóia na mesa e eu posso ver a pequena e elaborada tatuagem em seu pulso já terminada, mais ainda vermelha e inflamada.

– “O que significa isso?” – lhe pergunto, vendo a tinta representar uma cobra comendo sua própria cauda, sabendo que existe um nome para isso, que é um tipo de cultura mística, mas não lembro qual é.

– “Ouroboros” – e quando ela fricciona com seu dedo, juro que vi a língua da serpente se mover.

– “O que significa?” –

– “É um antigo símbolo alquimista para a vida eterna, criação pela destruição, vida pela morte, imortalidade, algo assim,” – disse Miles.

Haven e eu o encaramos, mas ele simplesmente dá de ombros. – “O quê? Eu leio.” –

Então eu olho para Haven e digo, – “Parece infeccionado. Talvez devesse dá uma olhada nisso. Mas assim que eu digo, eu sei que foi a coisa errada a dizer, e vejo como ela ajeita a manga da blusa e sua aura acendendo e inflamando.

– “Minha tatuagem está bem. Eu estou bem. E me desculpe por dizer mas, não posso evitar de notar como nenhum de vocês estão preocupados com Damen, que, aliás, não vem para a escola. Quero dizer, o que está acontecendo?”

Miles olha o seu celular e eu só dou de ombros. Não posso dizer que ela está errada e vemos como ela balança a cabeça, pega sua caixa de bolo e sai.

– “Pode me dizer o que acabou de acontecer aqui?” – Miles diz, observando com ela ziguezagueia entre o labirinto de mesas, com grande pressa de ir para algum lugar.

Mas eu só dou de ombros, incapaz de esquecer a imagem da serpente em seu pulso e como virou sua cabeça, fixando seus olhos diretamente em mim.

No momento em que entro em minha rua, vejo Damen encostado em seu carro sorrindo.

– “Como foi à escola?” – ele pergunta, circulando o carro e abrindo a minha porta.

Eu dou de ombros e pego meus livros.

– “Vejo que continua irritada,” – ele disse, seguindo-me até a porta da minha casa e, mesmo que não esteja me tocando, posso sentir o calor que emana do seu corpo.

– “Não estou irritada.” – digo entre dentes, abrindo a porta e deixando cair minha mochila no chão.

– “Bem, isso é um alívio porque eu fiz reservas para dois, e se você está irritada, então eu suponho que você virá comigo.” –

Eu o encaro, meus olhos viajando por seus jeans escuros, botas e suéter negro claro que só pode ser caxemira, tentando adivinhar o que ele estaria inventando agora.

Ele remove meus óculos escuros e meus fones de ouvidos e os coloca sobre a mesinha da entrada. – “Confie em mim, você realmente não precisa de todas essas defesas,” – ele disse, baixando meu capuz, mantendo seu braço ao redor do meu e me levando para fora de casa, até seu carro.

– “Aonde vamos?” – lhe pergunto, acomodando-me complacentemente no assento do passageiro, sempre tão disposta a seguir qualquer que seja seu plano. – “Quero dizer, e quanto ao meu dever de casa? Eu tenho uma tonelada de tarefas para por em dia.” –

Mas ele só balança a cabeça e se senta ao meu lado. – “Relaxe, você pode fazer mais tarde, eu prometo.” –

– “Quanto mais tarde?” – eu o olho atentamente, me perguntando se alguma vez poderei me acostumar com a sua incrível e obscura beleza, o calor do seu olhar e a sua capacidade de me convencer de qualquer coisa.

Ele sorri, ligando o carro sem nem sequer girar a chave. – “Antes da meia-noite, eu prometo. Agora coloque o cinto, daremos um passeio.” –

Damen conduz rápido. Muito rápido. Assim, quando ele entra no estacionamento e deixa seu

carro com o manobrista, parece que só se passaram alguns minutos.

– “Onde estamos?” – lhe pergunto, olhando os edifícios verdes e o letreiro que diz Entrada Leste. – “Entrada Leste pra onde?” –

– “Bem, isso deve explicar.” – ele ri, puxando-me para ele quando quatro brilhantes e suados cavalos puro sangue passam por nos. Seguidos por um cavaleiro com uma jaqueta verde e rosa, a calça branca e apertada e um par de botas pretas sujas de lama.

– “Um Hipódromo?” – digo boquiaberta. Assim como foi na Disneylândia, isto era completamente inesperado.

– “Não é qualquer hipódromo, é o Santa Anita,” – ele afirma. – “Um dos melhores. Agora vem, temos uma reserva para as três e quinze no Favorito.” –

– “Quem?” – eu digo, engolindo em seco.

– “Relaxe, é só um restaurante.” – ele ri. – “Agora, vamos, não quero perder as apostas.” –

– “Isso não é ilegal?” – digo sabendo que pareço mais uma santa-do-pau-oco, mais ainda, ele é tão desenfreado, tão imprudente, tão aleatório.

– “Comer é ilegal?” – ele sorri, mas posso ver que sua paciência está chegando ao limite.

Eu digo que não com a cabeça. – “É apostar, jogar, ou o que seja. Você sabe” –

Mas ele apenas sorri e diz que não com a cabeça. – “É uma corrida de cavalos, Ever, não uma rinha de galos. Agora vamos.” – ele aperta a minha mão e se dirige ao elevador.

– “Mas você não tem que ter vinte e um anos para poder entrar em lugares como este?” –

– “Dezoito.” – ele diz entre os dentes, entrando no elevador e pressionando o número cinco.

– “Exato. E tenho dezesseis e meio.” –

Ele balança a cabeça e se inclina para beijar-me. – “As regras devem sempre ser dobradas, ou então quebradas. É a única forma de ter algum divertimento. Agora venha” – ele disse, encaminhando-me por um corredor e, em seguida, em um grande salão decorado com várias tonalidades de verde, parando em frente ao pódio frontal e cumprimentando o maitre como se fosse amigos há muito tempo.

– “Ah! Sr. Auguste, que maravilhoso vê-lo! Sua mesa está pronta, siga-me.” –

Damen confirma com a cabeça e pega minha mão, guiando-me por uma sala cheia de jovens, aposentados, solteiros, um pai e seu filho... não havia nenhum lugar vazio na casa.

Eventualmente paramos em uma mesa no final com uma bela vista para a pista de corrida e para as colinas verdes mais no alto.

– “Tony virá me seguida para pegar seus pedidos. Devo lhe trazer o champanhe?” –

Damen me olha e logo move a cabeça. Seu rosto levemente corado quando disse, – “Hoje não.” –

– “Muito bem então, só faltam cinco minutos para começar as apostas.” –

– “Champanhe?” – eu sussurro levantando minhas sobancelhas, mas ele só dá de ombros e abre seu itinerário de corridas.

– “O que você acha do Spanish Fly?” – ele me olha sorrindo quando diz, – “O cavalo, não o afrodisíaco.” –

Mas estou muito ocupada para responder, enquanto observo ao meu redor, tentando captar tudo. Este lugar não só é enorme, como está completamente cheio – no meio da semana – e no meio do dia. Toda essa gente deixando suas responsabilidades e apostando. É como um mundo completamente novo, e o qual eu não sabia que existia e não posso evitar me perguntar se é aqui que Damen passa todo seu tempo livre.

– “E o que me diz? Querer apostar?” – ele me olha brevemente antes de fazer uma série de notas com a sua caneta.

Eu digo que não com a cabeça, – “Nem sequer sei por onde começar.” –

– “Bem, eu poderia te dar uma lista completa de probabilidades, porcentagens, de quem procriou quem. Mas estamos com pouco tempo, por que você apenas não olha isto e me diz o que você sente, qual nome atrai sua atenção. Isso sempre funciona comigo.” – ele sorri.

Ele me passa a lista de corridas e eu dou uma olhada, surpreendida de encontrar três nomes distintos que me chamaram atenção em uma ordem de um a três. – “Que tal Spanish Fly em primeiro, Acapulco Lucy em segundo e Sono f Buddha em terceiro?” – lhe digo, sem ter idéia de como cheguei a essa conclusão, mas sentindo-me muito segura com as escolhas que fiz.

– “Lucy é constante, Buddha é um espetáculo...” – ele fala enquanto rabisca. – “E quanto queres apostar por isso? A aposta mínima é de dois, mas pode apostar mais se quiser.” –

– “Dois está bem” – lhe digo, perdendo subitamente a confiança e sem querer esvaziar minha carteira por um capricho.

– “Tem certeza?” – ele pergunta, olhando-me desapontado.

Eu digo que sim com a cabeça.

– “Bem, eu acho que você escolheu cavalos muito bons, assim vou apostar cinco. Não, melhor que sejam dez.” –

– “Não aposte dez,” – lhe digo, pressionando meus lábios. – “Eu só escolhi e nem sei por quê.”

–

– “Parece que saberemos em breve.” – ele disse, levantando-se de sua cadeira enquanto eu pego minha carteira, mas ele a rejeita com a mão. – “Poderá me reembolsar quando ganhar. Vou apostar, se o garçom vier, peça o que quiser.” –

– “O que peço pra você?” – lhe pergunto, mas ele se move tão rápido que nem sequer me escutou.

Quando volta, e todos os cavalos estão em suas posições e soa o disparo, saem todos os cavalos. A princípio parecem como manchas escuras, quando chegam a curva e começam a reta final, eu me levanto de minha cadeira olhando os meus três favoritos e logo começando a pular e a gritar com alegria, ao ver que todos eles chegaram ao final ao mesmo tempo e na mesma ordem que eu havia apostado.

– “Oh meu Deus, ganhamos! Ganhamos!” – digo sorrindo, enquanto Damen se inclina para beijar-me. – “É sempre assim tão excitante?” – olho para pista e observo como Spanish Fly trota no círculo do vencedor, é coberto com flores e preparado para tirar fotos.

– “Sim.” – Damen confirma com a cabeça. – “Mas não há nada como a primeira vez que se ganha uma grande aposta com muito dinheiro, essa é sempre a melhor.” –

– “Bem, não sei o quão grande é essa aposta,” – lhe digo, desejando ter tido mais fé em minhas habilidades, ao menos o suficiente para ter ampliado a aposta.

Damen franze o cenho. – “Bom, como só apostou dois, você ganhou mais ou menos oito.” –

– “Oito dólares?” – entrecerro os olhos, bastante decepcionada.

– “Oitocentos dólares.” – ele ri. – “Uns oitocentos e oitenta dólares e sessenta centavos, para ser exato. Ganhou uma trifecta, o que significa que você acertou os três na ordem exata.” –

– “E tudo isso com apenas dois dólares?” – digo, subitamente sabendo por que ele tem uma mesa elegante.

Ele confirma com a cabeça.

– “E você? Quanto ganhou?” – lhe pergunto. – “Apostou o mesmo que eu?” –

Ele sorri. – “Na verdade eu perdi e bem feio. Fui um pouco ganancioso e apostei uma superfecta, o que significa que acrescentei um cavalo e ele não conseguiu. Mas não se preocupe, planejo corrigir isso na próxima corrida.

E sei que o fez porque fomos para a janela, depois da oitava e última corrida, eu já havia ganhado um total de mil e seiscentos e cinquenta e cinco dólares e oitenta centavos, enquanto que Damen encheu o bolso muito mais porque ganhou o Super High Five, o que significa que acertou cinco cavalos na ordem exata em que terminaram, e como ele foi o único a fazer isso – em vários dias acumulados – ganhou quinhentos e trinta e seis mil dólares e quarenta e um centavos, todo em uma aposta de dez dólares.

– “E o que você acha das corridas?” – ele perguntou, seu braço ao redor de mim, enquanto me levava para fora.

– “Bom, agora sei por que não está interessado na escola. Suponho que não pode competir com isso, pode?” – eu rio, ainda sentindo-me excitada com o meu lucro, pensando que encontrei finalmente uma vantagem rentável para o meu dom psíquico.

– “Vamos, quero te comprar algo para comemorar minha grande vitória.” – ele disse, levandome para a loja de presentes.

– “Não, você não tem q...” – eu começo.

Mas ele aperta minha mão, coloca seus lábios em minha orelha e diz, – “Eu insisto. Além do mais, acho que posso pagar. Mas tem uma condição.” –

Eu o encaro.

– “Absolutamente nada de casaco ou capuz.” – ele ri. – “Mas qualquer outra coisa, é só dizer.” Depois de fazer gozação e insistindo em um capacete de jóquei, uma estatua de cavalo e uma enorme ferradura de bronze para pendurar na parede do meu quarto, nós decidimos por uma pulseira de prata com uma ponta de um cavalo, preferivelmente. Mas somente depois de me certificar que a parte é de cristal, e não de diamante, porque isso seria demais, não importa a quantidade de dinheiro que ele ganhou.

– “Desse jeito, não importa o que aconteça, você nunca esquecerá este dia,” – ele disse, colocando a pulseira e fechando o fecho em meu pulso enquanto nós esperávamos o manobrista trazer o carro.

– “Como poderia esquecer?” – lhe pergunto, olhando minha pulseira e depois a ele.

Mas ele só dá de ombros enquanto se senta ao meu lado no carro e em seus olhos há algo tão triste, tão particular, que espero que isso sim eu esqueça.

Infelizmente, a volta para casa parecer ser ainda mais rápido do que quando fomos para o hipódromo e quando ele entra na minha rua, relutantemente me dou conta que o dia terminou.

– “Veja,” – ele disse, apontando o relógio do carro. – “Bem antes da meia-noite, como havia prometido.” – e quando ele se inclina para me beijar, eu o beijo com tanto entusiasmo, que praticamente o puxo para o meu assento.

– “Posso entrar?” – ele sussurra, tentando-me com seus lábios enquanto percorre a minha orelha, meu pescoço e minha clavícula.

Mas surpreendendo a mim mesma afastando-o e dizendo não com a cabeça. Não só porque Sabine está lá dentro e tenho trabalho pra fazer, mas porque eu preciso manter minha coluna

reta e não ceder tão facilmente aos seus encantos.

– “Te vejo na escola,” – lhe digo, descendo de seu carro antes de que ele me faça mudar de idéia. – “Você recorda, Bay View? A escola que freqüentamos?” –

Ele afasta o olhar e suspira.

– “Não me diga que você ai faltar outra vez?” –

– “A escola é tão terrivelmente chata. Não sei como você faz isso.” –

– “Você não sabe como eu faço?” – eu balanço minha cabeça, olho de relance para a casa, vendo Sabine se espreitar através das cortinas e afastando-se então olho novamente para Damen e digo, – “Bem, digamos que eu faça o mesmo que você deve fazer. Você sabe, acordar, se vestir e apenas sair, e às vezes, prestar atenção, aprender uma ou duas coisas enquanto estiver lá.” – E no momento que digo isso, sei que é mentira porque a verdade é que não aprendi droga nenhuma o ano todo. Quero dizer, é realmente difícil aprender alguma coisa quando, por sorte, você já sabe de tudo. Embora eu não possa compartilhar isso com ele.

– “Deve haver uma maneira melhor,” – ele geme, seus olhos enormes e suplicantes encontrando os meus.

– “Bem, apenas para registro, absenteísmo não é uma boa idéia. Não se quiser ir para a Universidade e fazer algo de sua vida.” – Mas mentiras, com mais dias assim como o que tivemos no hipódromo, poder-se-ia viver bem. Melhor que bem.

Mas ele apenas sorri, – Tudo bem, faremos do seu jeito. Por agora. Te vejo amanhã, Ever.” – E mal atravesso a porta quando ele já está se afastando com o carro.

VINTE

Na manhã seguinte, enquanto me preparava para a escola, Riley estava empoleirada em minha penteadeira vestida como a Mulher Maravilha, revelando os segredos das celebridades. Já que estava cheia e entediada de ficar vendo os afazeres diários de antigos vizinhos e amigos. Seu foco agora era Hollywood, o que lhe permitia disponibilizar fofocas muito melhores do que qualquer tablóide sensacionalista.

– “De jeito nenhum!” – eu a encaro. – “Não posso acreditar! Miles vai pirar quando souber disso” –

– “Você não tem idéia.” – ela balança a cabeça, seus cachos negros saltando de um lado para outro, olhos enfadados, parecia enormemente cansados, como se tivesse visto muitas coisas.

– “Nada é o que parece. É sério. É uma grande ilusão, tão falsos quanto os filmes que fazem. E acredite, esse publicitários vão trabalhar duro pra manter todos esses segredinhos sujos em segredo.” –

– “E quem mais você espiou?” – pergunto, ansiosa por ouvir mais. Perguntando-me porque nunca me havia ocorrido de tentar sincronizar suas energias enquanto estou assistindo TV ou folheando uma revista.

– “Sobre o quê?” –

Estou a ponto de perguntar se os boatos sobre minha atriz favorita estão certos, quando Sabine enfia sua cabeça no meu quarto e diz, – “O que sobre o quê?” –

Olho de relance para Riley, que está se dobrando de rir, e limpando a minha garganta quando digo, – “Hum, nada, eu não disse nada.” –

Sabine me lança um olhar curioso, enquanto Riley balança sua cabeça e diz, – “Muito bom, Ever, realmente convincente.” –

– “Precisa de alguma coisa?” – pergunto, dando as costas para Riley e me concentrando no verdadeiro objetivo da visita de Sabine ao meu quarto. Ela foi convidada a passar o fim de semana fora e não sabe como de dizer isso.

Caminha pelo meu quarto, sua postura muito reta, seus passos tensos de maneira não habitual, então toma uma respiração profundo e se senta na borda da minha cama, seus dedos nervosamente agarram uma linha solta do meu edredom azul de algodão, perguntando-se como deve tocar no assunto.

– “Jeff me convidou para passar o fim-de-semana fora.” – enruga sua testa. – “Mas pensei que deveria falar com você primeiro.” –

– “Quem é Jeff?” – pergunto, colocando meus brincos e virando para olhá-la. Porque mesmo que eu saiba de quem se trata, ainda sim sinto que deveria perguntar.

– “Você o conheceu na festa. Ele veio como Frankenstein” – ela me olha, sua mente nublada com a culpa, sentindo-se uma tutora negligente, um mau exemplo, embora isso não tenha afetado sua aura, que ainda está um feliz e brilhante cor-de-rosa.

Coloco meus livros em minha mochila, ganhando tempo enquanto decido o que fazer. Por outro lado, Jeff não é a pessoa que ela acha. Nem perto disso. No entanto, a meu ver, ele realmente gosta dela e não quer magoá-la. E já faz tanto tempo desde que eu a vi feliz desse jeito. Não vou suportar disser isso a ela. De qualquer jeito, como eu faria?

"Hum, desculpe-me, mas esse cara Jeff? O Sr. ostentoso banqueiro de investimentos? Não é o homem que você pensa que é. De fato, ainda vive com a mãe. Só não me pergunte como eu sei, só acredite que eu sei."

Não, não posso fazer isso. Além do mais, os relacionamentos têm uma maneira de resolvê-los por si mesmo. Do seu próprio jeito. Em seu próprio tempo. E não é como se eu não tivesse meus próprios problemas de relacionamento para tratar. Quero dizer, agora que as coisas estão começando a se estabilizar com Damen, agora que estamos mais pertos de ser um casal, tenho pensado que talvez já é hora de parar de afastá-lo. Talvez esteja na hora de dar o próximo passo. E com Sabine fora por alguns dias, bem, essa é uma oportunidade que pode não acontecer de novo.

– "Vá! Divirta-se!" – finalmente digo, confiando que cedo ou tarde ela descobrirá a verdade sobre Jeff e seguirá adiante com sua vida.

Ela sorri com a mesma quantidade de entusiasmo e alívio. Então se levanta da minha cama e se dirige para a porta, detendo-se brevemente quando diz, – "Nós iremos hoje, depois do trabalho. Ele tem uma casa em Palm Springs, e fica a menos de duas horas daqui, então se precisar de qualquer coisa, não estaremos muito longe." –

"Correção, sua mãe tem uma casa em Palm Springs."

– "Voltaremos no domingo. E Ever, se você quiser trazer seus amigos, tudo bem, mas precisamos falar sobre isso?" –

Fiquei gelada, sabendo exatamente até onde vai essa conversa e perguntando-me se de algum modo tinha lido meu pensamento. Mas me dando conta que ela só está tratando de ser um adulto responsável e satisfazer seu novo papel como "pai". Eu balanço minha cabeça e digo, – "Confie em mim, está tudo assegurado." –

Então agarro minha mochila, viro meus olhos para Riley que está dançando em cima da cômoda cantando – "Festa! Festa!" –

Sabine assentiu, claramente aliviada por ter evitado a conversa sobre SEXO quase tanto quanto eu. – "Te vejo no domingo." – disse.

– "OK." – eu digo, descendo as escadas. – "Te vejo depois." –

– "Juro por Deus que ele é do seu time." – digo, parando no estacionamento, sentindo o doce calor do olhar de Damen muito antes de realmente vê-lo.

– "Eu sabia!" – Miles diz assentindo. – "Sabia que ele era gay. Eu já tinha dito. Onde escutou isso?" –

Eu paro, sabendo que de nenhum modo posso divulgar minha verdadeira fonte, admitindo que minha irmãzinha morta está ciente das últimas de Hollywood olhando de dentro.

– "Hum, não me lembro," – descendo do meu carro. – "Só sei que é verdade." –

– "O que é verdade?" – Damen pergunta sorrindo enquanto encosta seus lábios em minha bochecha.

– "O..." – Miles começa.

Mas balanço minha cabeça e o corto, pouco disposta a mostrar meu lado fã obsessiva tão cedo no jogo. – "Nada, só estávamos..., Hum, você ouviu que Miles está interpretando a Tracy Turnblad em Hairpray?" – eu pergunto, entrando em um discurso de frases misturadas e sem sentido até que Miles finalmente nos disse adeus e vai para a aula.

Assim que ele se afasta, Damen para e diz, – "Ei, tenho uma idéia melhor. Vamos tomar café da manhã." –

Eu lanço-lhe um olhar de “Você está louco” e continuo andando, mas não chego muito longe antes que ele agarre minha mão e me puxe de volta.

– “Vamos!” – disse, seus olhos sobre os meus, sorrindo de uma maneira contagiante.

– “Não podemos,” – sussurro, olhando de relance ao redor ansiosamente, sabemos que estamos a poucos segundos de chegar atrasados e não querendo deixar as coisas piores. –

“Além do mais, eu já tomei café da manhã.” –

– “Ever, por favor!” – ele cai de joelhos, as mãos juntas, olhos arregalados e suplicantes. – “Por favor não me faça entrar ali. Se tem alguma bondade. Não me faça fazer isso.” –

Eu pressiono meus lábios na tentativa de não rir. Olhando meu lindo, elegante, sofisticado namorado suplicando de joelhos é uma visão que nunca pensei que veria. Mas ainda sim, balanço minha cabeça negativamente e digo, – “Vamos, levante, o sinal está a ponto de ...” – e antes que eu terminasse a frase o sinal já soou.

Ele sorriu, levantando-se e limpando suas calças e logo colocando seus braços ao redor da minha cintura enquanto diz, – “Você sabe o que eles dizem, melhor não aparecer do que chegar atrasado.” –

– “Quem são eles?” – pergunto, balançando a cabeça. – “Soa mais como você.” –

Ele dá de ombros. – “Hum. Talvez seja eu. No entanto, eu garanto que há melhores maneira de passar uma manhã. Porque Ever...” – disse, agarrando fortemente minha mão, – “... não temos que fazer isso. E você não precisa disso,” – Ele remove meus óculos de sol e abaixa meu capuz.

– “O fim-de-semana começa agora.

E mesmo que eu possa pensar em um milhão de boas e válidas razões pelas quais nós não devemos sair, porque o fim-de-semana deve esperar até as três em ponto como qualquer outra sexta-feira, quando ele me olha firmemente, seus olhos são tão profundos e convidativos, não penso duas vezes, só me lanço de cabeça.

E mal reconhecendo o som da minha própria voz quando me ouço dizer, – “Rápido antes que fechem o portão.” –

Tomamos carros separados. Porque, mesmo que não tivéssemos dito, é bastante óbvio que não tínhamos planos de voltar. E enquanto sigo Damen através das largas curvas da Coast Highway, olho para a dramática extensão do litoral, as praias intactas, a água azul marinho, e o meu coração cheio de gratidão, sentindo-me tão afortunada por viver aqui, chamar este incrível lugar de casa. Mas por outro lado, eu me recordo de como terminei aqui, e de repente as emoções desaparecem.

Ele guiou rapidamente para direita e eu parei na vaga ao lado dele, sorrindo quando ele vem para abrir a minha porta. – “Já estive aqui?” – pergunta.

Eu olho para a cabana de telhas brancas e balanço a cabeça.

– “Sei que você disse que não tinha fome, mas essas batidas são as melhores. Você definitivamente tem que experimentar o malte de tâmara ou uma batida de amendoim com chocolate, ou ambos, este é o meu convite.” –

– “Tâmara?” – enrugo meu nariz e faço uma cara. – “Hum, odeio dizê-lo, mas isso soa horrível.” – Mas ele ri e me puxa para o balcão, pedindo um de cada e depois levando-nos para um banco azul onde sentamos e ficamos olhando para a praia.

– “E então? Qual é seu favorito?” – pergunta.

Provo cada um novamente, mas ambos são tão espessos e cremosos. Retiro as tampas e uso uma colher. – “Ambos são realmente bons,” – digo – “Mas surpreendentemente acho que o de

tâmara é melhor.” –

Mas quando deslizo até ele para assim possa provar também, ele balança a cabeça e rejeita. E esse pequeno gesto me deixa incomodada.

Há algo sobre ele, algo mais que apenas os estranhos truques de mágica e os desaparecimentos. Eu penso, em primeiro lugar, esse cara nunca come.

Mas assim que eu penso isso, ele pega o canudo e toma um grande gole, e quando se inclina para beijar-me seus lábios estão frios como gelo.

– “Vamos descer até a praia, concorda?” –

Peguei minha mão e andamos ao longo da trilha, os ombros encostando um no outro, enquanto sacudia os milkshakes para trás e para frente, mesmo quando estou bebendo a maioria. E quando chegamos até a praia, tiramos os sapatos, enrolamos a bacia e caminhamos ao longo da costa, permitindo que a água fria lave nossos pés e espirre em nossas canelas.

– “Você surfa?” – pergunta, pegando os copos vazios e colocando um dentro do outro.

Balanço minha cabeça, e subo em um monte de rocha.

– “Gostaria de uma lição?” – sorri.

– “Nesta água?” – Me dirijo a um banco de areia seca, meus dedos do pé dormentes e azuis só com este rápido contato. – “Não obrigada.” –

– “Bem, estava pensando em vestirmos os nossos trajes de banho,” – ele diz, passando por trás de mim.

– “Só se estiverem forrados de couro.” – eu rio, alisando a areia com o meu pé, deixando uma superfície plana para nos sentarmos.

Mas ele pega minha mão e me conduz pra longe, todo o caminho até antes das poças deixadas pela maré, e entrando em uma gruta natural escondida.

– “Não tinha nenhuma idéia de que isto estava aqui.” – digo, olhando ao redor as paredes lisas da rocha, a areia recentemente remexida, e as toalhas e as pranchas de surf empilhadas no canto.

– “Ninguém sabe,” – sorri. – “É por isso que todo o meu material ainda está aqui. Misturada na rocha, muita gente caminha perto sem mesmo vê-la. Mas ainda sim, a maioria das pessoas vivem suas vidas inteiras sem notar o que está diretamente diante dos seus olhos.” –

– “E como você a encontrou?” – pergunto, acomodando-me no grande cobertor verde colocado no meio.

Ele dá de ombros – “Acho que não sou como a maioria das pessoas.” –

Deita-se ao meu lado, e então me puxa para baixo. Apoiando sua bochecha na palma da mão, olhando-me fixamente durante um longo tempo, que não posso deixar de ficar envergonhada.

– “Por que você se esconde embaixo de jens folgados e capuzes?” – sussurra, acariciando com seus dedos o lado do meu rosto, colocando meu cabelo atrás de minha orelha. – “Não sabe o quanto você é bonita?” –

Pressiono meus lábios e olho para outro lado, desfrutando o sentimento, mas desejando que pare. Não quero voltar a fazer esse caminho, tendo que explicar-me, defendendo porque sou da maneira que sou. Obviamente ele preferiria a velha “eu”, mas é muito tarde pra isso. Essa garota morreu e me deixou em seu lugar.

Uma lágrima escapa para minha bochecha, e eu tento virar, não querendo que ele me veja.

Mas ele me mantém em um abraço apertado não me deixando ir, apagando minha tristeza

com o toque de seus lábios antes de juntar-se aos meus.

– “Ever,” – geme, sua voz grossa, olhos ardentes, mudando de posição até me deixar enrolar pelo lado direito, o peso do seu corpo proporcionando-me o calor ficando confortável a ponto de me deixar aquecida.

Deslizo meus lábios ao longo da linha de seu maxilar, seu queixo quadrado, minha respiração vem em pequenas arfadas enquanto seus quadris pressionam e giram contra os meus, resgatando todos os sentimentos que tenho tentado negar tão fortemente. Mas estou farta de lutar, cansada de negar. Só quero ser normal outra vez. E o que pode ser mais normal do que isso?

Eu fecho meus olhos enquanto ele tira o meu casaco, rendendo-me, sucumbindo, permitindo que ele desabotoe e remova meu jeans. Consentindo com a presa de sua mão e o impulso de seus dedos, dizendo a mim mesma que este glorioso sentimento, este sonho exuberante que cresce dentro de mim só podia ser uma coisa – só poderia ser AMOR.

Mas quando sinto seus polegares puxando o elástico da minha calcinha, guiando-a para baixo, sento-me bruscamente e o empurro.

Parte de mim querendo continuar, trazê-lo de volta para mim – só não aqui, não agora, não neste lugar.

– “Ever,” – sussurra, seus olhos buscando os meus. Mas só balanço a cabeça e giro me afastando, sentindo seu maravilhoso corpo quente moldar-se em volta do meu, seus lábios em meu ouvido dizendo, – “Tudo bem. É sério. Agora durma.” –

– “Damen?” – me viro, piscando na pouca luz, enquanto minha mão procura o espaço vazio ao meu lado. Apalpando o cobertor uma e outra vez, até estar convencida de que ele não está realmente ali.

– “Damen?” – chamo novamente, enquanto dou uma olhada ao redor da caverna, o som distante das ondas como a única resposta.

Coloco meu casaco e sigo para fora, olhando firmemente a luz do entardecer, explorando a praia, esperando encontrá-lo.

Mas quando não o vejo em nenhuma parte, volto para dentro, vendo um bilhete que deixou sobre minha mochila, e desdobrando-o para ler:

Estou surfando.

Volto logo.

---D

Volto correndo para fora, o bilhete ainda na mão, correndo de uma ponta a outra da praia, procurando surfistas, um em particular. Mas os únicos dois que estão lá são tão louros e pálidos, que está claro que não é Damen.

VINTE E UM

Quando entro em minha rua, me surpreendo ao ver alguém sentado nos degraus da entrada, mas quando chego mais perto, fico ainda mais surpresa ao ver que é Riley.

– “Oi,” – digo, agarrando minha bolsa e batendo a porta do carro (um pouco mais forte do que eu planejava).

– “Jesus!” – ela diz, agitando sua cabeça e olhando fixamente pra mim. – “Achei que você iria me atropelar.” –

– “Desculpe, pensei que era Damen.” – eu digo, encaminhando-me para a porta.

– “Oh, não! E agora o que ele fez?” – ela ri.

Mas eu só dou de ombros e abro a porta. Definitivamente não vou enche-lá com todos os detalhes. – “O que aconteceu? Te deixaram do lado de fora?” – eu pergunto, convidando-a para entrar.

– “Muito engraçado” – ela revira os olhos e se dirige para a cozinha, sentando-se em uma das cadeiras da mesa de almoço enquanto eu jogo minha mochila no balcão e enfio minha cabeça no refrigerador.

– “Então, o que se passa?” – eu olho de relance para ela, perguntando-me por que ela estava tão calada, pensando que talvez meu mau humor seja contagioso.

– “Nada.” – ela descansa o queixo em sua mão e olha pra mim.

– “Não é o que parece.” – pego uma garrafa de água em vez de sorvete, que é o que realmente quero, e me encosto-me ao balcão de granito, observando como seu cabelo está enrolado e seu disfarce de Mulher Maravilha está todo desalinhado.

Ela dá de ombros. – “Então, o que é que você vai fazer?” – ela pergunta, inclinando-se na cadeira para trás de uma maneira que me faz recuar, mesmo quando eu sei que é impossível que ela caia e se machuque. – “Quero dizer, isso é como um sonho adolescente se tornando realidade, certo? Uma casa só para você sem acompanhantes.” – ela move suas sobrancelhas de uma forma que parece falso, como se estivesse trabalhando arduamente para parecer animada.

Eu tomo um gole de água e me encolho de ombros, parte de mim querendo confiar nela, contar-lhe meus segredos, os bons, os maus e os que são completamente repugnantes. Seria tão bom tirar tudo isso do meu peito, não ter que carregar sozinha este peso. Mas quando a encaro outra vez, recordo como ela passou a metade da sua vida esperando completar treze anos, vendo a cada ano que passava estava mais perto desse tão importante número de dois dígitos, e não posso evitar perguntar-me se é por isso que ela está aqui. Desde que lhe roubei seu sonho ela não teve escolha, a não ser, viver através de mim.

– “Bem, eu odeio decepcioná-la,” – finalmente digo. – “Mas estou certa que você já notou o fracasso colossal que sou no departamento de sonhos adolescentes.” – eu olho timidamente para ela, meu rosto corando quando ela consente com a cabeça, mostrando que está de acordo. – “Tudo de promissor que tinha ficou em Oregon? Com os amigos, o namorado e a equipe de torcida? Foi Perdido. Finito. ACABADO. E os dois amigos que eu fiz em Bay View? Bem, eles não estão se falando. No qual significa infelizmente que eles mal falam comigo, e mesmo por uma rara, inexplicável e inimaginável coincidência eu consegui arranjar um

namorado lindíssimo e sexy, a verdade é que as coisas não são como deveriam ser, porque quando não está agindo estranhamente ou desaparecendo no ar, então está me convencendo para faltar à escola e apostar nas corridas ou em negócios sórdidos como isso. Ele é como uma má influência.” – detenho-me envergonhada, dando-me conta tardiamente que não devia ter compartilhado nada disso.

Mas quando a encaro novamente, está claro que ela não está me escutando. Ela está olhando para o balcão, seus dedos traçando a espiral de granito preto, enquanto a sua mente viaja para outro lugar.

– “Por favor, não fique irritada,” – ela disse finalmente olhando-me com os olhos tão grandes e sombrios, que são como um soco no estômago. – “Mas passei o dia com Ava.” –

Eu pressiono meus lábios pensando: “Não quero escutar isso! Eu absolutamente não quero escutar isso.” Me agarro no balcão e me preparo para encarar o que segue.

– “Eu sei que você não gosta dela, mas ela tem alguns bons argumentos e ela realmente me faz pensar sobre as coisas. Você sabe, as escolhas que eu tenho feito e quanto mais eu penso, mais me convenço de que ela poderia ter razão.” –

– “Em quê ela poderia ter razão?” – lhe pergunto, logo que passou o nó em minha garganta, pensando que este dia estava indo de mal a pior e que ainda faltava muito para acabar.

Riley me olha e depois desvia o olhar, seus dedos ainda traçando os espirais do balcão, enquanto diz, – “Ava disse que eu não deveria estar aqui. Que não era para eu estar aqui.” –

– “E o que você disse?” – eu inalo, desejando que ela parasse de falar e retirasse tudo. De nenhuma maneira posso perdê-la, nem agora, nem nunca. Ela é tudo o que me resta.

Seus dedos deixam de se mover enquanto me olha. – “Eu disse que eu gosto de estar aqui. Eu disse que mesmo que nunca seja uma adolescente, pelo menos posso ser através de você.” –

E mesmo o que ela disse me faça sentir horrivelmente culpada e confirma tudo o que pensei, tento aliviar a carga quando digo, – “Deus, Riley, não poderia ter escolhido um pior exemplo.”

–

Ela revira seus olhos e geme. – “Não me diga!” – Mas mesmo que ria, a luz em seus olhos se extingue rapidamente quando diz, – “Mas o que acontece se ela tiver razão? Quero dizer, e se for errado para eu estar aqui todo o tempo?” –

– “Riley” – eu começo, mas logo a campainha da porta toca e quando volto a olhá-la novamente, ela havia desaparecido. – “Riley!” – eu chamo, procurando por toda a cozinha. –

“Riley!” – eu grito, desejando que ela reapareça. Eu não posso deixá-la ir assim. Recuso-me a deixá-la ir assim. Mas enquanto mais eu grito e lhe peço para voltar, mais me dou conta que estou gritando para o ar. Enquanto a campainha da porta continua tocando uma vez, seguido por duas vezes, e sei que Haven está lá fora e preciso deixá-la entrar.

O guarda da entrada me deixou passar, – “ela disse, entrando com pressa. Seu rosto uma confusão de rímel e lágrimas, seu cabelo recentemente pintado de vermelho todo bagunçado.

– “Encontraram a Evangeline. Está morta.” –

– “O quê? Tem certeza?” – começo a fechar a porta atrás dela, mas vejo Damen se aproximando com seu carro, desce e corre para nós.

– “Evangeline...” – começo, tão horrorizada com a notícia que tinha me esquecido que havia decidido odiá-lo.

Ele assente com a cabeça e caminha até Haven, olhando-a cuidadosamente quando diz, –

“Você está bem?” –

Ela agita a cabeça e limpa seu rosto. – “Sim, quero dizer, eu não a conhecia muito bem, só saímos algumas vezes, mas mesmo assim é tão horrível e o fato de que provavelmente eu fui a última pessoa que a viu...” –

– “Certamente você não foi a última pessoa a vê-la.” –

Eu olho para Damen boquiaberta, perguntando-me se só estava fazendo uma piada de mau gosto, mas seu rosto está mortalmente sério e seu olhar perdido em alguma outra parte.

– “Eu... Eu me sinto tão responsável,” – ela murmura, escondendo seu rosto entre as mãos, e gemendo Oh Deus, Oh Deus, repetidamente. Eu me aproximo dela, querendo consolá-la de alguma maneira, mas ela levanta a cabeça, seca seus olhos e diz, – “Eu... Eu pensei que devia saber, mas agora eu tenho que ir, eu preciso ver Drina.” – ela levanta a mão e movimenta suas chaves.

Ouvi-la dizer isso é como jogar gasolina no fogo e olho para Damen com os olhos semicerrados, acusando-o com um olhar. Porque embora a amizade de Haven e Drina pareça uma coincidência, estou certa de que não é. Não posso me livrar da sensação de que de alguma forma está conectada com a morte de Evangeline.

Mas Damen me ignora enquanto segura o braço de Haven e olha cuidadosamente o pulso dela. – “Onde você conseguiu isso?” – ele disse com voz firme e controlada, mas quase no limite, deixando-a ir com relutância quando ela solta o braço e cobre a tatuagem com sua mão. – “Está tudo bem,” – ela disse, claramente irritada. – “Drina me deu algo para colocar nela, uma pomada, disse que demora três dias pra fazer efeito.” –

Damen aperta seu maxilar, tão forte que seus dentes rangem. – “Por acaso você está com essa pomada aí?” –

Ela balança a cabeça e dirige-se para a porta. – “Não, eu deixei em casa. Quero dizer, Deus, o que se passa com vocês? Mais alguma pergunta?” – ela se vira, fulminando com o olhar, sua aura de um brilhante e flamejante vermelho. – “Porque não gosto de ser interrogada assim. Quero dizer, em primeiro lugar, a única razão por ter vindo aqui foi porque pensei que queria saber sobre Evangeline, mas como a única coisa que quer é implicar com a minha tatuagem e fazer comentários estúpidos, acho que é melhor eu ir.” –

Ela se encaminha apressadamente para seu carro e, quando a chamo, ela só balança a cabeça e me ignora e não posso evitar perguntar-me o que aconteceu com a minha amiga. Ela está tão temperamental, distante e me dou conta que eu a perdi há algum tempo. Desde que conheceu Drina, sinto que quase não a conheço mais.

Eu a observo enquanto ela entra no carro, bate a porta e conduz para a estrada. Depois olho para Damen e digo, – “Bem, isso foi muito agradável. Evangeline está morta, Haven me odeia e você me deixa sozinha em uma caverna. Espero que ao menos tenha desfrutado de umas ondas enormes.” – eu cruzo meus braços sobre o peito e balanço a cabeça.

– “De fato, eu desfrutei,” – ele diz, olhando-me com intensidade. – “E quando voltei a caverna e vi que havia ido, vim o mais rápido que pude.” –

Eu o encaro com meus olhos semicerrados e meus lábios pressionados. Não posso crer que ele de verdade espere que eu acredite nisso. – “Me desculpe, mas te procurei e lá só havia dois surfistas. Dois surfistas loiros, o que era muito difícil que um deles pudesse ser você.” –

– “Ever, me olha.” – ele disse. – “Olha com muita atenção. Como acha que fiquei assim?” –

Assim que eu faço, o olho atentamente da cabeça aos pés e vejo que sua roupa de banho está gotejando água salgada por todo o chão.

– “Mas eu procurei por você. Percorri toda a praia. Te procurei por todas as partes.” – lhe digo, convencida do que vi, ou nesse caso, do que não vi.

Mas ele dá de ombros. – “Ever, não sei o que dizer, mais sei que não te abandonei. Estava surfando. De verdade. Agora, poderia trazer-me uma toalha, por favor? E talvez outra para o chão.” –

Encaminhamos-nos para o quintal para que ele possa retirar sua roupa de banho, enquanto eu me sento em uma cadeira e o observo. Estava tão segura de que ele havia me deixado plantada lá. Eu procurei-o em todas as partes. Mas talvez não o tivesse visto, ou então, é uma praia enorme e eu estava muito zangada.

– “E como ficou sabendo de Evangeline?” – lhe pergunto, olhando como ele estende sua roupa de banho na barra. Não estou disposta a deixar minha raiva ir com essa felicidade. – “E o que se passa com Drina e Haven e essa assustadora tatuagem? E só para registro, não estou completamente segura se acredito que você estava surfando porque, acredite, de verdade te procurei e não estava em nenhuma parte.” –

Ele me olha, seus olhos profundos e escuros ocultos por suas sobrancelhas, esbelto e sinuoso corpo envolto em uma toalha e quando se aproxima de mim, seus passos tão ligeiros e seguros, é tão gracioso como um gato da selva. – “Isso é minha culpa,” – finalmente disse, balançando a cabeça enquanto se senta junto a mim, tomando minha mão entre a sua, para depois soltar-la rapidamente. – “Não estou certo quanto...” – ele começa, e quando finalmente me olha, seus olhos estão mais tristes do que jamais poderia imaginar. – “Talvez não devêssemos fazer isso.” – finalmente disse.

– “Está... está terminando comigo?” – sussurro, o ar saindo de mim, como um balão esvaziando. Todas as minhas suspeitas confirmadas: Drina, a praia... Tudo.

– “Não, eu só...” – ele se afasta, deixando a mim e a frase incompletas.

Quando é claro que ele não tem intenção de continuar, lhe digo, – “Sabe, seria bom se deixasse de falar em códigos, terminar uma frase e dizer que diabo está acontecendo porque tudo o que sei é que Evangeline está morta, o pulso de Haven estava uma catástrofe sangrenta, me deixou plantada em uma praia porque não aconteceu como deveria e agora está terminando comigo.” – o encaro, esperando por alguma confirmação de que estes supostos eventos casuais são facilmente explicados e não tem nenhuma relação, mesmo meus instintos me dizendo o contrário.

Ele se mantém calado por um tempo, olhando a piscina, mas quando finalmente me olha, diz, – “Nada disso está relacionado.” –

Mas leva tanto tempo para dizê-lo que não estou segura se acredito.

Logo ele respira profundamente e continua. – “Encontraram o corpo de Evangeline em Malibu canyon. Dirigia-me para cá quando escutei pelo rádio,” – ele disse, sua voz tornando-se segura e firme enquanto ele relaxa e toma o controle. – “E sim, o pulso de Haven parece estar infeccionada, mas às vezes essas coisas acontecem.” – ele deixa de me olhar e eu prendo a respiração, esperando pelo resto, a parte que tem a ver comigo. Então ele pega a minha mão e a cobre com a sua, seguindo as linhas na palma da minha mão quando diz, – “Drina pode ser carismática, encantadora e Haven tem uma alma perdida. Estou certo que ele só gosta de atenção. Pensei que estaria contente dela transferir afeições em Drina ao invés de mim.” – ele aperta meus dedos e sorri. – “Agora não existe ninguém entre nós.” –

– “Mas há algo interferindo entre nós?” – lhe pergunto, minha voz apenas um sussurro.

Sabendo que deveria estar mais preocupada pelo pulso de Haven e a morte de Evangeline, mas incapaz de concentrar-me em outra coisa que não seja seu rosto, sua suave e morena pele, seus profundos olhos semicerrados e a maneira em que meu coração aumenta suas batidas, minha circulação acelera e meus lábios se incham em antecipação aos seus.

– “Ever, eu não te deixei esperando hoje e nunca te pressionaria a fazer algo que você não estivesse pronta. Acredite em mim.” – ele sorri, apoiando meu rosto entre suas mãos e seus lábios de encontro aos meus. – “Eu sei esperar.” –

VINTE E DOIS

Mesmo Haven se negando a responder nossas ligações, conseguimos ligar para Miles. E depois de convencê-lo a passar depois do ensaio, ele pareceu com Eric, e nós quatro passamos uma noite realmente divertida comendo, nadando e vendo filmes de terror ruins, e foi tão bom ficar com meus amigos de uma maneira tão relaxada, que quase me fez esquecer de Riley, Haven, Evangeline, Drina, a praia e todo o drama desta tarde.

Quase me fez inconsciente do olhar distante que Damen tinha cada vez que pensava que ninguém o olhava.

Quase me fez ignorar a corrente de preocupação borbulhando embaixo da superfície.

Quase. Mas não completamente.

E mesmo que eu fizesse entender perfeitamente claro que Sabine estava fora da cidade e que Damen era mais que bem vindo para ficar, ele permaneceu só o suficiente até eu cair no sono, e depois silenciosamente deixou a casa.

Então, na manhã seguinte, quando ele chegou à porta com café, bolo, e um sorriso, não pude deixar de sentir-me um pouco aliviada.

Tentamos ligar para Haven novamente, e ainda deixamos uma mensagem ou duas, mas não precisa de vidente para saber que ela não quer falar com nenhum de nós. E quando finalmente ligo para sua casa e falo com seu irmão menor, Austin, posso dizer que não está mentindo quando disse que não a tinha visto.

Assim, depois de um dia inteiro de risadas na piscina, estou pronta para pedir uma pizza quando Damen tira o telefone da minha mão e diz, – “Pensei em preparar o jantar” –

– “Você sabe cozinhar?” – pergunto, embora não sei por que me surpreendo, porque a verdade é que eu ainda tenho que encontrar alguma coisa em que ele não possa fazer.

– “Deixarei que você decida” – ele sorri.

– “Precisa de ajuda?” – me ofereço, mesmo quando minhas habilidades na cozinha estão severamente limitadas a ferver água e colocar leite no cereal.

Mas ele só balança negativamente a cabeça e se dirige para a cozinha, então vou para cima pra banhar e me trocar, e quando ele chama para comer, me surpreendo ao encontrar a mesa de jantar com a porcelana mais fina de Sabine, velas, e um vaso de cristal cheio de dezenas de – grande surpresa – Tulipas Vermelhas.

– “Madeimoselle.” – ele sorri e afasta minha cadeira, seu sotaque francês perfeito.

– “Não posso acreditar que você fez isso.” – olho para todos os pratos alinhados em minha frente, tão cheios de comida que me pergunto se estamos esperando convidados.

– “É tudo para você.” – ele sorri, respondendo a pergunta que ainda não fiz.

– “Só eu? E você não vai comer nada?” – eu presto atenção em como ele enche o meu prato com vegetais perfeitamente preparados, carnes finamente grelhadas, e um molho tão rico e complexo que nem sequer posso dizer o eu é.

– “Naturalmente.” – sorri. – “Mas a maior parte fiz para você. Uma garota não vive só de pizza, sabia?” –

– “Ficaria surpreso” – eu rio, cortando um pedaço suculento da carne grelhada.

Enquanto comemos, eu faço perguntas. Aproveitando-me do fato de que ele mal toca em sua comida, perguntando todo o que eu estava louca para saber, mas sempre esquecendo no

momento em que seus olhos cruzavam com os meus. Coisas sobre sua família, sua infância, as constantes mudanças, a emancipação – Essa parte porque estou curiosa, mas principalmente porque é estranho estar em um relacionamento com alguém que se conhece tão pouco. E quanto mais falamos, mais me surpreendo de que temos muito em comum. Primeiro, ambos somos órfãos, embora ele muito mais cedo do que eu, e mesmo que ele não dê muitos detalhes, não é como se eu fosse me oferecer para falar sobre a minha situação, por isso não insistir muito.

– “Então, que lugar você prefere?” – pergunto, tendo limpado meu prato por completo e começando a sentir-me cheia.

– “Exatamente aqui.” – sorri, tendo comido quase nada, mas fazendo um bom show de mover a comida em seu prato.

Entrecerro meus olhos, não acreditando em tudo. Quero dizer, claro, Orange County é lindo, mas não se pode comparar com todas essas cidades tão excitantes da Europa, pode?

– “De verdade, sou muito feliz aqui.” – ele confirma, olhando-me fixamente.

– “E não é feliz em Roma, Paris, Nova Deli ou Nova York?” –

Ele se encolhe, seus olhos repentinamente cheios de tristeza enquanto se afastam dos meus e toma um gole de sua estranha e vermelha bebida.

– “Quer dizer isso?” – sorri, erguendo-a para que eu veja. – “Uma receita secreta de família.” – vira o conteúdo, e eu olho como brilha enquanto roda os lados da garrafa e agita a parte de baixo. Parece uma mistura entre um relâmpago, vinho e sangue, e uma minúscula poeira de diamante.

– “Posso provar?” – pergunto, não tão certa de querer, mas muito curiosa.

Ele nega com a cabeça. – “Você não vai gostar. Parece remédio. E isso porque provavelmente é remédio.” –

Meu estômago se embrulhou enquanto olhava para ele, imaginando uma enorme quantidade de enfermidades incuráveis, terríveis – Sabia que era bom demais para ser verdade.

Mas ele só move a cabeça e sorri enquanto pega minha mão. – “Não se preocupe. Só preciso de um pouco de energia de vez em quando. E isto me ajuda.” –

– “Onde você conseguiu?” – pergunto, procurando um rótulo, uma impressão, alguma marca, mas a garrafa está lisa e sem marcas.

Ele sorri. – “Eu te disse, receita familiar” – ele disse, tomando um grande gole e terminando-o. Logo ele se afasta da mesa e de seu prato ainda cheio, enquanto diz, – “Vamos nadar?” –

– “Não se supõem que temos que esperar uma hora depois de comer?” –

Mas ele só sorri e pega minha mão. – “Não se preocupe, não vou deixar que se afogue.” –

Como havíamos passado a maior parte do dia na piscina, decidimos ficar na jacuzzi. E quando nossos dedos começaram a parecer ameixas secas, nos envolvemos em toalhas e fomos ao meu quarto.

Ele me seguiu até o banheiro. E atirou minha toalha molhada no chão, então vem por trás de mim, me puxa para ele, me mantém tão próxima que nossos corpos se combinam. E quando seus lábios passam pela base do meu pescoço, sei eu é melhor colocar algumas regras enquanto meu cérebro ainda funciona.

– “Hum, você é bem vindo para ficar.” – murmuro, minhas bochechas queimando de vergonha quando eu encontro com o seu olhar divertido. – “Quero dizer, o que eu quis dizer é que eu quero que você fique. De verdade. Mas, bem, não estou certa de que deveríamos, você sabe.”

–

Oh Deus, o que estou dizendo? Um, olá, como se ele não soubesse o que eu queria dizer. Como se ele não fosse o que estava sendo afastado na caverna e em todo resto. O que estava acontecendo? O que eu estava fazendo? Qualquer garota mataria por um momento assim, um longo fim-de-semana sem pais ou nenhuma companhia, e mesmo assim aqui estou eu, pondo estúpidas regras por nenhuma boa razão.

Ele coloca o dedo embaixo do meu do meu queixo e levanta meu rosto até estar na altura do seu. – “Ever, por favor, já passamos por isso,” – ele sussurra, colocando meu cabelo atrás da minha orelha e pressionando seus lábios em meu pescoço. – “Sei esperar, de verdade. Já esperei todo esse tempo para encontrar você, eu posso esperar ainda mais.” –

Com o corpo quente de Damen enrolado no meu, e sua reconfortante respiração em meu ouvido, eu adormeci. E mesmo quando penso que vou estar muito desconfortável com a sua presença para descansar, é o sentimento aquecido de segurança de tê-lo junto a mim que me ajuda a dormir.

Mas quando eu acordo às 3:45 da manhã, só para descobrir que ele já não está mais ali, jogo o cobertor para o lado e corro para a janela, revivendo o momento na caverna de novo, quando procuro por seu carro surpreendida ao ver que está ali.

– “Está me procurando?” –

Eu giro para encontrá-lo parado na porta, meu coração batendo loucamente, meu rosto enrubescendo. – “Oh, eu me virei e você não estava aqui e...” – pressiono meus lábios, sentindo-me ridícula, pequena, estupidamente carente.

– “Fui lá embaixo pegar um pouco de água.” – ele sorri, pegando minha mão e conduzindo-me de novo para cama.

Mas quando me deito ao lado dele, minha mão passando pelo seu lado, varrendo o lençol frio e abandonado, que parece que ele tinha saído por muito mais tempo.

Na segunda vez que me levanto, estou só novamente. Mas quando escuto Damen na cozinha, coloco meu robe e desço para investigar.

– “Há quanto tempo você levantou?” – pergunto, olhando a cozinha perfeita, a bagunça de ontem a noite havia desaparecido, substituída por uma torre de Donuts, cereais e beagels que não estavam no armário.

– “Sou de levantar cedo.” – se encolhe. – “Então pensei em limpar um pouco antes de ir ao mercado. Posso ter me excedido um pouco, mas não sei o que você iria querer.” – ele sorri, enquanto dá a volta na mesa e me beija na bochecha.

Tomo um gole de um copo de suco de laranja recentemente exprimido que ele coloca na minha frente e pergunto, – “Você quer? Ou você ainda está em jejum?” –

– “Jejum?” – ele levanta a sobancelha e me olha.

Reviro os olhos. – “Por favor. Você come menos do que qualquer um que conheço. Você só toma seu... remédio e empurra sua comida. Me sinto um completo porco ao seu lado.” –

– “Assim está melhor?” – sorri, pegando um donut e mordendo até a metade, seu maxilar trabalhando para morder a massa com glacê.

Encolho-me e olho pela janela, ainda sem me acostumar com o clima da Califórnia, o que parece ser uma sucessão interminável de dias ensolarados, ao mesmo tempo em que é oficialmente inverno. – “Então, O que deveríamos fazer hoje?” – Pergunto, girando para olhá-lo. Ele olha seu relógio e depois me olha. – “Preciso ir agora.” –

– “Mas Sabine não voltará até tarde,” – digo, odiando como minha voz soa tão estridente e necessitada, e como meu estômago revira quando ele pega a chave.

– “Preciso ir para casa e arrumar algumas coisas. Especialmente se quiser me ver na escola amanhã.” – ele disse, seus lábios tocando minha bochecha, minha orelha, a base do meu pescoço.

– “Oh, escola. Nós ainda vamos lá?” – eu rio, havendo esquecido satisfatoriamente de pensar sobre minha recente ausência escolar e a repercussão que teria.

– “Você é que acha isso importante.” – se encolhe. – “Se fosse por mim, todos os dias seriam sábado.” –

– “Mas então os sábados não seriam especiais. Seriam todos os mesmos,” – digo, pegando um pedaço de donut com glacê. – “Um fluxo interminável de dias preguiçosos e longos, nada pelo o que trabalhar, nada pelo o que esperar, apenas um hedonista atrás do outro. Depois de um tempo, já não seria tão grandioso.” –

– “Não esteja assim tão certa.” – ele sorri.

– “Então, exatamente o que são essas tarefas misteriosas?” – pergunto, esperando ter um vislumbre de sua vida, das coisas menores que ocupam seu tempo quando não está comigo. Ele se encolhe. – “Já sabe. Coisas.” – e embora ele esteja sorrindo quando diz, é bastante óbvio que está pronto para ir.

– “Bem, talvez eu possa...” – mas antes que eu termine a frase ele já está negando com a cabeça.

– “Esqueça. Você não vai lavar minha roupa.” – ele muda o peso de um pé para o outro como se estivesse se aquecendo para uma corrida.

– “Mas eu quero ver onde você vive. Nunca estive na casa de alguém emancipado e tenho curiosidade.” – e embora trate de soar despreocupada, minha voz soa ainda menor e desesperada.

Ele move a cabeça e olha para a porta como se fosse um potencial amante que não pudesse esperar para vê-la.

E embora seja óbvio que esteja na hora de levantar minha bandeira branca e render-me, não posso deixar de tentar mais uma vez quando digo, – “Mas por quê?” – enquanto o encaro, esperando uma razão.

Ele me olha, seu maxilar tenso quando diz, – “Porque está uma desordem. Um desastre horrível. E não quero que veja assim e tenha uma idéia errada de mim. Além do mais, nunca poderei colocar em ordem se você estiver lá; só conseguirá me distrair.” – Sorri, mas seus lábios estão forçados e seus olhos impacientes, e é claro que suas palavras são só para preencher o espaço entre agora e quando ele finalmente vai embora. – “Ligarei pra você está noite.” – disse, virando e se dirigindo para a porta.

– “E o que acontece se eu decidir seguir você? O que você faria?” – pergunto, minha risada nervosa detendo-se quando ele se vira.

– “Não me siga, Ever.” –

E a maneira como ele disse isso me fez perguntar se ele disse, não me siga, nunca; ou não me siga, Ever. Mas de qualquer maneira, significa o mesmo.

Quando Damen sai, pego o telefone e tento ligar para Haven, mas quando cai no correio de voz não me incomodo de deixar uma mensagem. Porque a verdade é que já deixei várias mensagens e agora é a vez dela me ligar. Depois de eu ir para cima e tomar um banho, sento

em minha escrivania, determinada a acabar minhas tarefas, mas não chego a ir muito longe quando meus pensamentos voltam para Damen, e todas suas estranhas, misteriosas peculiaridades que não posso mais ignorar.

Coisas como: Como é que sempre parece saber o que estou pensando quando eu não posso ler nada do que ele pensa? E como, em seus curtos 17 anos, encontrou tempo para viver em todos esses exóticos lugares, dominando arte, futebol, surf, cozinhar, literatura, história mundial e sobre cada outro assunto que eu não posso pensar? E tem a maneira como ele se move, tão rápido que parece um borrão? E com as rosas, tulipas e a caneta mágica? Sem mencionar que em um momento fala como uma pessoa normal e no outro soa como Heathcliff, ou Darcy, ou algum outro personagem de um livro das irmãs Bronte. Adicione a isso o modo como agiu com se pudesse ver a Riley, o fato dele não ter aura, de Drina também não ter aura, o fato de eu saber que ele esconde algo relacionado a como ele realmente a conheceu. E agora não quer que eu veja aonde ele vive?

Depois de que dormimos juntos?

Ok, talvez a única coisa que fizemos foi dormir, mas mesmo assim, acho que eu mereço respostas de algumas (se não todas) das minhas perguntas. E embora eu não esteja muito preparada para ir até a escola e procurar seus arquivos, sei de alguém que esta.

Só que eu não sei se posso envolver Riley nisso. Sem mencionar que não sei como chamá-la já que nunca fiz isso antes. Quero dizer, chamo o seu nome em voz alta? Acendo uma vela? Fecho meus olhos e faço um desejo?

Como acender uma vela me parece um pouco bobo, me conformo em parar no meio do quarto, com os olhos bem fechados, enquanto digo – “Riley? Riley se puder me ouvir de verdade preciso falar com você. Bem, para dizer a verdade preciso de um favor. Mas se não quiser fazer, eu vou compreender totalmente, e não haverá nenhum ressentimento. E Hum, me sinto um pouco tonta agora, parada aqui falando sozinha, então se estiver me escutando, talvez você pudesse me dar um sinal?” –

E quando meu som toca de repente a canção de Kelly Clarkson que ela sempre canta, abro meus olhos e a vejo na minha frente, rindo histericamente.

– “Oh meu Deus, Parecia como se estivesse a dois segundos de fechar as cortinas, acender uma vela e puxar o tabuleiro de Ouija debaixo de sua cama!” – ela balança a cabeça negativamente e me olha.

– “Oh, me sinto como uma idiota,” – digo, meu rosto se tornando vermelho.

– “Você está com um olhar de idiota.” – ela ri. – “Ok, deixa-me ver se isso está claro, quer corromper a sua pequena irmã para espiar seu namorado?” –

– “Como você sabia?” – olho-a surpreendida.

– “Por favor.” – ela revira seus olhos e se atira na minha cama. – “Acha que a única por aqui que pode ler mentes?” –

– “E como sabe disso?” – pergunto, querendo saber o que mais ela pode saber.

– “Ava me disse. Mas, por favor, não fique louca, porque realmente explica alguns de seus novos hábitos de vestir.” –

– “E o que há sobre seu novo hábito de se vestir?” – digo, sinalizando seu disfarce de Star Wars.

Mas ela só se encolhe. – “Então quer saber aonde encontrar seu namorado ou não?” –

Vou até a cama e me sento ao lado dela. – “Honestamente? Não estou certa. Quero dizer, sim

eu quero saber, mas não me sinto bem em envolver você." –

– "Mas e se eu já fiz? O que acontece se eu sei?" – ela disse, levantando suas sobrancelhas.

– "Você invadiu a escola?" – pergunto, pensando em que mais ela estaria fazendo desde a última vez que falamos.

Mas ela apenas ri. – "Ainda melhor, eu o segui até sua casa." –

Encaro-a boquiaberta. – "Mas, Quando? E como?" –

Ela move a cabeça. – "Vamos Ever, não é como se eu precisasse de rodas para ir aonde quero.

Além disso, sei que está toda apaixonada por ele, e não culpo você, ele é bastante encantador.

Mas se lembra aquele dia quando agiu como se me visse?" –

Eu confirmo. Quero dizer, como poderia esquecer?

– "Bem, me assustou bastante. Então decidi fazer um pouco de investigação." –

– "E, bem, não estou certa de como dizer isso, e espero que você não me leve a mal, mas –

"tem algo estranho," – ela se encolhe. – "Quero dizer, vive em uma casa enorme na Newport Coast, o que é estranho, considerando sua idade e tudo. Então, de onde ele tira dinheiro?

Porque ele não trabalha." –

Recordo aquele dia nas corridas. Mas decidi não mencioná-lo.

– "Mas isso nem sequer é a parte mais estranha," – continua. – "Porque o que é realmente estranho é que a casa dele está completamente vazia. Isso é nenhuma mobília." –

– "Bem, é homem," – digo, perguntando-me porque sinto a necessidade de defendê-lo.

Ela move a cabeça. – "Sim, mas estou falando de estranho de verdade. Quero dizer, as únicas coisas lá dentro são uma base para iPod e uma TV de tela plana. É sério, isso é tudo. E acredite, eu já verifique a casa inteira. Bem, com exceção desse quarto que estava trancado." –

– "Desde quando um quarto trancado te detém?" – digo, já tendo a visto ela passar por paredes muitas vezes nos últimos tempos.

– "Acredite, não foi a porta trancada que me deteve. Fui eu que me detive. Quero dizer, Deus, só porque estou morta não quer dizer que não posso ter medo." – ela balança a cabeça e me encara.

– "Mas ele ainda não vive muito tempo aqui." – digo, apressando-me para dar mais desculpas, como o pior tipo de idiota dependente.

– "Então talvez ele ainda não tivesse tempo de arrumar tudo. Quero dizer, talvez seja por isso que ele não quer que eu vá até lá, não quer que eu o veja assim." – e quando analiso o que acabo de dizer não posso deixar de pensar: "Oh, Deus, estou pior do que pensei."

Riley balança a cabeça e me olha como se estivesse a ponto de dizer-me a verdade sobre a Fada dos Dentes, o Coelho da Páscoa e o Papai Noel, tudo de uma vez. Mas logo ela se encolhe de ombros e apenas disse, – "Talvez devesse ver por si mesma." –

– "O que quer dizer?" – pergunto, sabendo que está escondendo algo.

Mas ela se levanta da cama e se dirige para o espelho, olhando seu reflexo e ajustando seu disfarce.

– "Riley?" – digo, perguntando-me porque age de maneira tão misteriosa.

– "Escuta," – disse ela, finalmente virando-se para me encarar. – "Talvez eu esteja errada.

Quero dizer, eu sou apenas uma garota." – ela se encolhe. – "E provavelmente não sei nada, mas..." –

– "Mas..." –

Ela respira fundo. – "Mas acho que deveria ver por si mesma." –

– “Então como chegamos lá?” – pergunto, já levantando e alcançando as chaves.
Ela nega com a cabeça. – “De maneira nenhuma. Esqueça. Estou convencida de que ele pode me ver.” –

– “Bem, sabemos que ele pode me ver,” – eu a lembro.

Mas ela se mantém firme. – “Isso não vai acontecer. Mas eu posso te desenhar um mapa.” – Como Riley não é muito boa desenhando mapas, ela se conforma fazendo uma lista de ruas indicando quando dobrar a direita ou à esquerda, desde que norte, sul, leste e oeste me confunde sempre.

– “Tem certeza de que não quer vir?” – eu ofereço, pegando minha carteira e saindo do quarto.

Ela assente e me segue pelas escadas. – “Ei, Ever?” –

Eu me viro.

– “Poderia ter me dito todo esse lance de ser psíquica. Me sinto mal por ter zombado de sua roupa.” –

Abro a porta principal e me encolho de ombros. – “Você realmente pode ler minha mente?” –

Ela nega com a cabeça e sorri. – “Só quando está tentando se comunicar comigo. Achei que era só uma questão de tempo até me pedir que o espionasse.” – ela ri. – “Mas, Ever?” –

Eu viro e a encaro novamente.

– “Se não apareço por um tempo, não é porque estou zangada com você e nem porque estou tentando te castigar ou algo assim, Ok? Prometo que vou continuar te observando e vou me certificar que esteja bem, mas, bem, pode ser que eu vá por um tempo. Eu posso ficar um pouco ocupada.” –

Eu congelei, a primeira sensação de pânico começando a surgir. – “Você vai voltar, não vai?” –

Ela assente. – “É só que, bem...” – se encolhe. – “Prometo voltar, só que não sei quando.” – e embora ela esteja sorrindo, é obvio que está forçando.

– “Não está me deixando, está?” – mantenho a respiração, exalando somente quando ela balança a cabeça.

– “Ok, bem, boa sorte então.” – digo, desejando poder abraçá-la, convencê-la a ficar, mas sabendo que não é possível, então me dirijo ao meu carro dando a partida no motor.

VINTE E TRÊS

Damen vive em uma comunidade com acesso controlado. Um detalhe que Riley não revelou. Suponho que como a presença de barras de ferro e seguranças uniformizados não iria parar alguém como ela, não lhe pareceu de muita importância. Embora eu acredite que não iria parar alguém como eu também, porque simplesmente sorri para a guarda e disse, – “Oi, sou Megan Foster. Estou aqui para ver a Jody Howard.” – então observo enquanto ela procura na tela do computador, olhando para o nome que eu sei que está listado como a entrada número três.

– “Deixe isto na janela do lado do motorista,” – ela disse, entregando-me um pedaço de papel amarelo com a palavra “Visitante” e a data marcada na parte da frente. – “e não estacione no lado esquerdo da rua, só no lado direito.” – ela assente e volta à sua cabine enquanto eu passo pela entrada, desejando que ela não note que eu passei da rua onde vive Jody e me dirijo para a rua de Damen.

Quase chego ao topo da Colina quando vejo a próxima rua no meu mapa, depois viro a esquerda, rapidamente seguido por outra passagem à esquerda, paro ao final do bloco onde ele vive, desligo o motor e me dou conta de que tinha perdido toda a coragem.

Quer dizer, que tipo de namorada psicótica eu sou? Quem em sã consciência pensaria em recrutar a sua irmã morta para que ajude a espionar seu namorado? Mas também não é como se algo em minha vida fosse remotamente normal, então por que meus relacionamentos seriam diferentes?

Sento-me no meu carro, concentrando em minha respiração, lutando para mantê-la lenta e regular, mesmo meu coração batendo como louco e as palmas das minhas mãos estão lisas com o suor, enquanto eu olho pela vizinhança limpa, arrumada e próspera, me dou conta que não poderia ter escolhido um pior dia para fazer isso. Primeiro de tudo, é quente, ensolarado e glorioso dia, o que significa que todos estão andando em suas bicicletas, passeando com seus cães ou trabalhando em seus jardins, o que acredito ser a pior condição que posso imaginar para espionar e, enquanto me concentrava pra chegar aqui sem nem sequer considerar que uma vez que estou aqui, não comecei a ter um plano.

Embora isso provavelmente não importasse muito. Quero dizer, o que de pior poderia acontecer? Eu ser apanhada e Damen confirmar que estou louca? Ele provavelmente já pensou isso depois de eu parecer tão carente e desesperada esta manhã.

Desço do meu carro e me dirijo para a casa dele, que fica no final da rua sem saída, plantas tropicais e a grama cortada. Mas eu não vou rastejando e nem me escondendo para não fazer nada que atraia atenção, eu só caminho tranquilamente, como se tivesse o direito de estar ali, até que me detenho em frente a sua enorme porta dupla, sem saber o que fazer.

Dou um passo para trás e olho pelas janelas que estão com as cortinas abaixadas e, mesmo não tendo idéia do que vou dizer, mordo meu lábio inferior, pressiono o botão da campainha, prendo a respiração e espero.

Mas depois de alguns minutos sem resposta, eu pressiono outra vez e quando ele não responde, giro a maçaneta e certifico-me de que está trancada. Depois, caminho pela calçada, para ter certeza de que nenhum vizinho esteja olhando, deslizo pela entrada lateral e esquivome

para o quintal.

Eu fico perto da casa, observando vagamente a piscina, as plantas e a vista incrível, enquanto eu caminho diretamente para a porta deslizante de vidro, que, naturalmente, também está fechada.

Então, quando eu estou prestes a desistir ir para casa, escuto uma voz em minha cabeça urgentemente dizendo – “a janela, a que está no dissipador”. E a encontro levemente aberta, mas o suficiente para colocar meus dedos e abri-la completamente.

Eu coloco minhas mãos na borda da janela e uso toda a minha força para puxar-me para dentro e no segundo que meus pés tocaram o chão tive, oficialmente, cruzado a linha.

Não deveria continuar. Não tenho o direito de fazer isso. Deveria escalar de volta, sair e correr até meu carro. Voltar enquanto eu posso para minha casa tranqüila e segura, mas essa voz em minha cabeça fica me dizendo para apressar-me, e como já cheguei até aqui, acho que é melhor ver aonde vai me levar.

Exploro a grande e vazia cozinha, a sala vazia, a sala de jantar desprovida de mesa e cadeiras, o banheiro com apenas uma barra de sabão preto e uma toalha, e fico pensando que Riley tinha razão, este lugar está vazio de uma maneira que parece abandonado e assustador, sem memórias pessoais, sem fotos, sem livros. Nada exceto pelo chão de madeira escura, paredes brancas, armários vazios, uma geladeira cheia com uma quantidade de incontáveis garrafas desse estranho líquido vermelho, e nada mais. E quando chego à sala, vejo a TV de tela plana que Riley mencionou, uma poltrona reclinável, a qual não mencionou, e uma grande pilha de DVDs de língua estrangeira cujo os títulos não pude traduzir. Então eu paro ao pé da escada sabendo que eu deveria sair, já tinha visto mais que o suficiente, mas algo que eu não posso definir me força a continuar.

Seguro o corrimão, encolhendo-me quando a escada geme sob meus pés, de uma maneira alarmantemente alta neste espaço vazio, e quando chego ao fim, fico frente a frente com a porta que Riley encontrou fechada. Só que desta vez está entreaberta.

Eu continuo lentamente, chamando a voz em minha cabeça, desesperado por alguma orientação. Mas a única resposta que consigo é o som do meu coração palpitante enquanto pressiono a palma da minha mão contra a porta, abrindo-a, e diante de mim vejo um quarto tão ornamentado, tão formal, tão magnífico que parece tirado de Versailles.

Eu paro na entrada, tentando captar tudo. As tapeçarias finamente tecidas, os tapetes antigos, os lustres de cristal, os candelabros dourados, as cortinas de seda, o sofá de veludo, a mesa de mármore coberta de volumes. Mesmo as paredes, todas cobertas por pinturas em molduradas de ouro, todas elas capturando Damen em trajes que abrange vários séculos, incluindo uma dele montado em um cavalo branco, com uma espada de prata ao seu lado e usando exatamente o mesmo casaco que usou na noite de Halloween.

Me aproximo dessa pintura, meus olhos procurando o furo no ombro, a área desgastada com a qual ele tinha brincado dizendo que havia sido caudado por fogo de artilharia.

Surpreendendome

por encontrar o furo ali, na pintura, enquanto meus dedos traçam enfeitiçada, fascinada, perguntando-me que tipo de truque usou enquanto meus dedos percorrem até o fim da pintura, até a parte inferior onde encontra-se uma pequena placa de bronze que diz:

DAMEN AUGUSTE ESPOSITO, MAIO 1775

Viro-me até a pintura que está ao lado, meu coração disparando enquanto observo um retrato de um Damen sério, vestido com um severo traje escuro, rodeado de azul, sua placa carregando as palavras:

DAMEN AUGUSTE PINTADO POR PABLO PICASSO EM 1902

A pintura que está ao lado desta, tem uma textura pesada e cheia de espirais, semelhante às de...

DAMEN ESPOSITO PINTADO POR VINCENT VAN GOGH

E ainda, todas as quatro paredes mostrando o rosto de Damen pintada por todos os grandes mestres.

Deixo-me cair no próprio sofá de veludo com os olhos lacrimejando, joelhos fracos, a minha mente disparando com mil possibilidades, cada uma delas igualmente ridículas. Então eu pego um livro mais próximo, busco o título, pagino e leio:

Para Damen Auguste Esposito.

Assinado por William Shakespeare.

Eu deixo-o cair no chão e alcanço o livro seguinte, O Morro dos Ventos Uivantes, para Damen Auguste assinado por Emily Brontë.

Todos os livros dedicados para Damen Auguste Esposito, ou Damen Auguste, ou só Damen.

Todos eles assinados por autores que morreram a mais de um século.

Fecho meus olhos, tentando concentrar-me na minha respiração enquanto meu coração acelera e minhas mãos tremem, convencendo-me de que tudo é uma piada, que Damen é um aficionado por história, um colecionador, um falsificador que passou dos limites. Talvez tenha sido uma herança familiar, deixados por uma longa linha de tataravós, todos carregando o mesmo nome e uma estranha semelhança.

Mas quando olho outra vez ao meu redor, o frio que percorre minha espinha me diz a inegável verdade: estas não são meras antiguidades e muito menos são heranças. Estes são os bens pessoais de Damen, seus tesouros favoritos que têm sido colecionados através de anos.

Coloco-me de pé tropeçando e me dirigindo para o corredor, sentindo-me insegura, instável, desesperada para fugir deste quarto assustador, este mausoléu medonho, esta casa mais parecida com uma cripta. Querendo colocar entre nós uma distância enorme, o tanto quanto possível, e nunca, sob nenhuma circunstância, voltar aqui.

Acabo de chegar ao degrau inferior quando ouço um grito alto, seguido de um longo e baixo gemido, e sem sequer pensar, eu me viro e corro em direção a ele, seguindo o som até o final do corredor e correndo para a porta, encontrando Damen no chão, sua roupa rasgada, do seu rosto sangue escorrendo, enquanto Haven se contorce e geme embaixo do corpo dele.

– “Ever!” – ele grita, colocando-se de pé em um salto e parando-me enquanto eu avanço, e

luto desesperada para chegar até ela.

– “O que você está fazendo com ela?” – lhe grito, olhando para eles, observando sua pele pálida, os olhos dela ficando branco e sabendo que não a tempo a perder.

– “Ever, por favor, pare,” – ele disse, sua voz soando muito segura, muito proporcional para as circunstâncias incriminadoras em que se encontra.

– “O QUE VOCÊ FEZ COM ELA?” – eu grito, chutando, mordendo, esperneando, arranhando, usando toda a minha força, mas mesmo assim não posso competir com a dele. Ele só permanece lá, segurando-me com uma mão, enquanto suporta meus golpes com apenas uma mão.

– “Ever, por favor, deixe-me explicar,” – ele disse, esquivando-se do pontapé furioso que está apontado para ele.

Enquanto olho a minha amiga que está sangrando profundamente, com uma cara de dor, e me dou conta da terrível verdade. “Por isso que ele tentou me manter afastada.”

– “Não! Não é isso. Você entendeu tudo errado. Sim, não queria que visse isso, mas não é o que você está pensando.” –

Ele me mantém no alto, minhas pernas balançando como uma boneca de trapo, e apesar de todos os meus golpes e lutas, ele nem sequer derramou uma gota de suor.

Mas eu não me importo com Damen. Nem estou preocupada comigo mesma. O único que me importa é a Haven, que seus lábios tornaram-se azuis e sua respiração havia enfraquecido alarmantemente.

– “O que você fez a ela?” – eu o encaro com todo o ódio que posso demonstrar. “O que você fez a ela, seu monstro?”

– “Ever, por favor, preciso que me escute,” – ele me pede, seus olhos suplicando pelos meus. E apesar de toda a minha raiva, apesar de toda a minha adrenalina, eu ainda posso sentir o calor de suas mãos que causam formigamentos em minha pele e faço o possível para ignorá-lo. Gritando e chutando, tentando chupar suas partes mais vulneráveis, mas sempre falhando porque ele é muito mais rápido que eu.

– “Você não pode ajudá-la, acredite em mim, eu sou o único que posso.” –

– “Você não está ajudando-a, está matando-a!” – lhe grito.

Ele move sua cabeça e me olha, seu rosto parecendo cansado quando sussurra, – “Difícilmente.” –

E outra vez tento soltar-me, mas não consigo, não posso vencê-lo. Então eu paro, relaxando meus músculos enquanto fecho meus olhos em rendição.

Pensando: Então é assim que acontece. Assim é como desapareço.

E quando ele relaxa, chuto o mais forte que eu posso, minha bota acertando o alvo enquanto ele afrouxa seu aperto e caio no chão.

Vou rapidamente ao encontro de Haven, meus dedos procurando sua ensangüentada mão para verificar seu pulso, meus olhos fixos nos dois pequenos furos no centro de sua horrível tatuagem, enquanto suplico que continue respirando, que resista.

E quando alcanço meu celular, tentando ligar para 911, Damen se aproxima por trás, agarra o celular de minhas mãos e disse, – “Eu esperava não fazer isso.” –

VINTE E QUATRO

Quando eu desperto, estou deitada na cama com Sabine debruçada sobre mim, seu rosto uma máscara de alívio, seus pensamentos um labirinto de preocupação.

– “Hey,” – ela disse, sorrindo e movendo a cabeça. – “Deve ter tido um bom fim-de-semana.” – Eu dou uma olhada para ela e depois para o relógio. Então dou um salto da cama quando me dou conta da hora.

– “Você se sente bem?” – pergunta, seguindo-me. – “Você já estava dormindo quando cheguei à noite passada. Você não está doente, está?” –

Dirijo-me para o chuveiro, sem muita certeza de como responder. Porque mesmo não me sentindo doente, não consigo imaginar como fiz para dormir durante tanto tempo e até tão tarde.

– “Tem alguma coisa que eu deveria saber? Há algo que precise me contar?” – pergunta ela, parada atrás da porta.

Fecho meus olhos e rebobino o fim-de-semana, recordando a praia, Evangeline, Damen ficando para dormir e fazendo o jantar, seguido pelo café da manhã – “Não, não aconteceu nada.” – digo finalmente.

– “Bem, melhor se apressar se quiser chegar à escola a tempo.” Tem certeza que está bem?” –

– “Sim,” – Eu digo, tentando soar definitiva, clara, tão certa quanto posso, enquanto abro as torneiras e me meto embaixo do chuveiro, sem ter certeza se minto ou digo a verdade.

Todo o caminho da escola Miles falava de Eric. Dando-me os detalhes, passo a passo, do seu rompimento por mensagem de texto na sua noite de sábado. Tentando me convencer de que não poderia importar menos, que já está completamente e totalmente superado, o que muito prova que ele não o fez.

– “Você ao menos está me escutando?” – ele pergunta franzindo as sobrancelhas.

– “Com certeza.” – murmuro, parando em um sinal, justo a uma quadra da escola, minha mente recordando meu próprio fim-de-semana, e sempre terminando com o café da manhã. Não importa o quanto eu tente, não posso lembrar-me de nada depois disso.

– “Você poderia ter me enganado.” – ele sorri e olha para fora da janela. – “Quero dizer, se estou te aborrecendo, é só dizer. Porque acredite, eu já superei Eric. Já te contei da vez que ele...” –

– “Miles, tem falado com Haven?” – pergunto, olhando-o de relance antes do sinal ficar verde. Ele balança a cabeça negativamente. – “Você?” –

– “Acho que não.” – aperto o acelerador, perguntando-me porque só de dizer o nome dela já me enche de pavor.

– “Acha que não?” – seus olhos bem abertos enquanto se move no banco.

– “Não desde sexta.” –

Entro no estacionamento, meu coração batendo o triplo de vezes mais forte quando vejo Damen em seu lugar de sempre, apoiado em seu carro, esperando-me.

– “Bem, pelo menos um de nós pode ter seu: E vivemos felizes para sempre.” – disse Miles, apontando para Damen, que dá a volta em seu carro, com uma tulipa vermelha em sua mão.

– “Bom dia.” – sorri, dando-me a flor e beijando minha bochecha, enquanto eu respondo com algo incompreensível e me dirijo para a entrada. O sinal soa e Miles vai para a aula, enquanto

Damen pega minha mão e me conduz para a Aula de Inglês. – “O Sr. Robins está a caminho,” – ele sussurra, apertando meus dedos enquanto passamos ao lado de Stacia, que franze a sobrelanceira, e recusando-se a desviar até o último segundo. – “Está fazendo tudo o que pode para trazer a mulher de volta.” – seus lábios curvando-se de encontro a minha orelha e quando eu percebo me afasto.

Deslizo para minha cadeira e tiro meus livros, perguntando-me porque a presença do meu namorado me faz sentir tão incomodada, então procuro em meu bolso o iPod e entro em pânico quando me dou conta que o esqueci em casa.

– “Você não precisa disso,” – diz Damen, procurando minha mão e juntando nossos dedos. – “Têm a mim agora.” –

Fecho meus olhos, sabendo que o Sr. Robins estará aqui em três, dois, um...

– “Ever,” – sussurra Damen, seus dedos tocando as veias do meu pulso. – “Está se sentindo bem?” –

Pressiono meus lábios e aceno com a cabeça.

– “Bom.” – fez uma pausa. – “Eu tive um ótimo fim-de-semana, espero que você também.” –

Abro meus olhos no momento em que o Sr. Robins entra na sala, notando como seus olhos estão inchados, seu rosto um pouco pálido e suas mãos continuam tremendo um pouco.

“Ontem foi divertido, você não acha?” –

Me viro para Damen, olhando em seus olhos, minha pele quente formigando só porque sua mão está sobre a minha. Então confirmo, sabendo que é a resposta que ele quer, embora não esteja muito certa de que seja verdade.

As horas seguintes foram um borrão de aulas e confusão, e não é até que eu chegue à mesa do almoço que eu descubro a verdade sobre ontem.

– “Não posso acreditar que vocês entraram na água,” – disse Miles, sacudindo seu yorgut e olhando-me. – “Tem alguma idéia de como é fria?” –

– “Ela usou uma roupa de mergulho.” – Damen dá de ombros. – “Na verdade, você deixou na minha casa.” –

Eu desenrolo meu sanduíche sem lembrar nada disso. Nem ao menos tenho uma roupa de mergulho. Ou tenho? – “Hum, isso aconteceu na sexta-feira?” – pergunto, corando quando todos os eventos deste dia embaraçoso retornam a mim.

Damen balança a cabeça negativamente. – “Você não surfou na sexta, Eu surfei. Domingo foi quando te deu aulas.” –

Tiro a casca do meu sanduíche, tentando me lembrar, mas continuo sem conseguir.

– “Então, ela foi bem?” – pergunta Miles, lambendo sua colher e olhando de Damen para mim.

– “Bem, estava bastante calma, considerando que não tinha muito o quê surfar. Na maior parte ficamos deitados na praia, sobre alguns cobertores. E sim, ela esteve muito bem.” – ele ri.

Eu olho para Damen perguntando-me se minha roupa de mergulho estava dentro ou fora daqueles cobertores, e que, se alguma coisa aconteceu embaixo deles.

É possível que eu tenha tentado compensá-lo pela sexta-feira, e em seguida bloqueado para não lembrar?

Miles me encara, levantando as sobrelanceiras, mas eu só dou de ombros e mordo meu sanduíche.

– “Em que praia foram?” – pergunta.

Mas como não consigo lembrar olho para Damen.

– “Crystal Cove.” – disse, tomando um gole de sua bebida.

Miles balança a cabeça e revira os olhos. – “Por favor, me diga que não estão se tornando aqueles casais em que o cara diz tudo. Quero dizer, Ele pede por você no restaurante também?” –

Olho para Damen, mas antes que ele responda, Miles diz, – “Não, estou perguntando pra você Ever.” –

Penso sobre nossas duas saídas a restaurantes, uma esse dia maravilhoso na Disneylândia que terminou tão estranho, e a outra vez nas corridas quando ganhamos todo esse dinheiro. –

“Pedi minha própria comida.” – falo. Então o olho e digo, – “Pode me emprestar seu telefone?” –

Ele tira do bolso e passa para mim. – “Por quê? Esqueceu do seu?” –

– “Sim, e quero mandar uma mensagem de texto a Haven para saber por onde anda. Tenho um pressentimento estranho sobre ela.” – balanço a cabeça, sem sequer saber como explicar a mim mesma, muito menos a eles. – “Não consigo deixar de pensar nela.” – digo, meus dedos batendo no minúsculo teclado.

– “Está em casa, doente,” – me disse Miles. – “Algum tipo de gripe. Além do mais está triste pelo o que aconteceu com Evangeline, embora jure que já não nos odeia.” –

– “Achei que tinha dito que não tinha falado com ela.” – faço uma pausa e o olho de relance, certa do que ele disse no carro.

– “Ela me mandou uma mensagem de texto na aula de história.” –

– “Então, ela está bem?” – Olho para Miles, meu estômago uma desordem de nervos sem poder adivinhar o por quê.

– “Vomitando até as tripas, lamentando a perda de sua amiga, mas sim, basicamente bem.” –

Devolvo o telefone a Miles, pensando que não há porque incomodá-la se não está se sentindo bem. Então Damen coloca sua mão em minha perna, Miles começa a falar de Eric, e eu retomo meu almoço, assentindo e sorrindo, mas sem deixar de sentir-me desconfortável.

Quem diria, justo o dia em que Damen decidiu passar o dia inteiro na escola vem a ser o dia em que eu desejo que ele se vá. Porque cada vez que saio de uma aula, o encontro parado do lado de fora da porta, esperando ansioso e me perguntando se me sinto bem. E realmente está começando a me irritar.

Portanto, depois da Aula de Arte, quanto estávamos caminhando para o estacionamento e ele se ofereceu para me seguir até em casa, eu só o olho e digo, – “Um, se estiver tudo bem pra você, eu preferiria ficar a sós por um tempo.” –

– “Está tudo bem?” – pergunta pela milionésima vez. Mas eu só entro no carro, ansiosa por fechar a porta e colocar alguma distância entre nós. – “Só preciso fazer algumas coisas, mas te vejo amanhã, Ok?” – e sem dá-lhe tempo de responder, dou a ré e vou.

Quando chego em casa, estou incrivelmente cansada, e me dirijo para a cama, planejando tirar um pequeno cochilo antes que Sabine chegue e começar a preocupar-se novamente. Mas quando me levanto no meio da noite, meu coração batendo forte e minha roupa encharcada de suor, tenho este sentimento incontestável de que não estou sozinha em meu quarto.

Pego minha almofada, agarro-a fortemente como se essas suaves plumas pudessem servir como algum tipo de escudo, então olho para o espaço escuro diante de mim e sussurro, –

“Riley?” – mesmo estando certa de que não é ela.

Seguro a respiração, escutando um ruído macio, como sapatos no tapete, perto da porta, e surpreendendo-me sussurrando, – “Damen?” – enquanto olho com atenção para a escuridão, sem conseguir identificar nada além de um ruído suave e abafado.

Estico-me para ligar o interruptor, ficando cega pela repentina luz, e procurando o intruso, tão certa de que tinha companhia, certa de que não estava só, que me sinto quase decepcionada quando encontro o quarto vazio.

Saio da cama, ainda abraçando a almofada, enquanto tranco as portas da varanda. Então verifico o armário e olho e embaixo da cama, como meu pai costumava fazer a muito tempo atrás naquelas noites quando falava do homem do saco. Mas sem encontrar nada, volto para a cama, perguntando-me se talvez meu sonho tivesse despertado todos esses medos.

Foi semelhante ao que havia tido antes, onde me encontrava correndo por um abismo escuro e exposto ao vento, meu vestido branco uma pobre defesa contra o vento, convidando ao vento para chicotear minha pele, arrepiando até meus ossos. E ainda assim eu pouco via, tão concentrada em correr, meus pés descalços na terra molhada e enlameada, dirigindo-me para um confuso refugio que nem conseguia ver.

Tudo o que sei é que eu corria para uma pequena e brilhante luz.

E para longe de Damen.

VINTE E CINCO

No dia seguinte, eu estacionei no meu lugar de sempre, pulei para fora do carro, e corri passando por Damen, indo em direção a Haven que estava esperando no portão. E embora eu normalmente faça todo possível para evitar contato físico, eu agarro o ombro dela e a abraço. "Ok, ok, eu também te amo." Ela ri, balançando a cabeça e me afastando. "Quer dizer, não é como se eu fosse ficar brava com vocês para sempre."

O cabelo tingido de vermelho dela está seco e sem vida, o esmalte preto de sua unha está lascado, as olheiras sob seus olhos parecem mais escuras que o normal, e o rosto dela está definitivamente pálido. Mas embora ela tenha me assegurado que está bem, eu não posso evitar em abraçar ela de novo.

"Como se sente?" eu perguntei, olhando ela com cuidado, tentando conseguir uma leitura, mas fora sua aura parecer cinza, fraca, e translúcida, eu não consigo ver muita coisa.

"O que está acontecendo com você?" ela diz, balançando a cabeça e me afastando. "Qualê de todo esse amor e afeição? Quer dizer, você de todas as pessoas, com seu eterno combo capuziphod."

"Eu fiquei sabendo que você estava doente, e quando você não veio na escola ontem –" eu paro, me sentindo ridícula por ficar perto desse jeito.

Mas ela apenas ri. "Eu sei o que está acontecendo aqui." Ela acena. "Isso é sua culpa, não é?"

Ela aponta para Damen. "Você tinha que aparecer e transformar minha amiga gelada, em uma sentimental, e amável confusa. "

E embora Damen ria, isso não alcança seus olhos.

"Foi só uma gripe," ela diz enquanto Miles põe seus braços ao redor dela e nós passamos o portão. "E eu acho que ter ficado deprimida por causa de Evangeline fez tudo piorar. Quer dizer, eu tinha tanta febre, que eu desmaiei algumas vezes."

"Sério?" Eu me afasto de Damen para poder andar do lado dela.

"Yeah, foi muito estranho. Toda noite eu ia para cama usando uma coisa, e quando acordava eu estava usando algo completamente diferente. E quando ia procurar o que estava usando antes, eu não conseguia encontrar. Era como se tivesse sumido ou algo assim."

"Bem, seu quarto é bem bagunçado." Miles ri. "Ou talvez você estivesse alucinando; você sabe que isso pode acontecer quando você tem uma febre monstruosa."

"Talvez." Ela dá nos ombros. "Mas todos meus cachecóis pretos sumiram, então eu tive que pegar esse emprestado com meu irmão." Ela ergue a ponta do seu cachecol azul e o acena.

"Havia alguém lá para cuidar de você?" Damen pergunta, vindo para o meu lado e pegando minha mão, seus dedos se entrelaçando com a minha, enviando uma onda de calor através do meu sistema.

Haven balança sua cabeça e vira os olhos. "Você tá brincando? Eu poderia muito bem ser emancipada como você. Além do mais, a minha porta estava trancada o tempo todo. Eu poderia ter morrido lá dentro e ninguém saberia."

"E quando a Drina?" Eu pergunto, meu estômago se apertando ao mencionar o nome dela. Haven me olha de uma forma estranha e diz, "Drina está em Nova Iorque. Ela partiu sexta a noite. E de qualquer forma, espero que vocês não entendam, porque embora algumas das

coisas dos sonhos fossem legais, eu sei que vocês não iriam gostar." Ela para perto da aula e se inclina contra parede.

"Você sonhou com um penhasco?" Eu pergunto, soltando a mão de Damen, e me movendo para mais perto para ver o rosto dela de novo.

Mas Haven apenas ri e me afasta. "Um, com licença, limites!" Ela balança a cabeça. "E não, não havia penhascos. Só coisas gótico selvagens, é difícil explicar, embora tivesse muito sangue e sangue coagulado."

E no segundo que ela diz isso, no segundo que eu ouço a palavra "sangue," tudo fica preto e meu corpo cai duro em direção ao chão.

"Ever?" Damen chama, me pegando segundos antes de cair no chão. "Ever," ele sussurra, a voz dele sufocada de preocupação.

E quando abro meus olhos para encontrar os dele, algo na expressão dele, algo sobre a intensidade do olhar dele parece familiar. Mas quando a memória começa a se formar, é apagada pelo som da voz de Haven.

"É assim que começa." Ela acena. "Eu quero dizer, eu não desmaiei até mais tarde, mas ainda sim, definitivamente começa com um baita feitiço de tontura."

"Talvez ela esteja grávida?" Miles diz, alto o bastante para vários estudantes que passavam ouvir.

"Difícilmente," eu digo, surpresa por quanto me sinto melhor, agora que estou envolvida nos braços quentes e apoiáveis de Damen. "Estou bem, verdade." Eu me levanto e me afasto.

"Você deveria levar ela para casa," Miles diz, olhando para Damen. "Ela parece horrível."

"Yeah." Haven acena. "Você deveria descansar, sério. Você não vai querer pegar isso."

Mas embora eu insista em ir para aula, ninguém me escuta. E em seguida, os braços de Damen estão envoltos ao redor da minha cintura e ele está me levando de volta para seu carro.

"Isso é ridículo," eu digo, enquanto ele sai do estacionamento e dirige para longe da escola.

"Sério, estou bem. Sem mencionar que vamos ser pegos por matar aula de novo!"

"Ninguém vai ser pego." Ele olha brevemente para mim, antes de se focar de volta na rua.

"Devo te lembrar que você desmaiou? Você tem sorte por eu ter te pego em tempo."

"Sim, mas aí é que está, você me pegou em tempo. E agora estou bem. Sério. Quer dizer, se você realmente está tão preocupado comigo, você deveria ter me levado para a enfermaria da escola. Não precisava me seqüestrar."

"Não estou seqüestrando você," ele diz, claramente incomodado. "Eu só quero cuidar de você, me certificar que você está bem."

"Oh, então agora você é médico?" Eu balanço minha cabeça e viro os olhos.

Mas ele não diz nada. Ele só cruza a alto-estrada Coast, passando pela rua que leva para minha casa até que eventualmente passamos diante de um enorme portão.

"Onde você está me levando?" Eu pergunto, observando enquanto ele acena para um atendente familiar, que sorri e acena para nós.

"Minha casa," ele murmura, dirigindo por um colina antes de fazer uma série de curvas que levam para um beco sem saída e uma enorme garagem vazia.

Então ele pega minha mão e me leva através da cozinha e para dentro de um escritório onde eu paro com as mãos nos quadris, absorvendo todos os seus lindos móveis, o exato oposto da casa de fraternidade chique que eu esperava.

"Isso é realmente tudo seu?" Eu pergunto, passando minha mão por um sofá de chenille

enquanto meus olhos observam lindas lâmpadas, tapetes persas, uma coleção de pinturas abstratas, e uma mesa de madeira escura coberta de livros, velas, e uma foto minha. “Quando você tirou isso?” Eu a ergo da mesa e a estudo de perto, sem ter qualquer memória desse momento.

“Você age como se nunca tivesse estado aqui antes,” ele diz, fazendo menção para que me sente.

“Eu não estive,” eu dou de ombros.

“Você esteve,” ele insiste. “Domingo passado? Depois da praia? Eu tenho até sua roupa molhada lá em cima. Agora sente.” Ele dá batidinhas nas almofadas do sofá. “Eu quero ver você descansando.”

Eu afundo nas almofadas muito recheadas, ainda segurando a foto e me perguntando quando ela foi tirada. Meu cabelo está cumprido e solto, meu rosto levemente corado, e estou usando um capuz cor de pêssego que esqueci que eu tinha. Mas embora eu apareça estar rindo, meus olhos estão tristes e sérios.

“Eu tirei ela um dia na escola. Quando você não estava olhando. Eu prefiro fotos honestas, é o único jeito de realmente capturar a essência de uma pessoa,” ele diz, a tirando das minhas mãos e a colocando de volta na mesa. “Agora, feche seus olhos e descanse, enquanto eu faço chá.”

Quando o chá fica pronto ele coloca uma xícara nas minhas mãos, então se ocupa colocando um cobertor de lã ao meu redor.

“Isso é muito gentil e tudo mais, mas não é necessário.” Eu digo, colocando a xícara na mesa e olhando para meu relógio, pensando que se sairmos agora, eu ainda posso ir chegar no segundo período a tempo. “Sério. Estou bem. Devemos voltar pra escola.”

“Ever, você desmaiou,” ele diz, sentando ao meu lado, os olhos dela buscando meus rosto enquanto ele toca meu cabelo.

“Coisas acontecem.” Eu dou nos ombros, envergonhada com toda confusão, especialmente quando sei que não há nada errado.”

“Não no meu turno,” ele sussurra, movendo suas mãos do meu cabeça para a cicatriz no meu rosto.

“Não.” Eu me afasto logo antes dele poder tocá-la, observando enquanto as mãos dele caem do seu lado.

“Qual problema?” ele pergunta, me observando.

“Eu não quero que você pegue,” eu minto, sem querer admitir a verdade – que a cicatriz é para mim, e apenas para mim. Um lembrete constante, me assegurando que eu nunca esqueça. É por isso que recusei cirurgia plástica, recusei deixar que eles a “consertassem.” Saber o que houve nunca poderia ser consertado. É minha culpa, minha dor privada, e é por isso que a escondo debaixo do capuz.

Mas ele apenas ri e diz, “eu não fico doente.”

Eu fecho meus olhos e balaço a cabeça, e quando os abro eu digo, “Oh, então agora você não fica doente?”

Ele dá nos ombros e trás a xícara até meus lábios, me fazendo beber.

Eu tomo um pequeno gole e viro a cabeça e me afasto, dizendo, “Então vamos ver, você não fica doente, você não se mete em problemas por matar aula, você só tira nota 10 apesar de matar aula, você pega um pincel e voilà, você faz um Picasso melhor que Picasso. Você

consegue cozinhar tão bem quanto qualquer chefe cinco estrelas, você costumava ser modelo em Nova Iorque – que foi logo antes de você viver em Santa Fé, que veio depois de você viver em Londres, Romênia, Paris, e Egito – você é desempregado e emancipado, mas ainda sim de alguma forma você vive numa casa dos sonhos luxuosa e multimilionária, você dirige um carro caro, e – “

“Roma,” ele diz, me dando um olhar sério.

“O que?”

“Você disse que eu vivi na Romênia, quando eu estava na verdade em Roma.”

Eu viro os olhos. “Tanto faz, o ponto é –” eu paro, minhas palavras presas na minha garganta.

“Sim?” ele se inclina na minha direção. “O ponto é...”

Eu engulo com força e desvio meu olhar, minha mente se agarrando as pontas de algo, algo que esteve me atormentando a algum tempo. Algo sobre Damen, algo sobre aquela quase, habilidade do outro mundo dele – ele é um fantasma como Riley? Não, isso é impossível, todos podem ver ele.

“Ever,” ele diz, a palma dele na minha bochecha, virando minha cabeça para que eu o olhe de novo. “Ever, eu – “

Mas antes que ele possa terminar, estou fora do sofá e fora do alcance dele, tirando a coberta dos meus ombros e me recusando a olhar para ele quando eu digo, “Me leve para casa.”

VINTE E SEIS

No instante que Damen estaciona na entrada, eu pulo para fora do carro e atinjo o chão correndo, passando pela porta da frente e subindo dois degraus por vez, esperando e rezando que Riley estivesse lá. Eu preciso ver ela, preciso falar com ela sobre todos os pensamentos malucos que estão se formando dentro de mim. Ela é a única para qual eu posso sequer começar a explicar, a única que talvez possa entender.

Eu chego meu esconderijo, meu banheiro, minha sacada, eu fiquei no meu quarto e chamei o nome dela, me sentindo estranha, excitada, abalada, em pânico, de um jeito que eu não consigo explicar direito.

Mas quando ela não aparece, eu me arrasto para cama, curvo meu corpo em um pequena bola, e revivo a perda dela toda de novo.

“Ever, querida, você está bem?” Sabina solta suas malas e se ajoelha ao meu lado, sua palma fria e segura contra minha quente pele.

Eu fecho meus olhos e balanço a cabeça, que apesar do feitiço para desmaiar, apesar do meu recente episódio de exaustão, eu não estou doente. Pelo menos não da forma que a qual ela se referiu. É mais complicado que isso, e não tão fácil de curar.

Eu rolo para o meu lado, usando o travesseiro para limpar minhas lágrimas, então viro para ela e digo, “Às vezes – às vezes isso só me atinge, sabe? E, não está ficando mais fácil,” eu engasgo, meus olhos se enchendo de lágrimas de novo.

Ela olha para mim, o rosto dela suavizado por pesar e ela diz, “E não tenho certeza que ficará.

Eu acho que você simplesmente se acostuma com o sentimento, a solidão, a perda, e de alguma forma aprende a viver apesar disso.” Ela sorri, removendo minhas lágrimas com sua mão.

E quando ela deita ao meu lado, eu não me afasto. Eu só fecho meus olhos e me permito sentir a dor dela, e minha dor, até que as duas estejam misturadas, crua e profundamente sem início ou fim. E ficamos assim, chorando e conversando e dividindo da forma como deveríamos ter feito muito tempo atrás. Se eu tivesse permitido ela se aproximar. Se eu não a tivesse afastando.

E quando ela finalmente levanta para fazer o jantar, ela pega sua mala e diz, “Olha o que encontrei no porta malas do meu carro. Eu peguei emprestado séculos atrás, logo quando você se mudou para cá. Eu não percebi que ainda o tinha.”

Então ela joga um canguru cor de pêssego. Aquele que eu tinha esquecido.

O que eu não usava desde a primeira semana de aula.

O que eu estava usando na foto que estava na mesa de Damen, embora ainda não tivéssemos nos conhecido.

No outro dia, na escola, eu dirijo passando por Damen, e aquela vaga idiota que ele sempre guarda para mim, e estaciono no que parece ser o outro lado do mundo.

“O que diabos?” Miles diz, boquiaberto. “Você passou direto! E agora olha o quanto temos que caminhar!”

Eu bati minha porta e caminhei pelo estacionamento, passando direto por Damen que está inclinado contra seu carro, esperando por mim.

“Um, olá!” Alto, moreno e bonito as três horas, você passou por ele! O que está acontecendo com você?” Miles diz, agarrando meu braço e olhando para mim. “Vocês estão brigando?” Mas eu só balanço a cabeça e me afasto. “Não tem nada acontecendo,” eu digo, indo em direção ao prédio.

Embora da última vez que eu chequei Damen estava bem atrás de mim, quando eu entrei na sala e fui para meu lugar, ele já estava lá. Então eu ergui meu capuz, e liguei meu iPod, fazendo questão de ignorar ele, enquanto espero o Sr. Robins fazer a chamada.

“Ever,” Damen sussura, enquanto eu olho diretamente para frente, me focando no cabelo do Sr. Robins, esperando por minha vez de responder.

“Ever, eu sei que você está chateada. Mas eu posso explicar.” Eu olho diretamente para frente, fingindo não ouvir. “Ever, por favor,” Damen implora.

Mas eu só ajo como se ele nem estivesse ali, e assim que o Sr. Robins chega ao meu nome, Damen suspira, fecha os olhos. E diz, “Tudo bem. Só lembre-se, você que pediu.”

E em seguida, um horrível thwonk! Ressoa através da sala, enquanto dezenove cabeças batem a cabeça na suas mesas.

Todos menos eu e Damen.

Eu olho ao redor, boca aberta, olhos tentando entender, e quando eu finalmente viro para Damen, encarando de forma acusadora, ele só dá nos ombros e diz, “Isso era exatamente o que eu esperava evitar.”

“O que você fez?” Eu encaro todos os corpos moles, um terrível entendimento começando a emergir. “Oh meu Deus, você os matou! Você matou todo mundo!” EU grito, meu coração batendo tão rápido que eu tenho certeza que ele consegue ouvir.

Mas ele simplesmente balança a cabeça e diz, “Anda, Ever. Você me tira pra que? É claro, que não os matei. Eles só estão tirando uma pequena... cesta, só isso.”

Eu escapo para a ponta da minha cadeira, olhos fixos na porta, planejando minha fuga.

“Você pode tentar, mas você não vai chegar muito longe. Você viu como apostei com você que chegaria antes, mesmo te dando uma vantagem?” Ele cruza as pernas e olha para mim, o rosto calmo, a faz tão firme quanto poderia ser.

“Você pode ler minha mente?” eu sussurrei, lembrando alguns dos meus mais embaraçosos pensamentos, minha bochecha ficando quente enquanto meus dedos agarram a ponta da minha mesa.

“Normalmente.” Ele dá nos ombros. “Bem, basicamente sempre, sim.”

“A quanto tempo?” Eu o encaro, parte de mim querendo aproveitar a chance para escapar, enquanto a outra parte quer alguma perguntas respondidas antes da minha quase certa morte.

“Desde o primeiro dia em que te vi,” ele sussurra, o olhar dele trancado no meu, enviando uma onda de calor através do meu corpo.

“E quando foi isso?” eu pergunto, a voz tremendo, lembrando da foto na mesa dele, e me perguntando a quanto tempo ele tem me vigiado.

“Não estou vigiando você.” Ele ri. “Pelo menos não do jeito que você pensa.”

“Porque eu deveria acreditar em você?” Eu encaro, sabendo que não devo confiar nele, não importa o quão trivial.

“Porque eu nunca menti para você.”

“Você está mentindo agora!”

“Eu nunca menti para você sobre algo importante,” ele diz, desviando o olhar.

“Oh, verdade? E quanto ao fato de você ter tirado uma foto de mim, muito antes de você sequer estudar aqui? Onde isso cai na sua lista de coisas importantes para dividir numa relação?” Eu encaro.

Ele suspira, os olhos dele parecendo cansados quando ele diz, “E onde ser clarividente que anda com sua irmãzinha morta, caí na sua?”

“Você não sabe nada sobre mim.” Eu levanto, as mãos suadas e tremulas, coração batendo forte no peito, enquanto encaro todos os corpos desmaiados, Stacia com a boca aberta, Craig roncando tão alto que ele vibra, Sr. Robins parecendo mais feliz e pacífico do que eu jamais vi.

“Está na escola toda? Ou só essa sala?”

“Não tenho certeza, mas acho que é a escola toda.” Ele acena, sorrindo enquanto olha ao redor, claramente satisfeito com seu trabalho.

E sem qualquer outra palavra, eu saí da minha cadeira, corro até a porta, passo pelo corredor, através da quadra, e pelo escritório. Passo voando pelas secretarias e administradores dormindo em suas mesas, antes de passar pela porta e entrar no estacionamento, correndo até meu pequeno Miata vermelho, onde Damen já está esperando, minha mochila pendurada na ponta dos dedos dele.

“Eu te disse.” Ele dá nos ombros, devolvendo minha mochila.

Eu fico parada diante dele, suada, frenética, completamente apavorada.

Todos aqueles longos momentos esquecidos passando diante de mim – o rosto dele coberto de sangue, Haven caída e gemendo, aquele estranho e apavorante quarto – e eu sei que ele fez algo com minha mente, algo para me impedir de lembrar. E embora eu não seja páreo para alguém como ele, eu me recuso a cair sem uma briga.

“Ever!” ele chora, indo em minha direção, então deixando suas mãos caindo no seu lado.

“Você acha que fiz tudo isso para que eu possa matar você?” Os olhos dele estão cheios de angústia, freneticamente procurando meu rosto.

“Não é esse o plano?” eu encaro. “Haven acha que é tudo um selvagem, gótico, sonho por causa da febre. Eu sou a única que sabe a verdade. Eu sou a única que sabe o monstro que você realmente é. A única coisa que eu não entendo é porque você simplesmente matou nós duas quando teve a chance? Porque se incomodar em suprimir a memória e me manter viva?”

“Eu nunca machucaria você,” ele diz, os olhos dele cobertos de dor.

“Você entendeu tudo errado, eu estava tentando salvar Haven, não machucar ela. Você simplesmente não quis escutar.”

“Então porque ela parecia estar a beira da morte?”

Eu pressionei meus lábios juntos para os impedir de tremer, meus olhos fixos nos dele mas recusando seu calor.

“Porque ela estava a beira da morte,” ele diz, soando incomodado. “Aquela tatuagem no pulso dela estava infectada do pior jeito – estava matando ela. Quando você nos pegou eu estava sugando a infecção dela, como você faz com uma picada de cobra.”

Eu balanço a cabeça. “Eu sei o que eu vi.”

Ele fecha os olhos, aperta o nariz com os dedos e respira fundo antes de olhar para mim e dizer, “Eu sei o que parece. E eu sei que você não acredita em mim. Mas eu tentei explicar e você não me deixou, então eu fiz tudo para chamar sua atenção. Porque, Ever, confie em mim, você entendeu tudo errado.”

Ele olha para mim, os olhos dele escuros e intensos, suas mãos relaxadas e abertas, mas eu não estou caindo nessa. Em nenhuma palavra. Ele teve centenas, talvez milhares de anos para aperfeiçoar essa atuação, resultando em um show realmente bom, mas ainda sim, apenas um show. E embora eu não consiga acreditar no que estou prestes a dizer, embora eu não consiga entender direito, é a única explicação, não importa o quão maluca seja.

“Tudo o que eu sei é que eu quero que você volte para o seu caixão, ou seu esconderijo, ou onde quer que fosse que você vivia antes de vir aqui e –” eu arfo por oxigênio, me sentindo como se estivesse presa num terrível pesadelo, desejando acordar logo. “Só me deixe em paz – vá embora!”

Ele fecha os olhos e balança a cabeça, reprimindo uma risada e diz. “Eu não sou um vampiro, Ever.”

“Oh, yeah? Prove!” Eu digo, minha voz tremendo, meus olhos nos dele, planamente convencidas que um rosário, uma luva de alho, e uma estaca de madeira terminariam com isso.

Mas ele só ri. “Não seja ridícula. Isso não existe.”

“Eu sei o que eu vi,” eu digo a ele, imaginando o sangue, Haven, aquele estranho e assustador quarto, sabendo que assim que eu vir aquilo, ele também verá. Me perguntando como ele poderá possivelmente explicar sua amizade com Maria Antonieta, Picasso, Van Gogh, Emily Bronte, e William Shakespeare quando eles viveram a séculos de diferença.

Ele balança a cabeça, então olha para mim e diz, “Bem, para falar a verdade, eu também era um bom amigo de Leonardo da Vinci, Botticelli, Francis Bacon, Albert Einstein, e John, Paul, George e Ringo.” Ele pausa, vendo o olhar vazio no meu rosto e gemendo quando ele diz, “Cristo, Ever, os Beatles!” Ele balança a cabeça e ri. “Deus, você me faz sentir velho.” Eu só fico parada ali, mal respirando, sem entender, mas quando ele tenta me tocar, eu ainda tenho o bom senso de me afastar. “Eu não sou um vampiro, Ever. Eu sou um imortal.”

Eu viro os olhos. “Vampiro, imortal, não tem diferença,” eu digo, balançando a cabeça e espumando sob minha respiração, pensando no quão ridículo é discutir sobre um rótulo.

“Ah, mas é um rótulo que vale a pena discutir, já que tem uma grande diferença. Você vê, um vampiro é uma criatura fictícia e inventada que existe apenas em livros, e filmes, e, no seu caso, pessoas com muita imaginação.” Ele sorri. “Enquanto eu sou um imortal. O que significa que eu ando pela terra a centenas de anos em um continuo círculo da vida. Embora, ao contrario da fantasia que você criou na cabeça, minha imortalidade não está ligada a sugar sangue, a sacrificio humano, ou qualquer ato que você tenha imaginado.”

Eu viro os olhos, de repente lembrando da estranha mistura dele e me perguntando se aquilo tinha algo a ver com a longevidade dele. Como se fosse algum suco da imortalidade ou algo assim.

“Suco da imortalidade.” Ele ri. “Boa. Imagine as possibilidades no marketing.” Mas quando ele vê que não estou rindo, o rosto dele se suaviza quando ele diz, “Ever, por favor, você não precisa ter medo de mim. Não sou perigoso, ou malvado, e eu nunca faria algo para te machucar. Sou simplesmente um cara que viveu muito tempo. Talvez tempo demais, quem sabe? Mas isso não faz de mim mal. Só imortal. E eu temo...”

Ele se estica para me pegar, mas eu me afasto, minhas pernas tremendo, instáveis, me recusando a continuar a ouvir. “Você está mentindo!” eu sussurro, meu coração cheio de raiva. “Isso é loucura! Você é maluco!”

Ele balança a cabeça e olha para mim, olhos cheios de um insondável arrependimento. Então ele dá um passo em minha direção e diz, “Lembra da primeira vez que você me viu? Bem aqui no estacionamento? E como no segundo que o seus olhos encontraram os meus você sentiu uma imediata onda de reconhecimento? E no outro dia, quando você desmaiou? Como você abriu seus olhos e olhou direto nos meus, e você estava tão perto de lembrar, quase recordando, então você perdeu o fio da meada?”

Eu o encarei, imóvel, transfixa, sentindo exatamente o que ele estava prestes a dizer, mas me recusando a ouvir. “Não!” eu murmurei, dando outro passo para trás, minha cabeça tonta, meu corpo sem equilíbrio, enquanto meus joelhos começavam a se entortar.

“Fui eu que encontrei você aquele dia na floresta. Fui eu que trouxe você de volta!”

Eu balanço minha cabeça, meus olhos embaraçados de lágrimas. Não!

“Os olhos que você olhou, na sua volta, eram os meus, Ever. Eu estava lá. Eu estava ao seu lado. Eu trouxe você de volta. Eu salvei você. Eu sei que você lembra. Eu posso ver nos seus pensamentos.”

“Não!” eu gritei, cobrindo minhas orelhas e fechando meus olhos. “Pare!” Eu grito, sem querer ouvir mais.

“Ever.” A voz dele invade meus pensamentos, meus sentidos. “Eu sinto muito, mas é verdade. Embora você não tenha nenhum motivo para me temer.”

Eu caí no chão, rosto pressionando contra meus joelhos, enquanto me quebro num violento arfar, com ombros tremendo e choro. “Você não tinha direito de se aproximar de mim, nenhum direito de intervir! É sua culpa eu ser uma aberração! É sua culpa eu estar presa nessa horrível vida! Porque você não me deixou em paz, porque você não me deixou morrer?”

“Eu não podia suportar perder você de novo,” ele murmura se ajoelhando ao meu lado. “Não dessa vez. Não de novo.”

Eu ergo meu olhar até o dele, sem fazer ideia do que ele quer dizer, mas esperando que ele não tente explicar. Eu ouvi tudo que podia agüentar, e eu só queria parar. Eu só queria que acabasse.

Ele balança a cabeça, uma expressão pintada mascarando seu rosto.

“Ever, por favor não pense desse jeito, por favor, não – ”

“Então – então você decide aleatoriamente me trazer de volta enquanto toda minha família morre?” Eu digo, encarando ele, meu pesar consumido por uma raiva esmagadora.

“Porque? Porque você faria tal coisa? Eu quero dizer, se o que você diz é verdade, se você é tão poderoso que você pode trazer os mortos de volta a vida, então porque não os salvou também? Porque apenas eu?”

Ele se encolheu com a hostilidade do meu olhar, pequenas flechas de ódio dirigidas para ele. Então ele fecha os olhos e diz, “Não sou tão poderoso. E era tarde demais, eles já tinham seguido em frente. Mas você ficou pra trás. E eu pensei que isso significava que você queria viver.”

Eu me inclino contra meu carro, fechando meus olhos, arfando por ar, pensando: Então é realmente minha culpa. Porque eu fiquei fazendo tempo, me demorei, caminhando por aquele estúpido campo, distraída por aquelas árvores pulsantes e flores que tremiam. Enquanto eles seguiram em frente, fizeram a passagem, e eu caí na isca dele...”

Ele olha para mim brevemente, então desvia o olhar.

E quem ia imaginar, que a única vez que estou tão irritada que poderia matar alguém, minha

raiva está dirigida a única pessoa que diz ser, bem, “não-matável”.

“Vá embora!” Eu finalmente digo, arrancando o bracelete cheio de cristais do meu pulso e jogando para ele. Querendo esquecer disso, dele, de tudo. Tendo visto e ouvido mais do que eu podia suportar. “Só vá embora, eu nunca mais quero ver você.”

“Ever, por favor não diga isso, se não estiver realmente falando sério,” ele diz, sua voz apelando, cheia de pesar, fraca.

Eu coloquei minha cabeça em minhas mãos, muito exausta para chorar, muito quebrada para falar. E sabendo que ele podia ouvir os pensamentos em minha cabeça, eu fechei meus olhos e pensei:

Você disse que nunca me machucaria, mas olhe o que você fez! Você arruinou tudo, destruiu toda minha vida, e pelo que? Para que eu pudesse ficar sozinha? Para que eu vivesse o resto da minha vida como uma aberração? Eu odeio você – eu odeio você pelo que você fez para mim – eu odeio você pelo que você me fez, e eu odeio você por ser tão egoísta! E eu nunca, nunca mais quero ver você de novo!

Eu fico daquele jeito, cabeça nas minhas mãos, me balançando para frente e para trás contra a roda do meu carro, permitindo que as palavras passem por mim, de novo e de novo.

Só me deixe ser normal, por favor só me deixe ser normal de novo. Só vá embora, me deixe em paz. Porque eu odeio você – eu odeio você – eu odeio você – eu odeio você –

Quando eu finalmente olho para cima, estou cercada por centenas de milhares de tulipas, todas elas vermelhas. Aquelas suaves pétalas cintilando no brilhante sol da manhã, enchendo o estacionamento e cobrindo todos os carros. E enquanto eu luto para levantar e me ajeitar, eu sei, sem olhar: quem as mandou, partiu

VINTE E SETE

É estranho não ter na Aula de Inglês Damen sentado ao meu lado, segurando minha mão, sussurrando em meu ouvido e agindo como meu botão de desligar. Acho que me acostumei tanto a tê-lo ao meu lado, que me esqueci de como detestável Stacia e Honor podem ser. Mas ao vê-las dando um sorriso debochado ao enviar mensagens de texto como “Aberração Estúpida” nenhuma surpresa nisso, sei que voltarei a depender do meu capuz, meus óculos escuros e meu iPod.

Mas posso ver a ironia. Posso ver o lado cômico, porque para alguém que chorou em um estacionamento, implorando para seu namorado desaparecer para que ela pudesse sentir-se outra vez normal, bom, obviamente a parte cômica sou eu.

Porque agora, em minha nova vida sem Damen, todos os pensamentos aleatórios, as profusões de cores e sons são tão insuportáveis, tão terrivelmente esmagadores que meus ouvidos estão vibrando constantemente, meus olhos enchem de água continuamente e as enxaquecas aparecem tão rapidamente, invadindo minha cabeça, seqüestrando meu corpo e deixando-me tão rendida, nauseada e tonta, que eu só posso funcionar mal.

Mas é engraçado como eu estava tão preocupada por mencionar a Miles e a Haven nosso rompimento, que passou uma semana completa antes que seu nome fosse mencionado e, mesmo assim, fui eu que trouxe o tema. Suponho que eles se acostumaram tanto a seu errático comparecimento que não viram nada incomum em sua ausência prolongada.

Então um dia, durante o almoço, limpei minha garganta, olhei para os dois e disse, – “Só pra vocês saberem, Damen e eu terminamos.” – e quando suas bocas ficaram abertas e ambos começaram a falar, eu levanto uma mão e digo, – “E ele se foi.” –

– “Se foi?” – eles disseram, quatro olhos atentos, dois maxilares caídos, ambos negando-se a acreditar e mesmo sabendo que eles estavam preocupados, mesmo sabendo que eu devia alguma boa explicação, eu só balanço a cabeça, pressiono meus lábios e me recuso a dizer mais alguma coisa.

Mas a Srta. Machado não foi nada fácil. Uns quatro dias depois que Damen foi embora, ela andou até meu cavalete, fez seu melhor para evitar olhar meu desastroso Van Gogh e disse, – “Eu sei que você e Damen eram próximos e sei quão difícil isso pode ser pra você, então pensei que deveria ter isso. Creio que vai achar extraordinário.” –

Ela empurra uma lona pra mim, mas eu só encosto na perna do meu cavalete e continuo pintando. Não tenho dúvida nenhuma de que seja extraordinário; tudo o que Damen fazia era extraordinário. Mas quando se fica vagando pela Terra por cento e cinquenta anos, tem muito tempo para aperfeiçoar algumas habilidades.

– “Não vai olhar?” – ela pergunta, confusa por minha falta de interesse na obra-prima de Damen, réplica de outra obra-prima.

Mas me viro pra ela, forçando-me a sorrir quando digo, – “Não. Mas obrigada por me dar.” – e quando finalmente toca a campainha, eu carrego até meu carro, jogo no meu porta-malas, bato a porta sem nem mesmo olhá-lo e quando Miles pergunta,

– “O que é isso?” –

Eu só coloco a chave na ignição e digo, – “Nada.” –

Mas uma coisa que eu não esperava, era me sentir sozinha. Acho que não percebi o quanto dependia de Damen e Riley para preencher o vazio, para selar as rachaduras em minha vida. E mesmo Riley me avisando que não seria por muito tempo, não pude evitar o pânico quando se passaram três semanas.

Porque dizer adeus a Damen, meu lindo, assustador e possivelmente maléfico imortal namorado, era mais difícil do que eu gostaria de admitir, mas ser capaz de não dizer adeus a Riley é mais do que posso suportar.

No sábado, quando Miles e Haven me convidaram para ir com eles a peregrinação anual de Winter Fantasy, aceitei porque sei que está na hora de sair de casa, fora da minha depressão e tornar a reunir-me com os vivos, e como é a primeira vez que estou indo para isso, eles estão muito animados para me mostrar todos os cantos.

– “Não está tão bom como o Sawdust Festival no verão.” – Miles disse logo que compramos nossos ingressos e nos dirigimos a entrada.

– “Isso porque é melhor.” – disse Haven, saltando à frente e sorrindo para nós.

Miles faz uma careta. – “Bem, com exceção do clima, não importa muito porque ambos têm sopradores de vidro* e essa é a minha parte favorita.” –

*(artesão que sopra através de um tubo dando formas ao vidro)

– “Que surpresa.” – Haven ri, entrelaçando seu braço com o de Miles enquanto eu sigo ao lado deles, minha cabeça girando por causa da energia gerada pela multidão, todas as cores, visões e sons em torno de mim, desejando ter tido sensatez e ficado em casa onde tudo é tranquilo e seguro.

Então levanto o meu capuz e estou a ponto de colocar meus fones de ouvido quando Haven se vira pra mim e diz, – “Sério? Você vai realmente fazer isso aqui?” –

Então eu paro e guardo de volta no meu bolso porque mesmo querendo me desligar de tudo isso, não quero que meus amigos pensem eu estou tentando afastá-los também.

– “Vamos, tem que ver os sopradores de vidro, é incrível,” – disse Miles, guiando-nos enquanto passamos por um Papai Noel que parece autêntico e muitos ourives, até finalmente nós paramos diante de um belo rapaz que criava vários vasos coloridos usando só a boca, um tubo metálico largo e fogo. – “Tenho que aprender como fazer isso” – ele suspira, completamente paralisado.

Eu paro ao lado dele, observando como o emaranhado de cores líquidas se moldam e tomam forma, então vou para a próxima banca, onde estão vendendo umas bolsas realmente bonitas. Pego uma da prateleira e afago seu macio e brilhante couro, pensando que seria um bom dar de presente de natal para Sabine, embora seja algo que ela nunca compraria, mas poderia querer em segredo.

– “Quanto custa este?” – pergunto, encolhendo-me quando minha voz ecoa em minha cabeça com uma percussão interminável.

– “Cento e cinquenta.” –

Eu olho para mulher, observando sua túnica Batik* azul, jeans desbotado e um colar com o símbolo da paz, sabendo que ela está disposta a baixar mais o preço. Mas meus olhos estão ardendo tanto e a pressão em minha cabeça está tão severa, que eu não tenho forças para barganhar. Na verdade só quero ir para casa.

*(O batik é uma arte milenar onde o desenho é feito com cera quente e colorido com tinta.)

Coloco a bolsa de volta onde estava e começo a andar, quando ela diz, – “Mas pra você, são

cento e trinta," – e, embora eu saiba que ela ainda está no topo da oferta, que ainda tem muito pra barganhar, eu apenas aceno e me afasto.

Então alguém atrás de mim fala, – "Você e eu sabemos que o limite dela é noventa e cinco.

Porque se rendeu tão fácil?" –

Quando me viro, vejo uma mulher pequena, de cabelos castanhos, rodeada por uma aura de um brilhante roxo.

– "Ava." – ela acena e estende sua mão.

– "Eu sei" – lhe digo, ignorando-a.

– "Como tem passado?" – ela pergunta, sorrindo como se eu não tivesse acabado de fazer algo incrivelmente frio e rude, o que me faz sentir ainda pior por ter feito.

Eu dou de ombros, observando o soprador de vidros, procurando por Miles e Haven e sentindo um pouco de pânico quando não os vejo.

– "Seus amigos estão na fila em Laguna Taco, mas não se preocupe, ele também pediram algo pra você." –

"Eu sei," – digo, embora não seja verdade. Minha cabeça doendo demais para ler a mente de qualquer um.

Justo quando começo a me afastar outra vez, ela agarra meu braço e fala, – "Ever, quero que saiba que minha oferta ainda está de pé. Eu quero realmente te ajudar." – ela sorri.

Meu primeiro instinto é de ir embora, afastar-me dela o mais rápido possível, mas no momento em que ela coloca sua mão sobre meu braço, minha cabeça deixa de doer, meus ouvidos deixam de zunir e meus olhos deixam de fabricar lágrimas. Mas quando eu olho em seus olhos, recordo quem é realmente – A mulher horrível que roubou minha irmã – e entrecerco meus olhos e me liberto meu braço, encarando-a quando digo, – "Não acha que já ajudou o suficiente?" – pressiono meus lábios e a fulmino com o olhar. – "Já me roubou a Riley, o que mais quer?" – respiro com dificuldade e tento não chorar.

Ela me olha, suas sobrancelhas unidas de preocupação, sua aura de um belo e vibrante violeta.

– "Riley nunca foi tirada de ninguém, ela sempre estará contigo, mesmo quando não puder vê-la."

– ela disse, tentando alcançar meu braço.

Meu eu me recuso a escutar e me recuso a permitir que me toque novamente, não importa o quanto seja calmo. – "Só... fique fora da minha vida." – lhe digo, afastando-me. – "Me deixe só. Riley e eu estávamos bem até você chegar." –

Mas ela não vai embora. Não vai a nenhum lugar. Ela só fica ali, olhando-me com esse irritante olhar suave e compreensível. – "Eu sei sobre as dores de cabeça." – ela sussurra com uma voz suave e tranquilizadora. – "Não tem que viver assim, Ever. Eu realmente posso te ajudar." – E mesmo que eu amasse ter um momento de paz e deixar de ter essas avalanches de dor e ruído, me viro e me afasto depressa, esperando não voltar a vê-la.

– "Quem era aquela?" – Haven pergunta, mergulhando uma tortilha em um pequeno recipiente de salsa enquanto eu me sento ao lado dela e me encolho.

– "Ninguém." – sussurro, encolhendo-me quando minhas palavras vibram em meus ouvidos.

– "Se parece com a psíquica da festa." –

Eu alcanço um prato que Miles deslizou pra mim e pego um garfo de plástico.

– "Não sabíamos o que iria querer, então trouxemos um pouco de tudo," – ele disse. –

Comprou a bolsa?" –

Balanço a cabeça dizendo que não e no momento que faço me arrependo, porque só serviu para intensificar a dor. – “Muito caro,” – lhe digo, cobrindo minha boca enquanto mastigo, a trituração ecoando tão forte que meus olhos estão cheios de lágrimas. – “Comprou um jarro?” – mas eu sei que não comprou, não só porque sou psíquica, mas porque não vejo nenhuma bolsa.

– “Não, só gosto de olhá-los assoprando.” – ele ri e toma um gole de sua bebida.

– “Ei pessoal, shh! É meu celular?” – Haven procura em sua enorme e sobrecarregada bolsa, que muitas vezes tem servido de armário.

– “Bem, como você é a única nesta mesa com um toque de Marilyn Manson...” – Miles dá de ombros, ignorando a casca do taco e só comendo o recheio.

– “Está evitando os carboidratos?” – lhe pergunto, observando como ele escolhe sua comida. Ele diz que sim com a cabeça. – “Mesmo que Tracy Turnblad* seja gorda não significa que eu tenho que ser.” –

*(personagem protagonista do espetáculo Hairspray)

Eu tomo um gole do meu Sprite, olho para Haven e quando vejo a expressão eufórica em seu rosto, eu sei. Ela se aproxima de nós cobrindo seu outro ouvido e fala, – “Oh, Meu Deus! Pensei que tinha desaparecido. Eu saí com Miles. Sim, Ever está aqui também. Sim, estão aqui agora. Ok.” – Ela cobre o telefone e se dirige até nós, seus olhos iluminados quando diz, – “Drina está dizendo “oi!”” – então ela fica esperando uma resposta, mas como não respondemos, ela revira os olhos, se levanta e se afasta dizendo, – “Eles mandam “oi” também.” –

Miles balança a cabeça e me olha. – “Eu não disse nada. Você disse alguma coisa?” – Eu dou de ombros e misturo o feijão ao arroz.

– “Problemas,” – ele disse, olhando-a e movendo a cabeça, e embora sabendo que é verdade, me pergunto a quê ele se refere exatamente porque a energia deste lugar está borbulhando e transbordando como uma grande sopa cósmica muito encaroçada para caminhar entre ela ou tentar me ajustar.

– “A quê se refere?” – lhe pergunto, olhando-o com os olhos entrecerrados.

– “Não é óbvio?” –

Dou de ombros, minha cabeça latejando tão forte que não posso ler a mente dele.

– “Têm algo tão... assustador... nessa amizade. Quero dizer, um inofensivo amasso entre garotas é uma coisa, mas isto... isto simplesmente não faz sentido. É Assustador.” –

– “Como assim assustador?” – tiro um pedaço da casca do meu taco e olho pra ele.

Ele ignora seu arroz e só come o feijão. – “Sei que isso vai soar horrível e acredite, não quero que seja assim, mas é quase como se ela estivesse convertendo Haven em um acólito*” –

*(Sacristão. Ajudante, assistente.)

Levanto minhas sobrancelhas.

– “Uma seguidora, uma devota, um clone, uma “mini-eu”.” – ele dá de ombros. – “E isso é tão...” –

– “Assustador.” – concluo.

Ele toma a sua bebida e olha pra mim e pra Haven. – “Olha como ela começou a se vestir como Drina, as lentes de contato, a cor dos cabelos, a maquiagem, a roupa, também age como ela.

Ou pelo menos tenta.” –

– “E é só isso, não tem mais nada?” – lhe pergunto, querendo saber algo mais específico, ou se

é apenas um mau pressentimento.

– “E precisa de mais?” – ele me olha boquiaberto.

Me encolho e deixo cair o taco no prato, sem ter mais fome.

– “Mas entre você e eu, esse assunto da tatuagem tomou um novo nível. Quero dizer, que diabos?” – ele sussurra olhando de relance para Haven, certificando-se de que ela não pode escutar. – “Quero dizer, Ok, eu sei o que significa, mas o que significa pra ela? A última moda de vampiros? Porque Drina não é exatamente uma gótica. Não tenho certeza de que ela está tentando ser, com esses vestidos de seda esculpidos e essas bolsas que combinam com os sapatos. É uma seita? Algum tipo de sociedade secreta? E sem começar a falar naquela inflamação. Desagradável. E, aliás, não tem nada de normal, como ela pensa. Provavelmente foi isso que a deixou doente.” –

Eu pressiono meus lábios e o encaro fixamente, sem ter certeza de o quê responder o que dizer a ele e perguntando-me por que continuo tão determinada a guardar os segredos de Damen. Segredos que lhe daria um novo significado a palavra “assustador”. Segredos que, quando penso nele, não tem nada haver comigo. Mas hesito demais e Miles continua, garantindo que o baú continue fechado, pelo menos por hoje.

– “Tudo isso é tão... doentio.” – ele estremece.

– “O que é doentio?” – Haven pergunta sentando-se subitamente ao meu lado e atirando seu celular dentro da bolsa.

– “Não lavar as mãos depois de ir ao banheiro.” – esquiva-se Miles.

– “E é disso que vocês estão falando?” – ela nos olha suspeitosamente. – “E supõe que eu acredite nisso?” –

– “Eu estou te dizendo, Ever se recusa a usar o sabão e eu estava tratando de adverti-la dos perigos a que ela se expõe e a nós também.” – ele balança a cabeça e olha para mim.

Eu reviro meus olhos, meu rosto tornando-se carmesim, mesmo sabendo que não é verdade. Observando enquanto Haven procura em sua bolsa, vagando pelos tubos de batom, cacheador de cabelos sem fio, pastilhas de menta sem embalagem, até finalmente encontrar um pequeno frasco prateado, destampa e coloca em nossas bebidas uma grande quantidade de um líquido transparente e inodoro.

– “Bem, tudo isso é muito divertido, mas é obvio que vocês estavam falando de mim. Mas quer saber? Estou tão loucamente feliz, que nem me importa.” – ela sorri.

Eu alcanço sua mão, determinada a evitar que encha demais meu copo.

Desde a noite em que eu vomitei até as tripas no acampamento de líderes de torcida, depois de ter bebido mais do que deveria a garrafa que Rachel contrabandeou para nossa cabana, eu jurei ficar longe de Vodka.

Mas quando a toco, me encho de terror, vendo um flash de um calendário em minha frente com a data de 21 de dezembro circulada em vermelho.

– “Deus, relaxa. Deixa de ser tão rígida. Viva um pouco, que tal?” – ela balança a cabeça e revira os olhos. – “Não vão me perguntar por que estou tão feliz?” –

– “Não, porque sei que nos dirá de qualquer jeito.” – Miles disse, deixando seu prato depois de ter comido todas as proteínas e deixado o restante para os pombos.

– “Tem razão, Miles, absolutamente têm razão. Mas de qualquer maneira, é bom quando as pessoas perguntam. Em fim, essa foi Drina. Ainda está em Nova York desfrutando de uma grande exposição de lojas. Inclusive comprou muitas coisas pra mim, se podem acreditar.” –

ela nos olha com seus olhos enormes, mas como não respondemos, ela fecha a cara e continua falando. – “Em fim, ela lhes mandou “oi”, mesmo vocês nem se importando em responder e não acreditem que ela não percebeu.” – ela disse, olhando-nos com a testa franzida – “Mas ela voltará logo e acaba de me convidar para uma festa e estou ansiosa para ir!” –

– “Quando?” – lhe pergunto, tentando fazer com que minha voz não saia cheia de pânico embora seja assim que eu me sinto. Perguntando-me se será em 21 de dezembro.

Mas ela só sorri e diz que não com a cabeça. – “Sinto muito, não digo. Prometi não dizer nada.” –

– “Por quê?” – Miles e eu perguntamos ao mesmo tempo.

– “Porque é super exclusivo, somente para convidados e eles não querem que apareçam pessoas que não foram convidadas.” –

– “E é assim que nos vê? Como penetras de festas?” –

Haven dá de ombros e toma um bom gole de sua bebida.

– “Isso não está certo.” – Miles balança a cabeça. – “Nós somos os seus melhores amigos, então por lei, tem que nos contar.” –

– “Não desta vez,” – Haven disse. – “Jurei guardar segredo. Apenas saibam que eu estou tão animada que poderia explodir!” –

Eu a encaro fixamente, ali sentada na minha frente, seu rosto um rubor de felicidade que me deixa de mal-humor, mas minha cabeça me dói tanto, meus olhos realmente estão lacrimejando e sua aura está tão fundida com o resto das outras auras, que eu não posso ler nada.

Tomo um gole de minha bebida, esquecendo da vodka que deixa um rastro de líquido quente em minha garganta, percorre minhas veias e faz minha cabeça girar.

– “Continua doente?” – Haven pergunta, olhando-me com preocupação. – “Deveria ir devagar. Talvez não esteja completamente curada.” –

– “De quê?” – lhe pergunto com os olhos entrecerrados, tomando mais um gole e depois outro, enquanto meus sentidos vão enfraquecendo um pouco mais a cada gole.

– “O resfriado com as febres e os sonhos! Se lembra quando desmaiou aquele dia na escola?

Eu disse que todo esse enjôo e náusea era só o começo. Só me promete que você vai me disser se tiver os sonhos, porque eles são incríveis.” –

– “Que sonhos?” –

– “Não te disse?” –

– “Não detalhadamente.” – eu tomo outro gole, notando como minha cabeça se sente embaçada e livre. Livre de todas as visões, dos pensamentos aleatórios, das cores e dos sons que de repente se encolhem e desaparecem subitamente.

– “Eram selvagens! E não se envergonhe, mas Damen esteve em alguns deles, mas não era como qualquer coisa que aconteceu. Não era esse tipo de sonho. Era como se ele estivesse me salvando, como se ele estivesse lutando contra as forças do mal para salvar a minha vida. Bem bizarro.” – ela ri. – “Ah, e falando dele, Drina viu Damen em Nova York.” –

Eu olho fixamente para Haven, meu corpo tornando-se frio apesar de que o álcool está circulando dentro de mim. Mas quando tomo outro gole, o frio vai embora, levando com ele minha dor e minha ansiedade.

Então eu tomo outro.

E depois outro.

Então olho fixamente pra ela e digo, – “Por que me disse isso?” –
Mas Haven só dá de ombros. – “Drina queria que você soubesse.” –

VINTE E OITO

Após o festival, entramos no carro de Haven, fizemos uma parada rápida na casa dela para encher novamente a garrafa, depois fomos para a cidade e estacionamos na rua, enchemos o parquímetro de moedas e sentamos na calçada, os três lado a lado, com os braços entrelaçados, fazendo as pessoas se desviarem do nosso caminho, enquanto nós cantamos “(You never) call me when you're sober” * tão forte quanto nós podemos e totalmente desafinados. Caindo na gargalhada toda vez que alguém nos olha e balança a cabeça negativamente.

*música do Evanescence, tradução: Você nunca me chama quando está sóbrio.

E quando passamos por uma dessas livrarias Nova Era fazendo propaganda de livros psíquicos, eu só reviro meus olhos e desvio o olhar, animada por não fazer mais parte desse mundo, agora que o álcool me libertou, agora que sou livre.

Atravessamos a rua e seguimos para a Main Beach (Praia Principal), em frente ao Hotel Laguna, até que nos deixamos cair na areia, pernas sobrepostas, braços entrelaçados, passando a garrafa entre nós e lamentando quando ela fica vazia.

– “Merda” – murmuro, jogando minha cabeça pra trás e batendo com força no fundo e nos lados da garrafa, tentando tomar até a última gota.

– “Deus, vai com calma” – Miles me olha. – “Só relaxe e aproveite o silêncio.” –

Mas eu não quero relaxar. E estou aproveitando o silêncio. Apenas quero me certificar que ele continue. Agora que minhas ligações psíquicas estão quebradas. Quero me certificar de que continuem assim.

– “Querem ir a minha casa?” – eu digo, esperando que Sabine não esteja lá, assim nós podemos pegar a vodka restante da festa de Halloween e continuar com o entorpecimento. Mas Haven balança a cabeça. – “Esqueça isso” – ela diz, – “Estou destruída. Estou pensando em deixar o carro aqui e ir me arrastando até em casa.” –

– “Miles?” – o olho de relance, meus olhos implorando, não querendo que a festa termine. Esta é a primeira vez que me sinto tão leve, tão livre, sem compromisso, tão normal, desde que... Bem, desde que Damen se foi.

– “Não posso.” – ele balança a cabeça, – “Jantar em família. Às sete e meia em ponto. Gravata opcional. Camisa-de-força necessária.” – ele ri, caindo na areia, enquanto Haven o acompanha caindo também.

– “Bem, e quanto a mim? O que devo fazer?” – eu cruzo meus braços e olho para os meus amigos, não querendo que me deixem sozinha, olhando-os enquanto eles se rolam de rir juntos, me ignorando.

No dia seguinte, mesmo dormindo até tarde, a primeira coisa que penso quando eu acordo é: minha cabeça não está doendo!

Ao menos não da maneira habitual.

Então eu rolo de lado, alcanço embaixo da cama e retiro a garrafa de vodka que coloquei ali na noite anterior, tomando um longo gole fechando os olhos quando um entorpecimento quente toma minha língua e minha garganta.

E quando Sabine enfia a cabeça no quarto para ver se já me levantei fico extasiada ao ver que sua aura desapareceu da minha vista.

– “Estou acordada!” – digo, escondendo a garrafa embaixo da almofada e correndo para abraçá-la. Ansiosa para ver que tipo de energia sentirei, e exaltada quando não sinto nada.
– “Não é um dia lindo?” – sorrio, sentindo meus lábios soltos e desajeitados quando relevo meus dentes.

Ela olha pela janela e novamente pra mim. – “Se você diz.” – ela dá de ombros.

Olho pela janela e vejo um dia cinza, nublado e chuvoso. Entretanto, eu não me referia ao clima. Estava referindo a mim. A nova eu.

A nova, melhorada e não psíquica eu.

– “Me faz lembrar de casa” – dou de ombros, tirando minha camisola e indo para o chuveiro.

No segundo que Miles entra no carro e me olha, diz, – “Que diabos...?” –

Eu olho meu suéter, minha mini-saia e minhas sapatilhas, relíquias que Sabine guardou da minha vida anterior, e sorrio.

– “Desculpe, mas não aceito carona de estranhos.” – disse, abrindo a porta e fingindo sair do carro.

– “Sou eu, verdade. Te juro pela... Bem, só acredite em mim, eu rio. E feche a porta, não preciso que você caia e nos faça chegar tarde.” –

– “Eu não entendo,” – diz olhando-me sem acreditar. – “Quero dizer, Quando aconteceu isso?

Como aconteceu isso? Ainda ontem você estava praticamente vestindo uma Burka, e agora aparece como se tivesse assaltado o closet da Paris Hilton.” –

Eu olho para ele.

– “Só que com mais classe, muito mais classe.” –

Eu sorrio e aperto o pé no acelerador, minhas rodas derrapando na rua molhada diminuindo o ritmo só quando me dou conta que não tenho mais meu radar de policiais e Miles começa a gritar.

– “Realmente Ever, Que diabos? Oh Meu Deus, você ainda está bêbada?” –

– “Não!” – digo, um pouco rápido demais. – “Só estou, você sabe, saindo da minha casca, isso é tudo. Posso ter sido tipo... tímida, nos primeiros... vários... meses.” – Eu rio. – “Mas acredite, este é meu “eu” verdadeiro.” – Eu confirmo, esperando que ele acredite.

– “Você se deu conta que escolheu o mais úmido, o mais miserável dia do ano para sair da casca?” –

Eu balanço a cabeça e entro no estacionamento enquanto digo, – “Você não têm idéia de como é lindo. Me faz lembrar de casa.” –

Estaciono na vaga mais próxima, então corremos para o portão, nossas mochilas em cima da cabeça como guarda-chuvas, enquanto as solas de nossos sapatos espirram água em nossas pernas. E quando vejo Haven tremer embaixo do beiral, sinto vontade de pular de alegria quando não vejo sua aura.

– “O que...” – ela diz, seus olhos saltando quando ela me olha de cima para baixo.

– “Vocês realmente tem que aprender a terminar uma oração.” – eu rio.

– “Realmente, quem é você?” – ela diz, ainda me olhando incrédula.

Miles ri, entrelaçando nossos braços e nos encaminhando para dentro, dizendo – “Não se preocupe com a Miss Oregon, ela parece pensar que é um lindo dia.” –

Quando caminho para Aula de Inglês, me sinto aliviada por não ver ou ouvir qualquer coisa que não deveria. E mesmo quando Stacia e Honor estão cochichando sem parar, olhando fixamente para minha roupa, meus sapatos, meu cabelo, inclusive a maquiagem que estou

usando, eu apenas ignoro e me ocupo com meus próprios assuntos. Porque embora eu esteja certa de que não estão nem perto de dizer algo agradável, o fato de não saber as palavras exatas, faz um mundo de diferença. E quando as pego encarando-me novamente, eu só sorrio e aceno até ficarem ambas impressionadas e desviam o rosto.

Mas quando chego ao terceiro período, o álcool perde o efeito. Deixando entrar algumas coisas, cores e sons que ameaçam me sufocar.

E quando levanto a mão e peso permissão para sair da sala, mal chego à porta quando me tinge completamente.

Arrasto-me até meu armário, tentando lembrar a combinação correta.

É 24 – 18 – 12 – 3, ou 12 – 18 – 3 – 24?

Olho de relance ao redor do salão, minha cabeça martelando, meus olhos lacrimejando, e então me lembro 18 – 3 – 24 – 12. E reviro uma pilha de livros e papéis, jogando todos ao chão, sem prestar atenção enquanto eles caem aos meus pés, só querendo encontrar a garrafa de água que escondi lá dentro, implorando por um gole do doce líquido que têm lá dentro. Destampo a garrafa, inclino a cabeça pra trás e tomo um grande gole, seguido por outro, e mais outro, e outro. E esperando agüentar até o almoço, tomo mais um gole quando escuto:

– “Espere... sorria... não? Tudo bem. Eu ainda consegui isso.” –

E eu olho horrorizada enquanto Stacia se aproxima com a câmera levantada, uma imagem minha, tomando vodka, claramente exibida.

– “Quem teria imaginado que era tão fotogênica? Entretanto, é tão raro termos a oportunidade de ver você sem o capuz.” – sorri, olhando-me fixamente dos pés a cabeça. Eu a olho, e mesmo quando meus sentidos passam por causa da bebida suas intenções são claras.

– “A quem você quer que eu envie primeiro? A sua mãe?” – ela levanta uma sobrelance, cobre sua boca fazendo uma cara de horror, enquanto diz, – “Oh, sinto muito, minhas desculpas. O que eu quis dizer foi sua tia. Ou talvez alguns dos seus professores? Ou talvez todos os seus professores? Não? Não, você está certa, isto deveria ir direto para o Diretor, um pássaro, um tiro, uma morte rápida e fácil, como dizem.” –

– “É uma garrafa de água.” – lhe digo, agachando-me para apanhar todos os meus livros e enfiando-os novamente no armário, lutando para parecer indiferente, agindo como se não me importasse, sabendo que ela pode cheirar o medo melhor do que qualquer cão policial treinado. – “Tudo o que você tem é uma foto minha tomando uma garrafa de água. Não é grande coisa.” –

– “Uma garrafa de água.” – ela ri. – “Sim, é isso mesmo. E é tão original, eu posso acrescentar. Tenho certeza de que é a primeira pessoa a pensar em esconder vodka em uma garrafa de água.” – revira os olhos. – “Por favor, você está caindo, Ever. Um rápido teste de embriaguez e adeus Bay View, olá academia de fracassados e abusadores.” –

Eu a olho parada em frente a mim, tão segura, soberba, tão completamente confiante de si, e sei que tem toda a razão para estar, me pegou com a mão na massa. E embora a evidência possa ser circunstancial, ambas sabemos que ela tem razão.

– “O que você quer?” – finalmente sussurro, sabendo que todo mundo tem um preço, só preciso achar o dela. Tenho escutado bastante seus pensamentos neste último ano, tive bastantes visões, para confirmar que isso é verdade.

– “Bom, para começar, quero que deixe de me chatear.” – ela diz, cruzando os braços,

ocultando a evidência embaixo deles.

– “Mas eu não te chateio,” – digo, as palavras saindo um pouco arrastadas. – “Você é que me chateia.” –

– “Ao contrário,” – sorri, dando-me um olhar crítico. – “Só de ter que olhá-la todo dia é uma chateação.” –

– “Quer que eu me transfira da Aula de Inglês?” – pergunto, ainda com a estúpida garrafa na mão, sem saber o que fazer com ela. Se eu deixar em meu armário ela poderia fazer com que a peguem, e se eu coloco na mochila daria no mesmo.

– “Você sabe que ainda me deve aquele vestido que destruiu com sua estupidez.” –

Então é isso, está me extorquindo. Ainda bem que ganhei todo aquele dinheiro nas corridas. Eu pego a minha mochila, localizo minha carteira, mais que disposta a dar-lhe o dinheiro se isso vai terminar com tudo. – “Quanto quer?” – digo.

Ela me olha, tentando calcular quanto posso ter. – “Bem, como havia dito era um vestido feito por encomenda... E não é tão fácil substituí-lo... então...” –

– “Cem?” – tiro uma Ben Franklin e ofereço a ela.

Ela revira os olhos. – “Compreendo que você não tem nenhuma idéia de moda e todas as coisas que vale a pena ter, você realmente precisa subir a oferta. Aponta um pouco mais alto.”

– ela diz, tentando olhar dentro da minha carteira.

Mas como os chantagistas têm sempre um jeito de voltar pedindo mais, sei que o melhor é solucionar agora, antes que chegue mais longe. Então a olho e digo, – “Ambas sabemos que você comprou aquele vestido em uma loja no encostamento, no caminho da casa de Palm Springs...” – sorrio, recordando o que vi naquele dia no corredor. – “Te reembolso pelo custo do vestido, que se não me falha a memória, era de oitenta e seis dólares. E em todo caso cem parece ser um bom acordo, o que você me diz?” –

Ela me encara, seu rosto transformado em um sorriso forçado, enquanto pega a nota e enfia no bolso. Então olha de relance para a garrafa e pra mim, e sorri enquanto diz, – “Então, não vai me oferecer uma bebida?” –

Se alguém me dissesse ontem que eu estaria estendida no banheiro, nocauteada com Stacia Miller, eu jamais acreditaria. Mas se não bastasse, foi exatamente o que aconteceu. Nos arrastamos para um canto, e acabamos com uma garrafa de água cheia de vodka.

Nada como compartilhar dependências e segredos ocultos para unir as pessoas.

E quando Haven entrou e nos encontrou assim, seus olhos saltando quando disse, – “Que diabos?” –

E eu me rolo de ri, enquanto Stacia a olha com os olhos envesgados e balbucia, – “Bemtinda garrota fantaszma.” –

– “Eu perdi alguma coisa?” – perguntou Haven, olhando de uma para outra, seus olhos entrecerrados, desconfiada. – “Será que é pra parecer engraçado?” –

E pelo jeito que ela olha, pela maneira como fica parada ali toda autoritária, tão direta, tão seria, tão pouco divertida, nos faz ri ainda mais. Então, enquanto a porta se fecha atrás dela, nós começamos a beber novamente.

Mas ficar bêbada no banheiro com Stacia não te assegura um lugar na mesa VIP. E estando certa disso, sem sequer tentar, me dirijo a nossa mesa habitual, minha cabeça tão tonta, meu cérebro tão confuso, me leva um momento para me dar conta que tampouco sou bem-vinda lá.

Deixo-me cair, olho para Haven e Miles, e logo começo a rir sem razão aparente. Pelo menos nenhuma que seja aparente para eles. Mas se só pudessem ver seus rostos, sei que estariam rindo também.

– “O que acontece com ela?” – pergunta Miles, olhando por cima do seu script.

Haven franze a testa. – “Está bêbada. Totalmente e completamente bêbada. Eu a vi no banheiro, bebendo com, de todas as pessoas, Stacia Miller.” –

Miles fica boquiaberto, sua testa toda enrugada de um jeito que me faz ri novamente. E como eu não fico quieta, se inclina até mim, me belisca no braço e diz, – “Shh!” – olha em nossa volta e novamente pra mim. – “Serio Ever, está louca? Deus, desde que Damen foi embora você tem estado...” –

– “Ever desde que Damen foi embora você tem estado... O quê?” – me afasto para trás tão rápido que perco o equilíbrio e quase caio do banco, erguendo-me a tempo de ver Haven balançar a cabeça. – “Vamos, cuspa tudo de uma vez Miles,” – eu o encaro zangada. – “Você também Haven, cuspa.” –

Só que saiu algo mais parecido com cusptudeveis, e não acho que eles não notaram.

– “Você quer que nós cusptudeveis?” – Miles balança a cabeça enquanto Haven revira os olhos. – “Bem, estou certo que estaríamos mais que contentes se soubéssemos o que significa. Você sabe o que quer dizer?” – ele olha para Haven.

– “Soa Alemão.” – disse ela, olhando-me de relance.

Reviro os olhos, e me levanto para ir embora, mas não coordeno bem e termino ferindo o joelho. – “Owww!” – eu grito, caindo novamente no banco, segurando a perna enquanto meus olhos se fecham de dor.

– “Aqui, beba isso.” – Miles me ordena, entregando-me sua Vitamin Water. – “E me dá as chaves do seu carro, porque você não vai me levar em casa assim.” –

Miles tem razão. Eu não ia levá-lo para casa. Porque ele foi sozinho. E quem me levou foi Sabine.

Ela me acomoda no banco do passageiro, e em seguida volta ao seu assento, e quando liga o motor e sai da vaga, balança a cabeça, aperta o maxilar, me olha de relance e diz, – “Expulsa? Como você vai de uma estudante exemplar para expulsa? Você pode me explicar?” –

Eu fecho meus olhos e pressiono minha testa contra a janela, o vidro liso e limpo esfriando minha pele.

– “Suspensa.” – murmuro.

– “Se lembra? Você implorou no chão. E de maneira impressionante, se posso acrescentar.

Agora sei porque ganha tanto dinheiro.” – eu a olho com atenção de rabo e olho quando o choque de minhas palavras transformam sua expressão de preocupada para ultrajada, reajustando suas feições de uma forma que eu nunca havia visto. E mesmo sabendo que deveria sentir-me mal, envergonhada, culpada, e pior... O fato é que, não é como se eu tivesse pedido que me defendesse. Não é como se eu tivesse pedido que alegasse circunstâncias extraordinárias. Dizendo que eu havia bebido na escola porque: Estava claramente triste pela gravidade da minha situação, o terrível drama de perder minha família.

E mesmo que ela tenha dito isso de boa fé, mesmo que ela acredite que isso é verdade, isso não quer dizer que seja.

Porque a verdade é que, eu preferiria que ela não tivesse dito coisa alguma. Eu queria que ela tivesse deixado me expulsarem.

E no momento que me encontraram em frente ao meu armário, o estupor se foi e os eventos desse dia voltaram a minha mente como um trailer de um filme que eu preferiria não ver. Pausando na cena em que me esqueci de fazer com que Stacia apagasse aquela foto, e repetindo de novo e de novo.

Então mais tarde, no escritório, quando me dei conta que era o telefone de Honor que ela havia usado, que Stacia tinha ido para casa alegando estar doente do estômago (não sem antes mandar Honor compartilhar a foto, junto com sua “preocupação”, com o Diretor Buckley), bem, tenho que admitir, mesmo estando em um grande problema, quer dizer grande, enorme, você pode ter certeza de que vai permanecer no seu relatório o tipo de problema, mesmo assim tem uma pequena parte de mim que está admirada.

Essa parte que move sua pequena cabeça e pensa:

Bravo! Bem feito!

Porque mesmo com os problemas que tenho, não só na escola, mas com Sabine. Stacia não só cumpriu com sua promessa de me destruir, como também ganhou cem dólares e a tarde livre. E isso é realmente admirável.

Pelo menos de uma forma calculista, cínica e sádica.

E mesmo assim, graças a Stacia, Honor e o Diretor, e seus esforços coordenados, não tenho que ir a escola amanhã. Nem no dia seguinte. Ou no dia seguinte. O que quero dizer é que terei a casa só pra mim, o dia todo, todos os dias, permitindo-me ter muita privacidade para continuar bebendo e aumentar minha tolerância, enquanto Sabine está ocupada no trabalho. Porque agora que encontrei meu caminho de paz, nada ficará no meu caminho.

– “Há quanto tempo isto vem acontecendo?” – pergunta Sabine, insegura de como afrontarme, de como tratar-me. – “Tenho que esconder todas as bebidas?” Preciso te colocar de castigo?” – ela balança a cabeça. – “Ever, eu estou falando! O que aconteceu lá atrás? O que está acontecendo com você? Quer que eu consiga alguém pra você conversar? Porque conheço esta pessoa que é especialista em terapia de sofrimento...” –

Posso sentir seu olhar em mim, sentir a preocupação que emana de seu rosto, mas só fecho os olhos e tento dormir. Não tem forma de explicar-lhe, não posso descarregar toda a verdade sobre auras, visões, espíritos e um ex-namorado imortal. Porque embora ela tenha contratado uma psíquica para a festa, ela fez como uma brincadeira, uma forma de entretenimento saudável. Sabine trabalha com o lado esquerdo do cérebro, é organizada, trabalha com a lógica do branco e preto, ignorando o cinza. E se eu fosse em algum momento suficientemente tola para confiar nela, para lhe revelar todos os segredos da minha vida, ela faria muito mais do que só arranjar para que eu fale com alguém. Ela teria que me internar.

Exatamente como prometeu, Sabine escondeu todas as bebidas antes de sair para o trabalho, mas eu só espero ela sair, então desço e me dirijo para a dispensa, tirando todas as garrafas de vodka que sobraram da festa, as que ela havia mantido atrás, e que havia se esquecido disso completamente. E depois eu as levo para o quarto, me jogo na cama, excitada com a possibilidade de três semanas inteiras sem ir à escola. Vinte e um gloriosos dias espalhados diante de mim como comida diante de um gato gordo. Uma semana de suspensão e duas semanas convenientes Férias de Inverno. E planejo usar todo o tempo, cada longo e preguiçoso dia em uma nuvem de vodka.

Encosto-me na almofada e destampo a garrafa, determinada a limitar cada gole, deixando que o álcool siga todo o caminho pela minha garganta e pela corrente sanguínea antes de tomar

outro. Nada de grandes goles, ou excessivos. Só goles lentos e constantes até que minha cabeça comece a acalmar e todo o mundo se torne mais brilhante. Fundando-me em um lugar mais feliz. Um mundo sem memórias. Um lugar sem perdas. Uma vida onde eu só vejo o que supostamente vejo.

VINTE E NOVE

Na manhã de 21 de dezembro desço as escadas até o primeiro piso e embora esteja tonta, meus olhos sonolentos e tenho uma ressaca horrível, me arrumo para dar uma boa impressão preparando o café da manhã para que Sabine vá para o trabalho convencida de que tudo está bem e assim eu possa voltar ao meu quarto e me afundar em meu líquido do esquecimento. No segundo que eu escuto seu carro se afastar pela rua, ponho o Cheerios* na pia e subo as escadas rumo a meu quarto, tiro uma garrafa debaixo da cama e a destampo antecipando o rápido fluxo desse líquido quente e doce que acalmará meu interior, apagará toda a dor e afastará meus medos e ansiedades até não restar nada.

*uma marca de cereal

Mas por alguma razão não consigo deixar de olhar o calendário que fica sobre minha mesa, a data saltando na minha frente, gritando, fazendo-me sinais e golpeando como cotoveladas em minhas costelas. Então eu me levanto e caminho até ele, olhando fixamente para o quadrado vazio, em branco sem nenhuma citação, nenhum lembrete de aniversário, somente as palavras Solstício de Inverno em pequenas letras pretas, uma data que o fabricante considerou importante, mesmo que para mim não signifique nada.

Me jogo na cama outra vez e encosto na cabeça algumas almofadas enquanto tomo outro grande gole da garrafa. Fechando meus olhos enquanto esse maravilhoso calor entra em meu corpo e corre por minhas veias, aliviando minha mente como Damen podia fazer com apenas um olhar.

Tomo outro gole e depois outro. Muito rápido, muito imprudente. Nada parecido com o que eu havia praticado. Mas agora que eu tinha ressuscitado sua memória, a única coisa que quero é apagar. Então eu continuo bebendo, sorvendo e embriagando-me até que finalmente posso descansar, agora que finalmente ele tinha sumido.

Quando acordo, estou cheia de um sentimento mais quente e pacífico, de um amor completamente consumado. Com se estivesse amarada a um raio de sol, tão a salvo, tão feliz, tão segura, que quero ficar nesse lugar e viver ali pra sempre. Fecho meus olhos com força, agarrando-me ao momento, determinada a ficar, até que uma cócegas em meu nariz, uma vibração quase imperceptível faz com que eu abra meus olhos outra vez e salte da cama. Coloco a mão no peito, meu coração está batendo tão forte que posso senti-lo, enquanto observo uma pena negra que foi deixada em minha almofada.

A mesma pena negra que eu usava na noite em que me vesti de Maria Antonieta.

A mesma pena negra que Damen levou como recordação.

E eu sei que ele esteve aqui.

Olho para o relógio perguntando-me como foi possível que eu tenha dormido por tanto tempo e quando olho através do quarto, vejo que a pintura que eu havia deixado na mala do meu quarto agora está apoiada contra a parede mais afastada, deixada ali para que eu veja. Mas no lugar da versão de Damen da Mulher com Cabelo Amarelo que eu esperava, vejo diante de mim uma imagem de uma garota loura e pálida correndo através de um desfiladeiro escuro e cheio de neblina.

Um desfiladeiro igual ao do meu sonho.

E sem saber por que, agarro meu casaco, coloco alguma sandália e corro para o quarto de

Sabine, recuperando as chaves do meu carro que ela escondeu em sua gaveta, antes de correr pelas escadas e chegar à garagem sem ter a menor idéia de pra onde estou indo e por quê. Só sei que tenho que chegar lá e saberei quando eu o ver.

Conduzo para o norte em PCH, passando direto pelo centro de Laguna. Abrindo caminho através do habitual congestionamento de tráfego na Praia Principal, antes de virar na Broadway e evitar os pedestres. No momento de me livrar de todas essas ruas congestionadas, eu aperto o acelerador e conduzo por instinto, enterrando algumas milhas entre o centro e eu, antes de cortar a frente de outro carro que vinha, frear em um estacionamento do parque natural, guardar no meu bolso minhas chaves e meu celular e correr pela trilha.

A neblina estava avançando, dificultando a visão e embora exista uma parte de mim que me diz para voltar, voltar pra casa, que estar aqui na escuridão, e sozinha, é uma loucura, mesmo assim não posso parar. Me sinto obrigada a continuar, como se meus pés tivessem vontade própria e a única coisa que posso fazer é segui-los.

Escondo minhas mãos no bolso, tremendo de frio enquanto tropeço em todas as partes, sem ter a menor idéia de para onde estou indo, sem nenhum destino em mente. Da mesma maneira como cheguei aqui: vou saber quando o ver.

Quando bato com dedo do pé uma rocha, caio no chão urrando de dor, mas logo eu reduzo para um leve gemido quando meu celular toca.

– “Sim?” – eu digo, tentando ficar de pé enquanto minha respiração torna-se rápida e superficial.

– “É assim que você responde seu telefone agora? Porque não está funcionando pra mim.” –

– “O que acontece, Miles?” – limpo minha roupa e continuo pela trilha, desta vez com um pouco mais de cuidado.

– “Só queria que soubesse que está perdendo uma festa bem selvagem e como sabemos que ultimamente você tem gostado muito de festas, pensei que devia te convidar. Embora, para ser honesto, não deveria exagerar tanto porque é mais engraçado do que divertimento. Quer dizer, você devia ver, existem centenas de góticos lotando o desfiladeiro, parece uma convenção do Drácula ou algo assim.” –

– “Haven está aí?” – lhe pergunto enquanto meu estômago se contrai involuntariamente ao dizer seu nome.

– “Sim, ela está procurando por Drina. Se lembra daquele evento super secreto? Bem, pois é este. Essa garota não consegue guardar um segredo, mesmo sendo dela mesma.” –

– “Eu pensei que ela não gostava mais de gótico.” –

– “O mesmo pensava Haven, e acredite, está bastante zangada por não está vestida adequadamente.” –

Acabo de chegar em cima de uma colina quando vejo o vale inundado de luzes. – “Você disse que estava em um desfiladeiro?” –

– “Sim.” –

– “Eu também. Na verdade falta pouco para chegar aí,” – lhe digo, começando a descer pelo outro lado da colina.

– “Espera, você está aqui?” –

– “Sim, estou vendo a luz enquanto falamos.” –

– “Você passou por um túnel primeiro? Há-há, entendeu?” – e como não respondi, ele disse, – “Como sabia onde era?” –

Bem, acordei em um estupor de bêbada, com uma pena preta fazendo-me cócegas no nariz e uma inquietante e profética pintura acomodada em minha parede, então fiz o que qualquer pessoa ruim da cabeça faria: peguei meu casaco, coloquei umas sandálias e corri pra fora de casa de camisola.

Mas como sei que não posso dizer nada disso, não lhe digo nada. O que só serve para ele ter mais suspeitas.

– “Haven te disse?” – ele pergunta com uma voz aguda. – “Porque ela jurou que só contou pra mim. Quer dizer, não querendo ofender nem nada, mas ainda assim...” –

– “Não, Miles, te juro que ela não me disse. Eu só suspeitei. De qualquer jeito, estou quase chegando, então eu te verei em um minuto, se eu não me perder na neblina...” –

– “Neblina? Não tem nenhuma nebli...” –

E antes que ele pudesse terminar, o telefone foi arrancado da minha mão, enquanto Drina sorri e diz, – Oi, Ever. Te disse que voltaríamos a nos ver.” –

TRINTA

Sei que deveria correr, gritar, fazer alguma coisa. Mas em vez disso eu fiquei congelada, minhas sandálias ficaram coladas ao chão como se tivessem crescido raízes. Eu olho fixamente para Drina, perguntando-me não só como terminei aqui, mas o que ela pode ter em mente.

– “O amor não é uma cadela?” – ela sorri, sua cabeça inclinada para o lado enquanto me olha.

– “No momento exato quando você conhece o homem dos seus sonhos, um homem que parece ser muito perfeito para ser verdade, só assim, você se dá conta que ele é bom demais para ser verdade. Pelo menos bom demais pra você. E no momento seguinte você sabe que é uma miserável e está sozinha, bem, sejamos sinceras, bêbada a maior parte do tempo. Embora eu deva dizer, me diverti vê-la cair no vício adolescente. Tão previsível, tão... literário. Você sabe o que eu quero dizer? As mentiras, as coisas escondidas, o roubo, toda sua energia focada em garantir seu vício. O que fez meu trabalho muito mais fácil. Porque cada sorvo que você tomava enfraquecia suas defesas, cegando seus estímulos, sim, mas também deixava sua mente vulnerável, aberta, e mais fácil de manipular.” – ela pega o meu braço fortemente, suas unhas pressionando meu pulso. E mesmo tentando me soltar, não adianta nada. Ela é extremamente forte.

– “Vocês Mortais.” – ela pressiona os lábios. – “São tão divertidos de provocar, alvos fáceis. Acha que eu fiz todo esse plano elaborado para terminar tão cedo? Certo, há formas mais fáceis de fazer isso. Inferno, se eu quisesse poderia ter acabado com você em seu quarto, enquanto eu ajustava o cenário. Poderia ser muito mais rápido, me fazia perder menos tempo, embora claramente, não seria tão divertido. Para nenhuma de nós duas. Não acha?” – Eu a olho, assimilando seu rosto sem imperfeições, seu brilhante cabelo, seu perfeitamente ajustado vestido preto, apertando e fluindo nos lugares certos, tudo exaltando sua excitante beleza, e quando percorre sua mão pelo cabelo vermelho brilhante, eu vejo sua tatuagem de ouroboros.

Mas quando eu pisco, desaparece novamente.

– “Então vejamos, você pensou que Damen estava te chamando pra cá, convidando-a, contra sua vontade. Desculpa desapontá-la, Ever, mas fui eu, tudo um elaborado plano, criado por mim. Eu amo 21 de dezembro, você não? É o solstício de inverno, a noite mais longa, todos esses ridículos góticos festejando em algum estúpido desfiladeiro.” – ela dá de ombros, seus elegantes ombros subindo e descendo, sua tatuagem indo e vindo em minha visão. –

“Desculpe meu estilo dramático. Embora isto mantenha a vida interessante, não concorda?” – Tento afastar-me novamente, mas ela me agarra ainda mais forte, enterrando as unhas, causando uma terrível dor enquanto crava em minha carne.

– “Agora digamos que eu deixe você ir. O que você faria? Correria? Eu sou mais rápida. Procuraria por seu amigo? Oops, erro meu. Haven nem sequer está aqui. Parece que eu a enviei para a festa errada, no desfiladeiro errado. Ela está procurando por ai enquanto nós conversamos, empurrando todos esses ridículos que querem converter-se em vampiros, procurando por mim.” – ela sorri. – “Eu pensei que podíamos desfrutar de uma reunião menor, mais íntima.” – ela sorri, seus olhos me varrendo. – “E parece que a convidada de honra está aqui.” –

– “O que você quer?” – eu digo, apertando os dentes quando ela me agarra mais forte, os

ossos do meu pulso se chocando uns contra os outros em uma dor insuportável.

– “Não me apresse.” – ela estreita seus olhos verdes olhando os meus. – “Tudo há seu tempo. Agora, onde eu parei antes de ser interrompida tão grosseiramente? Ah, sim, estávamos falando de você, e como chegou aqui, e como isso se transformou em algo que não esperava. Mas, nada em sua vida é como esperava, é? E pra dizer a verdade, nunca tenha sido, e suspeito, nunca será. Você vê, Damen e eu nos conhecemos há tempos. Estou falando de muito, muito, muito, muito, muito... bem, você já faz idéia. A ainda assim, apesar de todos os anos juntos, apesar da longevidade, você continua aparecendo e se metendo no meio.” – Eu olho para o chão, perguntando-me como eu posso ter sido tão estúpida, tão inocente. Nada disso tinha haver com Haven... Tudo tinha haver comigo.

– “Aw, não seja tão dura com você mesma. Não é a primeira vez que comete esse erro. Você tem sido responsável pela sua morte, por, vejamos... muitas vidas?” – ela dá de ombros. – “Bem, acho que perdi a conta.” –

E de repente lembro o que Damen disse, no estacionamento, sobre não poder me perder de novo. Mas quando olho pra ela e vejo seu rosto endurecer e mudar, apago da minha mente esses pensamentos, sabendo que ela pode lê-los.

Ela caminha em torno de mim, balançando meu braço enquanto isso, fazendo-me girar em círculos em sua frente enquanto ela encosta a língua contra o interior da bochecha. –

“Vejamos, se não me falha a memória, e nunca me falha, então as últimas vezes jogamos um pequeno jogo chamado – Doce ou Travessura –. E acho que é justo informá-la que realmente não funciona bem pra você. Mesmo assim, você nunca parece se cansar dele, então pensei que talvez, você gostaria de tentar novamente?” –

Eu a encaro, enjoada pelas voltas, os resíduos de álcool aderindo-se a minhas veias, diluindo sua ameaça.

– “Alguma vez você já viu um gato matar um rato?” – sorri, seus olhos brilhando, enquanto sua língua se move pelos lábios. – “Como jogam com sua patética e pobre presa por um longo tempo até que finalmente se cansam e terminam o trabalho?” –

Fecho meus olhos, sem querer escutar mais. Pensando que se ela está tão determinada a me matar então por que não se apressa e faz tudo de uma vez?

– “Bem, essa seria a parte do Doce, ao menos para mim.” – ela ri. – “E a Travessura? Não está curiosa com a Travessura?” – e quando não respondo, ela suspira. – “Bem, você é bastante chata, não é? Embora eu suponha que te direi de qualquer forma. Veja, a Travessura é... eu pretendo te deixar ir, então eu fico parada observando como você corre em círculos, tentando fugir, até que finalmente você se cansa, e eu prossigo com o Doce. Então, o que será? Morte lenta? Ou Morte agonizante e lenta? Vamos, apresse-se o relógio está andando.” –

– “Por que você quer me matar?” – olho para ela. – “Por que você não pode me deixar em paz? Damen e eu não somos um casal, faz semanas que não o vejo.” –

Mas ela apenas ri. – “Não é nada pessoal, Ever. Mas Damen e eu sempre parecemos ficar muito melhor uma vez que você tenha sido... eliminada.” –

E mesmo pensando que eu queria uma morte rápida, agora mudei de opinião. Recuso a render-me sem lutar. Mesmo estando destinada a perder.

Ela balança a cabeça e me olha com seu rosto desfigurado pela decepção. – “E assim será.

Você escolheu a Travessura, certo?” – ela balança a cabeça. – “Muito bem, então vá!” –

Ela solta meu braço e eu fujo para o desfiladeiro, sabendo que ali não há nada que possa me

salvar, mas ainda assim eu tenho que tentar.

Afasto o cabelo dos meus olhos e corro cegamente através da neblina, esperando poder localizar a trilha, voltar para onde comecei. Meus pulmões ameaçando explodir em meu peito, enquanto minhas sandálias se rompem e abandonam meus pés, mas mesmo assim eu continuo correndo. Correndo enquanto as afiadas e frias pedras cortam a sola dos meus pés. Correndo enquanto uma quente e abrasadora dor queima um buraco em minhas costelas. Correndo mais além das árvores cujos galhos afiados arrebatam o meu casaco e rasgam direto em mim. Correndo por uma vida, mesmo não estando certa se vale a pena vivê-la. E enquanto estou correndo, recordo de outro momento onde corri assim.

Mas, igualmente como no meu sonho, não tenho nenhuma idéia de como termina.

Acabo de alcançar o começo da luz que leva até a trilha, quando Drina aparece fora da neblina e pára na minha frente.

E mesmo tentando me esquivar e afastar-me, ela levanta uma indisposta perna me fazendo cair de boca no chão.

Eu fico caída no chão, piscando em uma piscina de meu próprio sangue, escutando sua desdenhosa risada e quando tento tocar meu rosto, meu nariz está para o lado e sei que está quebrado.

Tento me levantar, cuspiendo pedras por minha boca e estremecendo de espanto ao ver que também caiu uma linha de sangue e dentes. E observo enquanto ela balança a cabeça e diz, – “Wow, você parece horrível, Ever.” – ela faz uma cara de desgosto. – “Seriamente horrível. Me pergunto o quê é que Damen alguma vez viu em você.” –

Meu corpo sofre com a dor, minha respiração é fraca e instável enquanto jatos de sangue cobrem minha língua de um sabor metálico e amargo.

– “Bem, suponho que queira saber todos os detalhes, embora não se recorde na sua próxima vida. Mas ainda assim, é sempre divertido vê o estado de choque em seu rosto cada vez que eu te explico.” – ela ri.

– “Não sei por que, mas por alguma razão, nunca fico entediada com este episódio em particular, sem importar quantas vezes repetimos. Além do mais, se vou ser perfeitamente honesta, então tenho que admitir que permite um delicioso prazer prolongado. Como se fosse uma preliminar, não que você saiba alguma coisa sobre isso. Todas estas vidas e você de alguma forma sempre morre sendo virgem. O que seria muito triste, se não fosse tão engraçado.” – ela ri debochada.

– “E então, por onde começamos, por onde começamos?” – ela me olha com seus lábios fazendo beicinho e suas unhas pintadas de vermelho batendo os dedos ao lado de seu quadril.

– “Ok, bem, como você já sabe, fui eu que troquei a pintura que estava em seu porta-malas. Quero dizer, você como a garota de cabelo louro? Eu. Não. Acho. Isso. E entre você e eu, Picasso deveria ficar furioso. Ainda assim, eu o amo. Me refiro a Damen, não a esse velho artista morto.” – ela ri.

– “Em fim, vejamos, fui eu quem colocou a pena.” – ela revira os olhos. – “Damen pode ser tão sentimental. Ah, e também plantei esse sonho em sua cabeça. Como foram todos esses meses de misteriosos presságios? E não, não vou explicar todos os “como” e “por que”, porque isso tomaria muito tempo, sendo franca, é de pouca importância para onde você vai. É uma pena que você não morreu naquele acidente, porque teríamos evitado muitos problemas. Você tem alguma idéia de quanto dano causou? Quero dizer, por sua culpa Evangeline está morta e

Haven... bem, olha como ela esteve próxima. Quero dizer, realmente Ever, que egoísta de sua parte.” –

Ela me olha, mas eu me recuso a responder, perguntando-me se isso qualifica como admitir a culpa.

Ela ri. – “Bem, você está a ponto de morrer, por isso, não haveria nada de mal em confessar.” – ela levanta sua mão direita, com se fosse jurar solenemente. – “Eu, Drina Magdalena Auguste,” – ela levanta uma sobrancelha, encarando-me, quando disse essa última parte – “efetivamente eliminei Evangeline, também conhecida como June Porter, quem, diga-se de passagem, não estava contribuindo em nada e só ocupava espaço de modo que, não é tão triste como você pensa. Eu precisava tirá-la do meio para poder ter acesso completo a Haven.” – Ela sorri, estudando-me com o olhar.

– “Sim, como você suspeitava, eu roubei sua amiga Haven de propósito. O que é muito fácil de fazer com as pessoas que estão tão perdidas e ausentes de amor, que estão tão desesperadas por atenção que fariam o que fosse para que alguém lhes dedicasse uma hora do seu dia. E sim, eu a convenci de fazer uma tatuagem que quase lhe mata, mas apenas porque não pude decidir se eu a mataria de verdade, ou a mataria para poder trazê-la de volta e fazê-la imortal. Já se passou tanto tempo desde que tive meu último acólito (assistente) e devo dizer que realmente gostei. Mas, como sempre, as indecisões sempre foram minhas fraquezas. Quando se tem tantas opções e uma eternidade para prová-las, bem, é difícil não tornar-se ambicioso e querer escolher todas!” – ela sorri como uma criança que tem sido travessa e nada mais.

“Mesmo assim, esperei muito, e então Damen agiu – como o bem intencionado, altruísta e inocente que é – e, pois, você já sabe o resto. Ah, e fui eu quem fez com que Miles conseguisse o papel em Hairspray. Embora, com toda justiça, ele provavelmente teria conseguido por ele mesmo porque esse garoto é muito talentoso. Mas não podia me dar o luxo de arriscar, então eu entrei na cabeça do diretor e o fiz votar em seu favor. Ah, e Sabine e Jeff? Foi um erro meu, mas mesmo assim terminou bem, não acha? Imagina, sua inteligente, bem sucedida, esclarecida tia apaixonada por aquele perdedor.” – ela ri.

“Patético, no entanto, completamente engraçado, não acha?” –

Mas por quê? Por que você fez isto? Penso, já incapaz de falar porque perdi a maioria dos meus dentes e estou afogando em meu próprio sangue, mas sei que não é necessário, sei que ela pode escutar os pensamentos em minha cabeça. Por que envolver a todos os outros? Por que não apenas eu?

– “Queria te mostrar como solitária pode ser sua vida. Queria te demonstrar a facilidade com que as pessoas te abandonam a favor de algo melhor e mais emocionante. Está completamente sozinha, Ever. Isolada e sem amor. Tua vida é patética e dificilmente vale a pena vivê-la. Então, como você pode ver, eu estou te fazendo um favor.” – ela sorri. – “Mesmo eu estando certa de que não me agradecerá.” –

Olho para ela, perguntando-me com alguém tão incrivelmente linda pode ser tão horrível por dentro. Então eu olho fixamente em seus olhos e me movimento um pouquinho para trás, esperando que ela não perceba.

Nem ao menos estou com Damen. Terminamos há muito tempo. Então por que não vai atrás dele? Nós podemos tomar caminhos separados e esquecer que isto alguma vez aconteceu! Penso, esperando que isso a distraia.

Ela ri e revira os olhos. – “Acredite, você é a única que esquecerá que isto alguma vez

aconteceu. Além do mais, não é assim que funciona. Não faz idéia de como isso funciona, não é?" –

Ela me pegou nisso.

– "Veja, Damen é meu e sempre foi meu. Mas infelizmente, você continua aparecendo nessa sua estúpida, tediosa e repetitiva alma reciclada, e desde que você insiste em fazer isso, transformou-se em meu trabalho rastreá-la e matá-la toda vez." – ela se aproxima de mim, enquanto a ensangüentada sola do meu pé pára sobre uma pontiaguda e afiada pedra e fecho meus olhos e me contraio com a insuportável dor.

– "Você pensa que isso dói?" – ela ri. – "Apenas espere." –

Eu observo ao redor do desfiladeiro, esforçando meus olhos, estudando o lugar, tentando encontrar algum tipo de fuga. Então dou outro passo para trás e tropeço outra vez. Minhas mãos procuram o chão, até que meus dedos envolvem uma pedra afiada, que jogo em seu rosto, acertando em cheio seu maxilar e arrancando um pedaço da bochecha.

Ela ri enquanto um furo em seu rosto sangra em jatos revelando dois dentes faltando. Então observo horrorizada quando ela endireita-se novamente e retorna a sua pura e perfeita beleza.

– "Outra vez isso." – ela suspira. – "Vamos, tente algo novo, veja se consegue me divertir pra variar." –

Ela pára na minha frente com as mãos nos quadris e sobrancelhas levantadas, mas eu me recuso a correr. Me recuso a fazer o próximo movimento. Me recuso a lhe dar a satisfação de outra estúpida corrida. Além do mais, tudo o que ela disse é verdade. Minha vida realmente é solitária e um horrível desastre, e arrasto comigo todos que eu toco.

Observo como ela avança até mim, sorrindo com antecipação, sabendo que meu final está próximo. Então eu fecho meus olhos e recordo o momento antes do acidente. Retornando quando eu era saudável e feliz, e estava rodeada por minha família. Imaginando-me tão vívida que posso sentir o acento de couro quente embaixo de minhas pernas, posso sentir o rabo de Buttercup batendo em minha coxa, posso escutar a Riley cantando a todo pulmão, sua voz desafinada, horivelmente fora do tom. Posso ver minha mãe sorrindo enquanto se vira em seu banco, sua mão alcançando e batendo no joelho de Riley. Posso ver os olhos do meu pai, olhando-nos pelo retrovisor, seu sorriso sábio, bondoso e divertido.

E me agarro a esse momento, segurando em minha mente, experimentando as sensações, os perfumes, os sons, as emoções, como se estivesse ali mesmo. Querendo que este seja o último momento que eu veja antes de ir, revivendo a última vez em que fui verdadeiramente feliz.

E quando estou viajando nessas lembranças, como se estivessem realmente ali, escuto Drina exclamar – "Que diabos?" –

E abro meus olhos para ver o estado de choque em seu rosto, seus olhos varrendo-me mantendo a boca aberta. Então eu olho pra baixo e vejo que meu vestido não está mais rasgado, meus pés não estão mais sangrando, meus joelhos não estão mais cortados e quando percorro meus dentes com a língua e toco o meu nariz, sei que meu rosto também está curado, e mesmo não fazendo idéia do que signifique, sei que preciso agir rápido antes que seja tarde demais.

E enquanto Drina dá um passo pra trás com seus olhos enormes e cheios de perguntas, eu caminho em sua direção sem saber qual será o próximo passo, ou o seguinte a este. Tudo o que sei é que eu estou correndo contra o tempo, enquanto me aproximo rapidamente e digo,

– “Hey Drina, Doce ou Travessura?” –

TRINTA E UM

A princípio ela só olha fixamente com seus enormes olhos verdes, incrédula e então levanta seu queixo e mostra seus dentes. Mas antes que ela possa atacar, eu invisto contra ela, determinada a chegar até ela primeiro, fazê-la cair enquanto posso. Mas quando salto pra frente, vejo este brilhante véu de luz suave dourada. Um círculo luminoso postado do outro lado, brilhando e atravessando-me como no meu sonho e mesmo que Drina tenha plantado esses sonhos, mesmo que provavelmente seja uma armadilha, não consigo evitar mudar de direção e caminhar para lá.

Caio em uma brilhante névoa, uma chuva de luz tão amorosa, tão quente e intensa que acalma meus nervos e abrandando todos os meus medos. E quando aterrizo em um campo de verdes pastos, a grama me sustenta e amortece minha queda.

Observo o pasto que me rodeia com suas flores desabrochando-se e mostrando umas pétalas que parecem luz em seu inteiro e rodeado por algumas árvores que ultrapassam o céu e os galhos caem com o peso de frutas suculentas, e enquanto paro ali entretida, observando tudo, não posso evitar sentir-me como se já havia estado aqui antes.

– “Ever.” –

Eu dou um salto, postada e preparada para lutar, quando vejo que é Damen dou um passo para trás sem ter idéia de que lado ele realmente está.

– “Ever, relaxe. Está bem.” – ele confirma com a cabeça, sorrindo enquanto oferece sua mão.

Mas me recuso a aceitá-la, me recuso a cair na sua isca. Então dou outro passo para trás enquanto meus olhos procuram a Drina.

– “Ela não está aqui.” – ele confirma com a cabeça enquanto seus olhos estão fixos nos meus.

– “Está a salvo, sou só eu.” –

Eu vacilo, questionando-me se acredito ou não, duvidando de que ele alguma vez poderia ser considerado como um cofre forte. Olhando-o fixamente enquanto coloco minhas opções (que evidentemente são poucas) em uma balança, até que finalmente pergunto, – “Onde estamos?” – no lugar de minha real pergunta, que é: Estou morta?

– “Eu te asseguro que você não está morta.” – ele ri, lendo meus pensamentos. – “Está em Summerland.” –

Eu o olho sem entender nada.

– “É uma espécie de lugar entre os lugares. Como uma sala de espera. Ou uma parada de descanso. Uma dimensão entre dimensões, se você quiser.” –

– “Dimensões?” – eu entrecerco os olhos, a palavra soando estranha, desconhecida, pelo menos a maneira como ele está usando, e quando ele alcança minha mão eu me afasto rápido, sabendo que é impossível ver claramente quando ele me toca.

Ele me encara, dá de ombros e me faz sinal para que lhe siga por um pasto onde cada flor, cada árvore, cada lâmina de grama, se inclinam, se balançam e giram como se fossem parceiros em um baile infinito.

– “Feche os olhos,” – ele sussurra e como não faço, ele adiciona, – “Por Favor.” –

E eu os fecho pela metade.

– “Confie em mim.” – ele suspira. – “Ao menos desta vez.” –

Assim, eu faço. – “Agora o quê?” –

– “Agora imagine algo.” –

– “O que você quer dizer?” – lhe pergunto, imediatamente imaginando um elefante gigante.

– “Imagine outra coisa,” – ele disse, – “rápido.” –

Eu abro meus olhos, surpreendida ao ver um gigantesco elefante investindo contra nós. Dou um grito sufocado, perplexa quando eu o transformo em uma borboleta, uma linda borboleta monarca que pousa direto na ponta do meu dedo. – “Como...?” – eu olho de relance entre Damen e a borboleta, enquanto suas antenas pretas se contraem para mim.

Damen ri. – “Quer tentar outra vez?” –

Eu pressiono meus lábios e o encaro tentando pensar em algo bom, algo menor que um elefante e uma borboleta.

– “Vá adiante,” – ele ordena. – “É tão divertido. Nunca fica entediante.” –

Fecho meus olhos e imagino que a borboleta se transforma em uma ave e quando abro meus olhos, encontro-me com um majestoso e colorido papagaio pousado em meu dedo. Mas quando um rastro de cocô goteja em meu braço, Damen me dá uma toalha e diz, – “Que tal algo com um pouco menos de... limpeza?” –

Eu solto a ave e a vejo afastar-se voando, então fecho meus olhos, desejando fervorosamente, e quando os abro novamente, Orlando Bloom havia tomado seu lugar.

Damen grunhe e balança a cabeça.

– “É real?” – sussurro, olhando boquiaberta em perplexidade enquanto Orlando Bloom sorri e pisca pra mim.

Damen diz que não, balançando a cabeça. – “Você não pode manifestar gente real, só alguém parecido. Felizmente, não demorará muito para desaparecer.” –

E quando acontece, não posso deixar de sentir-me um pouco triste.

– “O que está acontecendo?” – pergunto, olhando para Damen. – “Onde estamos e como isso pode ser possível?” –

Damen sorri e faz com que um lindo cavalo branco apareça. Me ajuda a montar e acomodarme, ele faz com que apareça um cavalo preto para ele. – “Vamos dar um passeio,” – ele disse, guiando-me pela trilha.

Corremos juntos, um ao lado do outro, por um belo caminho que passa através de um vale de flores, árvores e um reluzente riacho nas cores do arco-íris, e quando vejo o meu papagaio empoleirado ao lado de um gato, mudo de direção, pronta para espantá-lo. Mas Damen agarra as rédeas e diz, – “Não se preocupe. Não há nenhum inimigo. Todos aqui são pacíficos.” – Cavalgamos em silêncio enquanto eu olho boquiaberta toda a beleza que me rodeia, tentando captar tudo, embora não muito antes que minha cabeça comece a dar voltas com todo tipo de perguntas e sem nenhuma idéia de por onde começar.

– “O véu que você viu, aquele que você desenhou?” – ele me olha. – “Eu o coloquei lá.” –

– “No desfileiro?” –

Ele confirma com a cabeça. – “E em seu sonho.” –

– “Mas foi Drina que criou o sonho.” – eu o olho, observando como ele monta com tanta confiança, tão seguro na sela. Mas então me recordo da pintura em sua parede, aquela dele montando um cavalo branco com uma espada ao seu lado e concluo que ele tem praticado por muito tempo.

– “Drina te mostrou a localização e eu te mostrei a saída.” –

– “Saída?” – lhe digo enquanto meu coração começa a bater fortemente outra vez.

Ele balança a cabeça e sorri. – “Não esse tipo de saída. Já te disse, você não está morta. Na verdade, está mais viva que nunca. Capaz de manipular matéria e manifestar qualquer coisa que quiser. A última parte com gratificação imediata.” – ele ri. – “Mas não venha aqui muitas vezes porque estou te avisando: É viciante.” –

– “Então vocês dois criaram meu sonho?” – lhe pergunto enquanto minha voz aumenta de tom, sem gostar nada disso. – “Como... Como uma colaboração?” –

Ele confirma com a cabeça.

“Então eu não tenho controle dos meus próprios sonhos?” – eu digo, minha voz aumentando o tom, não gostando do som disso.

– “Não, este sonho em particular não.” –

Eu o olho carrancuda, movendo a cabeça quando digo, – “Bem, desculpe-me, mas, não acha que isso é um pouco evasivo? Quer dizer, Deus, e porque você não tentou parar isso, se sabia o que estava vindo?” –

Ele me olha com os olhos tristes e cansados. – “Não sabia que era Drina. Eu só estava observando seus sonhos, você estava assustada com algo, então te ensinei como chegar aqui. Este é sempre um lugar seguro para vir.” –

– “E porque Drina não me seguiu?” – lhe pergunto, olhando ao redor, procurando-a novamente.

Ele alcança minha mão e aperta meus dedos. – “Por que Drina não pode ver, só você pode ver.” –

Eu o encaro com os olhos semicerrados. Tudo é tão estranho, tão estranho e nada faz sentindo.

– “Não se preocupe, você já vai entender. Mas por agora, porque não tenta apenas desfrutar?”

–

– “Por que me parece tão familiar?” – lhe pergunto, sentindo a sensação de reconhecimento, mas incapaz de lembrar.

– “Porque aqui foi onde te encontrei” –

Eu o encaro.

– “Encontrei seu corpo fora do carro, certo. Mas sua alma já tinha ido e estava vagando por aqui.” – ele para ambos os cavalos e me ajuda a desmontar, então me dirige até uma área coberta de grama, tão brilhante e reluzente em uma quente luz dourada que parece surgir do nada, e em seguida sei que ele já manifestou um grande aconchegante sofá e um divã combinado para acomodar nossos pés.

– “Você quer adicionar mais alguma coisa?” –

Eu fecho meus olhos e imagino uma mesa de café, algumas lâmpadas, alguns doces, uma bonita almofada persa e quando abro meus olhos outra vez, estamos em uma sala de visitas ao ar livre completamente mobiliada.

– “O que acontece se chover?” – pergunto.

– “Eu não...” –

Mas é tarde demais, já estamos ensopados.

– “Os pensamentos criam,” – ele disse, fazendo aparecer um guarda-chuva gigante, a chuva caindo firmemente pelos lados e sobre as almofadas. – “É o mesmo que na Terra, só que leva mais tempo. Mas aqui em Summerland, é instantâneo.” –

– “Isso me lembra o que minha mãe costumava dizer: “Tenha cuidado com o que deseja, você

pode conseguir” – lhe digo rindo.

Ele assente com a cabeça. – “Agora que já sabe de onde se originou isso. Se importaria de fazer com que a chuva parasse, para que possamos nos secar?” – ele balança seu cabelo molhado contra mim.

– “Como...?” –

– “Só pense em um lugar quente e seco.” – ele sorri.

E a próxima coisa que sei é que estamos deitados em uma bonita praia com areia rosa.

– “Deixamos assim. Podemos?” – ele ri enquanto eu crio uma toalha azul para nós dois e um oceano turquesa para que combine.

E quando me deito e fecho meus olhos, ele confirma. Não é como se eu não tivesse começado a compreender por mim mesma, mais ainda sim não tenho como começar uma frase completa. Uma que comece com: Eu sou um imortal. E termine com: E você também é.

Não é algo que se escute todos os dias.

– “Então, nós somos imortais?” – eu digo, abrindo um olho para olhá-lo, perguntando-me como posso ter uma conversa tão estranha com um tom de voz tão normal. Mas estou em Summerland; nada pode ser mais estranho que isso.

Ele balança a cabeça afirmativamente.

– “E você me fez imortal quando eu morri no acidente?” –

Ele assente com a cabeça outra vez.

– “Mas como? Tem algo haver com essa estranha bebida vermelha?” –

Ele respira profundamente antes de responder. – “Sim.” –

– “Mas por que eu não tenho que bebê-la todo o tempo como você?” –

Ele desvia o olhar e observa o mar. – “Eventualmente você irá.” –

Eu me sento e pego um fio solto da minha toalha, ainda incapaz de envolver minha mente em tudo isso. Lembrando uma época em meu não tão distante passado, quando pensava que ser psíquica era uma maldição e olha agora.

– “Não é tão ruim quanto pensa,” – ele disse, colocando sua mão na minha. – “Olhe ao seu redor, não a nada melhor que isto.” –

– “Mas por quê? Quer dizer, alguma vez já te ocorreu que talvez eu não queira ser imortal, que talvez devesse ter me deixado ir?” –

Observo como ele se encolhe, desviando seu olhar e olhando em volta, centrando-se em tudo, menos em mim. Então ele se vira pra mim e diz, – “Primeiro de tudo, você tem razão. Fui egoísta. Porque a verdade é que te salvei mais por mim do que por você. Não poderia suportar te perder novamente, não depois de...” – ele pára e move a cabeça. – “Mas ainda assim, não tinha certeza de que iria funcionar. Obviamente soube que havia te trazido de volta, mas não tinha certeza de por quanto tempo. Não tinha certeza se realmente havia te transformado até que te vi no desfiladeiro agora pouco.” –

– “Estava me observando no desfiladeiro?” – eu o olho sem poder acreditar.

Ele assente com a cabeça.

– “Quer dizer que você estava lá?” –

– “Não, eu estava te observando remotamente.” – ele comprime o maxilar. – “É muito para explicar.” –

– “Então me deixe entender claramente. Estava me observando, remotamente, o que dá no mesmo porque podia ver tudo o que eu estava passando e mesmo assim não tentou me

salvar?" – e quando lhe digo, estou tão fora de mim que eu mal consigo respirar.

Ele balança a cabeça. – "Não até que você quisesse ser salva. Então foi quando eu fiz o véu aparecer e fiz com que você se sentisse atraída por ele." –

– "Quer dizer que você iria me deixar morrer?" – eu me afasto dele rapidamente, sem querer ficar perto.

Ele me olha, seu rosto completamente sério quando diz, – "Se era isso que você queria, então sim." – ele balança a cabeça. – "Ever, a última vez que falamos, no estacionamento, disseste que me odiava por ter feito isso, por ser egoísta, por separar você da sua família, por trazê-la de volta, e suas palavras realmente machucaram, eu sabia que você estava certa. Eu não tinha o direito de interferir. Mas por outro lado, no desfileiro, quando você se encheu de tanto amor, bem, essa amor foi o que te salvou, te restaurou e então foi quando eu soube." –

Mas e quanto ao hospital? Porque então não pude me restaurar? Porque tive que sofrer com todos os gessos, os cortes e as contusões? Porque não pude me... Regenerar, como fiz lá no desfileiro? Eu penso, cruzando os braços sobre meu peito, sem inteiramente acreditar.

– "Só o amor cura. O fardo, a culpa e o medo a única coisa que pode fazer é te destruir e te separar de suas verdadeiras habilidades." – ele assente com a cabeça, olhando além de mim.

– "E isso é outra coisa," – eu lanço um olhar fulminante pra ele. – "Sua habilidade de ler minha mente, quando eu não posso ler a sua. Não é justo." –

Ele ri. – "Você quer realmente ler minha mente? Pensei que meu ar de mistério era uma das coisas que você gostava em mim." –

Eu abaixo meus olhos e olho para o joelho, minhas bochechas queimando enquanto penso em todos os pensamentos vergonhosos que ele ficou ciente.

– "Há maneiras de proteger-se, sabia? Talvez você deva ir ver a Ava." –

– "Conhece a Ava?" – eu o encaro boquiaberta, sentindo-me subitamente na defensiva.

Ele balança a cabeça. – "Minha única conexão com Ava é através de você, seus pensamentos sobre Ava." –

Eu olho para o outro lado, observando uma família de coelhos saltando, e então volto a olhar pra ele. – "E a corrida de cavalos?" –

– "Premonição, você também fez." –

– "E o que aconteceu com a corrida que você perdeu?" –

Ele ri. – "Tenho que perder algumas, de outra forma as pessoas começam a suspeitar. Mas certamente compensei, não lembra?" –

– "E as tulipas?" –

Ele sorri. – "Manifestação. O mesmo que fez com o elefante e com esta praia. É Física Quântica simples. A consciência faz com que a matéria exista onde havia mera energia. Não é tão difícil como as pessoas pensam." –

Eu entrecerco meus olhos, sem entender nada. Não importa o quão "simples" ele pense que é.

– "Nós criamos nossa própria realidade e sim, você pode fazer em casa," – ele disse, antecipando minha próxima pergunta, essa que acaba de se formar em minha cabeça. – "Na verdade, você já fez, o que acontece é que você não se deu conta porque levou muito mais tempo." –

– "Não leva muito tempo pra você." –

Ele ri. – "Eu tenho estado aqui a muito tempo, o tempo suficiente para aprender alguns truques." –

– “Quanto tempo?” – pergunto encarando-o, recordando daquela sala em sua casa e perguntando-me exatamente com o quê estou lidando.

Ele suspira e olha pra outro lugar. – “Muito tempo.” –

– “E agora eu também vou viver para sempre?” –

– “Isso depende de você.” – ele dá de ombros. – “Você não tem que fazer nada disso. Pode simplesmente tirar tudo isso de sua mente e seguir com a sua vida. Decidir deixa ir no momento certo. Eu só te dei a habilidade, mas a decisão é sua.” –

Eu olho para o oceano, sua espumante água tão brilhante, tão bonita, que eu mal posso acreditar que exista por minha causa, e mesmo que seja divertido jogar com uma magia tão poderosa, meus pensamentos logo se viram para coisas mais sinistras. – “Preciso saber o que aconteceu com Haven. Aquele dia que te surpreendi...” – eu faço uma careta ao recordar. – “E o que acontece com Drina? Ela também é imortal, certo? Você a fez imortal? E como começou tudo isso? Como você se tornou imortal em primeiro lugar? Como tal coisa acontece mesmo? Sabia que ela matou Evangeline e por muito pouco não mata Haven? E o que há com aquela sala assustadora?” –

– “Você poderia repetir as perguntas?” – ele ri.

– “Ah, e outra coisa, a que diabos se referia Drina quando me disse que já tinha me matado várias vezes?” –

– “Drina disse isso?” – seus olhos se tornam enormes enquanto seu rosto perde a cor.

– “Sim.” – eu assento com a cabeça, lembrando da expressão arrogante e altiva quando me deu a notícia. – “Ela disse algo como: Aqui vamos nós de novo, mortal estúpida, sempre perde neste jogo, bla, bla, bla. Pensei que estava observando, pensei que tivesse visto tudo isto?” – Ele balança a cabeça, murmurando. – “Eu não vi tudo, sincronizei tarde demais. Oh, Deus, Ever tudo isso é minha culpa, tudo. Eu devia saber disso, nunca devia ter te envolvido, devia ter te deixado em paz.” –

– “Ela também disse que tinha te visto em Nova York, pelo menos isso que disse a Haven.” –

– “Ela mentiu,” – ele disse entre os dentes. – “Eu não fui à Nova York.” – e quando me olha seus olhos estão cheios de dor, que alcanço a sua mão e a seguro. Comovida pela tristeza e vulnerabilidade em seu olhar que só quero apagá-la. Pressiono meus lábios contra sua boca quente, esperando expressar que ainda há grandes boas chances de perdôá-lo.

– “E o beijo se torna mais doce a cada reencarnação.” – ele suspira, tirando o cabelo do meu rosto. – “Embora nunca conseguíssemos ir mais longe e agora sei por quê.” – ele pressiona sua testa na minha, enchendo-me de tanta felicidade, de um amor plenamente consumado e se afasta. – “Ah, sim, suas perguntas,” – ele disse, lendo minha mente. – “Por onde começamos?”

–

– “Que tal desde o começo?” –

Ele assente, seu olhar à deriva, retornando ao começo, enquanto eu cruzo minhas pernas e fico confortável. – “Meu pai é um sonhador, um artista, um aficionado por ciência e alquimia, uma idéia popular naquela época.” –

– “Qual época?” – lhe pergunto, faminta pelos lugares, datas, coisas que podem ser investigadas e não uma ladainha filosófica com idéias abstratas.

– “Uma época muito antiga.” – ele ri. – “Sou muito mais velho que você” –

– “Sim, mas exatamente quantos anos têm? Quer dizer, com que tipo de diferença de idade estou lidando?” – lhe pergunto, olhando incrédula enquanto ele balança a cabeça.

– “Tudo o que precisa saber é que meu pai, junto com seus companheiros alquimistas, acreditava que tudo poderia se reduzir a um só elemento, e que se poderia isolar esse elemento, então poderia criar com isso o que quisesse. Ele trabalhou por anos nessa teoria, criando fórmulas, abandonando fórmulas, e depois, quando ele e minha mãe... morreram, eu continuei a pesquisa até finalmente aperfeiçoá-la.” –

– “E quantos anos tinha?” – lhe pergunto, tentando outra vez.

– “Jovem.” – ele dá de ombros. – “Bastante jovem.” –

– “Então você ainda pode envelhecer?” –

Ele ri. – “Sim, eu atingi até um determinado ponto, e depois parei. Sei que preferiria a teoria do vampiro congelado no tempo, mas isto é a vida real, Ever, não uma fantasia.” –

– “Ok, então...” – eu continuo, ansiosa por mais.

– “Então, meus pais morreram, eu me tornei um órfão. Você sabe, na Itália, onde nasci, os sobrenomes geralmente fazem referência a origem das pessoas ou suas profissões. Esposito significa órfão, ou exposto. O nome que me foi dado, mesmo deixando de usá-lo por um século ou dois, desde que não me servia.” –

– “Por que você não usa seu sobrenome verdadeiro?” –

– “É complicado. Meu pai... foi caçado. Então eu achei que o melhor era me afastar.” –

– “E Drina?” – pergunto, minha garganta se contraindo só de mencionar seu nome.

Ele assente. – “Poverina... ou, uma pequena pobre. Estávamos sob custódia da Igreja. Foi lá que nos conhecemos. E quando ela ficou doente, não podia suportar perdê-la, então eu fiz ela beber também.” –

– “Ela disse que estavam casados.” – pressiono meus lábios, minha garganta ficando quente e seca, sabendo que ela não disse exatamente isso, embora estivesse bastante implícito quando disse seu nome, seu nome completo.

Ele me olha de relance e depois olha para outro lado, balança a cabeça e murmura sob sua respiração.

– “É verdade?” – pergunto, meu estômago revirando, meu coração pressiona fortemente meu peito.

Ele assente. – “Mas não é como você pensa, já se passou tanto tempo que não tem mais importância.” –

– “Então, Por que não se divorciou? Quero dizer, se não tem mais importância.” – digo, minhas bochechas quentes, meus olhos ardendo.

– “Então você propõe que eu me apresente ao tribunal com um certificado de casamento datado de vários anos atrás, e peça o divórcio?” –

Pressiono meus lábios e desvio o olhar, sabendo que ele tem razão, mas mesmo assim.

– “Ever, por favor. Você tem que me dar algum crédito. Não sou como você. Você só tem estado, bem, nessa vida pelo menos, por 17 anos, enquanto que eu tenho vivido por centenas de anos! Mas que tempo suficiente para cometer alguns erros. E mesmo certamente existindo coisas suficientes para me julgar, não acredito que minha relação com Drina seja uma delas, as coisas eram diferentes então. Eu era diferente. Eu era vaidoso, superficial e extremamente materialista. Eu fazia tudo por mim, pegando tudo o que eu podia. Mas no momento que te conheci tudo mudou, e quando te perdi, bem, nunca havia sentido uma dor semelhante. Mas então, quando você reapareceu...” – ele pára, seu olhar distante. – “Bem, nem bem havia te encontrado, e logo te perdi de novo. E assim continuava, repetidamente. Um ciclo infinito de

amor e perda... até agora." –

– "Então é assim que nós... Reencarnamos?" – digo, a palavra soando estranha na minha boca.

– "Você sim... eu não." – ele dá de ombros. – "Eu sempre estou aqui, sempre o mesmo." –

– "Então, quem eu era?" – pergunto, sem ter certeza de acreditar, mas fascinada com o conceito. – "E por que não me recordo?" –

Ele sorri, feliz por mudar de assunto. – "A viagem de volta inclui um passeio pelo Rio do Esquecimento. Você não deveria se lembrar, está aqui para aprender, para evoluir, para pagar suas dívidas de Karma. Cada vez é um novo começo. Forçada a encontrar seu caminho. Porque Ever, a vida não se supõe que seja um livro aberto." –

– "Então, você não está trapaceando ao permanecer aqui?" – digo, sorrindo satisfeita ao Sr. Deixe-me Dizer Como Funciona o Mundo.

Ele dá de ombros – "Alguns diriam que sim." –

– "E como é possível que saiba tudo isso se você mesmo nunca fez isso?" –

– "Tenho anos suficientes para estudar os mistérios da vida. E eu conheci alguns professores extraordinários pelo caminho. Tudo o que precisa saber de tuas vidas anteriores é que sempre foi do sexo feminino." – sorri, acomodando meu cabelo atrás da orelha.

– "Sempre linda. E sempre importante pra mim." –

Eu olho fixamente o mar, manifesto algumas ondas apenas por fazer, então logo faço tudo ir embora. Tudo. Tudo isso. Retornando a nossa sala de visitas ao ar livre.

– "Mudança de cenário?" – ele sorri.

– "Sim, mas só o cenário, não o tema." –

Ele suspira. – "Então depois de anos te procurando, te encontrei novamente... E você já sabe o resto." –

Eu respiro fundo e olho fixamente para a lâmpada, acendendo e apagando com minha mente, tentando entender tudo isto.

– "Terminei com Drina há muito tempo, mas ela ainda tem o péssimo costume de reaparecer. E a noite no St. Regis? Quando você nos viu juntos? Eu estava tentando convencê-la a seguir com sua vida, de uma vez por todas. Embora obviamente, não fiz um bom trabalho. E sim, eu sei que ela matou Evangeline, porque naquele dia, na praia quando você acordou sozinha?" – Entrecebro meus olhos, pensando: Eu sabia! Sabia que você não estava surfando!

– "Acabava de encontrar o corpo dela, mas já era tarde para salva-la. E sim, sei de Haven também, mas felizmente, fui capaz de salva-la." –

– "Então era onde você estava naquela noite... Quando me disse que tinha ido cuidar de um vazamento de água..." –

Ele assente.

– "Então sobre o que mais você mentiu?" – pergunto, cruzando os braços no peito. – "E para onde foi na noite de Halloween depois da festa?" –

– "Fui pra casa," – disse, olhando-me intensamente. – "Quando vi o modo como Drina te olhava, bem, pensei que o melhor seria me afastar. Só que não pude. Eu tentei. Venho tentando todo o tempo. Mas não podia. Não posso me afastar de você." – ele balança a cabeça. – "E agora você sabe de tudo. Embora eu acredite que é bastante obvio o porquê eu não podia me aproximar naquele momento." –

Eu me encolho e olho para o outro lado, sem estar disposta a me entregar tão facilmente, mesmo que isso seja verdade.

– “Ah, e minha “sala assustadora” como você chama? Bem, apenas resulta em ser meu “lugar feliz”. Não muito diferente dessa recordação que você guarda daqueles últimos momentos no carro com sua família.” –

E quando me olha, eu desvio o olhar, envergonhada por ter dito isso. – “Embora eu tenha que admiti, ri muito quando me dei conta de que pensava que eu era um chupador de sangue.” – sorri.

– “Oh, bem, desculpa. Quero dizer já que têm imortais andando por aí, pensei que também poderia trazer as fadas, magos, lobisomens, e...” – balanço a cabeça. – “Quer dizer, Deus, fala de tudo isso como se fosse normal!” –

Ele fecha os olhos e suspira. E quando abre novamente diz, – “Pra mim é normal. Está é minha vida. E gora é a sua também se quiser. Não é tão ruim quanto pensa, Ever, de verdade.” – me olha por um longo tempo, e mesmo quando uma parte de mim quer adiá-lo por me fazer dessa maneira, simplesmente não posso.

E quando vem aquele sentimento quente me tomando e um formigamento esmagador, eu olho a mão que ele está segurando e digo, – “Pare com isso.” –

– “Parar o quê?” – me olha, seus olhos cansados, a pele ao redor tensa e pálida.

– “Pare com esse calor, formigamento, você sabe. Então pare com isso!” – digo, minha mente dividida entre amor e ódio.

– “Eu não estou fazendo isso, Ever.” – seus olhos nos meus.

– “Claro que você está! Você está fazendo com o seu... o que seja.” – reviro meus olhos e cruzo os braços no peito, perguntando-me onde possivelmente vamos chegar agora.

– “Eu não estou fazendo isso. Eu juro. Não uso truques para te seduzir.” –

– “Oh, sim, como as tulipas?” –

Sorri. – “Você não faz nenhuma idéia do que significa, não é?” –

Pressiono meus lábios e olho para o outro lado.

– “As flores têm significados. Não há nada de casual nisso.” –

Respiro fundo e re-organizo a mesa com a mente, desejando poder re-organizar minha cabeça também.

– “Há tanto o quê te ensinar,” – diz. – “Embora nem tudo seja diversão e jogo. Precisa ter cuidado, agir com atenção.” – ele fez uma pausa e me encarou, certificando-se de que eu estava escutando. – “Você tem que ter cuidado para não fazer mal uso do poder. Drina é um bom exemplo disso. Você deve ser discreta... o que quer dizer que não pode compartilhar isso com ninguém, e eu quero dizer ninguém, entendeu?” –

Eu me encolho, pensando: “Que seja”. Sabendo que ele pode ler meus pensamentos quando ele balança a cabeça e se inclina até mim.

– “Ever, é sério, você não pode contar a nenhuma alma. Me prometa.” –

Eu o olho.

Ele levanta uma sobancelha, sua mão apertando a minha.

– “Palavra de escoteiro,” – murmuro, olhando para o outro lado.

Ele solta minha mão e se afasta, deitando-se sobre as almofadas quando diz, – “Mas levando em consideração a completa revelação de tudo, você precisa saber que ainda tem uma forma de sair disso. Você ainda pode cruzar para o outro lado. Na verdade, você poderia ter morrido lá no desfiladeiro, mas preferivelmente, escolheu ficar.” –

– “Mas eu estava preparada para morrer, eu queria morrer.” –

– “Você se permitiu com suas memórias. Você se permitiu com amor. É como eu já te disse antes... os pensamentos criam. E no seu caso, criaram a cura e a força. Se você realmente quisesse morrer simplesmente havia se dado por vencida. Em algum nível mais profundo você deve ter conhecimento disso.” –

– “E no momento em que estou para perguntar por que ele estava esgueirando-se em meu quarto enquanto eu dormia, ele disse, – “Não é o que você pensa.” –

– “Então o que era?” – pergunto, sem saber se realmente quero saber a resposta.

– “Eu estava ali para... observar. Eu me surpreendi que você podia me ver, eu estava transformado, por assim dizer.” –

Eu envolvo meus braços ao redor dos joelhos e trago-os para perto do meu peito. Tudo o que ele acaba de dizer passando pela minha cabeça, mas entendo o ponto principal, o suficiente para ser devidamente assustador.

Ele se encolhe. – “Ever, me sinto responsável por você, eu...” –

– “Você queria checar a mercadoria?” – eu o encaro, minhas sobancelhas levantadas.

Mas ele só ri. – “Eu posso te lembrar do seu fraco por pijamas de flanelas?” –

Eu reviro os olhos. – “Então é assim que se sente responsável por mim, como... Como um pai?”

– digo, rindo enquanto ele se encolhe.

– “Não, não como um pai. Mas Ever, só estive em seu quarto uma vez, na noite em que nos vimos em St. Regis, e se houve outras vezes...” –

– “Drina.” – eu me recuo, imaginando-a em meu quarto, espionando-me. – “Está certo de que ela não pode vir aqui?” – pergunto, olhando ao redor.

Ele pega a minha mão e a aperta, tentando deixar-me tranqüila quando diz, – “Ele nem ao menos sabe que existe. Ela não sabe como chegar aqui. Até onde ela sabe, você simplesmente desapareceu no ar.” –

– “Mas como você chegou aqui? Você morreu alguma vez, como eu?” –

Ele balança a cabeça negativamente. – “Existe dois tipos de alquimia... Física, com a que encontrei com meu pai, e Espiritual, com a que encontrei quando sinto algo mais, algo grande, algo maior que eu.” –

– “Eu estudei, pratiquei e trabalhei duro para chegar aqui, ainda aprendi MT.” – ele pára e me olha.

– “Meditação Transcendental de Maharish Mahesh Yogi.” – ele sorri.

.

– “Umm, se está tentando me impressionar, não está funcionando. Não tenho nenhuma idéia do que você quer dizer com isso.” –

.

Ele dá de ombros. – “Vamos apenas dizer que me levou centenas de anos para traduzir do mental para o físico. Mas você... Desde o momento em que passou no campo, te foi concedido uma espécie de passe para os bastidores, suas visões e a telepatia são produtos disso.” –

.

– “Deus, nenhuma surpresa você odiar a escola,” – digo, querendo mudar de assunto para algo concreto, algo que realmente posso entender. – “Quer dizer, você provavelmente deve ter terminado tipo, a milhões, bilhões de anos atrás, certo?” – e quando ele se estremece, me dou conta que sua idade é um ponto fraco, o que é algo muito engraçado, considerando que ele escolheu viver para sempre. – “Quero dizer, por que se preocupar?” Por que ainda assim

matricular-se?"

– "É pra onde você vai." – sorri.

– "Oh, então quando vê uma garoa de jeans largado e capuz, e você tem que tê-la, que decide repetir a escola só para consegui-lá?" –

– "Soa como certo." – ele sorri.

– "Você não poderia ter encontrado outro modo de entrar na minha vida? É só que não tem muito sentido." – balanço a cabeça e reviro os olhos, irritando-me novamente, até que ele passa seus dedos pelo lado de uma das minhas bochechas e me olha nos olhos.

– "O amor nunca tem." –

Eu engulo fazendo força, sentindo-me tímida, eufórica e insegura, tudo de uma vez. Então eu limpo minha garganta e digo, – "Eu pensei que você tinha dito que era ruim no amor." – entrecerco meus olhos com os seus, meu estômago um frio e amargo nó, perguntando-me por que não posso apenas ser feliz quando o garoto mais lindo do planeta me confessa seu amor. Por que insisto em ser negativa?

– "Espero que dessa vez seja diferente." – ele sussurra.

Eu me viro, respirando com dificuldade enquanto digo, – "Não sei se estou preparada para tudo isso. Não sei o que fazer." –

Ele me aperta contra seu peito, seus braços ao meu redor, enquanto disse, – "Não há pressa para decidir." – e quando me viro ele tem aquele mesmo olhar distante.

– "Qual é o problema?" – pergunto. – "Por que me olha assim?" –

– "Porque não sou bom em despedidas," – disse, tentando demonstrar um sorriso que não passa dos seus lábios. – "Agora vê, já são duas coisas com o qual eu sou ruim... O amor e as despedidas." –

– "Talvez estejam conectados." – pressiono meus lábios, tentando não chorar. – "Então, pra onde você vai?" – tento fazer minha voz soar calma e neutra, mesmo quando meu coração pára e minha respiração se negando a sair, me sentindo com se eu estivesse morrendo por dentro.

Ele dá de ombros e olha pra longe.

– "Você vai voltar?" –

– "Depende de você." – ele me olha e diz, – "Ever, você me odeia?" –

Eu balanço negativamente a cabeça, mas mantenho seu olhar.

– "Você me ama?" –

Viro a cabeça e olho para o outro lado. Sabendo que sim, sabendo que o amo com cada fio de cabelo, cada célula do meu corpo, cada gota do meu sangue, que estou explodindo desse amor, fervendo, mas apenas não posso disser isso a ele. Mas novamente, se realmente ele puder ler minha mente, não tenho por que dizer. Ele deveria saber disso.

– "Sempre é melhor escutar," – disse, colocando meu cabelo atrás da orelha e pressionando seus lábios em minha bochecha. – "Quando você se decidir, sobre mim, sobre ser imortal, apenas diga e eu estarei aqui. Tenho toda a eternidade pela frente; você vai perceber que posso ser bastante paciente." – sorri, então coloca a mão em seu bolso retirando o cavalo de prata cravado de cristais que me comprou nas corridas. Aquele que eu tinha devolvido quando eu o joguei naquele dia no estacionamento. – "Posso?" – ele gesticula.

Assento, minha garganta muito seca para falar enquanto ele fecha a pulseira, então pega meu rosto entre suas mãos. Colocando minha franja para o lado e beijando minha cicatriz,

enchendo-me de todo o amor e perdão que sei que não mereço. Mas quando tento afastarme, ele me pega ainda mais forte e diz, – “Você tem que se perdoar, Ever. Não é responsável por nada disso.” –

– “O que você sabe?” – eu mordo meu lábio.

– “Eu sei que você se culpa por algo que não é sua culpa. Eu sei que você ama a sua irmã com todo o coração e você se pergunta todos os dias se esta fazendo o certo ao aceitar suas visitas. Eu te conheço, Ever. Sei tudo sobre você.” –

Eu me viro, meu rosto molhado pelas lágrimas que não quero que ele veja. – “Nada disso é verdade. Você entendeu tudo errado, eu sou uma aberração e coisas ruins acontecem com todos que ficam perto de mim, mesmo quando sou a única que mereça isso.” – eu balanço a cabeça, sabendo que não mereço ser feliz, não mereço este amor.

Ele me abraça, seu toque calmo e tranquilizador, mas incapaz de apagar a verdade. – “Tenho que ir,” – sussurra finalmente. – “Mas, Ever, se quiser me amar, se realmente quiser estar comigo, então você terá que aceita o que somos. Entenderei se não puder.” –

Então eu o beijo, pressionando-me contra ele, precisando do contato de seus lábios sobre os meus, deixando-me encher de um maravilhoso, caloroso brilho de seu amor, aumentando, inchando-se e expandindo-se até que cobre cada espaço, cada brecha, cada canto.

E quando abro meus olhos e me afasto, estou novamente em meu quarto, sozinha.

TRINTA E DOIS

– “Então, o que aconteceu? Nós procuramos por todas as partes e não encontramos você. Pensei que estivesse a caminho?” –

Viro, dando as costas para a janela e repreendendo-me por não ter pensado em uma boa desculpa antecipadamente, colocando-me em uma posição incômoda ao ter que inventar uma nesse momento.

– “Sim, mais depois... bem, me deu câimbras e...” –

– “Para bem aí,” – disse Miles. – “Realmente não diga mais nada.” –

– “Eu perdi alguma coisa?” – pergunto, fechando os olhos diante dos pensamentos que aparecem em minha cabeça, as palavras aparecendo diante de mim como notícias da CNN: Ew! Nojento! Por que eles insistem em falar sobre essas coisas?

– “Com exceção do fato de que Drina nunca apareceu? Não, nada. Eu gastei a primeira parte da noite ajudando Haven a procurá-la, e a segunda, tentando convencê-la de que está melhor sem ela. Te juro, você pensaria que elas estavam namorando. A amizade mais puxa-saco de sempre. Ever, entendeu?” – ele ama tirar sarro do meu nome (Ever em inglês quer dizer sempre).

Eu rastejo para fora da cama, dando-me conta de que é a primeira manhã durante a semana que me levanto sem ressaca. E embora saiba que isso significa algo muito bom, isso não muda o fato de que me sinto muito pior.

– “Então pra onde estamos indo? Importa-se de sairmos para uma pequena compra fashion de natal?” –

– “Não posso. Estou de castigo,” – digo, procurando em uma pilha de camisas e parando na que Damen me comprou em nossa visita a Disneylândia, antes que tudo mudasse, antes que minha vida mudasse de estranha para extraordinariamente estranha.

– “Por mais quanto tempo?” –

– “Não sei.” – eu deixo o telefone em minha cômoda e ponho um capuz verde-lima na minha cabeça, sabendo que não importa quanto tempo Sabine vai me deixar de castigo, se eu quero sair, vou sair, apenas tenho que me assegurar de voltar antes que ela chegue em casa. Quer dizer, é difícil manter uma psíquica presa. Embora eu tenha a desculpa perfeita para permanecer em casa, evitar todas as energias, que é a única razão por eu continuar trancada. Eu pego o telefone justo a tempo de ouvir Miles diz, – “Ok, bem me ligue quando te liberarem.” –

Eu piso em alguns jeans, então me sento na escrivaninha. E embora minha cabeça esteja doendo, meus olhos queimam e minhas mãos tremem, estou determinada a passar o dia sem ajuda do álcool, Damen, ou viagens ilícitas a planos astrais. Desejando ter sido mais insistente... exigido que Damen me mostrasse como me defender sozinha. Quer dizer, por que a solução sempre parece fluir de volta a Ava?

Sabine bate ligeiramente a porta e me viro quando ela entra no quarto. Seu rosto pálido e preocupado, seus olhos rodeados de vermelho, e sua aura está manchada e cinzenta. E me encolho quando me dou conta de que se trata de Jeff, e que ela finalmente descobriu todas as suas mentiras. Mentiras que eu poderia ter revelado desde o começo, poupando-a de toda essa mágoa, se eu apenas não tivesse colocado minhas necessidades antes das dela.

– “Ever,” – disse, fazendo uma pausa ao lado da minha cama. – “Estive pensando. Já que não estou muito confortável com todo esse negócio de castigo, e já que você é quase uma adulta, acho que já deveria te tratar como tal, então...” –

Então que não estou mais de castigo, penso, finalizando a frase em minha cabeça. Mas quando me dou conta que ela continua acreditando que meus problemas se devem a meu sofrimento, meu rosto fica vermelho de vergonha.

– “...você não está mais de castigo.” – ela sorri, um gesto de paz que eu não mereço. – “Mas me pergunto se você mudou de opinião sobre falar com alguém, porque conheço esse terapeuta que...” –

Balanço a cabeça antes que ela termine de falar, sabendo que suas intenções são boas, embora recusando algumas partes. E quando ela se vira para ir, surpreendo-me dizendo, – “Hey, você quer sair pra jantar hoje à noite?” –

Ela hesita na entrada, claramente surpreendida pela oferta.

– “Eu convido.” – sorrio dando-lhe coragem, sem ter idéia de como vou fazer para passar a noite em um restaurante cheio de gente, mas pensando que posso usar algum dinheiro que ganhei nas corridas para pagar a conta.

– “Isto seria ótimo,” – ela disse, tocando a parede com os dedos antes de ir para o hall. –

“Estarei em casa lá pelas sete.” –

No segundo que escuto a porta da frente fechar e ser trancada, Riley toca meu ombro e grita,

– “Ever! Ever! Você pode me ver?” –

E eu quase salto para fora da minha pele.

– “Deus, Riley, Você me assustou pra caramba! E por que você está gritando?” – digo, perguntando-me por que fico agindo de forma tão chata quando na verdade eu estou mais do que feliz em vê-la de novo.

Ela balança a cabeça e se joga na cama. – “Pra sua informação, eu tenho tentado conectá-la a dias. Pensei que você tivesse perdido a habilidade de me ver e estava começando a me assustar!” –

– “Perdi a habilidade. Mas só porque comecei a beber muito. E então eu fui mandada embora da escola.” – balanço a cabeça. – “Foi uma confusão.” –

– “Eu sei.” – ela confirma, suas sobrancelhas juntas mostrando preocupação. – “Estava vendo todo tempo, pulando na sua frente, gritando e batendo palmas, tudo pra tentar chamar sua atenção, mas estava muito bêbada para me ver. Se lembra da vez que a garrafa voou da sua mão?” – ela sorri e fica de frente pra mim. – “Fui eu. E você teve sorte que eu não desse com ela preferivelmente na sua cabeça. Então, o que diabos aconteceu?” –

Me encolho e olho para o chão, sabendo que lhe devo uma resposta para tranquilizar sua preocupação, mas sem ter certeza de por onde começar. – “Bem, é como, toda essa energia se tornou tão forte, eu não podia suportar. E quando percebi que o álcool podia me proteger, acho que só queria continuar me sentindo bem, não queria voltar ao que era.” –

– “E agora?” –

– “E agora...” – eu hesito, olhando-a. – “E agora estou exatamente onde comecei. Sóbria e miserável.” – eu rio.

– “Ever...” – ela fez uma pausa, evitando me olhar antes de olhar-me novamente. – “Por favor, não fique louca, mas acho que você deveria ir ver a Ava.” – e quando começo a detê-la, ela levanta uma mão e diz, – “Apenas escute, ok? Realmente acho que ela pode te ajudar. Pra

dizer a verdade sei que ela pode ajudá-la. Ela vem tentando te ajudar mas você não deixa. Mas agora, bem, está claro que você está ficando sem opção. Quer dizer, você pode começar a beber de novo, ou ficar trancada neste quarto pelo resto da vida, ou vai ver a Ava. Não é muito complicado, você não acha?" –

Eu balanço a cabeça apesar da dor, então a olho e digo, – "Escute, sei que você está encantada por ela, e bem, tanto faz, a escolha é sua. Mas ela não tem nada pra mim, então por favor... me dê um descanso, tudo bem?" –

Riley balança a cabeça. – "Você está errada. Ava pode te ajudar. Além do mais, como pode te ferir ao fazer uma ligação?" –

Me sento ali, chutando o pé da minha cama e olhando fixo para o chão, pensando que a única coisa que Ava fez por mim foi fazer a minha vida mais difícil do que era. E quando finalmente olho para Riley mais uma vez, percebo como ela deixou de lado as fantasias de Halloween por jeans, camisetas e sandálias que as garotas de 12 anos normalmente usam, mas ela também tornou-se translúcida e praticamente transparente.

– "O que aconteceu com Damen? Aquele dia você foi à casa dele? Ainda estão juntos?" – ela pergunta.

Mas não quero falar de Damen, nem sequer saberia por onde começar. Além do mais, sei que ela só está tentando desviar a atenção para ela mesma e sua aparência. – "O que está acontecendo?" –

Pergunto, minha voz elevando-se, frenética. – "Por que você está desaparecendo desse jeito?"

Mas ela só me olha e balança a cabeça. – "Não tenho muito tempo." –

– "O que quer dizer... com você não tem muito tempo? Você vai voltar, certo?" – grito, entrando em pânico enquanto ela acena com a mão e desaparece da minha vista, deixando o cartão de Ava em seu lugar.

TRINTA E TRÊS

Ante que eu pudesse desligar o carro, ela já estava me esperando na entrada da porta. Ou realmente é uma psíquica, ou ela ficou ali parada desde o momento que eu desliguei o telefone.

Mas quando vejo a preocupação em seu rosto, me sinto culpada por pensar isso.

– “Ever, bem-vinda.” – ela disse sorrindo enquanto me conduz pela escada da frente, até entrar em uma sala bem decorada.

Eu olho a minha volta, observando as fotos emolduradas, a elaborada mezinha do café, os livros, o sofá e as cadeiras combinando e estou impressionada de como tudo parece normal.

– “Você esperava paredes roxas e bolas de cristal?” – ela ri fazendo-me sinal com a mão para que eu a siga para uma cozinha iluminada pelo sol, com o piso de pedra de cor bege, utensílios de aço inoxidável e um bloco de cristal no teto para filtrar a luz solar. – “Vou fazer um pouco de chá,” – ela disse, colocando a água para ferver e oferecendo-me uma cadeira na mesa.

Eu observo enquanto ela coloca alguns biscoitos no prato e serve o chá, e quando ela se senta de frete pra mim do outro lado da mesa, eu observo e digo, – “Então... sinto muito por ter agido tão grosseira e tudo mais.” – dou de ombros, sentindo-me desconfortável por estar fora de lugar e soei inadequada.

Mas Ava apenas sorri e coloca sua mão sobre a minha, e no momento que ela faz contato, não posso evitar sentir-me melhor. – “Estou contente que tenha vindo, estava muito preocupada com você.” –

Eu olho para a mesa, meus olhos fixos na toalha verde-lima, e sem saber por onde começar.

Mas como ela está no comando, facilita pra mim. – “Tem visto Riley?” – ela pergunta olhandome nos olhos.

E não posso acreditar que ela tenha decidido começar por aí. – “Sim.” – digo finalmente. – “E para sua informação, ela não parece muito bem.” – eu pressiono meus lábios e evito olhá-la, convencida de que ela é de alguma forma responsável por isso.

Mas Ava apenas sorri. Sorri! – “Confie em mim, ela está bem.” – ela assente com a cabeça e toma um sorvo de seu chá.

– “Confiar em você.” – a olho boquiaberto e balançando a cabeça, enquanto observo como ela bebe seu chá e dá uma mordida em seu biscoito nessa maneira serena, calma que realmente me leva até a borda. – “Por que eu deveria? Você foi a única que fez lavagem cerebral nela! Você a convenceu a se afastar!” – eu grito, desejando não ter vindo aqui. Que erro colossal enorme!

– “Ever, sei que está aborrecida e sei que sente muita falta dela, mas você tem alguma idéia do que ela tem sacrificado para estar contigo?” –

Eu olho através de sua janela, meus olhos observando a fonte, as plantas e a pequena estátua de Buda, enquanto me preparo para uma resposta realmente estúpida.

– “Eternidade.” –

Reviro os olhos.

– “Por favor, o que ela mais tem é tempo.” –

– “Estou me referindo a algo mais.” –

– “Sim, Como o quê?” – pergunto, pensando que deveria colocar o bolinho no prato e dá o fora de lá. Ava é uma lunática, uma farsante e fala com muita autoridade sobre as coisas mais ultrajantes.

– “Se Riley está aqui significa que ela não pode estar com eles.” –

– “Eles?” –

– “Seus pais e Buttercup.” – ela assente com a cabeça, traçando com o dedo a borda de sua xícara enquanto me olha.

– “Como sabe sobre...?” –

– “Por favor, pensei que já havíamos passado dessa fase.” – ela disse com os olhos fixos nos meus.

– “Isso é ridículo.” – murmuro, evitando olhá-la e perguntando-me o quê Riley pode ver em tal pessoa.

– “É?” – ela afasta o cabelo castanho do rosto, revelando uma testa suave e sem rugas, livre de toda preocupação.

– “Está bem. Vou cair nessa. Se sabe tanto, então me diga, onde acha que Riley está quando não está comigo?” – pergunto enquanto meus olhos encontram-se com os dela. Pensando: Isto deve ser bom.

– “Vagando.” – ela levanta sua xícara até os lábios e toma outro sorvo.

– “Vagando? Ah, Ok.” – eu rio. – “Como se você pudesse saber.” –

– “Ela não tem outra opção agora que decidiu ficar com você.” –

Eu olho a janela, sentindo-me quente e minha respiração entrecortada, dizendo a mim mesma que não tem jeito disso ser verdade.

– “Riley não cruzou a ponte.” –

– “Isso está errado. Eu a vi.” – eu a fulmino com os olhos. – “Ela balançou o braço dando-me adeus e tudo, todos me deram adeus. Eu sei muito bem. Eu estava lá.” –

– “Ever, não tenho nenhuma dúvida do que viu, mas o que quero dizer é que Riley não conseguiu chegar ao outro lado. Ela parou na metade do caminho e voltou para encontrar você.” –

– “Desculpe, mas isso está errado.” – digo. – “Isso de maneira nenhuma é verdade.” –

Meu coração está batendo com força enquanto recordo esse último momento, os sorrisos, as despedidas, e depois... e depois nada... eles desapareceram, enquanto eu lutava, suplicava e pedia para que ficassem. Eles se foram enquanto eu fiquei e foi completamente minha culpa. Deveria ter sido eu. Todas as coisas ruins podem seguir de volta pra mim.

– “Riley voltou no último segundo,” – ela continua. – “Quando ninguém estava olhando e seus pais e Buttercup já haviam cruzado. Ela me disse isso, Ever, temos falado disso muitas vezes. Seus pais se foram, você voltou à vida e Riley ficou presa, deixada pra trás. E agora ela passa o tempo vagando e visitando você, eu, antigos vizinhos e amigos e alguns artistas impertinentes.” – ela sorri.

– “Sabe sobre isso?” – a olho com os olhos arregalados.

Ela assente com a cabeça. – “É apenas natural, embora a maioria das entidades vinculadas a Terra se aborreçam rápido.” –

– “O quê vinculadas a Terra?” –

– “Entidades, espíritos, fantasmas, são todos os mesmos. Embora seja diferente para aqueles que já cruzaram.” –

– “Você disse que Riley ficou presa?” –

Ela assente.

– “Você tem que convencê-la a partir.” –

Eu balanço a cabeça pensando: Dificilmente depende de mim. – “Ela já se foi. Mesmo assim, ela mal aparece.” – eu murmuro, olhando-a como se ela fosse responsável, mas isto só porque ela é.

– “Você tem que dar sua bênção. Tem que deixá-la saber que está tudo bem.” –

– “Olha,” – digo cansada dessa discussão, de Ava se meter em meus assuntos dizendo-me como tenho que viver minha vida. – “eu vim aqui para que me ajudasse, não para escutar isso. Se Riley quiser ficar, então que fique, isso é assunto dela. Só porque ela tem 12 anos não significa que eu possa lhe dizer o que tem de fazer. Ela é bastante teimosa, você sabia?” –

– “Hmmm, me pergunto de quem ela herdou isso?” – Ava disse, tomando de seu chá e olhando-me.

Mas embora ela sorria, tentando fazer como se fosse uma piada, eu só a olho e digo, – “Se você mudou de idéia e não quiser mais me ajudar, apenas diga.” – me levanto da cadeira, com meus olhos lacrimejantes, minha cabeça latejando e mesmo assim estou totalmente preparada para ir se tiver que fazer, lembrando o que meu pai me ensinou sobre a chave para negociar: Que tem que estar disposto a ir, sem importar o quê.

Ela me olha por um momento e depois me faz sinal para que me sente. – “Como desejar.” – ela suspira. – “Isto é o que você tem que fazer.” –

Quando Ava me acompanha até a saída, me surpreendo ao ver que já escureceu. Suponho que passei lá dentro mais tempo do que pensei, aprendendo passo a passo sobre meditação e aprendendo como proteger-me e criar meu próprio escudo psíquico. Mas embora as coisas não tenham começado muito bem, especialmente com toda essa coisa sobre Riley, estou feliz de ter vindo. É a primeira vez em muito tempo que me sinto completamente normal e sem o apoio do álcool ou de Damen.

Agradeço-lhe novamente, caminhando para meu carro e quando estou a ponto de entrar, Ava me olha e diz, – “Ever?” –

Eu olho para ela, vendo sua figura moldada apenas pela leve luz amarela do poste, agora que sua aura não é mais visível.

– “Realmente desejo que me deixe mostrá-la como desfazer o escudo. Você poderia ser surpreendida e encontrar o que te faz falta.” – ela diz, tentando me convencer.

Mas já falamos sobre isso mais de uma vez. Além do mais, já tinha me decidido e não vou voltar atrás. Estou dizendo olá a uma vida normal e adeus a imortalidade, a Damen, a Summerland, a fenômenos psíquicos e a tudo o que tenha a ver com isso. Desde o acidente, tudo o que sempre quis foi ser outra vez normal e agora que sou, planejo continuar assim.

Digo que não com a cabeça e coloco a chave na ignição, olhando-a outra vez quando ela diz, – “Ever, por favor, pense no que eu disse. Você entendeu tudo errado. Você está dizendo adeus à pessoa errada.” –

– “Do que você está falando?” – pergunto, querendo ir para casa e poder começar a desfrutar minha vida novamente.

Mas ela apenas sorri. – “Eu acho que você sabe do que estou falando.” –

TRINTA E QUATRO

Já sem castigo e liberada de toda a carga psíquica, passo os dias seguintes com Miles e Haven, nos encontrando para tomar café, ir às compras, ver filmes, passeando pela cidade, vendo os ensaios de Miles, emocionada por ter minha vida ao normal novamente. E na manhã de Natal, quando Riley aparece, eu me sinto mais tranquila ao me dar conta que eu ainda posso vê-la.

"Hey, espera!" Disse ela, bloqueando a porta justo quando estou para descer as escadas.

"De jeito nenhum que você está abrindo seus presentes sem mim!" e quando sorri, está tão radiante e clara que parece até mesmo solida, nada borrado ou translúcido nela. "Eu sei o que você vai ganhar!" Ela ri. "Você quer uma pista?"

Eu nego com a cabeça e rio. "Absolutamente não! Eu amo não saber para variar." Digo sorrindo, enquanto ela caminha para o centro de meu quarto e executa uma série perfeita de piruetas.

"Falando de surpresas." Ela dá risadinhas. "Jeff comprou um anel para Sabine! Dá para acreditar? Ele saiu da casa de sua mãe, comprou sua própria casa. E está implorando a ela para voltar e começar tudo de novo!"

"Sério?" Digo, olhando seus jeans desbotados e camiseta*, feliz de ver que ela deixou as fantasias e já não está me copiando.

Ela concorda "Mas Sabine vai devolvê-lo. Quero dizer, pelo menos pelo o que eu posso dizer. Não é como se ela tenha recebido o anel ainda, então acho que teremos que esperar e ver.

Ainda assim, as pessoas raramente te surpreende, sabe?"

"Você continua espiando as celebridades?" Pergunto, me perguntando se ela tem alguma fofoca.

* No original: layered tees. Eu não consegui encontrar a tradução exata para esse termo, mas se vc jogar no Google (OEEE) aparecem aquelas camisetas uma por cima da outra, sendo uma de manga curta por cima de uma de manga comprida... Mas como não sei como chama aqui no Brasil deixei como "Camiseta" :

<http://thechicspy.files.wordpress.com/2008/04/tangerinegreenapple.gif>

Ela faz uma careta e revira os olhos. "Deus, não. Eu estava sendo seriamente corrupta. Além disso, sempre é a mesma coisa, ladrões de loja, alcoólicos, drogados, anoréxicos, todos seguidos de reabilitação. Lavar, enxaguar e repetir-Bocejar."

Eu rio, desejando poder abraçá-la. Eu tinha tanto medo de tê-la perdido.

"O que você tanto olha?" Ela pergunta, me olhando com atenção.

"Você." Sorrio.

"E?"-

"E estou tão feliz que você esteja aqui. E de poder te ver. Eu tinha medo de ter perdido essa habilidade quando Ava me mostrou como fazer esse escudo."

Ela sorri. "Para ser honesta, você perdeu. Eu tive que usar um pouco mais de energia para que você possa me ver. Para dizer a verdade, estou usando um pouco da sua. Você se sente cansada?"

Eu me encolho. "Um pouquinho, mas, eu acabei de me acordar"

Ela balança a cabeça. "Não importa. Ainda sou eu."

"Hey Riley" Eu a olho. "Você continua... visitando a Ava?" Pergunto, retendo a respiração enquanto espero sua resposta.

Ela nega com a cabeça. "Não. Eu já superei isso também. Agora vamos, não quero perder sua cara quando desembulhar seu novo iPhone! Oops!" - Ela ri, colocando sua mão sobre a boca enquanto retrocede através da porta fechada do quarto.

"Você vai realmente ficar?" Sussurro, saindo da maneira tradicional*. "Você não tem que ir, ou estar em outro lugar?"

Ela sobe em cima do corrimão e desliza na sua maneira para baixo, olhando para mim e sorrindo quando ela diz: "Não, não mais."

XxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxX

* Passando pela porta XD

Sabine devolveu o anel, eu tinha um novo iPhone, Riley voltou a me visitar todos os dias, às vezes até mesmo me acompanhando à escola, Miles começou a namorar com um dos dançarinos de Hairspray.

Haven tingiu o cabelo de castanho escuro, se desfez de tudo gótico, começou o doloroso processo de apagar a tatuagem com laser, queimou todos os seus vestidos de Drina e os substituiu por emo. O Ano novo veio, e foi marcado por uma pequena reunião em minha casa que incluiu cidra espumante para mim (eu estava oficialmente fora de bebida alcoólica), contrabando de champagne para meus amigos, e um mergulho à meia-noite no jacuzzi, o que era bastante inofensivo, tão quanto as festas de Ano Novo são, mas não de modo algum chato. Stacia e Honor ainda me olhavam fixo, muito perto do de antes, ainda pior nos dias que eu usava algo bonito, Sr. Robins conseguiu uma vida (uma sem sua filha e sem sua mulher), Srta. Machado ainda se encolhia quando examinava minha arte, e entre tudo isso estava Damen. Como calafetar ao redor de um azulejo, como se atar em um livro, ele enchia todos os espaços em branco e vazios e os mantinha tudo junto, tudo unido. Durante cada teste surpresa, cada shampoo, cada refeição, cada filme, cada canção, cada mergulho no jacuzzi, eu o tinha em minha mente, consolada apenas por saber que ele estava lá fora em algum lugar - mesmo que eu tinha decidido contra ele.

XxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxX

No dia dos namorados, Miles e Have estão apaixonados... embora não entre eles. E apesar de que nos sentamos juntos no almoço, eu poderia muito bem tê-lo feito sozinha. Eles estavam muito ocupados pairando sobre seus Sidekicks* para notar minha existência, enquanto meu Iphone está ao meu lado, em silêncio e ignorado.

* <http://nerdwithswag.com/wp-content/uploads/2007/09/new-t-mobile-sidekicks.jpg>

"Oh, Meu Deus! Isto é hilário! Você não pode acreditar no quão brilhante ele é!" Miles diz, pela milionésima vez, olhando por cima do texto, seu rosto vermelho de rir, enquanto pensa na resposta perfeita.

"Oh, Meu Deus, Josh apenas me presenteou com uma tonelada de músicas! eu nao sou tão digna" Haven murmura, polegares tocando em resposta.

E mesmo que eu estou feliz por eles, feliz por que eles são felizes e tudo isso, minha mente está no sexto período da aula de arte, e me pergunto se eu não deveria escapar. Porque aqui, na escola Bat View High, hoje não é só o dia dos namorados, mas também o dia do Coração Secreto. O que quer dizer que esses pirulitos grandes, vermelhos e em forma de coração, esses que tem pequenas notas de amor rosa que foram repartidas durante toda a semana, vão se

distribuir à seus destinatários finalmente. E enquanto Miles e Haven estão totalmente esperando por receber os deles embora seus namorados não vêm à nossa escola, eu só quero passar o dia, algo sã e principalmente ilesa.

E ainda que eu tenho que admitir que parar de usar o iPod, o capuz e os óculos, incrementou consideravelmente o interesse masculino, não é que esteja interessada em nenhum deles. Porque a verdade é que não há um cara nessa escola (Ou no Planeta!) que poderia jamais se comparar com Damen. Ninguém. Simplesmente impossível. E não é que eu esteja cm pressa para baixar meus padrões.

Mas no momento em que soa a campainha para o sexto período, sei que não posso faltar. Meus dias de escapar, como meus dias de beber, terminaram. Então eu agüento e me dirijo para a aula, imersa na última tarefa... Recriar algum dos "ismos". Eu escolhi o cubismo... Cometendo o erro de pensar que poderia ser fácil. Mas não é. De fato, está longe de ser. E quando tenho a sensação de que alguém está parado atrás de mim, me viro e digo: "Sim?" Olhando com atenção o pirulito que tem em mãos, em seguida colocando atenção em meu trabalho, assumindo que ele se enganou de pessoa. Mas quando toca meu ombro novamente, desta vez não me incomodo em olhar, apenas balanço a cabeça e digo: "Desculpe, garota errada."

Ele murmura algo em voz baixa, em seguida aclara a garganta e diz "Você é aquela garota Ever, não é?"

Eu assinto.

"Então pegue de uma vez" ele balança a cabeça "Tenho que entregar toda essa caixa antes que soe a campainha."

Ele me atira o pirulito e vai para a porta, e eu abaixo o meu carvão, viro o cartão aberto e leio: Pensando em você sempre.

Damen.

TRINTA E CINCO

Passo correndo pela porta, impaciente para subir e mostrar para Riley meu pirulito do dia dos namorados, esse que fez o sol brilhar, os pássaros cantarem, deixou meu dia de pernas por ar mesmo quando havia rejeitado tudo o que tinha haver com o remetente.

Mas quando a vejo sentada sozinha no sofá, segundos antes de se virar e me ver, vendo-a ali tão pequena e sozinha, me lembrou o que Ava disse. “Que tinha dito adeus a pessoa errada”. O ar saiu bruscamente de mim.

– “Hey,” – disse olhando-me. – “nunca vai acreditar o que acabo de ver na Oprah. Um cachorro sem as patas da frente e mesmo assim pode...” –

Deixo cair minha bolsa no chão e me sento ao lado dela, pegando o controle e colocando no mudo.

– “O que foi?” – me disse franzindo o cenho, por eu ter silenciado a Oprah.

– “O que você está fazendo aqui?” – pergunto.

– “Um, estendida no sofá, esperando você chegar em casa...” – revira os olhos e mostra a língua. – “Duh.” –

– “Não, me refiro a por que você está aqui? Por que não esta em algum outro lugar?” –

Ela torce a boca e se vira para a TV, seu corpo tenso, rosto impassível, preferindo a Oprah muda do quê a mim.

– “Por que não está com mamãe, papai e Buttercup?” – pergunto, vendo como seu lábio inferior começa a tremer, a principio suavemente, mas depois, um tremor completo, fazendome

sentir tão mal que tenho que forçar as palavras para poder continuar. – “Riley,” – me

detenho, engolindo duramente. – “Riley, acho que você não deveria voltar aqui nunca mais.” –

– “Esta me expulsando?” – se coloca de pé em um salto, com seus olhos bem abertos.

– “Não, nada disso, apenas...” –

– “Você não pode me proibir de te visitar, Ever! Posso fazer o que eu quiser! Qualquer coisa! E não há nada que você possa fazer!” – disse, balançando a cabeça e andando pela sala.

– “Estou ciente disso,” – digo, – “mas eu não acho que deva te incentivar a isto.” –

Ela cruza os braços e aperta os lábios fortemente, deixando-se cair no sofá, lançando sua perna para frente e pra trás, como faz quando está zangada, aborrecida, frustrada, ou todos de uma vez.

– “É só que, bem, por um tempo parecia que você estava ocupada com alguma coisa, em algum outro lugar, e parecia tão feliz com isso. Mas agora parece que você passa todo o tempo aqui novamente e me pergunto se é por minha causa. Porque mesmo não suportando a idéia de não ter você por aqui, é mais importante a sua felicidade. Espionando vizinhos e celebridades, vendo Oprah e me esperando, bem, não acho que seja a melhor maneira de estar.” – paro, tomando respiração, desejando não ter que continuar, mas sabendo que tenho que fazer. – “Porque embora vê-la seja uma das melhores partes do meu dia, não posso deixar de pensar que exista outro lugar melhor para você estar.” –

Ela continua olhando a TV enquanto olho para ela, sentada em silêncio até que finalmente disse, – “Para sua informação sou feliz, estou perfeitamente bem e feliz.” – balança a cabeça e revira os olhos, cruzando os braços sobre o peito. – “Às vezes vivo aqui, e outras vezes vivo em

outro lugar. Em um lugar chamado Summerland, no qual é bastante impressionante, no caso de você não se lembrar.” – ela dá uma espreitada em mim.

Eu confirmo. Oh, definitivamente eu me lembro.

Ela encosta-se à almofada e cruza suas pernas. – “Então, o melhor de ambos os mundos, certo? Qual é o problema?” –

Eu pressiono meus lábios e a olho, não me deixando convencer por seus argumentos, acreditando que estou fazendo a coisa certa, a única coisa. – “O problema é este, acho que exista um lugar melhor, algum lugar onde mamãe, papai e Buttercup estão esperando você...”

–

– “Escute, Ever,” – ela me corta, – “sei que pensa que estou aqui porque eu queria ter trezes anos e como isso nunca vai acontecer estou fazendo através de você. E sim, pode ser que seja verdade, mas nunca parou pra pensar que também não posso te deixar?” – me olha, seus olhos piscando rapidamente, mas quando começo a falar ela levanta a mão e continua. – “no começo os segui, bem, eles eram os pais e pensei que também deveria ir, mas quando vi que você tinha ficado, voltei para te encontrar, mas quando cheguei lá, você já tinha ido, não fui capaz de encontrar a ponte outra vez e então fiquei presa. Mas então conheci algumas pessoas que tinham estado ali durante anos, bem, a versão da terra para anos, e eles me mostraram o lugar...” –

– “Riley...” – começo, mas ela me corta bruscamente.

– “E pra que você saiba, tenho visto mamãe, papai e Buttercup, e estão bem. Alias estão melhor que bem, estão felizes. Só desejam que você pare de se sentir culpada todo o tempo. Podem vê-la. Você sabe disso, certo? Simplesmente você não pode vê-los. Você não pode ver aqueles que já cruzaram a ponte, só pode ver os que são como eu.” –

Mas não me importa a quem posso ver ou não ver. Fiquei na parte sobre eles quererem que eu pare de me sentir culpada, mesmo sabendo que só estão sendo amáveis e paternalistas, tentando aliviar minha culpa. Porque a verdade é que o acidente foi culpa minha. Se não tivesse feito meus pais voltar para que eu pudesse pegar esse estúpido agasalho do acampamento para animadoras Pinecone Lake que tinha esquecido, nunca teríamos estado naquele lugar, naquela estrada, no exato momento em que esse estúpido cervo correu na frente do carro obrigando meu pai desviar de repente, descendo o barranco, chocando-se contra a árvore e matando todo mundo menos a mim.

Minha culpa.

Toda ela. Inteiramente minha.

Mas Riley balança a cabeça negativamente e diz, – “Se a culpa tem que ser de alguém seria de papai, porque todo mundo sabe que não tem que desviar quando um animal sai correndo enfrente ao seu carro. Supõe-se que deveria batê-lo e seguir. Mas você e eu sabemos que ele nunca faria isso, ou seja, ele tentou salvar a todos, mas no final só salvou o servo. Além do mais, talvez a culpa seja do cervo, quero dizer, ele não tinha nada o que fazer na estrada, quando tem uma floresta perfeitamente boa para viver dentro. Ou quem sabe a grade de proteção por não ser tão forte, firme, de um material mais resistente. Ou talvez a culpa seja da marca do carro por falhar na direção e ter uns freios de merda. Ou talvez...” – ela pára e me olha. – “A questão é, que não é culpa de ninguém. Aconteceu assim. Aconteceu da forma que se supunha que teria que acontecer.” –

Eu desabo para trás soluçando, desejando poder acreditar nisso, mas não posso. Conheço a

verdade melhor que ela. Sei a verdade.

– “Todos nós sabemos, e aceitamos. Então agora é hora de você saber disso e aceitar também. Aparentemente não era a sua hora.” –

Mas era minha hora. Damen trapaceou e eu fui para um longo passeio!

Engulo duramente e olho para a TV. Oprah já havia terminado e o Dr. Phil está em seu lugar...

Uma cabeça calva e brilhante e uma boca grande que nunca para de se mover.

– “Se lembra quando eu estava transparente? Isso era porque eu estava me preparando para cruzar. Todos os dias me aproximava mais e mais do outro lado da ponte. Mas justo quando decidi seguir em frente foi quando pareceu que mais precisava de mim. E não pude suportar te deixar... ainda não posso suportar te deixar.” – disse.

Embora eu realmente queira que ela fique. Já lhe roubei uma vida. Não quero roubar sua vida depois da morte. – “Riley, está na hora de ir.” – digo, sussurrando tão suavemente que parte de mim esperava que ela não tivesse ouvido. Mas uma vez que eu disse, sei que é o certo a se fazer e digo outra vez mais alto, as palavras soando mais convincentes. – “Acho que deveria ir.” – repito, sem acreditar no que meus ouvidos estão escutando.

Ela se levanta do sofá, seus olhos abertos e tristes, seus cílios brilhando com lágrimas cristalinas.

E então volto a engolir duramente e digo, – “Você não tem nem idéia do quando tem me ajudado. Não sei o que teria feito sem você. Você é a única razão de me levantar todo dia e colocar um pé na frente do outro. Mas estou melhor agora e é hora de você...” – , me detenho, com as palavras bloqueadas em minha garganta, incapaz de continuar.

– “Mamãe disse que eventualmente acabaria me mandando de volta.” – ela sorri.

Olho para ela, perguntando-me o quê ela quis dizer.

– “Ela disse, “Algum dia sua irmã finalmente crescerá e fará o correto. –

E no momento em que ela disse, nós duas começamos a rir. Rindo do absurdo da situação.

Rindo da tendência de nossa mãe ao dizer “algum dia crescerá e... preenche o vazio”. Rindo

para aliviar da tensão e da dor de dizer adeus. Rindo por causa da sensação de bem-estar.

E quando as risadas começam a ceder, olho para ela e digo, – “Mesmo assim virá verificar e dizer um oi de vez em quando, certo?” –

Ela balança a cabeça negativamente e olha para o outro lado. – “Duvido muito que você posso me ver, já que não pode ver nem mamãe e nem papai.” –

– “E quanto a Summerland? Eu posso te ver lá?” – pergunto, pensando que posso voltar a Ava e ela pode me ensinar a remover o escudo, mas somente para visitar a Riley em Summerland, para nada mais.

Ela dá de ombros. – “Não tenho certeza. Mas faizei o melhor que puder para enviar algum sinal, algo para que você possa saber que eu estou bem, algo especificamente de mim.” –

– “Como o quê?” – pergunto em pânico porque já estou vendo-a desaparecer. Não esperava que ocorresse tão depressa. – “E como saberei? Como posso saber que é de você?” –

– “Confia em mim, você saberá.” – ela sorri, dando-me adeus enquanto desaparece.

TRINTA E SEIS

No momento em que Riley se vai, eu caio no choro, sabendo que fiz o certo, mas ainda sim desejando que não doesse tanto. Permaneço assim por algum tempo, encolhida sobre o sofá, meu corpo apertado como uma pequena bola, lembrando tudo o que ela disse sobre o acidente e que não era minha culpa. Mas embora queira acreditar nisso, sei que não é verdade. Quatro vidas terminaram nesse dia, e tudo por minha culpa.

Tudo por um agasalho de cor azul do acampamento de animadoras.

– “Te conseguirei outra.” – disse meu pai olhando-me pelo retrovisor, seus olhos encontrandose

com os meus, ambos de cor azul. – “Se eu voltar agora encontraremos tráfico.” –

– “Mas é meu favorito” – disse choramingando. – “O que eu consegui no acampamento de animadoras. Você não pode comprar em uma loja.” – eu amuei sabendo que estava a poucos segundos de conseguir o que eu queria.

– “Você realmente quer isso?” –

Assenti sorrindo enquanto ele balançava a cabeça. Respirou profundamente e mudou a direção do carro, encontrando meu olhar pelo espelho retrovisor no exato momento em que o cervo saiu para a estrada.

Queria acreditar em Riley, treinar meu cérebro para pensar dessa maneira. Mas sabendo que a realidade nunca me deixaria.

Enquanto limpava as lágrimas do rosto, lembrei das palavras de Ava. Pensando se Riley era a pessoa correta para dizer adeus, então Damen deve ser a pessoa errada.

Eu alcanço o pirulito que havia deixado em cima da mesa e fico atônita ao ver que ele havia se convertido em uma tulipa.

Uma grande, longa, brilhante tulipa vermelha.

Então saio correndo até meu quarto, puxo meu laptop e o coloco sobre a cama, e rapidamente procuro o significado das flores, examinando rapidamente a página até que leio:

Há oitocentos anos, as pessoas freqüentemente comunicavam suas intenções mediante as flores que enviavam, já que flores específicas tinham significados específicos. Aqui estão alguns dos mais tradicionais:

Desço o mouse sobre a página, em ordem alfabética, meus olhos scaneando em busca de tulipas, e prendendo minha respiração enquanto leio:

Tulipas vermelhas – amor eterno.

Então, apenas por divertimento, vejo botão de rosa branca e solto um riso alto quando leio:

Botão de rosa branca – o coração que não conhece o amor; coração ignorante de amor.

E sabia que tinha sido um teste. Todo este tempo. Mantendo essa vida secreta sem absolutamente nenhuma idéia de como dizer, sem saber se eu o aceitaria, o rejeitaria, ou me afastaria dele. Brincando com Stacia somente para conseguir uma reação, para que ele pudesse bisbilhotar em meus pensamentos e ver se me importava. E eu que me tornei um perito em mentir pra mim mesma, negando meus sentimentos sobre quase tudo, que eu acabei finalmente confundindo a ambos.

E mesmo que eu sinceramente não aprove o que ele fez, tenho que admitir que funcionou. E agora, tudo o que tenho que fazer para vê-lo novamente é dizer as palavras altas e claras e ele

se manifestará aqui na minha frente. Porque a verdade é, eu o amo. Eu o amo sem cessar. Eu o amei desde o primeiro dia. Eu o amei mesmo quando jurei o contrário. E não posso evitar isso. Apenas fazer. E mesmo não estando certa de tudo isso de imortalidade, Summerland era bastante legal. Além do mais, se Riley tiver razão, se existe tal coisa como a fé e o destino, então talvez se aplique a ele também?

Fecho meus olhos imagino a sensação do quente e maravilhoso corpo de Damen ao redor do meu, os suspiros de seus suaves e doces lábios em minha orelha, meu pescoço, minha bochecha, a maneira como sua boca se sente sobre a minha – me sustento nessa imagem, a sensação do nosso amor perfeito, nosso beijo perfeito, e sussurro as palavras que tenho guardado todo esse tempo, as palavras que tinha tanto medo de pronunciar, aquelas que o traria de volta pra mim.

As digo uma e outra vez, minha voz fazendo-se mais forte cada vez, ressoando cada vez mais alta pelo quarto.

Mas quando abro meus olhos, estou sozinha.

E sei que ele esperou por muito tempo.

TRINTA E SETE

Caminho para baixo, em busca de algum sorvete, sabendo que um rico e cremoso Haagen-Dazs* não pode possivelmente curar meu coração partido, mas talvez possa ajudar um pouco. E depois de ter chegado a 1/4 do freezer, eu pego com as mãos e alcanço uma colher, de repente derrubo tudo quando ouço uma voz dizer:

*(Häagen-Dazs é uma marca de sorvete americano)

– “Tão comovente, Ever. Tão, tão comovente.” –

Dobro-me, tocando os dedos dos pés sobre o que haviam caído 1/4 de sorvete de baunilha com amêndoas suecas, quando olho para uma perfeita Drina – pernas cruzadas, mãos dobradas, uma perfeita dama, sentada na minha bancada de café da manhã.

– “Tão bonito como você chamou Damen, quando conjurou essa cena de amor tão pura em sua cabeça.” – ela ri, seus olhos olhando-me fixamente. – “Ah, Sim, ainda posso ver o que passa em sua cabeça. Seu pequeno escudo psíquico? Mas fino do que o Sudário de Turim*, eu receio. De qualquer modo, o que diz respeito a você e Damen e seu ‘felizes para sempre’, e sempre, e sempre?” – ela balança a cabeça. – “Bem, você sabe que eu não posso deixar isso acontecer. Como acontece, o trabalho da minha vida tem sido destruir você, e como pouco sabe, eu ainda posso.” –

*(peça de linho que mostra a imagem de um homem que sofreu traumatismos físicos de maneira consistente com a crucificação, muitos católicos acreditam que seja o tecido que cobriu o corpo de Jesus Cristo no momento de seu sepultamento.)

Olha-a fixamente, concentrando-me em minha respiração, mantendo-a lenta e calma, enquanto tento limpar minha mente de qualquer pensamento incriminatório, sabendo que ela só usará isso contra mim. Mas a coisa é que, tentar limpar sua mente é quase tão efetivo quanto dizer a alguém para não pensar em elefantes. – de agora em diante isso é a única coisa em que vou pensar.

– “Elefantes? Sério?” – ela gemeu. Um som baixo, diabólico que vibra o quarto. – “Meu Deus, o que foi que ele viu em você?” – seus olhos fixos em mim, cheios de desprezo. – “Certamente não sua inteligência ou sagacidade, já que ainda estamos por ver alguma evidência de sua existência. E sua idéia de uma cena de amor? Tão Disney; tão Canal de Família, tão entediante até a morte. Sério, Ever, tenho que te lembrar que Damen tem estado por aqui há centenas de anos, incluindo os sessenta de amor livre?” – ela balança a cabeça para mim.

– “Se você está procurando por Damen, ele não está aqui.” – digo finalmente, minha voz arranhada, rouca, como se não tivesse sido usada durante dias.

Ela levanta a sobrancelha. – “Confie em mim, sei onde Damen está. Sempre sei onde Damen está. É o que faço.” –

– “Então você é uma perseguidora.” – pressiono meus lábios, sabendo que não posso contra ela, mas hey, não tenho nada a perder. De qualquer jeito ela está aqui para me matar.

Ela torce seu lábio e levanta sua mão, inspecionando sua perfeita manicure. – “Difícilmente.” – murmura.

– “Bem, se foi como você escolheu gastar seus últimos trezentos anos, então alguns poderiam dizer...” –

– “Mais como seiscentos, sua pequena duende assustadora, seiscentos anos.” – me olha de

cima a baixo e franze o cenho.

Seiscentos anos? É sério?

Ela revira os olhos e se coloca de pé. – “Vocês mortais, tão maçantes, tão estúpidos, tão previsíveis, tão comuns. E ainda assim, apesar de todos os seus defeitos óbvios, você parece sempre inspirar Damen para alimentar os famintos; servir a humanidade, lutar contra a pobreza, salvar as baleias, parar de contaminar, reciclar, meditar pela paz, dizer não as drogas, álcool, grandes despesas, e sobre tudo que vale a pela – um passatempo altruísta horivelmente chato atrás do outro. E pra quê? Você aprendeu alguma vez? Hello!

Aquecimento global! Aparentemente não. E ainda assim, e ainda assim, de algum modo Damen e eu sempre parecemos passar por isso, embora leve muito tempo para desprogramá-lo, retorná-lo vigoroso, hedonista, ganancioso, indulgente Damen que conheço e amo. Embora acredite, isto é só outro pequeno contratempo, e antes que você se dê conta, nós voltaremos a estar no topo do mundo novamente.” –

Avança até mim, seu sorrindo fazendo-se maior com cada passo dado, circulando sigilosamente a grande bancada de granito como um gato siamês. – “Honestamente Ever, não posso nem imaginar o que você vê nele. E não estou me referindo o que pode ver qualquer outra mulher, e vamos encarar, a maioria dos homens olham pra ele. Não, quero dizer, é por causa de Damen que você parece estar sempre sofrendo. É por causa de Damen que está passando por tudo isso agora. Se apenas não tivesse sobrevivido àquela droga de acidente.” – ela balança a cabeça. – “Quero dizer, justo quando eu pensava que era seguro ir, justo quando eu estava segura de que estava morta, a próxima coisa que sei é que Damen foi para a Califórnia porque, surpresa, ele te trouxe de volta!” – de novo ela balança a cabeça. – “Você acredita que depois de todas essas centenas de anos, eu pensei que teria um pouco mais de paciência. Mas você realmente me aborrece, e claramente isso não é minha culpa.” – Ela me olha, mas me nego a responder, ainda estou processando suas palavras. – “Drina causou o acidente?” –

Ela me olha e revira os olhos. – “Sim, eu causei o acidente. Por que devo soletrar tudo pra você?” – ela balança a cabeça. – “Fui eu quem assustou o cervo para frente do carro. Fui eu quem sabia que seu pai era um tolo, tinha um bom coração e que de bom grado arriscaria a vida de sua família para salvar um cervo. Os mortais são sempre tão previsíveis. Especialmente os honestos que tentam fazer o bem.” – ela ri. – “Apesar de, no final, ter sido quase tão fácil e nem teve divertimento. Mas não se engane, Ever, agora Damen não está aqui para te salvar, e eu ficarei por perto para ver o trabalho feito.” –

Examinei a sala, buscando algum tipo de proteção, vendo o rack de facas do outro lado da sala, mas sabendo que nunca chegaria a tempo. Não sou tão rápida como Damen e Drina. Pelo menos não acho que seja. E não há tempo para comprovar isso.

Ela suspira – “Por toda ajuda, por favor, pegue a faca, veja se me importo.” – ela balança a cabeça e olha seu relógio cravado de diamantes. – “Eu realmente gostaria de começar, se você não se importa. Normalmente eu gosto de dar um tempo, me divertir um pouco, mas hoje sendo o dia dos namorados e tudo, bem, tenho planos para jantar com meu amado, tão logo quanto eu ter eliminado você.” – seus olhos se tornam escuros e torce sua boca, e por um breve momento, todo o mal que guardava dentro saiu para a superfície. Mas então igualmente rápido, desapareceu de novo, substituindo por uma beleza tão sobre-humana, que é difícil não olhá-la.

– “Você sabe, antes de você chegar, em uma de suas... encarnações anteriores, eu era seu único e verdadeiro amor. Mas então você apareceu e tentou roubá-lo, e desde então tem sido sempre o mesmo ciclo” – ela caminha até mim, cada passo silencioso, rápido, até estar em pé na minha frente e não tive tempo de reagir. – “Mas agora vou trazê-lo de volta. E ele sempre volta, Ever, isto é bem claro.” –

Eu alcanço a tábua de corte de bambu, pensando que posso atingi-la na cabeça, mas ela me pega tão rápido que me lança contra a geladeira, o golpe em minha espinha rouba minha respiração enquanto caio no chão. Escutando a batida em minha cabeça abrindo-se quando esbarra contra o chão enquanto uma quente linha de sangue flui de meu crânio e minha boca. E antes que eu pudesse me mover ou fazer algo para combatê-la, ela já está em cima de mim cortando minha roupa, meu cabelo, meu rosto, sussurrando ao meu ouvido, – “Apenas desista, Ever. Apenas relaxe e vá. Vá se juntar a sua família feliz, eles estão esperando para ver você. Você não é feita para esta vida. Você não tem nada pelo que viver. E agora é sua chance de deixá-la.” –

TRINTA E OITO

Eu devo ter apagado, mas apenas por um momento, porque quando eu abri os olhos, ela ainda estava bem ali, em cima de mim, seu rosto e as mãos manchadas com o meu sangue enquanto ela canta e persuade e sussurra, tentando me convencer a me deixar ir, de uma vez por todas, simplesmente deslizar para longe – e terminar com tudo.

Mas, apesar de isso poder ter sido tentador antes, agora não é mais. Esta cadela matou a minha família, e agora ela vai pagar.

Fechei os olhos, decidida a voltar para aquele lugar, todos nós dentro do carro, rindo, felizes, tão cheios de amor, vendo mais claramente do que nunca, agora que ele não está mais assombrado por culpa, agora que eu já não sou mais a culpada.

E quando eu senti minha força surgindo dentro de mim, eu tiro de cima de mim e a jogo do outro lado, observando enquanto ela voa direita para parede, seu braço se projetando para fora em um ângulo não natural enquanto o seu corpo cai no chão.

Ela olha para mim, os olhos arregalados de choque, mas logo ela está de pé e rindo enquanto limpa a poeira. E quando ela se lança em mim, eu a jogo longe de novo, observando enquanto ela levanta vôo pela cozinha até a saleta, batendo contra as portas francesas fechadas e enviando uma explosão de fragmentos de vidros pela sala.

"Bela cena de crime, você está criando," ela diz, arrancando pedaços de vidro de seus braços, pernas, rosto, as feridas fechando assim que estavam limpas. "Muito impressionante. Mal posso esperar para ler tudo sobre isso no jornal de amanhã." Ela sorri, e bem assim, ela está em cima de mim de novo, totalmente restaurada, determinado a vencer. "Você está acima de suas capacidades," ela sussurra. "E francamente, seu patético show de força está ficando um pouco redundante. Sério, Ever, você é uma péssima anfitriã. Não se admira que você não tenha amigos, é assim que você trata os seus convidados?"

Eu a empurrei, pronta para atirá-la através de um milhares de janelas, se eu precisasse. Mas eu mal havia completado o pensamento quando fui atingida por uma horrível, dor aguda e afiada. Observando Drina dando passos em minha direção, o rosto puxado em um sorriso, me paralisando para que eu não pudesse a impedir.

"Esse seria o velho truque da cabeça em um tornilho com serra." Ela ri. "Funciona sempre. Embora, para ser justa, eu tentei te avisar. Você só não ouviu. Mas realmente, Ever, é a sua escolha. Eu posso aumentar a dor - "Ela estreitou os olhos, enquanto meu corpo se contorcia em agonia, indo em direção ao chão enquanto meu estomago se revirava com náusea. "Ou, eu posso só – te –deixar –ir. Bom e fácil. Sua escolha.

Tento me concentrar nela, observando enquanto ela se move em minha direção, mas minha visão está distorcida, e meus membros estão moles e fracos, ela é como um borrão se movendo rápido que eu sei que não posso vencer.

Então eu fecho meus olhos e penso: eu não posso deixá-la ganhar. Eu não posso deixá-la ganhar. Não desta vez. Não depois do que ela fez com a minha família.

E quando eu balanço meu punho em direção a ela, meu corpo tão fraco, desajeitado, e derrotado, fico surpresa quando ele acerta direto no peito dela, bem na frente dela, antes de cair. E eu cambaleio para trás, desprovido de toda a respiração, sabendo que não era o

suficiente, que não adiantou nada.

Fechei os olhos me encolho, esperando pelo fim, e agora que é inevitável, espero que venha logo. Mas quando a minha cabeça clareia e meu estômago, eu abro os olhos novamente para encontrar Drina cambaleando em direção à parede, apertando o peito, e olhando acusadora.

"Damen!" Ela lamenta, olhando por cima de mim. "Não deixe que ela faça isso para mim, para nós -"

Eu viro, para vê-lo parado ao meu lado, olhando Drina e balançando a cabeça. "É muito tarde," ele diz, pegando minha mão, entrelaçando os seus dedos com os meus." É hora de você ir, Poverina."

"Não me chame assim!" Ela geme, olhos uma vez surpreendentemente verdes dela, agora ofuscados pelo vermelho.

"Você sabe como eu odeio isso!"

"Eu sei," ele diz, apertando os meus dedos enquanto ela murcha e envelhece e então desaparece de vista, um vestido de seda preto e sapatos de marca a única evidência de que ela existiu.

"Como-" Eu viro para Damen, em busca de respostas.

Mas ele apenas sorri e diz: "Acabou. Absolutamente, completamente, eternamente acabado."

Ele me puxa para seus braços, cobrindo meu rosto com um rastro de beijos quentes maravilhoso, prometendo, "Ela nunca mais vai nos incomodar de novo."

"Eu matei ela?" Eu perguntei, sem ter certeza de como me sinto sobre isso, apesar do que ela fez com minha família, e de todas as vezes que ela alegou ter me matado.

Ele acena.

"Mas, como? Quero dizer, se ela é imortal, então eu não deveria cortar a cabeça dela fora?"

Ele balança a cabeça e ri. "Que tipo de livros você anda lendo?" Então o seu rosto torna-se muito sério quando ele diz, "não funciona assim. Não há decapitação, nem estacas de madeira, nenhuma bala de prata, tudo se resume ao simples fato de que a vingança enfraquece e amor fortalece. De alguma forma você conseguiu acertar Drina direto no seu ponto mais vulnerável."

Eu apertei os olhos, sem entender direito. "Eu mal a toquei," eu disse, lembrando de como meu punho encontrou o peito dela, mas apenas um pouco.

"O quarto chakra era o seu alvo. E você acertou na mosca". Hein?

"O corpo possui sete chakras. O quarto chakra, ou o chakra coração, como ele é chamado às vezes, é o centro do amor incondicional, a compaixão, a consciência, todas as coisas que faltavam em Drina. E isso a deixou indefesa, enfraquecida. Ever, a falta de amor dela é o que a matou."

"Mas se ela era tão vulnerável, porque é que ela não se guardou, se protegeu?"

"Ela estava inconsciente, iludida, guiada por seu ego. Drina nunca percebeu o quão negra ela se tornou, o quão ressentida, quão odiosa, quão possessiva -"

"E se você sabia de tudo isso, por que não você não me contou antes?" Ele dá de ombros. "Era apenas uma teoria que eu tinha. Eu nunca matei um imortal, então eu não tinha certeza se iria funcionar. Até agora. "

"Você quer dizer que existem outros? Drina não é a única?"

Ele abre a boca como se quisesse dizer algo, mas em seguida, a fecha firmemente. E quando

eu olho em seus olhos eu vejo um flash de arrependimento, remorso? Mas com a mesma rapidez, desaparece.

"Ela disse algumas coisas sobre você, sobre seu passado-"

"Ever", diz ele. "Ever, olhe para mim." Ele inclina meu queixo até que eu finalmente o faça.

"Estou por aí a um longo tempo."

"Eu diria, seiscentos anos!"

Ele se encolhe. "Mais ou menos. O ponto é, eu vi algumas coisas, fiz algumas coisas, e minha vida nem sempre foi tão boa ou tão pura. Na verdade, a maioria parte tem sido o contrário." Eu começo a me afastar, sem ter certeza se estou pronta para ouvir isso, mas ele me puxa de volta para ele e diz, "Confie em mim, você está pronta para ouvir isso, porque a verdade é que eu não sou um assassino, eu também não estou mal. I apenas..." Ele faz uma pausa. "Eu apenas apreciei o gosto pela boa vida. E, ainda sim, cada vez que eu te encontrei, eu estava disposto a jogar tudo fora, só para estar perto de você."

Eu me solto, desta vez com sucesso. Pensando: Oh Deus! Oh, não!

Clássico caso do menino perde a garota, só que desta vez é de novo e de novo, medindo os séculos, cada vez terminando antes que eles pudessem fazer algo. Não é à toa que ele está interessado, sou eu que fica escapando! Eu sou como um fruto proibido vivo e respirando! Será que isso significa tenho que continuar virgem por toda a eternidade? Desaparecer a cada alguns anos só para manter ele interessado? Eu quero dizer, agora que estamos presos um ao outro por toda a eternidade, o momento que aquilo vai ser feito é só uma questão de tempo antes deste trem em particular chegar a Cidade Chata EUA e ele começar a procurar pela "boa vida" de novo.

"Presa comigo? É assim que você vê? Como se fosse ficar presa comigo, por toda a eternidade?" E com a maneira como ele olha para mim, eu não sei dizer se ele está se divertindo ou está ofendido.

Meu rosto queima, depois de ter esquecido temporariamente que os meus pensamentos não são privados quando ele está preocupado "Não, eu- eu estava com medo que você se sentisse assim sobre mim. Quero dizer, é a clássica história de amor – aquela que escapou de novo e de novo e de novo! Não é de se admirar que você tenha ficado tão encantado comigo! Você passou 600 anos tentando entrar na minha calça!"

"Saías, pantalonas, confie em mim, as calças não entram em moda até muito, muito mais tarde." Mas quando eu não ri, ele me puxa para ele e diz, "Ever, tem tudo a ver com você. E se você não se importa que eu diga, tem sido minha experiência que a melhor maneira de lidar com a eternidade é viver um dia de cada vez. "

Ele me beija, mas apenas brevemente, antes de deslocar seu corpo e começar a se afastar, mas eu agarro sua mão e o puxo de volta para mim. "Não vá", eu digo, olhando para ele. "Por favor nunca mais me deixe novamente."

"Nem mesmo para pegar pra você um pouco de água?" Ele sorri.

"Nem mesmo por água", eu digo a ele, minhas mãos explorando o seu rosto, seu rosto incrivelmente bonito. "Eu-" As palavras param na minha garganta.

"Sim?" Ele sorri.

"Eu senti sua falta," eu finalmente disse.

"E então você sentiu." Ele se inclina, pressionando os lábios à minha testa, então rapidamente se afastando.

"O que?" Eu digo, vendo o jeito que ele está olhando para mim, seu sorriso amplo e aquecendo seu rosto. Então eu deslizo meus dedos sob minha franja, e suspiro quando percebo que minha cicatriz desapareceu.

"O perdão é cura." Ele sorri. "Especialmente perdoar a si mesmo."

Eu olho para ele, olhando diretamente nos seus olhos, sabendo que há algo mais para dizer, mas sem ter certeza de posso passar por isso. Então ao invés disso, eu fecho meus olhos, pensando que, se ele puder ler minha mente, então eu não preciso ter que dizer as palavras em voz alta.

Mas ele apenas ri. "É sempre melhor quando é falado."

"Mas eu já disse, é por isso que você voltou, certo? Eu pensei que você iria vir mais cedo.

Quero dizer teria sido bom ter tido alguma ajuda. "

"Eu te ouvi. E teria vindo mais cedo, mas eu precisava saber que você estava verdadeiramente pronta, e não apenas solitária, depois de dizer adeus a Riley."

"Você sabe sobre isso?"

Ele acena. "Você fez a coisa certa."

"Então, você quase me deixou morrer, porque você queria ter... certeza?"

Ele balança a cabeça. "Eu nunca teria te deixado morrer. Não desta vez."

"E Drina?"

"Eu subestimei ela, eu não fazia idéia."

"Vocês não conseguem ler o pensamento um do outro?"

Ele olha para mim, alisando seu polegar contra a minha bochecha.

"Aprendemos como esconder eles um do outro há muito tempo."

"Você vai me mostrar como esconder o meu?"

Ele sorri. "Com o tempo eu vou te ensinar tudo, eu prometo. Mas Ever, você precisa saber o que tudo isso realmente significa. Você nunca vai estar com sua família novamente. Você nunca vai cruzar aquela ponte. Você precisa saber no que você está se metendo." Ele segura meu queixo e olha nos meus olhos.

"Mas eu posso sempre, de certa forma, largar de mão? Você sabe, desistir? Como você disse?"

Ele balança a cabeça. "Se torna muito mais difícil assim que você se firma."

Eu olho para ele, sabendo que é muito para desistir, mas pensando que tem que haver alguma maneira de resolver. Riley me prometeu um sinal, e eu partir daí. Mas, enquanto isso, se a eternidade começa hoje, então essa é a maneira como eu vou viver. Por este dia, e apenas este dia. Sabendo que Damen estará será ao meu lado. Quero dizer, sempre, certo?

Ele olha para mim, esperando. "Eu amo você," eu sussurro.

"E eu te amo". Ele sorri, seus lábios procurando os meus. "Sempre amei. Sempre amarei."

FIM!!!

